Ellen G. White Estate

CONSELHOS SOBRE MORDOMIA

ELLEN G. WHITE

Conselhos sobre Mordomia

Ellen G. White

2007

Informações sobre este livro

Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Conteúdo

Capítulo 1 — Coobreiros de Deus

“Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares”. Provérbios 3:9, 10.

“Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda. A alma generosa engordará, e o que regar também será regado”. Provérbios 11:24, 25.

“O liberal projeta coisas liberais, e pela liberalidade está em pé”. Isaías 32:8.

A sabedoria divina designou, no plano da salvação, a lei de ação e reação, tornando a obra da beneficência, em todas as suas modalidades, duplamente abençoada. Aquele que dá aos pobres abençoa outros, e é abençoado, em escala maior ainda.

A magnificência do evangelho — Para que o homem não perdesse os benditos resultados da caridade, nosso Redentor formou o plano de alistá-lo como coobreiro Seu. Deus poderia ter atingido o Seu objetivo de salvar pecadores, sem o auxílio do homem; mas sabia que o homem não poderia ser feliz sem desempenhar uma parte na grande obra. Por uma cadeia de circunstâncias que haveriam de despertar no homem os sentimentos de caridade, concede-lhe Ele os melhores meios de cultivar a beneficência, e o conserva dando habitualmente para ajudar os pobres e para avançar Sua causa. Por suas necessidades, um mundo arruinado está derivando de nós talentos de meios e influência, para apresentar a homens e mulheres a verdade, por cuja falta estão a perecer. E ao atendermos a esses chamados, pelo trabalho e por atos de caridade, tornamo-nos semelhantes à imagem dAquele que por nossa causa Se fez pobre. Dando, abençoamos outros, e assim acumulamos verdadeiras riquezas.

A glória do evangelho é ter ele base no princípio de restaurar na raça caída a imagem divina, por uma constante manifestação de beneficência. Esta obra começou nas cortes celestiais. Ali deu Deus aos seres humanos uma prova inequívoca do amor que a eles

nutre. "Amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna". João 3:16. O dom de Cristo revela o coração do Pai. Testifica que, havendo empreendido nossa redenção, Ele não poupará coisa alguma, por cara que Lhe seja, a qual se necessite para completar Sua obra. [8]

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu. O abnegado amor de Cristo é revelado na cruz. Para que o homem pudesse ser salvo, deu Ele tudo quanto possuía, e em seguida Se deu a Si mesmo. A cruz de Cristo apela para a beneficência de todo seguidor do bendito Salvador. O princípio ali ilustrado é dar, dar. Isto levado a efeito em real beneficência e boas obras, é o verdadeiro fruto da vida cristã. O princípio dos mundanos é adquirir, adquirir, e assim esperam conseguir felicidade; mas, levado a efeito em todos os seus aspectos, o fruto é miséria e morte.

A luz do evangelho que brilha da cruz de Cristo reprova o egoísmo, e anima a liberalidade e a beneficência. Não deveria ser fato de ser lamentado, o haver cada vez mais pedidos para dar. Deus, em Sua providência, está chamando Seu povo para fora de sua limitada esfera de ação, a fim de que se dediquem a maiores empreendimentos. Esforço ilimitado é o que se requer neste tempo em que trevas morais cobrem o mundo. Muitos do povo de Deus estão em perigo de ser enredados pela mundanidade e cobiça. Deveriam compreender que a Sua misericórdia é que multiplica os pedidos de seus meios. Têm que ser-lhes apresentados objetivos que estimulem a beneficência, ou do contrário não poderão imitar o caráter do grande Exemplo.

As bênçãos da mordomia — Dando aos discípulos a comissão de ir "por todo o mundo" e pregar "o evangelho a toda a criatura", Cristo designou aos homens a obra de disseminar o conhecimento de Sua graça. Porém, enquanto alguns saem a pregar, Ele roga a outros que atendam a Seus pedidos de ofertas, para manter Sua causa na Terra. Pôs Ele meios nas mãos dos homens, para que Seus dons divinos possam fluir através de canais humanos, fazendo nós a obra que nos foi designada, de salvar nossos semelhantes. Esta é uma das maneiras em que Deus exalta o homem. É justamente a obra de que o homem precisa; pois lhes despertará no coração as mais profundas simpatias, e porá em função as mais elevadas faculdades da mente.

Tudo quanto de bom há na Terra, aqui foi colocado pela dadivosa mão de Deus, como uma expressão de Seu amor ao homem. Os pobres são Seus, e Sua é a causa da religião. O ouro e a prata pertencem ao Senhor; e Ele os poderia fazer chover do Céu, se o quisesse. Mas em vez disso fez Ele do homem o Seu mordomo, confiando-lhe recursos não para que fossem acumulados, mas usados em benefício de outros. Deste modo torna o homem o meio pelo qual distribui Suas bênçãos na Terra. Deus planejou o sistema de beneficência, a fim de que o homem se pudesse tornar como seu Criador: de índole benevolente e abnegada, e ser finalmente co-participante de Cristo, da eterna, gloriosa recompensa.

Reunindo-se ao redor da cruz — O amor expresso no Calvário deve ser reavivado, fortalecido e difundido entre nossas igrejas. Não devemos nós fazer tudo quanto podemos para tornar eficazes os princípios que Cristo trouxe ao mundo? Não nos devemos esforçar para estabelecer e tornar eficazes os empreendimentos de beneficência que agora são reclamados sem demora? Ao estardes perante a cruz, e verdes o Príncipe do Céu morrendo por vós, podeis fechar o coração, dizendo: "Não, não tenho nada para dar"? [9]

O crente povo de Cristo deve perpetuar o Seu amor. Este amor deve atraí-los juntamente em torno da cruz. Deve despi-los de todo o egoísmo e ligá-los a Deus e uns aos outros.

Reuni-vos ao redor da Cruz do Calvário, em sacrifício e abnegação. Deus vos abençoará ao fazerdes o melhor que podeis. Ao vos aproximardes do trono pela áurea cadeia baixada do Céu à Terra, para arrancar homens do abismo do pecado, vosso coração se expandirá em amor aos vossos irmãos e irmãs que estão sem Deus e sem esperança no mundo. — Testemunhos Seletos 3:403, 404. [10]

Capítulo 2 — Nosso generoso benfeitor

Manifesta-se o poder de Deus no bater do coração, na ação dos pulmões, e nas correntes vivas que circulam pelos mil diferentes condutos do corpo. Somos-Lhe devedores por todo momento de existência, e por todos os confortos da vida. As faculdades e habilitações que elevam o homem acima da criação inferior, são dotes do Criador.

Ele nos cumula de benefícios Seus. Somos-Lhe devedores do alimento que comemos, da água que bebemos, da roupa que vestimos, do ar que respiramos. Sem a Sua especial providência, o ar estaria cheio de pestilência e de veneno. Ele é generoso benfeitor e preservador.

O Sol que brilha sobre a Terra, e embeleza toda a Natureza, a encantadora e solene luminosidade da Lua, os esplendores do firmamento, salpicado de brilhantes estrelas, as chuvas que refrescam a terra, e fazem florescer a vegetação, as preciosas coisas da Natureza em toda a sua variada riqueza, as árvores altaneiras, os arbustos e as plantas, o grão tremulante, o céu azul, a terra verde, a mudança do dia e da noite, a renovação das estações, tudo fala ao homem do amor de seu Criador.

Tem-nos Ele ligado a Si mesmo por todos esses laços do Céu e da Terra. Cuida de nós com mais ternura do que cuida uma mãe de um filho em aflição. "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece daqueles que O temem". — The Review and Herald, 18 de Novembro de 1888.

Recipientes contínuos para dar continuamente — Assim como continuamente estamos recebendo as bênçãos de Deus, assim devemos nós estar continuamente dando. Quando o Benfeitor celeste deixar de nos dar, então poderemos ser desculpados; pois então nada teremos para dar. Deus nunca nos deixou sem nenhuma evidência de Seu amor, pelo fato de nos ter feito o bem. [...]

Cada momento somos mantidos pelo cuidado de Deus e sustentados pelo Seu poder. Ele enche nossa mesa de alimento. Dá-nos

sono pacífico e refrigerador. Semanalmente traz-nos o sábado, a fim de que possamos descansar de nossos trabalhos temporais e adorá-Lo em Sua própria casa. Deu-nos Sua Palavra, para que fosse uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho. [11] Nas suas sagradas páginas, encontramos sábios conselhos; e sempre que a Ele elevamos nosso coração em contrição e fé, concede-nos as bênçãos de Sua graça. Acima de tudo, está o dom infinito do querido Filho de Deus, através do qual fluem todas as outras bênçãos para esta vida e para a vida vindoura.

Certamente que a bondade e a misericórdia nos seguirão a cada passo. Tão-somente quando desejarmos que o Pai infinito deixe de nos conceder as Suas bênçãos sobre nós, devemos nós impacientemente exclamar: Não há fim para o dar? Não devemos, apenas, devolver fielmente a Deus os nossos dízimos, que Ele reclama como Seus, mas também devemos trazer à Sua tesouraria um tributo como oferta de gratidão. Com coração alegre levemos ao nosso Criador as primícias de toda a Sua liberalidade — as nossas mais acariciadas posses, nosso melhor e mais santo serviço. — The Review and Herald, 9 de Fevereiro de 1886.

A única maneira de manifestar gratidão — O Senhor não precisa de nossas ofertas. Não O podemos enriquecer com as nossas dádivas. Diz o salmista: "Tudo vem de Ti, e das Tuas mãos To damos." No entanto Deus nos permite demonstrar nossa apreciação de Suas misericórdias pelos esforços abnegados para passá-las a outros. É essa a única maneira em que nos é possível manifestar nossa gratidão e amor a Deus. E não proveu outro. — The Review and Herald, 6 de Dezembro de 1887.

O argumento de Paulo contra o egoísmo — Paulo procurou desarraigar do coração de seus irmãos a planta do egoísmo; pois o caráter não pode ser completo em Cristo quando o amor-próprio e a cobiça são conservados. O amor de Cristo no coração levá-los-ia a ajudar seus irmãos em suas necessidades. Mostrando-lhes o sacrifício que Cristo fizera em seu favor, procurou ele despertar-lhes o amor.

"Não digo isto como quem manda", disse ele, "mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade da vossa caridade. Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, por amor de vós Se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis."

Eis o poderoso argumento do apóstolo. Não é mandamento de Paulo, mas do Senhor Jesus Cristo. [...]

Quão grande foi a dádiva de Deus ao homem, e como Lhe aprouve fazê-la! Com liberalidade que jamais poderá ser excedida, Ele deu, para salvar os rebeldes filhos dos homens e fazer-lhes ver o Seu propósito e discernir o Seu amor. Demonstrareis, pelas vossas dádivas e ofertas, que não considerais coisa alguma boa demais para dar Àquele que "deu Seu Filho unigênito"? — The Review and Herald, 15 de Maio de 1900.

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu. O espírito egoísta é o espírito de Satanás. — The Review and Herald, 17 de Outubro de 1882. [12]

Capítulo 3 — Razões para dar

Deus não depende do homem para o avanço de Sua causa. Poderia ter feito dos anjos embaixadores de Sua verdade. Poderia ter tornado Sua vontade conhecida, assim como do Sinai proclamou a lei com a Sua própria voz. Porém, para cultivar em nós o espírito de beneficência, escolheu empregar os homens para fazerem esse trabalho.

Cada ato de abnegação para o bem dos outros fortalecerá o espírito de beneficência no coração do doador, levando-o cada vez mais perto do Redentor do mundo, que "sendo rico, por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos". E é, somente, quando cumprimos o propósito divino em nossa criação que a vida pode ser uma bênção para nós. Todas as boas dádivas divinas ao homem demonstrar-se-ão apenas uma maldição, a menos que as empreguem para abençoar os seus semelhantes, e para o avanço da causa de Deus na Terra. — The Review and Herald, 7 de Dezembro de 1886.

O fruto de buscar o ganho — É esse crescente devotamento a ganhar dinheiro, o egoísmo que o desejo de ganhar produz, que mata a espiritualidade da igreja e dela remove o favor de Deus. Sempre que a cabeça e as mãos estão constantemente ocupadas em planejar e trabalhar arduamente para o acúmulo de riquezas, os reclamos de Deus e da humanidade são esquecidos.

Se Deus nos tem abençoado com prosperidade, não é para que nosso tempo e atenção sejam desviados dEle e dedicados àquilo que Ele nos emprestou. O doador é maior do que a dádiva. Fomos comprados por preço, não somos de nós mesmos. Temo-nos esquecido desse infinito preço pago pela nossa redenção? Morreu a gratidão em nosso coração? Não faz a cruz de Cristo com que se envergonhe uma vida de comodidade e condescendência egoístas? [...] Estamos colhendo os frutos dessa infinita abnegação, e ainda, quando há trabalho a fazer, quando há necessidade de nosso dinheiro para ajudar a obra do Redentor na salvação de pessoas, eximimo-nos ao dever

e rogamos para ser escusados. Ignóbil indolência, descuidada indiferença e ímpio egoísmo fecham os nossos sentidos aos reclamos divinos.

Oh, deve Cristo, a Majestade do Céu, o Rei da Glória, levar a pesada cruz, e usar a coroa de espinhos e beber o amargo copo enquanto nós nos reclinamos ociosamente, glorificando-nos a nós mesmos, e nos esquecemos das pessoas por quem Cristo morreu, [13] para remir pelo Seu precioso sangue? Não; demos enquanto podemos. Demos enquanto temos força. Trabalhemos enquanto é dia. Dediquemos nosso tempo e nossos meios ao serviço de Deus, para que possamos ter a Sua aprovação e receber Sua recompensa. — The Review and Herald, 17 de Outubro de 1882.

Nosso maior conflito com o eu — Nossas posses, nesta vida, são limitadas, mas o grande tesouro que Deus oferece em Sua dádiva ao mundo é ilimitado. Compreende cada desejo humano e vai muito além de nossos cálculos humanos. No grande dia da decisão final, em que todo homem será julgado segundo o que tiver feito, toda voz de justificação própria será silenciada, pois se verá que em Seu legado à raça humana deu o Pai tudo quanto tinha para dar, e que os que recusaram aceitar a graciosa oferta estão sem escusas.

Não temos exteriormente inimigos que precisemos temer. Nosso grande conflito é contra o eu não consagrado. Quando vencemos o eu, somos mais do que vencedores por Aquele que nos amou. Meus irmãos, há para nós uma vida eterna a ganhar. Combatamos o grande combate da fé. Nossa prova não está no futuro, mas é agora. Enquanto ela se prolonga, "buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas" — as coisas que agora servem ao propósito de Satanás como ciladas, para enganar e destruir — "vos serão acrescentadas". — The Review and Herald, 5 de Março de 1908.

Uma mancha imunda — Jamais nos devemos esquecer de que somos colocados sob prova, no mundo, a fim de determinar nossa habilitação para a vida futura. Nenhum daqueles cujo caráter estiver maculado com a nódoa imunda do egoísmo, poderá entrar no Céu. Portanto, Deus nos prova aqui, concedendo-nos posses temporais, para que o uso que disso fizermos possa revelar se nos poderão ser confiadas as riquezas eternas. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1893.

Nossas posses dadas apenas em confiança — Grandes ou pequenas que sejam as posses de qualquer indivíduo, lembre-se ele de que isto é seu apenas em confiança. Por sua força, habilidade, tempo, talentos, oportunidades e recursos, tem que prestar contas a Deus. É esse um trabalho individual; Deus nos dá, para que nos possamos tornar como Ele: generosos, nobres, caridosos, ao dar uns aos outros. Aqueles que, esquecidos, de sua missão divina, só procuram economizar ou gastar na condescendência do orgulho ou do egoísmo, poderão alcançar os ganhos e prazeres do mundo; mas, à vista de Deus, avaliados pelas suas realizações espirituais, são desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus.

Sempre que seja devidamente empregada, torna-se a riqueza um vínculo áureo de gratidão e afeto entre o homem e os seus [14] semelhantes, e um forte laço a ligar suas afeições ao seu Redentor. O dom infinito do dileto Filho de Deus exige dos recebedores de Sua graça tangíveis expressões de gratidão. O que recebe a luz do amor de Cristo, está, portanto, sob a mais imperiosa obrigação de difundir a bendita luz sobre outras pessoas que estejam em trevas. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882.

Para despertar os atributos do caráter de Cristo — O Senhor permite que a homens e mulheres sobrevenham o sofrimento, a calamidade, para nos tirar do nosso egoísmo, para em nós despertar os atributos de Seu caráter: compaixão, ternura e amor.

Faz o amor divino os seus mais tocantes apelos quando nos roga que manifestemos a mesma terna compaixão que Cristo manifestou. Era Ele um homem de dores e experimentado nos trabalhos. Em todas as nossas aflições é Ele afligido. Ama os homens e mulheres como sendo comprados pelo Seu próprio sangue, e nos diz: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis". — The Review and Herald, 13 de Setembro de 1906.

A mais elevada honra, a maior alegria — Deus é a fonte da vida, luz e alegria do Universo. Como raios de luz do Sol, dEle fluem bênçãos a todas as criaturas que Ele criou. Em Seu infinito amor, tem concedido aos homens o privilégio de se tornarem participantes da natureza divina, e, por seu turno, difundirem bênçãos aos seus semelhantes. É essa a mais elevada honra, a maior alegria que Deus pode conceder ao homem. Os que assim se tornam participantes de

trabalhos de amor, são levados para mais perto do Criador. Os que recusam tornar-se “cooperadores de Deus” — o homem que por causa da condescendência egoísta ignora as necessidades de seus semelhantes, o avarento que aqui amontoa os seus tesouros — estão afastando de si mesmos as mais ricas bênçãos que Deus lhes pode dar. — The Review and Herald, 6 de Dezembro de 1887. [15]

Capítulo 4 — Um conflito de princípios

Os seres humanos pertencem a uma grande família — a família de Deus. Determinou o Criador que respeitassem e amassem uns aos outros, manifestando sempre puro e abnegado interesse no bem-estar mútuo. Mas tem sido o alvo de Satanás levar os homens a pôr o eu em primeiro lugar; e, entregando-se eles ao seu controle, têm desenvolvido um egoísmo que enche o mundo de miséria e luta, pondo os seres humanos em desavença uns com os outros.

O egoísmo é a essência da depravação, e, devido a se terem os seres humanos submetido ao seu poder, o que se vê no mundo é o oposto à fidelidade a Deus. Nações, famílias, e indivíduos estão cheios do desejo de fazer do eu um centro. O homem almeja governar sobre os seus semelhantes. Afastando-se de Deus e de seus semelhantes em seu egotismo, segue suas irrefreadas inclinações. Age como se o bem dos outros dependesse de se submeterem a sua supremacia.

O egoísmo tem causado discórdia na igreja, enchendo-a de ambição não santificada. [...] O egoísmo destrói a semelhança com Cristo, enchendo o homem de amor-próprio. Leva a contínuo afastamento da justiça. Cristo diz: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus." Mas o amor-próprio é cego para com a perfeição que Deus requer. [...]

Cristo veio ao mundo para revelar o amor de Deus. Devem Seus seguidores continuar a obra que Ele começou. Esforcemo-nos por ajudar e fortalecer uns aos outros. A maneira em que se pode alcançar a verdadeira felicidade é buscar o bem alheio. Não trabalha o homem contra os seus próprios interesses, quando ama a Deus e aos seus semelhantes. Quanto mais destituído de egoísmo for o seu espírito, tanto mais feliz será, porque está cumprindo o propósito de Deus para Ele. O fôlego divino é soprado através dele, tornando-o pleno de alegria. Para ele, a vida é um sagrado depósito, preciosa aos seus olhos porque foi dada por Deus para ser gasta no serviço

em favor dos outros. — The Review and Herald, 25 de Junho de 1908.

Uma luta desigual — É o egoísmo o mais forte e mais generalizado dos impulsos humanos; a luta da pessoa entre a simpatia e a cobiça é uma luta desigual; pois, ao passo que o egoísmo é a paixão mais forte, o amor e a beneficência são freqüentemente os mais fracos, e, em regra, o mal ganha a vitória. Portanto, em nosso trabalho e nas nossas dádivas à causa de Deus, não é seguro ser dominado pelos sentimentos ou pelo impulso. [16]

Dar ou trabalhar quando são despertadas as nossas simpatias, e reter nossas dádivas ou serviço quando as emoções não são estimuladas, é rumo inseguro e perigoso. Se somos controlados pelo impulso ou mera simpatia humana, então, nos poucos casos em que nossos esforços em prol dos outros são pagos com a ingratidão, ou em que as nossas dádivas são mal-usadas ou dissipadas, bastará congelar as fontes da beneficência. Devem os cristãos agir guiados por princípios fixos, seguindo o exemplo de abnegação e de sacrifício-próprio do Salvador. — The Review and Herald, 7 de Dezembro de 1886.

A tônica dos ensinos de Cristo — A abnegação é a nota tônica dos ensinos de Cristo. Freqüentemente é ela ordenada aos crentes em linguagem que parece autoritária, por não haver outro meio de salvar o homem senão separá-lo de sua vida de egoísmo. Cristo deu, em Sua vida na Terra, verdadeira apresentação do poder do evangelho. [...] A toda pessoa que com Ele sofra resistindo ao pecado, trabalhando em Sua causa, na abnegação para bem dos outros, promete uma parte na recompensa eterna dos justos. Pelo exercício do espírito que caracterizou as atividades de Sua vida, devemos tornar-nos participantes de Sua natureza. Participando, nesta vida de sacrifício por amor aos outros, com Ele partilharemos, na vida por vir, de "um peso eterno de glória mui excelente". — The Review and Herald, 28 de Setembro de 1911.

Os frutos do egoísmo — Os que permitem que o espírito de cobiça tome posse de si, acariciam e desenvolvem os traços de caráter que lhes colocarão o nome como idólatras no livro de registro do Céu. Todos estes são classificados com os ladrões, insultadores e extorsionários, nenhum dos quais, declara a Palavra divina, herdará o reino de Deus. "O ímpio se vangloria do desejo do seu coração, e abençoa o cobiçoso, a quem o Senhor aborrece." Os atributos do

avarento opõem-se sempre ao exercício da beneficência cristã. Os frutos do egoísmo sempre se revelam na negligência do dever, e na falta de uso dos dons que Deus confiou para o avanço de Sua obra. — The Review and Herald, 1 de Dezembro de 1896.

A morte de toda piedade — Cristo é o nosso exemplo. Deu Sua vida como um sacrifício por nós, e nos pede que demos nossa vida em sacrifício por outros. Assim poderemos nós afastar o egoísmo que Satanás está constantemente se esforçando por nos implantar no coração. Esse egoísmo é a morte de toda piedade, e só pode ser vencido ao manifestar amor a Deus e aos nossos semelhantes. Cristo não permitirá que uma pessoa egoísta entre nas cortes celestes. Nenhum cobiçoso poderá passar pelos portais de pérola; pois toda [17] cobiça é idolatria. — The Review and Herald, 11 de Junho de 1899.

Capítulo 5 — Onde Cristo habita há beneficência

Sempre que o perfeito amor de Deus está no coração, coisas maravilhosas serão feitas. Cristo estará no coração do crente como uma fonte de água que salta para a vida eterna. Mas os que manifestam indiferença para com os sofredores da humanidade, serão acusados de indiferença para com Jesus, na pessoa dos santos que sofrem. Nada solapa mais depressa a espiritualidade do que encerrá-la no egoísmo e no cuidado de si mesma.

Os que condescendem com o eu e negligenciam cuidar da alma e do corpo daqueles por quem Cristo deu a Sua vida, não estão comendo do pão da vida nem bebendo da água da fonte da salvação. Estão estéreis e destituídos de seiva, como a árvore que não dá fruto. São anões espirituais, que consomem seus meios consigo mesmos; mas "tudo o que o homem semear, isso também ceifará".

Os princípios cristãos sempre se tornarão visíveis. De mil maneiras se manifestarão os princípios do interior. A habitação de Cristo no coração é como uma fonte que nunca seca. — The Review and Herald, 15 de Janeiro de 1895.

Quando Cristo é entronizado no coração — Quando Deus confia ao homem riquezas, é para que este possa adornar a doutrina de Cristo, nosso Salvador, usando seus tesouros terrestres no avanço do reino de Deus no mundo. Deve ele representar a Cristo, e, portanto, não viver para agradar e glorificar a si mesmo, para receber honra porque é rico.

Sempre que o coração é purificado do pecado, Cristo é colocado no trono uma vez ocupado pela condescendência própria e pelo amor aos tesouros terrenos. Vê-se a imagem de Cristo na expressão do rosto. A obra de santificação é levada avante na vida. É banido o egoísmo. Vê-se o aparecimento do novo homem, que, segundo Cristo, é criado em justiça e verdadeira santidade. — The Review and Herald, 11 de Setembro de 1900.

Vencidas a cobiça e a avareza — Deve o rico consagrar tudo a Deus, e aquele que é santificado pela verdade no corpo, na alma e

no espírito, também dedicará a Deus sua propriedade, e se tornará o instrumento pelo qual outras pessoas serão alcançadas. Em sua [18] experiência e exemplo, demonstrar-se-á que a graça de Cristo tem poder para vencer a cobiça e a avareza, e o rico que devolve a Deus os bens que lhe foram confiados, será considerado mordomo fiel, e poderá apresentar aos outros o fato de que em cada dólar dos bens que acumulou estão estampadas a imagem e a inscrição de Deus. [19] — The Review and Herald, 19 de Setembro de 1893.

Capítulo 6 — Pregando sermões práticos

Dar para atender às necessidades dos santos e para o avanço do reino de Deus, é pregar sermões práticos, que testificam que os que dão não receberam a graça de Deus em vão. Um exemplo vivo de um caráter generoso, que está de acordo com o exemplo de Cristo, exerce grande poder sobre os homens. Os que não vivem para o eu, não usarão cada dólar para atender às suas supostas necessidades, e suprir seus confortos materiais, mas terão em mente que são seguidores de Cristo, e que há outros em necessidade de alimento e vestuário.

Os que vivem para satisfazer o apetite e os desejos egoístas, perderão o favor de Deus, e perderão a recompensa celeste. Testificam diante do mundo não terem fé genuína, e quando pretenderem comunicar aos outros o conhecimento da verdade presente, o mundo considerar-lhes-á as palavras como o metal que soa e como o sino que tine. Demonstre cada qual sua fé pelas suas obras. "A fé sem obras é morta em si mesma." "Portanto mostrai para com eles, perante a face das igrejas, a prova da vossa caridade, e da nossa glória acerca de vós". — The Review and Herald, 21 de Agosto de 1894.

O sermão mais difícil — O sermão mais difícil de pregar e que mais custa pôr em prática é o da abnegação. O pecador cobiçoso, por si mesmo, fecha a porta ao bem que se poderia fazer, mas que não é feito porque o dinheiro é despendido para fins egoístas. Mas é impossível alguém reter o favor de Deus e desfrutar a comunhão com o Salvador, e ao mesmo tempo ser indiferente para com os interesses de seus semelhantes que não têm vida em Cristo, que estão perecendo em seus pecados. Cristo nos deixou maravilhoso exemplo de abnegação. [...]

Ao segui-Lo no caminho da abnegação, levantando a cruz e conduzindo-a, atrás dEle para a casa de Seu Pai, revelaremos em nossa vida a beleza da vida de Cristo. No altar do sacrifício próprio — o lugar designado para o encontro entre Deus e o ser humano — recebemos das mãos de Deus a tocha celestial que perscruta o

coração, revelando a necessidade da habitação de Cristo. — The Review and Herald, 31 de Janeiro de 1907. [20]

Expande o coração, une com Cristo — As ofertas do pobre, dadas com abnegação para ajudar a difundir a preciosa luz da verdade salvadora não somente serão um cheiro suave a Deus e a Ele inteiramente aceitável como dádiva consagrada, como também o próprio ato de dar expande o coração do doador e o une cada vez mais ao Redentor do mundo. Ele era rico, mas por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos. As menores quantias dadas alegremente pelos que estão em condições limitadas são plenamente aceitáveis a Deus, e até de maior valor, à Sua vista, do que as ofertas dos ricos que podem dar seus milhares, sem, contudo, exercerem abnegação ou sentirem falta. — The Review and Herald, 31 de Outubro de 1878.

Dar com alegria — Ao ser exercido, o espírito de liberalidade cristã fortalecer-se-á e não necessitará ser estimulado de maneira doentia. Todos os que possuem esse espírito, o espírito de Cristo, com jovial alegria farão com que suas dádivas corram para a tesouraria do Senhor. Inspirados pelo amor a Cristo e pelo amor às pessoas por quem Ele morreu, sentem intenso fervor em desempenhar sua parte com fidelidade. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1893. [21]

Capítulo 7 — A obra do Senhor deve ser mantida

Passam para a eternidade os últimos anos de graça. O grande dia do Senhor está-nos iminente. Toda energia que possuímos deve ser agora usada para despertar os que estão mortos em ofensas e pecados. [...]

É tempo de darmos ouvidos aos ensinos da Palavra de Deus. Todas as suas injunções são dadas para o nosso bem. Ele conclama os que estão sob a bandeira ensangüentada do Príncipe Emanuel a fim de que dêem evidências de que reconhecem sua dependência de Deus e deverem a Ele dar contas, devolvendo-Lhes certa parte daquilo que Ele lhes confiou. Deve esse dinheiro ser usado no avanço da obra que deve ser feita para cumprir a comissão dada por Cristo a Seus discípulos. [...]

O povo de Deus é chamado para uma obra que requer dinheiro e consagração. As obrigações que sobre nós repousam trazem-nos a responsabilidade de trabalhar para Deus até o máximo de nossa capacidade. Exige Ele serviço não dividido, a inteira devoção do coração, espírito e forças.

Há apenas dois lugares no Universo onde poderemos colocar nossos tesouros — no celeiro de Deus ou no de Satanás; e tudo o que não é dedicado ao serviço de Deus é contado do lado de Satanás, e vai fortalecer sua causa. Determinou o Senhor que os meios a nós confiados sejam usados na edificação de Seu reino. Seus dons são confiados aos Seus mordomos para que com eles negociem cuidadosamente, e Lhe devolvam os rendimentos na obra da salvação. Tais pessoas, por seu turno, se tornarão mordomos de confiança, cooperando com Cristo para promover os interesses da causa de Deus.

Recebendo para partilhar — Onde quer que haja vida na igreja, há aumento e crescimento. Há, também, constante intercâmbio, tomar e dar, receber e devolver ao Senhor o que Lhe pertence. A cada crente genuíno comunica Deus luz e bênção, e estas reparte ele com os outros, na obra que faz para o Senhor. Ao dar do que

recebe, aumenta sua capacidade de receber. É aberto o caminho para a obtenção de novos suprimentos de graça e de verdade. Tem mais clara luz e multiplicado conhecimento. Desse dar e receber depende a vida e o crescimento da igreja. Aquele que recebe mas nunca dá, logo deixa de receber. Se quisermos receber novas bênçãos, devemos [22] comunicar os bens do Céu.

Não Se propõe o Senhor a vir a este mundo e derramar ouro e prata para o avanço de Sua obra. Supre os homens com recursos, para que pelas suas dádivas e ofertas conservem Sua obra em avanço. O propósito, acima de todos os outros, para o qual devem os dons de Deus ser usados, é a manutenção dos obreiros no campo da seara. E se os homens se tornarem condutos pelos quais possam as bênçãos dos Céus fluir para os outros, o Senhor conservará suprido tal canal. Não é devolver ao Senhor o que é Seu que torna o homem pobre; reter é que leva à pobreza. [...]

Um tempo para economia e sacrifício — Apela Deus a Seu povo para que desperte quanto às suas responsabilidades. Um dilúvio de luz é irradiado de Sua Palavra, e devem ser atendidos os deveres negligenciados. Quando eles forem atendidos, ao dar ao Senhor o que Lhe pertence, nos dízimos e ofertas, abrir-se-á o caminho para o mundo ouvir a mensagem que o Senhor determina que ouça. Tivesse nosso povo o amor de Deus no coração, estivesse cada membro da igreja imbuído do espírito de sacrifício próprio, e não haveria falta de fundos para as missões nacionais e estrangeiras; nossos recursos se multiplicariam; abrir-se-iam mil portas de utilidade e nós seríamos convidados a entrar. Houvesse sido executado o propósito de Deus quanto a dar a mensagem de misericórdia ao mundo, Cristo já teria vindo e os santos teriam recebido suas boas-vindas à cidade de Deus.

Se já houve um tempo em que se deveriam fazer sacrifícios, esse tempo é agora. Meus irmãos e irmãs, praticai a economia em vossos lares. Lançai fora os ídolos que tendes colocado adiante de Deus. Abandonai vossos prazeres egoístas. Eu vos rogo, não gasteis os meios em embelezar as vossas casas; pois vosso dinheiro pertence a Deus, e a Ele deveis prestar contas do uso que lhe dais. Não useis o dinheiro do Senhor para satisfazer os caprichos de vossos filhos. Ensinai-lhes que Deus tem reivindicação sobre tudo o que possuem, e que coisa alguma pode jamais cancelar esse direito.

O dinheiro é tesouro necessário. Não o dissipeis com os que dele não necessitam. Alguém necessita de vossas dádivas voluntárias. Há os que, no mundo, estão famintos, morrendo de inanição. Podeis dizer: “Não posso alimentar a todos.” Mas, praticando as lições de economia de Cristo, podereis alimentar a um. “Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.” Estas palavras foram pronunciadas por Aquele cujo poder operou um milagre para suprir as necessidades de uma multidão faminta.

Caso tenhais hábitos extravagantes, afastai-os imediatamente de vossa vida. A não ser que o façais, estareis falidos para a eternidade. Hábitos de economia, operosidade e sobriedade, são melhor quinhão para os vossos filhos que um rico dote. [23]

Somos peregrinos e estrangeiros na Terra. Não despendamos os nossos meios em satisfazer desejos que Deus quer que reprimamos. Representemos devidamente nossa fé reprimindo os nossos desejos. Levantem-se os membros de nossas igrejas como um só homem, e trabalhem fervorosamente, como quem anda à plena luz da verdade para estes últimos dias. [...]

De que vale indizível riqueza, se esta é acumulada em custosas mansões ou em ações bancárias? Que pesa isso na balança, comparado com a salvação das pessoas por quem Cristo, o Filho do infinito Deus, morreu? — The Review and Herald, 24 de Dezembro de 1903.

Um privilégio e uma responsabilidade — Foram-nos dadas, para proclamar ao mundo, as mais solenes verdades já confiadas aos mortais. Nosso trabalho é a proclamação dessas verdades. Deve o mundo ser advertido, e o povo de Deus precisa ser fiel ao depósito que lhe foi confiado. Não se deve empenhar em especulações, nem deve entrar em empreendimentos comerciais com os descrentes; pois isso os impediria de fazer a obra que lhes foi confiada.

Jesus diz a Seu povo: “Vós sois a luz do mundo.” Não é questão de pequena importância que os conselhos, propósitos e planos de Deus nos tenham sido tão claramente revelados. É um maravilhoso privilégio poder compreender a vontade de Deus, segundo é revelada na segura palavra da profecia. Isso nos impõe pesada responsabilidade. Deus espera que transmitamos aos outros os conhecimentos que nos tem dado. É Seu propósito que os instrumentos divinos e humanos se unam na proclamação da mensagem de advertência. — The Review and Herald, 28 de Julho de 1904.

Sustento das missões estrangeiras — Devem as simpatias do povo de Deus serem despertadas em cada igreja de toda a nossa terra, devendo haver ação desinteressada no sentido de atender às necessidades de diferentes campos missionários. Devem os homens demonstrar seu interesse na causa de Deus pelo dar dos seus bens. Se se manifestasse tal interesse entre os membros da família de Cristo, existiriam e cresceriam em força os laços de fraternidade cristã.

Essa obra de trazer fielmente todos os dízimos, para que haja mantimento na casa de Deus, supriria os que labutam tanto nos campos nacionais como nos estrangeiros. Se bem que livros e publicações sobre a verdade presente estejam espalhando os seus tesouros de conhecimento a todas as partes do mundo, assim mesmo ainda devem ser estabelecidos postos missionários em vários pontos. O pregador vivo deve proclamar as palavras de vida e de salvação. Há campos missionários abertos que convidam os obreiros a entrar. A seara está madura, e de todas as partes do mundo se ouve o veemente clamor macedônico por obreiros. — The Review and Herald, 19 de [24] Fevereiro de 1889.

A obra não deve parar — Se de fato temos a verdade para estes últimos dias, deve ela ser levada a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Brevemente, tanto os vivos como os mortos serão julgados segundo o que tiverem feito no corpo, e a lei de Deus é a norma pela qual eles serão provados. Devem portanto, agora, ser advertidos; a santa lei de Deus deve ser vindicada, erguida diante deles como um espelho. Para que tal obra se realize, há necessidade de meios. Sei que os tempos são difíceis, que não há abundância de dinheiro; mas a verdade deve ser difundida, e o dinheiro para difundi-la deve ser colocado na tesouraria. [...]

Abandonaremos a obra? — Nossa mensagem é de âmbito mundial; contudo, literalmente, muitos nada estão fazendo, muitos mais, tão pouco, com tamanha falta de fé, que isso é pouco mais que nada. Abandonaremos nós os campos que já abrimos em países estrangeiros? Desistiremos de parte do trabalho em nossas missões nacionais? Empalideceremos ante um débito de apenas uns poucos milhares de dólares? Hesitaremos, agora, e ficaremos esquivos justamente nas últimas cenas da história terrestre? Meu coração diz: Não, não. Não posso considerar essa questão sem ardente zelo no sentido de fazer a obra avançar. Não deveríamos negar nossa fé,

não deveríamos negar a Cristo; fá-lo-emos, no entanto, a menos que avancemos segundo a providência divina for abrindo o caminho.

Não deve a obra parar por falta de recursos. Mais meios nela devem ser investidos. Irmãos, em nome do meu Mestre, eu vos ordeno: despertai! Vós que estais colocando os vossos talentos de meios num lenço e os estais ocultando na terra, que estais construindo casas e acrescentando terreno a terreno, Deus vos roga: "Vendei o que tendes e dai esmolas". Lucas 12:33. Tempo virá em que os observadores do sábado nem poderão comprar nem vender. Apressai-vos a desenterrar os vossos talentos. Se Deus vos confiou dinheiro, demonstrai-vos fiéis à confiança em vós depositada; desembrulhai vosso lenço e enviai vossos talentos aos banqueiros, para que, quando Cristo vier, possa receber o que é Seu, com os juros.

Prazerosa liberalidade na finalização da obra — Bem no fim, antes que esta obra termine, milhares de dólares serão alegremente depositados sobre o altar. Homens e mulheres sentirão ser um bendito privilégio participar da obra de preparar pessoas para subsistirem no grande dia de Deus, e darão centenas de dólares com a mesma liberalidade com que agora são doadas quantias menores.

Estivesse o amor de Cristo ardendo no coração dos que professam ser Seu povo, e veríamos hoje, a manifestação do mesmo espírito. Se tão-somente reconhecessem quão perto está o fim de todo o trabalho em prol da salvação, sacrificariam suas posses com a mesma prontidão com que o fizeram os membros da igreja primitiva. [25] Trabalhariam para o avanço da causa de Deus com o mesmo fervor com que os mundanos trabalham para adquirir riquezas. Exercer-se-iam tato e habilidade, bem como se faria trabalho ativo e altruísta para adquirir meios, não para acumular, mas para verter no tesouro do Senhor.

Que tal, se alguém ficar pobre por empregar seus meios na obra? Cristo, por amor de vós Se fez pobre; mas vós estais segurando para vós mesmos riquezas eternas, um tesouro no Céu que não falha. Vossos bens estão muito mais seguros do que se tivessem sido depositados no banco, ou investidos em casas e terrenos. Estão guardados em sacos que não envelhecem. Nenhum ladrão, deles se pode aproximar, fogo algum os pode consumir. [...]

Obedecendo à ordem do Salvador, nosso exemplo pregará mais alto que palavras. Vê-se a maior demonstração do poder da verdade

quando os que nela professam crer dão evidência de sua fé pelas suas obras. Os que crêem nesta solene verdade devem possuir tal espírito de sacrifício que repila a ambição mundana dos adoradores do dinheiro. — Historical Sketches of the Foreign Missions of the [26] Seventh Day Adventist, 291-293.

Capítulo 8 — Apego de todo o coração à igreja

Todo crente deve ter todo o coração em sua ligação com a igreja. A prosperidade desta deve constituir-lhe o primeiro interesse e a menos que se sinta sob sagradas obrigações de tornar sua ligação com a igreja mais um benefício para ela do que para si mesmo, ela passará muito melhor sem ele. Está ao alcance de todos fazer alguma coisa pela causa de Deus. Pessoas há que despendem grandes quantias para luxos desnecessários; satisfazem os próprios apetites, mas consideram grande carga contribuir com meios para a manutenção da igreja. Estão dispostos a receber todo benefício de seus privilégios, mas preferem deixar que os outros lhes paguem as contas. Os que na verdade sentem profundo interesse no avanço da causa, não hesitarão em empregar fundos no empreendimento sempre e onde quer que se faça mister. — Testemunhos Seletos 1:445.

Os que se regozijam na preciosa luz da verdade devem experimentar um desejo ardente de enviá-la a toda parte. Temos alguns fiéis porta-bandeiras que nunca se esquivam a seus deveres nem evitam responsabilidades. Seu coração e bolsa estão sempre abertos a todo pedido de meios para promover a causa de Deus. Com efeito, alguns parece até excederem a justa medida de sua obrigação, como que receando perder a oportunidade de depositar sua parte no banco do Céu.

Há outros que fazem o menos que podem. Esses, se não acumulam seus bens, os dissipam, só contribuindo relutantemente com uma pequena parte para a obra de Deus. Quando fazem uma promessa ou voto a Deus, arrependem-se mais tarde, e esquivam tanto quanto podem do pagamento, se não totalmente. Calculam o dízimo o mais escassamente possível, como se considerassem perdido o que restituem a Deus. Podem as nossas várias instituições sentir-se embaraçadas à míngua de meios, mas continuam portando-se como se não lhes importasse a sua subsistência. E, contudo, são instrumentos pelos quais Deus Se propõe iluminar o mundo! — Testemunhos Seletos 1:555.

O voto batismal — Todo aquele que se liga à igreja, faz por esse ato um voto solene de trabalhar pelos interesses da igreja, e de manter esse interesse acima de toda consideração mundana. Sua [27] obra é conservar viva comunhão com Deus, empenhar-se de coração no grande plano da redenção, e mostrar, em sua vida e caráter, a excelência dos mandamentos de Deus em contraste com os costumes e preceitos do mundo. Quem se entregou a Cristo comprometeu-se a ser tudo quanto lhe seja possível ser como um obreiro espiritual, a ser ativo, zeloso e eficiente no serviço de seu Mestre. Cristo espera que cada homem cumpra seu dever; seja esta a senha em todas as fileiras de Seus seguidores. [...]

Todos devem mostrar sua fidelidade para com Deus pelo sábio emprego do capital a ele confiado, não somente em meios, mas em qualquer dote que tenda para a edificação de Seu reino. Satanás empregará todo meio possível para impedir a verdade de chegar aos que se acham imersos no erro; a voz da advertência e do rogo, porém, deve alcançá-los. E ao passo que apenas poucos estão empenhados nesta obra, milhares devem estar tão interessados quanto eles. — Testemunhos Seletos 2:160, 161, 163.

A tarefa que diante de nós está — Há um mundo a ser advertido. A nós foi confiada essa tarefa. Devemos praticar a verdade a qualquer custo. Devemos portar-nos como milicianos abnegados, dispostos a perder a própria vida, se necessário for, no serviço de Deus. Há uma grande obra a ser feita em pouco tempo. Precisamos compreender nosso trabalho e fazê-lo com fidelidade. Todo aquele que finalmente for coroado como vitorioso, terá, pelo nobre e determinado esforço de servir a Deus, alcançado o direito de se vestir com a justiça de Cristo. Entrar na cruzada contra Satanás, levantando bem alto a bandeira ensangüentada da cruz de Cristo — esse é o dever de todo cristão.

Essa obra exige sacrifício. A abnegação e a cruz acompanham-nos por todo o caminho da vida. “Se alguém quiser vir após Mim”, disse Cristo, “negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-Me.” Os que retêm os tesouros deste mundo são obrigados a trabalhar e se sacrificar. Deveriam os que buscam uma recompensa eterna pensar que não precisam fazer sacrifícios? — The Review and Herald, 31 de Janeiro de 1907.

Não esperar pelos apelos — Não deve nosso povo esperar por mais apelos, mas lançar-se diretamente ao trabalho, tornando possíveis coisas que pareciam impossíveis. Pergunte cada um a si mesmo: Não me confiou o Senhor recursos para o avanço de Sua causa? [...]

Sejamos honestos para com o Senhor. Todas as bênçãos que desfrutamos, dEle provêm; e se Ele nos confiou o talento dos recursos para que possamos realizar a Sua obra, retê-lo-emos? Diremos nós: "Não, Senhor; meus filhos não se agradariam disso", e portanto deveria eu aventurar-me a desobedecer a Deus, ocultando na terra os Seus talentos?

Não deve haver demora. A causa de Deus exige vossa assistência. Pedimos a vós, como mordomos do Senhor que sois, que ponhais Seus recursos em circulação, para prover os meios pelos quais muitos [28] terão a oportunidade de aprender o que é a verdade.

Pode ser que lhes sobrevenha a tentação de investir vosso dinheiro em terras. Talvez vossos amigos a isso vos aconselhem. Mas não haverá melhor maneira de empregar vossos recursos? Não fostes comprados por preço? Não vos foi confiado vosso dinheiro a fim de que negociásseis para Ele? Não podeis ver que Ele quer que useis vossos recursos em ajudar a construir casas de culto, a estabelecer sanatórios, onde o enfermo receba a cura física e espiritual, e em ajudar a abrir escolas, nas quais sejam os jovens educados para o serviço, a fim de que possam ser enviados, obreiros a todas as partes do mundo?

O próprio Deus deu origem aos planos para o avanço de Sua obra, e tem proporcionado a Seu povo um excesso de meios, a fim de que, quando Ele pedir auxílio, alegremente possam atender. Se forem fiéis em levar para o Seu tesouro os meios que lhes foram emprestados, Sua obra fará rápido progresso. Muitas pessoas serão ganhas para a verdade, e o dia da vinda de Cristo será apressado. — The Review and Herald, 14 de Julho de 1904. [29]

Capítulo 9 — A voz da consagração

É esta a linguagem do vosso coração: "Sou todo Teu, meu Salvador; pagaste o resgate por minha vida, e tudo o que sou ou ainda espero ser é Teu. Ajuda-me a adquirir meios, não para gastá-los nesciamente, nem para condescender com o orgulho, mas para usar para a glória do Teu próprio nome."

Em tudo o que fizerdes, seja vosso pensamento: "É este o caminho do Senhor? Agradará isto ao meu Salvador? Ele deu Sua vida por mim; que posso eu devolver ao Senhor? Só posso dizer: 'Do que é Teu, ó Senhor, voluntariamente Te dou.'" A não ser que o nome de Deus esteja escrito em vossa fronte — ali escrito porque Deus é o centro de vossos pensamentos — não sereis aptos para a herança da luz. É vosso Criador que vos tem concedido todo o Céu num maravilhoso dom — Seu Filho unigênito. [...]

Deus põe Sua mão sobre o dízimo, bem como sobre as dádivas e ofertas, e diz: "Isto é Meu. Quando Eu vos confiei os Meus bens, especifiquei que uma parte deveria ser vossa, para suprir as vossas necessidades, e uma parte deveria retornar a Mim."

Ao fazerdes a vossa colheita, enchendo os vossos celeiros e silos, para o vosso próprio conforto, devolvestes a Deus um dízimo fiel? Apresentastes-Lhe vossas dádivas e ofertas, para que Sua causa não sofra? Tendes cuidado do órfão e da viúva? É este um ramo do trabalho missionário que de maneira alguma deve ser negligenciado.

Não haverá ao vosso redor pobres e sofredores que necessitem de roupa mais quente, de melhor alimento, e, acima de tudo, daquilo que será muito mais apreciado — simpatia e amor? Que fizestes em favor das viúvas, dos infelizes, que vos imploram que os ajudeis a educar e preparar seus filhos ou netos? Como tendes tratado esses casos? Tendes procurado ajudar os órfãos? Quando pais ou avós ansiosos e pesarosos vos têm pedido, ou até mesmo rogado, que lhes considerásseis os casos, tendes vós feito com que fossem embora devido a vossa insensível e pouco simpática recusa? Se assim for, que o Senhor se apiade de vosso futuro; pois, "com a medida

com que medirdes também vos medirão de novo". Poderemos nós surpreender-nos de que o Senhor retenha Sua bênção, quando Seus dons são egoisticamente pervertidos e mal aplicados?

Deus vos está constantemente concedendo as bênçãos desta vida; e se vos pede que repartais Seus dons ajudando os vários ramos de Sua obra, é do vosso próprio interesse temporal e espiritual fazê-lo, [30] e assim reconhecer a Deus como o doador de toda bênção. Como Obreiro Mestre, Deus coopera com o homem ao fornecer os meios necessários para a sua manutenção; e requer que com Ele coopere na obra da salvação. Colocou nas mãos de Seus servos os meios pelos quais levar avante Sua obra, tanto nas missões nacionais como nas estrangeiras. Mas se apenas a metade do povo cumprir o seu dever, não serão supridos ao tesouro os meios necessários, e muitas partes da obra de Deus terão de ficar incompletas. — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1890.

Atendendo à oração de Cristo por unidade — Jamais poderá a igreja alcançar a posição que Deus deseja que alcance, enquanto não estiver ligada com simpatia aos seus obreiros missionários. Jamais poderá existir a unidade por que Cristo orou enquanto não se levar a espiritualidade para o trabalho missionário, e a igreja não se tornar um instrumento para o sustento das missões. Não alcançarão os esforços missionários o que deveria alcançar até que os membros da igreja no campo local demonstrem, não somente por palavras, mas em atos, que reconhecem a obrigação que sobre eles repousa de dar a esses missionários sincero apoio.

Deus chama obreiros. Há necessidade de atividade pessoal. Mas em primeiro lugar vem a conversão; depois é que vem o procurar a salvação dos outros. — The Review and Herald, 10 de Setembro de 1903.

Esvaziar o coração do egoísmo — É de se lamentar que a igreja hoje esteja tão pouco inclinada a ser grata ao Senhor por havê-la enriquecido com Sua graça, por lhe haver dado Seus talentos e meios, para que ela tenha com que suprir Seu tesouro.

As partes infrutíferas da vinha do Senhor clamam a Deus, dizendo:

"Os homens têm negligenciado cuidar de mim." Ao permitirem que seus semelhantes permaneçam na servidão da necessidade e da degradação, homens e mulheres consentem em que Satanás culpe a

Deus de permitir que Seus filhos tenham falta das coisas necessárias à vida. Deus é ultrajado pela indiferença daqueles a quem Ele confiou os Seus bens. Seus mordomos recusam notar a infelicidade que eles poderiam aliviar. Trazem, assim descrédito a Deus.

Ninguém brinque com suas responsabilidades. Se não estais negociando com dólares, mas somente com centavos, lembrai-vos de que a bênção de Deus repousa sobre a incansável diligência. Ele não despreza o dia das coisas pequenas. O sábio uso de coisas pequenas trará maravilhoso lucro. Um talento usado com sabedoria dará dois a Deus. Espera-se que o lucro seja proporcional ao capital confiado. Deus aceita segundo o que o homem tem e não segundo o que não tem.

Deus pede o que vos Lhe deveis em dízimos e ofertas. Reclama consagração em todo ramo de Sua obra. Desempenhai fielmente [31] vossa parte no posto do dever que vos foi designado. Trabalhai fervorosamente, lembrando-vos de que Cristo está ao vosso lado, planejando, ideando e construindo para vós. "Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra." Dai prazerosa, alegre e voluntariamente, gratos por poderdes fazer alguma coisa para levar avante o reino de Deus, no mundo. Esvaziai o coração do egoísmo, e cingi a mente para a atividade cristã. Se estiverdes em íntima ligação com Deus, estareis dispostos a fazer qualquer sacrifício para colocar a vida eterna ao alcance dos que perecem.

Prosperidade espiritual e liberalidade cristã — Em nome do Senhor, suplico aos meus irmãos e irmãs, que nesta crise em nossa obra venham em socorro do Senhor com os valorosos. Negar a Deus sempre traz maldição. A prosperidade espiritual está intimamente ligada à liberalidade cristã. Ansiai apenas pela exaltação de imitar a beneficência divina do Redentor. Tendes a preciosa certeza de que vosso tesouro vai adiante de vós para as cortes celestiais.

Quereis tornar segura vossa propriedade? Ponde-a na mão que traz a marca dos cravos da crucifixão. Retende tudo o que possuis e isso será para a vossa perda eterna. Dai-o a Deus, e desse momento em diante trará Sua inscrição. Está selada com Sua imutabilidade. Quereis desfrutar vossos bens? Então os usai para fazer a felicidade dos que sofrem. Quereis aumentar as vossas posses? "Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda

e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares.”

Deus tornará a encher a mão — Se todos desempenharem sua parte, não mais a esterilidade da vinha do Senhor falará condenando os que professam seguir a Cristo. O trabalho médico-missionário deve abrir a porta ao evangelho da verdade presente. Deve a terceira mensagem angélica ser ouvida em todos os lugares. Economizai! Despi-vos do orgulho. Dai a Deus vosso tesouro terrestre. Dai o que puderdes agora, e ao cooperardes com Cristo, vossa mão se abrirá para conceder ainda mais. E Deus vos tornará a encher a mão, para que o tesouro da verdade possa ser levado a muitas pessoas. Ele vos dará, para que possais dar aos outros. — The Review and Herald, 10 de Dezembro de 1901. [32]

Capítulo 10 — Apelo a maior fervor

O mundo e as igrejas estão quebrando a lei de Deus, e se deve dar a advertência: "Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice de Sua ira." Com tal maldição pesando sobre os transgressores do santo sábado de Deus, não deveríamos nós mostrar maior fervor, mais zelo? Por que somos nós tão indiferentes, tão egoístas, tão absorvidos pelos interesses temporais? Está o nosso interesse divorciado de Jesus? Tornou-se a verdade aguda demais, foi sua aplicação íntima demais a nós e, como os discípulos de Cristo que se ofenderam, temos nós nos afastado para os elementos desprezíveis do mundo? Gastamos dinheiro para fins egoístas e satisfazemos nossos próprios desejos, enquanto muitos perecem sem o conhecimento de Jesus e da verdade. Por quanto tempo, irá isso continuar?

Devem todos ter uma fé viva — uma fé que opere por amor, e purifique a vida. Os homens e mulheres estão sempre prontos a fazer tudo o que satisfaça o eu, mas quão pouco desejam fazer por Jesus, e pelos seus semelhantes, que estão perecendo por falta da verdade! [...]

Depositar agora no banco do Céu — Não é chegado agora o tempo em que devemos começar a diminuir nossas posses? Que Deus ajude a vós, que podeis fazer algo agora, a fim de que depositeis no banco do Céu. Não pedimos um empréstimo, mas uma oferta voluntária — uma devolução ao Mestre de Seus próprios bens, que Ele vos tem emprestado. Se amais a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos, cremos que disso dareis provas tangíveis nas ofertas voluntárias para nosso trabalho missionário. Há pessoas a salvar, e oxalá possais ser colaboradores de Jesus Cristo na salvação dessas pessoas por quem Cristo deu Sua vida. O Senhor vos abençoará no bom fruto que derdes para a Sua glória. Oxalá o Espírito Santo que inspirou a Bíblia tome posse de vosso coração, levando-vos a amar Sua Palavra, que é espírito e vida. Que isto vos

abra os olhos para descobrirdes as coisas do Espírito de Deus. A razão de haver hoje tanta religião com estatura de pigmeus é não haver o povo aplicado a sua vida a abnegação e o sacrifício. — The Review and Herald, 8 de Janeiro de 1889. [33]

A chuva serôdia é retardada — O grande derramamento do Espírito de Deus, que ilumina toda a Terra com a Sua glória, não virá enquanto não tivermos um povo iluminado, que conheça por experiência própria o que significa ser colaboradores de Deus. Quando tivermos uma consagração plena, de todo coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato derramando Seu Espírito sem medida; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte da igreja não se transformar em coobreiros de Deus. Deus não pode derramar Seu Espírito quando o egoísmo e a condescendência própria são tão manifestos; quando prevalece um espírito que, traduzido em palavras, exprimiria a resposta de Caim: "Sou eu guardador de meu irmão?" — The Review and Herald, 21 de Julho de 1896.

Subordinar todo interesse terreno — Meus prezados irmãos e irmãs, eu vos falo com palavras de amor e ternura. Deve-se fazer com que todo interesse terreno se subordine à grande obra de redenção. Lembrai-vos de que se deve ver na vida dos seguidores de Cristo a mesma devoção, a mesma sujeição à obra de Deus de todos os reclamos sociais e de todas as afeições terrenas, que se via em Sua vida. As reivindicações de Deus devem sempre tornar-se supremas. "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim." A vida de Cristo é o nosso compêndio. Seu exemplo deve inspirar-nos a fazer incansáveis e abnegados esforços para o bem dos outros. [...]

Toda faculdade dos servos de Deus deve ser conservada em contínuo exercício no sentido de levar muitos filhos e filhas a Deus. Não deve haver, em Seu serviço, nenhuma indiferença, nenhum egoísmo. Qualquer desvio da abnegação para a condescendência consigo mesmo, qualquer afrouxamento da súplica fervorosa pedindo a operação do Espírito Santo, significa o mesmo poder dado ao inimigo. Cristo está inspecionando Sua igreja. Quantas pessoas há cuja vida religiosa é sua própria condenação!

Deus exige aquilo que nós não damos — consagração sem reservas. Se todo cristão tivesse sido fiel ao voto feito ao aceitar a Cristo, tantas pessoas no mundo não teriam sido deixadas a perecer

no pecado. Quem responderá pelas pessoas que têm baixado à sepultura sem estar preparadas para se encontrarem com o seu Senhor? Cristo Se ofereceu como um sacrifício completo em nosso favor. Com fervor trabalhou para salvar os pecadores! Quão incansáveis eram Seus esforços no sentido de preparar Seus discípulos para o trabalho! Mas quão pouco temos feito! E a influência do pouco que fizemos tem sido terrivelmente enfraquecida pelo efeito neutralizador do que deixamos por fazer, ou iniciamos e nunca levamos a cabo, e pelos nossos hábitos de descuidada indiferença. Quanto temos perdido por deixar de avançar para realizar o trabalho que Deus nos deu! Como cristãos professos, deveríamos espantar-nos com tal perspectiva. — The Review and Herald, 30 de Dezembro de 1902. [34]

O espírito de sacrifício — O plano de salvação foi estabelecido num sacrifício tão amplo, profundo e elevado que é incomensurável. Cristo não enviou Seus anjos a este mundo caído enquanto Ele ficava no Céu; mas Ele mesmo saiu a campo, levando a injúria. Tornou-Se varão de dores, familiarizado com a tristeza; levando Ele mesmo as nossas enfermidades e as nossas fraquezas. E a falta de abnegação em Seus professos seguidores, Deus considera como negação do nome de cristão. Os que professam ser um com Cristo, e contemporizam com seus desejos egoístas de riquezas, e vestes, mobílias e alimentos dispendiosos, são cristãos apenas no nome. Ser cristão é ser semelhante a Cristo.

E ainda assim quão verdadeiras são as palavras do apóstolo: “Porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus.” As obras de muitos cristãos não correspondem ao nome que levam. Agem como se nunca tivessem ouvido falar no plano da redenção executado a um preço infinito. A maioria almeja fazer para si um nome no mundo; adotam suas formas e cerimônias, e vivem para a condescendência com o próprio eu. Seguem seus propósitos com o mesmo ardor com que o mundo o faz, e assim limitam seu poder de ajudar a estabelecer o reino de Deus. [...]

A obra de Deus, que deveria estar avançando dez vezes mais que na presente força e eficiência, é detida como a primavera retardada pelo sopro gélido do inverno, porque alguns do professo povo de Deus se estão apropriando dos meios que devem ser dedicados a Seu serviço. Visto não estar entretecido na vida prática o amor abnegado

de Cristo, a igreja está fraca, onde deveria ser forte. Devido a seu próprio procedimento apagou sua luz e privou milhões do evangelho de Cristo. [...]

Como podem aqueles por quem Cristo tanto Se sacrificou, continuar a desfrutar egoistamente Seus dons? Seu amor e abnegação não têm paralelo; e quando esse amor entrar na experiência de Seus seguidores, eles identificarão seus interesses com os de seu Redentor. Sua obra será o estabelecimento do reino de Cristo. Consagrar-Lhe-ão seu ser e suas posses, e a ambos usarão conforme Sua causa requeira.

Isso nada mais é do que o que Jesus espera de Seus seguidores. Nenhum indivíduo que tenha diante de si um alvo tão elevado como seja a salvação de pessoas, terá prejuízo ao idear meios e maneiras de negar a si mesmo. Será essa uma obra individual. Tudo quanto nos for possível dar, fluirá para a tesouraria do Senhor, para ser usado na proclamação da verdade, a fim de que a mensagem da breve volta de Cristo e dos reclamos de Sua lei possa ser proclamada em todas as partes do mundo. Precisam ser enviados missionários para fazer essa obra.

O amor de Jesus no coração revelar-se-á tanto em palavras como em ação. O reino de Cristo será supremo. O eu será colocado em sacrifício vivo no altar de Deus. Todo aquele que verdadeiramente está unido a Cristo sentirá o mesmo amor pelas pessoas que levou o Filho de Deus a deixar Seu trono real, Seu alto comando, e, por amor de nós, Se tornar pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos. — The Review and Herald, 13 de Outubro de 1896. [35]

Apelo a famílias consagradas — Deus apela para o esforço pessoal dos que conhecem a verdade. Apela para que famílias cristãs vão às comunidades que jazem nas trevas e em erro, para que vão aos campos estrangeiros, a fim de se familiarizarem com uma nova classe de sociedade, e trabalharem sábia e perseverantemente em prol da causa do Mestre. Para atender a esse chamado, há necessidade de abnegação.

Enquanto muitos estão esperando que todo obstáculo seja removido, pessoas perecem sem esperança e sem Deus no mundo. Por amor às vantagens mundanas, visando adquirir conhecimento científico, muitos, muitíssimos mesmo, aventurar-se-ão a ir a regiões pestilentas, e irão a países onde pensam poderem obter vantagens

comerciais; mas onde estão os homens e mulheres que trocarão de localidade e se mudarão com sua família para regiões que necessitam da luz da verdade, a fim de que seu exemplo possa influir sobre os que neles virem os representantes de Cristo?

De todos os quadrantes do mundo, vem o clamor macedônico, e homens estão dizendo: "Passa, [...] e ajuda-nos", e por que não há decidida resposta? Milhares devem ser constrangidos pelo Espírito de Cristo a seguir o exemplo dAquele que deu Sua vida pela vida do mundo. Por que recusar fazer decididos, abnegados esforços para instruir os que não conhecem a verdade para este tempo? O Missionário-Chefe veio ao nosso mundo, e foi adiante de nós para nos mostrar a maneira em que devemos trabalhar. Ninguém pode demarcar um rumo preciso para aqueles que pretendem ser testemunhas de Cristo.

Os que têm recursos são duplamente responsáveis; pois esses meios lhes foram confiados por Deus, e devem sentir sua responsabilidade quanto a fazer a obra de Deus avançar em seus vários ramos. O fato de a verdade, com os seus áureos elos, unir as pessoas ao trono de Deus, deveria inspirar os homens a trabalharem com toda a energia que Deus lhes deu, para negociarem com os bens do Senhor em regiões distantes, difundindo o conhecimento de Cristo bem longe, entre os gentios.

Muitos daqueles a quem Deus confiou meios com os quais poderiam ser uma bênção para a humanidade, têm permitido que estes se demonstrem uma cilada para eles, em vez de deixar que se demonstrem uma bênção para eles e para os outros. Dar-se-á o caso de se permitir que a propriedade que Deus vos deu se torne uma pedra de tropeço? Deixareis que os bens que Ele vos confiou, que vos foram dados para que com eles negociásseis, vos afastem da obra de Deus? Consentireis em que a confiança que em vós Deus tem depositado, como Seus mordomos fiéis, sirva para vos diminuir a influência e a utilidade, impedindo de serdes coobreiros de Deus? Permitir-vos-eis [36] ficar seguros em casa, a fim de conservar os meios que Deus vos confiou para pô-los no banco dos Céus? Não podeis alegar que nada há a fazer; pois tudo está por fazer. Contentar-vos-eis com desfrutar os confortos de vosso lar, sem experimentar dizer às pessoas que perecem como poderão alcançar as mansões que Cristo foi preparar para os que O amam? Não quereis vós sacrificar as vossas posses,

a fim de que outros possam alcançar uma herança imortal? — The Review and Herald, 21 de Julho de 1896. [37]

Capítulo 11 — Vendendo casas e propriedades

Deus pede aos que têm posses em terras e casas, que as vendam para empregar o dinheiro onde for suprir a grande necessidade no campo missionário. Havendo eles experimentado a verdadeira satisfação que provém de assim fazer, manterão aberto o conduto, e os meios que o Senhor lhes confiou fluirão sem cessar para o tesouro, a fim de que pessoas se convertam. Esses, por sua vez, exercerão a mesma abnegação, economia e simplicidade por amor de Cristo, de maneira a poderem, também, levar suas ofertas a Deus. Mediante esses talentos, sabiamente empregados, outras pessoas ainda se podem converter; e assim prossegue a obra, mostrando que os dons de Deus são apreciados. O Doador é reconhecido, e a fidelidade de Seus mordomos redunda em glória para Ele.

Quando fazemos esses fervorosos apelos em benefício da causa de Deus, e apresentamos as necessidades financeiras de nossas missões, pessoas conscienciosas que crêem na verdade ficam profundamente comovidas. Como a viúva pobre, a quem Cristo louvou, a qual pôs no tesouro as duas moedinhas, dão de sua pobreza, ao máximo de sua capacidade. Essas pessoas privam-se muitas vezes das próprias necessidades aparentes da vida; ao passo que há homens e mulheres que, possuindo casas e terras, apegam-se ao tesouro terreno com tenaz egoísmo, e não têm fé suficiente na mensagem e em Deus para empregar seus meios em Sua obra. A estes se aplicam especialmente as palavras de Cristo: "Vendei o que tendes, e dai esmolas". Lucas 12:33.

Esperar orientação individual — Homens e mulheres pobres há que me escrevem pedindo conselho quanto a deverem eles vender sua morada e darem o resultado à causa. Dizem que os apelos no sentido de meios lhes tocam o coração, e querem fazer alguma coisa pelo Mestre que tudo tem feito por eles. A esses, eu diria: "Talvez não seja dever vosso venderdes vossa casinha agora; buscai, porém, a Deus, vós mesmos; certamente o Senhor vos ouvirá a sincera oração

pedindo sabedoria para compreender vosso dever”. — Testemunhos Seletos 2:330.

Devem as posses ser reduzidas, em vez de aumentadas — É agora que nossos irmãos deveriam estar reduzindo suas posses, em vez de aumentá-las. Estamos prestes a mudar-nos para uma terra [38] melhor, a celestial. Não procedamos, pois, como quem queira habitar confortavelmente sobre a Terra, mas ajuntemos nossos objetos no espaço mais limitado possível.

Tempo virá em que de modo algum poderemos vender. Logo sairá o decreto proibindo os homens de comprar ou vender a qualquer pessoa senão aos que tenham o sinal da besta. — Testemunhos Seletos 2:44.

Preparo para o tempo de angústia — Casas e terras serão de nenhuma utilidade para os santos no tempo de angústia, pois terão de fugir diante de turbas enfurecidas, e nesse tempo suas posses não podem ser liberadas para o avançamento da causa da verdade presente. Foi-me mostrado que é vontade de Deus que os santos se libertem de todo embaraço antes que venha o tempo de angústia, e façam um concerto com Deus mediante sacrifício. Se eles puserem sua propriedade no altar do sacrifício e ferventemente inquirirem de Deus quanto ao seu dever, Ele lhes ensinará sobre quando dispor dessas coisas. Então estarão livres no tempo de angústia, sem nenhum estorvo para sobrecarregá-los.

Vi que se alguém se apegar a sua propriedade e não inquirir do Senhor quanto ao seu dever, Ele não fará conhecido esse dever, sendo-lhes permitido conservar sua propriedade, e no tempo da angústia isto virá sobre eles como uma montanha para esmagá-los, e eles procurarão dispor dela, mas não será possível. Ouvi alguém lamentar assim: “A causa estava definhando, o povo de Deus estava perecendo de fome pela verdade, e nenhum esforço fizemos para suprir a falta; agora nossa propriedade de nada vale. Oh! se tivéssemos permitido que ela se fosse, e acumulado tesouro no Céu!”

Vi que o *sacrifício* não aumentava, mas diminuía e era *consumido*. Vi também que Deus não requeria que todo o Seu povo dispusesse de suas propriedades ao mesmo tempo; mas se desejassem ser ensinados, Ele os ensinaria, em tempo de necessidade, quando vender e quanto vender. De alguns se tem pedido no passado que dispusessem de suas propriedades para sustentar a causa do

advento, enquanto a outros tem sido permitido conservá-las até o tempo da necessidade. Então, quando a causa delas necessite, seu dever é vender. — Primeiros Escritos, 56, 57.

Nenhuma ligação com a Terra — A obra de Deus deve tornar-se mais ampla, e se Seu povo seguir o conselho que Ele lhe dá, não haverá em suas mãos muitos recursos para serem consumidos na conflagração final. Todos terão depositado seus tesouros onde a traça e a ferrugem não consomem; e o coração não terá uma ligação a [39] prendê-lo à Terra. — Testemunhos Seletos 1:67.

Capítulo 12 — Uma prova de lealdade

“Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares”. Provérbios 3:9, 10.

Este texto ensina que Deus, como o Doador de todos os nossos benefícios, tem uma reivindicação sobre todos eles; que Seu pedido deve ser nossa primeira consideração; e que uma bênção especial sobrevirá a todo aquele que honrar esse pedido.

Aqui se estabelece um princípio que se vê em todo o trato de Deus com os homens. O Senhor colocou nossos primeiros pais no Jardim do Éden. Cercou-os de tudo aquilo que lhes poderia trazer felicidade, e lhes ordenou que O reconhecessem como o possuidor de todas as coisas. Fez crescer, no jardim, toda a árvore agradável à vista ou boa para comer; mas, dentre elas, fez uma reserva. De todas as demais, Adão e Eva poderiam comer livremente; mas, sobre essa única árvore, disse Deus: “Dela não comerás.” Aí estava a prova de sua gratidão e lealdade a Deus.

Assim nos tem o Senhor comunicado as mais ricas bênçãos celestiais, ao nos dar Jesus. Com Ele, nos tem dado desfrutar abundantemente todas as coisas. Os produtos da terra, abundantes colheitas, os tesouros de ouro e de prata, são dádivas Suas. Casas e terras, o alimento e o vestuário, colocou-os na posse dos homens. Pede que O reconheçamos como o Doador de todas as coisas; e, por essa razão, diz: De todas as vossas posses reserva a décima parte para Mim, além das dádivas e ofertas, que devem ser trazidas à casa do Meu tesouro. É essa a provisão que Deus fez para levar avante a obra do evangelho.

Foi pelo próprio Senhor Jesus Cristo, que deu Sua vida pela vida do mundo, que foi ideado o plano do dar sistemático. Aquele que deixou as cortes reais, que Se despiu das honras de Comandante das hostes celestes, que revestiu Sua divindade da humanidade para poder levantar a raça caída; Aquele que por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos, falou aos homens, e em

Sua sabedoria lhes contou o plano que tinha para a manutenção dos que levam Sua mensagem ao mundo. — The Review and Herald, 4 de Fevereiro de 1902.

As reservas de tempo e de recursos de Deus — Usa-se a mesma linguagem quanto ao sábado que se usa na lei do dízimo: "O [40] sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus." Não tem o homem o direito nem poder para substituir o sétimo dia pelo primeiro. Poderá pretender fazê-lo, "todavia o fundamento de Deus fica firme". Os costumes e ensinos dos homens não diminuirão as exigências da lei divina. Deus santificou o sétimo dia. Essa porção específica de tempo, separada pelo próprio Deus para culto religioso, continua hoje tão sagrada como quando pela primeira vez foi santificada pelo nosso Criador.

De igual maneira, o dízimo de nossas rendas "santo é ao Senhor". O Novo Testamento não dá novamente a lei do dízimo, como também não dá a do sábado; pois pressupõe a validade de ambos, e explica sua profunda importância espiritual. [...] Enquanto nós como um povo estamos procurando dar fielmente a Deus o tempo que Ele conservou como Seu, não Lhe daremos também nós aquela parte de nossos meios que Ele exige? — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882.

Tanto os bens como as rendas devem ser dizimados — Como Abraão, devem dar o dízimo de tudo quanto possuem e de tudo o que recebem. O dízimo fiel é a parte do Senhor. Retê-lo, é roubar a Deus. Deve todo homem trazer livre, voluntária e alegremente os dízimos e ofertas à casa do tesouro do Senhor, pois, em fazê-lo, há uma bênção. Nenhuma segurança há em reter de Deus a parte que Lhe pertence. — Manuscrito 159, 1899.

Para cada dispensação — Tal [referindo-se à experiência de Abraão e de Jacó ao dar o dízimo] era a prática dos patriarcas e profetas antes do estabelecimento dos judeus como nação. Mas quando Israel se tornou um povo distinto o Senhor lhe deu definida instrução sobre esse ponto: "Todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor: santas são ao Senhor." Essa lei não deveria caducar com as ordenanças e ofertas sacrificais que tipificavam a Cristo. Enquanto Deus tiver um povo na Terra, Suas reivindicações sobre eles serão as mesmas.

O dízimo de todas as nossas rendas é do Senhor. Reservou-o para Si, para ser empregado em fins religiosos. Santo é. Nada menos que isso aceitou Ele em qualquer dispensação. A negligência ou adiamento desse dever, provocará o desagrado divino. Se todos os professos cristãos trouxessem seus dízimos fielmente a Deus, Seu tesouro estaria cheio. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882.

Designado como uma grande bênção — O sistema especial de dízimos baseia-se em um princípio tão duradouro como a lei de Deus. Esse sistema foi uma bênção ao povo judeu, do contrário o Senhor não lho haveria dado. Assim será igualmente uma bênção aos que o observarem até ao fim do tempo. Nosso Pai celeste não instituiu o plano da doação sistemática com o intuito de enriquecer-Se, mas para que o mesmo fosse uma grande bênção ao homem. Viu [41] que o referido sistema era exatamente o que o homem necessitava. — Testemunhos Seletos 1:385.

Nove décimos valem mais do que os dez — Têm-se muitas pessoas apiedado da sorte do Israel de Deus ao ser compelido a dar sistematicamente, além de dar, anualmente, ofertas liberais. Um Deus todo-poderoso sabia melhor que sistema de beneficência estaria em conformidade com a Sua providência, e deu a Seu povo instruções a esse respeito. Sempre têm provado que nove décimos valem mais para eles do que dez décimos. — Testimonies for the Church 3:546.

Acentuada diferença dos dias dos judeus — Devemos fazer ao Senhor a primeira doação de todas as nossas receitas. No sistema de beneficência ordenado aos judeus, ou deles se exigia que levassem ao Senhor as primícias de todas as Suas dádivas, fosse aumento de seus rebanhos e manadas como no produto dos campos, pomares ou vinhedos, ou deveriam eles redimi-las, dando em substituição o equivalente. Quão diversa é a ordem de coisas nos nossos dias! As reivindicações e exigências do Senhor são deixadas para o fim, se é que recebem alguma atenção. No entanto, nosso trabalho necessita de dez vezes mais meios agora do que necessitavam os judeus.

A grande comissão dada aos apóstolos foi a de irem a todo o mundo pregar o evangelho. Mostra isso a extensão da obra, e a crescente responsabilidade que repousa sobre os seguidores de Cristo, nos nossos dias. Se a lei exigia dízimos e ofertas milhares de anos

atrás, quão mais necessários são eles agora! Se ricos e pobres deviam dar uma importância, proporcional a sua prosperidade, na economia judaica, isso agora é duplamente indispensável. — Testimonies for the Church 4:474.

[42]

Capítulo 13 — Apoiado sobre princípios eternos

O sistema do dízimo remonta para além dos dias de Moisés. Requeria-se dos homens que oferecessem dons a Deus com intuitos religiosos, antes mesmo que o sistema definido fosse dado a Moisés — já desde os dias de Adão. Cumprindo o que Deus deles requer, deviam manifestar em ofertas a apreciação das misericórdias e bênçãos a eles concedidas. Isto continuou através de sucessivas gerações, e foi observado por Abraão, que deu dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo.

O mesmo princípio havia nos dias de Jó. Jacó, quando errante e exilado, destituído de bens, deitou-se à noite em Betel, solitário e tendo por travesseiro uma rocha, prometeu ao Senhor: "De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo". Gênesis 28:22. Deus não obriga os homens a dar. Tudo quanto derem, deve ser voluntário. Não quer ter o Seu tesouro cheio de ofertas dadas de má vontade. — Testemunhos Seletos 1:372.

Paulo reconhece o sistema — Em sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo deu aos crentes instruções referentes a princípios gerais sobre que assenta o sustento da obra de Deus na Terra. Escrevendo a respeito de Seu trabalho apostólico em favor deles, ele interroga:

"Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou, quem apascenta o gado e não come do leite do gado? Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante.

"Se nós vos semeamos as coisas espirituais", indagou mais o apóstolo, "será muito que de vós recolhamos as carnais? Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, mais justamente, nós? Mas nós não usamos deste direito; antes suportamos tudo, para não

pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? [43] E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho". 1 Coríntios 9:7-14.

O apóstolo aqui se refere ao plano do Senhor para a manutenção dos sacerdotes que ministravam no templo. Os que eram separados para esse sagrado ofício eram mantidos por seus irmãos, aos quais ministravam bênçãos espirituais. "Os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo". Hebreus 7:5. A tribo de Levi fora escolhida pelo Senhor para os sagrados ofícios relacionados com o templo e o sacerdócio. Do sacerdote foi dito: "O Senhor teu Deus o escolheu [...] para que assista a servir no nome do Senhor". Deuteronômio 18:5. Um décimo de toda a renda era reclamado pelo Senhor como Lhe pertencendo. [...]

Foi a este plano para sustento do ministério que Paulo se referiu quando disse: "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho." E mais tarde, escrevendo a Timóteo, disse o apóstolo: "Digno é o obreiro do seu salário". 1 Timóteo 5:18. — Atos dos Apóstolos, 335, 336.

As exigências de Deus sobre nós — Deus tem direito sobre nós e tudo o que temos. Seu direito está acima de qualquer outro. E, em reconhecimento desse direito, ordena que Lhe demos uma parte proporcional fixa de tudo o que Ele nos dá. Essa parte específica é o dízimo. Sob a direção do Senhor, foi-Lhe consagrado nos tempos mais remotos. [...]

Ao libertar Deus Israel do Egito para que Lhe fosse especial tesouro, ensinou-lhes que dedicassem o dízimo de suas posses ao serviço do tabernáculo. Era essa uma oferta especial para uma obra especial. Tudo o que restava de sua propriedade era de Deus, e deveria ser usado para a Sua glória. Mas o dízimo foi separado para o sustento dos que ministravam no santuário. Deveria ser dado das primícias de todas as suas rendas, e, juntamente com as dádivas e ofertas, prover abundantes meios para a manutenção do ministério do evangelho para aquele tempo.

Deus não requer menos de nós do que requeria de Seu povo, na antiguidade. Suas dádivas a nós não são menores, mas maiores que

as concedidas ao antigo Israel. Seu serviço exige agora, e sempre exigirá, recursos. A grande obra missionária da salvação deve ser levada avante. Com o dízimo e as dádivas e ofertas, Deus fez ampla provisão para essa obra. Deseja que o ministério evangélico seja plenamente suprido. Reclama o dízimo como Seu, e este deve ser sempre considerado uma reserva sagrada, a ser colocada no Seu tesouro para o bem de Sua causa, para o avanço de Sua obra, para enviar Seus mensageiros às partes mais distantes da Terra.

Deus põe Sua mão sobre todas as coisas, tanto sobre os homens como suas posses, pois tudo Lhe pertence. Diz Ele: Eu sou o dono do mundo; Meu é o Universo, e quero que consagreis ao Meu serviço as primícias de tudo o que Eu, com as Minhas bênçãos, faço chegar às vossas mãos. Declara a Palavra de Deus: "As tuas primícias, [...] não [44] retardarás." "Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda." Exige Ele esse tributo como prova de nossa fidelidade a Ele.

Pertencemos a Deus; somos Seus filhos e filhas — Seus pela criação e Seus pelo dom de Seu Filho unigênito, para a nossa redenção. "Não sois de vós mesmos [...] fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus." A mente, o coração, a vontade, e as afeições pertencem a Deus; do Senhor é o dinheiro que manuseamos. Todo bem que recebemos e desfrutamos resulta da benevolência divina. Deus é o liberal doador de todo bem, e deseja que, da parte de quem recebe, haja reconhecimento dessas dádivas que provêem todas as necessidades do corpo e da alma. Deus só exige o que é Seu. A primeira parte é do Senhor, e deve ser usada como um tesouro que por Ele lhe foi confiado. O coração despido de egoísmo despertará quanto ao senso da bondade e do amor de Deus, e será levado a vivo reconhecimento de Suas justas reivindicações. — The Review and Herald, 8 de Dezembro de 1896. [45]

Capítulo 14 — Um plano belo e simples

O plano divino do sistema do dízimo é belo em sua simplicidade e eqüidade. Todos podem dele lançar mão com fé e ânimo, pois é divino em sua origem. Nele se aliam a simplicidade e a utilidade, e não exige profundidade de saber o compreendê-lo e executá-lo. Todos podem sentir que lhes é possível ter parte em promover a preciosa obra de salvação. Todo homem, mulher e jovem se pode tornar tesoureiro do Senhor, e agente em atender às exigências sobre o tesouro. [...]

Grandes objetivos se conseguem com este sistema. Se todos a uma o aceitassem, cada um se tornaria vigilante e fiel tesoureiro de Deus; e não haveria falta de meios com que levar avante a grande obra de anunciar a última mensagem de advertência ao mundo. O tesouro estará provido se todos adotarem esse sistema, e os contribuintes não ficarão mais pobres. A cada depósito feito, tornar-se-ão mais ligados à causa da verdade presente. Eles estarão entesourando "para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". — Testemunhos Seletos 1:367, 368.

Para ricos e pobres — No sistema bíblico de dízimos e ofertas, as quantias pagas por várias pessoas certamente variarão muito, visto serem proporcionais às rendas. Para o pobre, o dízimo será de uma importância comparativamente pequena, e suas dádivas serão de acordo com a sua possibilidade. Mas não é o vulto da dádiva que torna a oferta aceitável a Deus, é o propósito do coração, o espírito de gratidão e amor que ela expressa. Não julgue o pobre serem suas dádivas tão pequenas que não sejam dignas de nota. Dêem segundo a sua capacidade, sentindo que são servos de Deus, e que Ele lhes aceitará a oferta.

Se ama e teme a Deus, aquele a quem Ele tem confiado grande capital não considerará um fardo pesado atender às exigências de uma consciência iluminada segundo os ditames de Deus. Será o rico tentado a entregar-se ao egoísmo e à avareza, e a recusar dar ao Senhor o que Lhe pertence. Mas o que é fiel a Deus, ao ser tentado,

responderá a Satanás: "Está escrito": "Roubará o homem a Deus?" "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? ou o que dará o homem em recompensa da sua alma?" — The Review and Herald, 16 de Maio de 1893. [46]

Obrigado pela relação de concerto — Na grande obra de advertir o mundo, os que têm a verdade no coração, e são santificados pela verdade, desempenharão a parte que lhes foi designada. Serão fiéis na devolução dos dízimos e ofertas. Todo membro da igreja é obrigado pela relação de concerto com Deus a se privar de todo extravagante dispêndio de meios. Não permitamos que a falta de economia na vida doméstica nos torne incapazes de desempenhar nossa parte no fortalecimento da obra já estabelecida, e na penetração de novos territórios. — The Review and Herald, 17 de Janeiro de 1907.

Rogo aos meus irmãos e irmãs de todo o mundo que despertem quanto à responsabilidade que sobre eles recai de devolver fielmente o dízimo. [...] Mantende conta fiel com vosso Criador. Reconhecei completamente a importância de ser justo para com Aquele que tem previsão divina. Diligentemente esquadrinhe cada um o seu coração. Examine suas contas e verifique em que pé estão suas relações para com Deus.

Aquele que deu Seu Filho unigênito para morrer por vós, fez um concerto convosco. Ele vos dá Sua bênção e em troca espera que Lhe tragais vossos dízimos e ofertas. Ninguém jamais ousará dizer que não havia um meio pelo qual pudesse compreender essa questão. O plano de Deus quanto aos dízimos e ofertas é declarado de modo definido no terceiro capítulo de Malaquias. Roga Deus a Seus agentes humanos que sejam fiéis ao pacto que com eles fez. "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro", diz Ele, "para que haja mantimento na Minha casa". — The Review and Herald, 3 de Dezembro de 1901.

Não uma lei rigorosa — Alguns classificarão isto como uma das rigorosas leis a que os hebreus estavam obrigados. Não era um fardo, porém, para o coração voluntário que amava a Deus. Unicamente quando sua natureza egoísta era fortalecida pelo reter, é que os homens perdiam de vista as considerações eternas, estimando seus bens terrenos acima das pessoas. — Testemunhos Seletos 1:375.

Só era um peso para o desobediente — As Escrituras exigem que os cristãos adotem um plano de beneficência ativa, que mantenha em constante exercício o interesse pela salvação de seus semelhantes. A lei moral ordenava a observância do sábado, que não era um fardo, senão quando aquela lei era transgredida, e eles incorriam nas penas trazidas pela transgressão da mesma. O sistema dizimal não era nenhuma carga para os que não se apartavam desse plano. O sistema ordenado aos hebreus não foi rejeitado ou afrouxado por Aquele que lhe deu origem. Em vez de haver perdido agora seu vigor, deve ser mais plenamente cumprido e dilatado, pois a salvação em Cristo unicamente deve ser apresentada em maior plenitude na era cristã. [47] — Testemunhos Seletos 1:371.

Mesquinha esmola — Falo do sistema do dízimo; contudo como me parece mesquinho à mente! Que pequeno o preço! Como é vão o esforço de medir com regras matemáticas, o tempo, dinheiro e amor, em face de um amor e sacrifício incomensuráveis e que não se podem avaliar. Dízimos para Cristo! Oh, mesquinha esmola, vergonhosa recompensa daquilo que tanto custou. — Testimonies [48] for the Church 4:119.

Capítulo 15 — Uma questão de honestidade

Um espírito mesquinho e egoísta impede os homens de darem a Deus o que Lhe pertence. O Senhor fez um concerto especial com o homem, de que se eles separassem regularmente a parte destinada ao avanço do reino de Cristo, Ele os abençoaria abundantemente, de tal modo que não haveria mais lugar para receber-Lhe as dádivas. Mas se os homens retiverem o que pertence a Deus, o Senhor declara abertamente: "Com maldição sois amaldiçoados." [...]

Os que reconhecem que dependem de Deus, sentirão dever ser honestos para com os seus semelhantes, e sobre tudo para com Deus, de quem todas as bênçãos da vida advêm. A evasão a Suas ordens positivas concernentes ao dízimo e às ofertas, acha-se registrada nos livros do Céu como roubo a Deus.

Nenhum homem desonesto para com Deus ou seus semelhantes pode realmente prosperar. O Deus altíssimo, o dono do Céu e da Terra, diz: "Na tua bolsa não terás diversos pesos, um grande e um pequeno. Na tua casa não terás duas sortes de efa, uma grande e uma pequena. Peso inteiro e justo terás; efa inteiro e justo terás; para que se prolonguem os teus dias na terra que te dará o Senhor teu Deus. Porque abominação é ao Senhor teu Deus todo aquele que faz isto, todo aquele que fizer injustiça." Pelo profeta Miquéias, exprime o Senhor novamente Sua aversão à desonestidade: "Ainda há na casa do ímpio tesouros de impiedade? e efa pequeno, que é detestável? Seria Eu limpo com balança falsa? [...] Assim Eu também te enfraquecerei, ferindo-te e assolando-te por causa dos teus pecados". — The Review and Herald, 17 de Dezembro de 1889.

Perdendo a paz de consciência — Quando lidamos injustamente com os nossos semelhantes ou com nosso Deus, desprezamos-Lhe a autoridade e ignoramos o fato de que Cristo nos comprou com a Sua própria vida. O mundo está roubando a Deus por atacado. Quanto mais Ele concede riquezas, tanto mais completamente reclamam os homens que elas são suas, para serem usadas como lhes aprouver. Mas seguirão os professos seguidores de Cristo os

costumes do mundo? Perderemos a paz de espírito, a comunhão com [49] Deus e com os nossos irmãos porque deixamos de dedicar a Sua causa a parte que Ele reivindica como Sua?

Tenham em mente aqueles que pretendem ser cristãos estarem negociando com capital que lhes foi confiado por Deus, e que deles se exige que sigam fielmente a direção das Escrituras quanto a seu emprego. Se vosso coração for reto para com Deus, não vos apropriareis dos bens do vosso Senhor empregando-os nos vossos próprios empreendimentos egoístas. [...]

Irmãos e irmãs, se o Senhor vos tem abençoado com bens, não os considereis vossos. Julgai-os vossos para que os useis para Deus, e sede fiéis e honestos ao dar os dízimos e ofertas! Quando fizerdes um voto, estai certos de que Deus espera que o cumprais tão depressa quanto possível. Não prometais uma porção ao Senhor e então dela vos aproprieis para o vosso próprio uso, a fim de que as vossas orações para Ele não se tornem uma abominação. É a negligência desses deveres claramente revelados que traz trevas sobre a igreja. — The Review and Herald, 17 de Dezembro de 1889.

Nada menos que sacrilégio — Aquilo que, de acordo com as Escrituras, foi posto à parte, como pertencendo ao Senhor, constitui a renda do evangelho, e não mais nos pertence. Não é nada menos que sacrilégio, um homem lançar mão do tesouro do Senhor a fim de se servir a si, ou a outros, em seus negócios temporais. Alguns são culpados de haver retirado do altar do Senhor aquilo que Lhe foi especialmente consagrado. Todos devem considerar esse assunto sob seu verdadeiro aspecto. Ninguém vendo-se em situação precária, tire dinheiro consagrado a fins religiosos, empregando-o para seu próprio proveito, e acalmando a consciência com o dizer que o restituirá futuramente. Prefira cortar as despesas segundo as rendas que tem, restringir as necessidades e viver de acordo com os meios, a usar o dinheiro do Senhor para fins seculares. — Obreiros Evangélicos, [50] 224.

Capítulo 16 — Regularidade e planejamento

As instruções dadas pelo Espírito Santo por meio do apóstolo Paulo quanto às dádivas, apresentam um princípio que também se aplica ao dizimar: "No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade." Pais e filhos são aqui incluídos. Não se dirige apenas aos ricos mas também aos pobres. "Cada um contribua segundo propôs no seu coração [pela sincera consideração do plano prescrito de Deus] não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria." As dádivas devem ser feitas tomando em consideração a grande bondade de Deus para conosco.

E que tempo mais apropriado se poderia escolher para pôr de parte o dízimo e apresentar nossas ofertas a Deus? No sábado pensamos sobre a Sua bondade. Temos-Lhe contemplado o trabalho da criação como sendo uma evidência de Seu poder na redenção. Nosso coração está pleno de gratidão pelo Seu grande amor. E agora, antes que a lida de uma semana comece, devolvemos-Lhe o que Lhe pertence, e com isso uma oferta para demonstrar a nossa gratidão. Assim, nossa prática será um sermão semanal a declarar que Deus é o possuidor de toda a nossa propriedade, e que Ele fez de nós mordomos, para a usarmos para a Sua glória. Todo reconhecimento de nossa obrigação para com Deus fortalecerá o senso de obrigação. A gratidão se aprofunda ao lhe darmos expressão, e a alegria que ela traz é vida para a alma e para o corpo. — The Review and Herald, 4 de Fevereiro de 1902.

Primeiro o dízimo, então as ofertas — Essa questão de dar não é deixada ao impulso. Deus nos deu instrução a esse respeito. Especificou os dízimos e ofertas como sendo a medida de nossa obrigação. E Ele deseja que demos regular e sistematicamente. [...] Examine cada qual suas rendas com regularidade, pois são todas uma bênção de Deus, e ponha de parte o dízimo como um fundo separado, para ser sagradamente do Senhor. Em caso algum deve ser esse fundo dedicado a qualquer outro uso; deve ser unicamente

dedicado ao sustento do ministério do evangelho. Depois de ser o dízimo posto à parte, sejam as dádivas e ofertas proporcionais: “segundo a sua prosperidade”. — The Review and Herald, 9 de Maio de 1893. [51]

Atendendo primeiro às exigências de Deus — Não somente exige o Senhor o dízimo como sendo Seu, mas também nos diz como deve ser reservado para Ele. Diz: “Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de todas as tuas rendas.” Não nos ensina isso que devemos gastar nossos meios com nós mesmos, levando ao Senhor o restante, muito embora seja, quanto ao mais um dízimo honesto. Seja a parte de Deus separada em primeiro lugar. — The Review and Herald, 4 de Fevereiro de 1902.

Não Lhe devemos consagrar o que resta de nossas rendas, depois que todas as nossas necessidades reais ou imaginárias tenham sido satisfeitas; mas antes de qualquer parte ser gasta devemos pôr de parte aquilo que Deus especificou como Seu.

Muitas pessoas atendem a todas as exigências e obrigações inferiores e deixam a Deus apenas as últimas respigas, se as houver. Não havendo, Sua causa deve esperar até uma ocasião mais conveniente. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882. [52]

Capítulo 17 — A mensagem de Malaquias

As reprovações, advertências e promessas do Senhor são dadas em linguagem definida em Malaquias 3:8: “Roubará o homem a Deus? Todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos?” O Senhor responde: “Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação.”

O Senhor do Céu lança um repto àqueles a quem Ele tem suprido com a Sua liberalidade, para que O provem. “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.”

Essa mensagem nada perdeu de sua força. É justamente tão nova quanto a sua importância como novas e contínuas são as dádivas de Deus. Não há dificuldade em compreender qual seja nosso dever à luz desta mensagem, dada por intermédio do santo profeta de Deus. Não sois deixados a tropeçar nas trevas e na desobediência. A verdade é exposta claramente e pode ser claramente entendida por todos os que desejam ser sinceros à vista de Deus. O dízimo de toda a nossa renda é do Senhor. Ele põe a mão sobre a parte que especificou que Lhe devemos devolver e diz: Eu vos permito usar Minha generosidade, depois de terdes separado o dízimo, e de vos terdes apresentado diante de Mim com dádivas e ofertas.

O Senhor pede que Seu dízimo seja entregue em Seu tesouro. Estrita, honesta e fielmente, seja-Lhe devolvida esta parte. Além disso, Ele pede vossas dádivas e ofertas. Ninguém é forçado a apresentar ao Senhor Seus dízimos e ofertas. Mas com a mesma certeza com que a Palavra de Deus nos é dada, com essa mesma certeza requererá Ele, com juros, de todo ser humano, o que Lhe pertence. Se os homens forem infiéis em dar a Deus o que é Seu; se desrespeitarem a ordem de Deus a Seus mordomos, não terão por muito tempo a bênção daquilo que o Senhor Lhes confiou. [...]

O Senhor deu a cada um a sua obra. Devem Seus servos agir em sociedade com Ele. Se quiserem, podem os homens recusar ligar-se com o Criador; poderão recusar entregar-se ao Seu serviço [53] e negociar com os bens que Ele lhes confiou; poderão deixar de exercer a economia e o domínio próprio, e se poderão esquecer de que o Senhor exige devolução daquilo que Ele lhes deu. Todos esses são mordomos infiéis.

O mordomo fiel fará tudo o que lhe for possível no serviço de Deus; o único objeto que terá diante de si será a grande necessidade do mundo. Reconhecerá que a mensagem da verdade deve ser dada não somente na sua vizinhança, mas nas regiões distantes. Sempre que o homem alimenta esse espírito, o amor da verdade e a santificação que receberá pela verdade, banirão a avareza, a fraude e toda espécie de desonestidade Suplemento de The Review and Herald, 1 de Dezembro de 1896.

Ousado repúdio — "Compreendo que também estais proclamando que não devemos dar o dízimo. Meu irmão, tirai o sapato de vossos pés, pois o lugar em que estais é terra santa. O Senhor falou com relação a dar os dízimos. Ele disse: 'Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu vos não abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança!' [...]

"Muito recentemente tive luz direta do Senhor sobre essa questão, a de que muitos adventistas do sétimo dia estavam roubando a Deus nos dízimos e ofertas, e me foi claramente revelado que Malaquias apresentou o caso como ele realmente é. Como ousa então o homem até mesmo pensar em seu coração que uma sugestão para reter os dízimos e ofertas vem do Senhor? Onde, meu irmão, vos desviastes do caminho? Oh, ponde os vossos pés de novo no caminho reto!". — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 60.

Roubar a Deus — Ter o nome no livro da igreja não vos faz cristão. Tendes de trazer vossas dádivas ao altar de sacrifício, cooperando com Deus no máximo de vossa capacidade, para que, por vosso intermédio, possa Ele revelar a beleza de Sua verdade. Nada recuseis ao Salvador. Tudo é dEle. Nada teríeis para dar, não vos tivesse Ele dado primeiro.

O egoísmo tem penetrado e se tem apoderado do que pertence a Deus. Isso é cobiça, que é idolatria. Os homens monopolizam o que Deus lhes emprestou, como se isso fosse propriedade sua, para delas fazerem o que lhes aprouver. Quando seu poder de angariar riquezas é satisfeito, pensam que suas posses os tornam valiosos à vista de Deus. Isso é uma cilada, um engano de Satanás. Que valem a pompa e a ostentação exteriores? Que ganham os homens e mulheres com o orgulho e a condescendência própria? "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? ou que dará o homem em recompensa da sua alma?" O tesouro terreno é transitório. Somente por Cristo poderemos obter riquezas eternas. A riqueza que Ele dá está acima de toda avaliação. Tendo achado a Deus, sois [54] sumamente ricos na contemplação de Seu tesouro. "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam."

Perguntai a vós mesmos: Que estou eu fazendo com os talentos do Senhor? Estais-vos colocando no lugar em que se podem aplicar a vós as palavras: "Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação"?

Vivemos num tempo de solene privilégio e santo legado, num tempo em que nosso destino está sendo decidido para a vida ou para a morte. Despertemos. Vós que pretendeis ser filhos de Deus, trazei vossos dízimos para o Seu tesouro. Dai vossas ofertas voluntária e abundantemente, segundo Deus vos tem feito prosperar. Lembrai-vos de que o Senhor vos confiou talentos, com os quais deveis diligentemente negociar para Ele. Lembrai-vos, também, de que o servo fiel não se arroga nenhum crédito. Todo louvor e glória são dados ao Senhor: Tu me entregaste o Teu depósito. Nenhum ganho se poderia ter sem que primeiro tivesse havido um depósito. Não poderia haver juros sem o principal. O Senhor adiantou o capital. DEle vem o êxito no negócio, e a Ele pertence a glória.

Oh, se todos os que conhecem a verdade tão-somente obedecessem aos ensinos dessa verdade! Por que é que os homens, estando no próprio limiar do mundo eterno são tão cegos? Não há, por assim dizer, escassez de recursos entre os adventistas do sétimo dia. Mas muitos adventistas do sétimo dia deixam de reconhecer a responsabilidade que sobre eles repousa de cooperar com Deus e com Cristo na obra da salvação. Não revelam ao mundo o grande interesse de Deus

pelos pecadores. Não procuram aproveitar ao máximo as oportunidades que lhes são concedidas. Tem-se apoderado da igreja a lepra do egoísmo. O Senhor Jesus Cristo curará a igreja dessa terrível enfermidade, se esta quiser ser curada. O remédio encontra-se no capítulo cinqüenta e oito de Isaías. — The Review and Herald, 10 de Dezembro de 1901.

Questão séria — Coisa séria é apropriar-se dos bens do Senhor, praticar furto para com Deus; pois, ao fazê-lo, as percepções se tornam pervertidas e o coração, endurecido. Quão árida é a experiência religiosa, quão nublado o entendimento daquele que não ama a Deus com amor puro e abnegado, e que, portanto, deixa de amar ao próximo como a si mesmo. [...]

O último grande dia revelará tanto a eles como a todo o Universo que bem se poderia ter feito, não tivessem eles seguido suas inclinações egoístas, e assim roubado a Deus nos dízimos e ofertas. Poderiam ter posto seu tesouro no banco do Céu, preservando-o em sacos que não envelhecem; mas, em vez de o fazerem, gastavam-no consigo mesmos e com seus filhos, e pareciam temer que o Senhor lhes tirasse um pouco do dinheiro ou da influência, e assim tiveram [55] de sofrer perda eterna. Contemplem eles as conseqüências de reter o que é de Deus. O servo negligente, que não põe o dinheiro do Senhor a render juros, perde uma herança eterna no reino da glória. — The Review and Herald, 22 de Janeiro de 1895.

Defraudar o Senhor é o maior crime de que um homem pode ser culpado; e ainda assim é esse pecado profunda e amplamente difundido. — The Review and Herald, 13 de Outubro de 1896.

Cada dólar escriturado — Deixareis de dar ao Senhor o que Lhe pertence? Desviareis do tesouro a parte dos meios que o Senhor reivindica como Sua? Se assim é, estais roubando a Deus e cada dólar é escriturado contra vós nos livros do Céu. — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1890.

Por que as bênçãos são retidas de alguns — Apressai-vos, meus irmãos e irmãs, a levar ao Senhor dízimo fiel e levar-Lhe, também, voluntária oferta de gratidão. Muitos há que não serão abençoados enquanto não restituírem o dízimo que retiveram. O Senhor espera que redimais o passado. A mão da santa lei repousa sobre todos os que desfrutam as bênçãos de Deus. Façam, todos os que retiveram o dízimo, perfeito ajuste de contas, trazendo ao Senhor

aquilo de que haviam privado Sua obra. Fazei restituição, e levai ao Senhor ofertas pacíficas: "Que se apodere da Minha força, e faça paz comigo: sim, que faça paz comigo." Se reconhecerdes que fizestes mal em vos apropriardes indevidamente de Seus bens, arrependendo-vos franca e completamente, Ele vos perdoará a transgressão. — The Review and Herald, 10 de Dezembro de 1901.

Trevas penetram na igreja — Alguns deixam de educar o povo a cumprir com todo o seu dever. Pregam a parte de nossa fé que não cria oposição ou desagrada aos ouvintes, mas não declaram toda a verdade. O povo aprecia-lhes a pregação, mas há falta de espiritualidade porque as exigências do Senhor não são atendidas. Seu povo não Lhe dá em dízimos e ofertas o que Lhe pertence. Esse roubo a Deus, praticado tanto pelos ricos como pelos pobres, traz trevas às igrejas; e o pastor que com elas trabalha, e não lhes mostra a vontade de Deus claramente revelada, é condenado com o povo, por negligenciar seu dever. — The Review and Herald, 8 de Abril de 1884.

É registrada a retenção egoísta — Deus lê o pensamento cobiçoso em cada coração que se propõe reter o que é dEle. Ele vê os que são egoisticamente negligentes em devolver seus dízimos e levar ao tesouro as dádivas e ofertas. O Senhor Jeová compreende tudo isso. Como há diante dEle um memorial escrito daqueles que temem ao Senhor, e que se lembram do Seu nome, assim também é conservado o registro de todos os que se apropriam dos dons que Deus lhes confiou, para usar na salvação de pessoas. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1893. [56]

Grande perda para o mordomo infiel — A promessa aos que honram a Deus com a sua fazenda ainda está registrada na página sagrada. Houvesse o povo do Senhor obedecido fielmente às Suas orientações, e a promessa a eles ter-se-ia cumprido. Mas quando os homens desrespeitam as exigências de Deus, que lhe são claramente apresentadas, o Senhor lhes permite seguir seu próprio caminho, e colher o fruto de seus atos. Todo aquele que, para o seu próprio uso, se apropria da parte que Deus tem reservado, está-se demonstrando mordomo infiel. Não somente perderá o que reteve de Deus, mas também o que lhe fora confiado, como sendo seu mesmo. — The Review and Herald, 4 de Fevereiro de 1902. [57]

Capítulo 18 — Provemos o Senhor

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.” Obedeceremos a Deus trazendo todos os nossos dízimos e ofertas, a fim de que haja mantimento para atender às necessidades dos famintos do pão da vida? Deus vos convida a prová-Lo agora, ao chegar o fim do ano velho, e permitir que o novo ano vos encontre com os tesouros de Deus repletos. [...]

Diz-nos Ele que abrirá as janelas do Céu e derramará sobre nós uma bênção tal, que dela nos advirá a maior abastança. Empenha Sua palavra: “E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo não vos será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.” Assim Sua palavra é a nossa segurança de que Ele de tal maneira nos abençoará que ainda teremos maiores dízimos e ofertas para dar. “Tornai vós para Mim, e Eu tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos.”

Irmãos, cumprireis as condições? Ofertareis voluntária, alegre e abundantemente? As missões estrangeiras pedem meios da América do Norte. Pedirão em vão? As missões nacionais muito necessitam de dinheiro; foram estabelecidas pela fé, em diferentes partes do Campo. Serão elas deixadas a definhar e perecer? Não nos ergueremos? Deus ajude Seu povo a fazer o melhor que possa.

Nenhum risco se corre — Oh, que graciosas, plenas, completas garantias nos são dadas, se tão-somente fizermos o que Deus pede que façamos! Apegai-vos a essa questão como se crêsseis que o Senhor faria justamente como prometeu. Aventuremos alguma coisa sob a Palavra de Deus. Em seu ardente desejo de enriquecer, muitas pessoas correm grandes riscos, passam por alto eternas considerações e sacrificam nobres princípios, contudo podem perder tudo nesse jogo. Mas, ao atender aos convites celestes nenhum risco temos que correr. Devemos pegar a Deus pela palavra, e, em simpli-

cidade de fé, andar segundo a promessa e dar ao Senhor o que Lhe pertence. — The Review and Herald, 18 de Dezembro de 1888.

Uma razão para a adversidade — Muitos dos que professam ser cristãos provêem abundantemente para si mesmos, suprindo todas as suas necessidades imaginárias, ao passo que nenhuma atenção [58] dão às necessidades da causa do Senhor. Pensam ser ganho roubar a Deus, retendo tudo ou uma egoísta proporção de Suas dádivas como sendo deles. Porém se defrontam com perda em vez de ganho. Sua atitude resulta na supressão da misericórdia e das bênçãos. Os homens têm perdido muito devido ao seu espírito egoísta e avarento. Tivessem eles reconhecido plena e francamente as reivindicações de Deus, atendendo-Lhe as exigências, ter-se-ia Sua bênção manifestado no aumento do produto da terra. Maiores teriam sido as colheitas. As necessidades de todos teriam sido abundantemente supridas. Quanto mais dermos, tanto mais receberemos. — The Review and Herald, 8 de Dezembro de 1896.

Promessas juntamente com as ordens de Deus — Dever é dever, e deve ser realizado por amor a ele. Mas o Senhor tem compaixão de nós, na nossa condição caída, e acompanha Suas ordens com promessas. Ele convida Seu povo a prová-Lo, declarando que recompensará a obediência com as mais ricas bênçãos. [...] Anima-nos Ele a Lhe darmos, declarando que a recompensa que nos dará será proporcional às nossas dádivas a Ele. "O que semeia em abundância, em abundância também ceifará." Deus não é injusto para que Se esqueça do vosso labor, do vosso trabalho de amor.

Quão terno, quão fiel é Deus para conosco! Dá-nos, em Cristo, as mais ricas bênçãos. Por Ele, põe Sua assinatura no contrato que conosco fez. — The Review and Herald, 3 de Dezembro de 1901. [59]

Capítulo 19 — Apropriando-se dos fundos de reserva de Deus

Tem-me dado o Senhor, ultimamente, testemunhos especiais para transmitir quanto às advertências e promessas por Ele feitas por intermédio de Malaquias. Depois de haver eu falado com grande franqueza à igreja de Sydney [na Austrália], e estar colocando meu casaco, no vestuário, foi-me feita a pergunta: "Irmã White, acha que meu pai deve devolver o dízimo? Recentemente teve grande prejuízo, e diz que logo que liqüidar sua dívida, devolverá o dízimo." Perguntei: "Como considerais nossa obrigação para com Deus, que nos dá a vida e a respiração, e todas as bênçãos que desfrutamos? Quereríeis que nossa dívida para com Deus fosse continuamente aumentando? Roubar-Lhe-íeis a parte que Ele nunca nos deu para usar para qualquer outro propósito que não o de fazer Sua obra avançar, manter-Lhe os servos no ministério? Em resposta à vossa pergunta, interroga o profeta Malaquias: 'Roubará o homem a Deus? todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos?' como se não houvesse vontade de entender essa questão. Vem a resposta: 'Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação.' Depois de tal declaração, ousaria eu dizer-vos: Não precisais dar o dízimo enquanto estiverdes devendo? Quer que eu vos diga que certamente deveis pagar tudo o que deveis a qualquer homem, embora roubeis a Deus, para fazê-lo?"

Se todos aceitassem as Escrituras justamente como rezam, e abrissem o coração para compreender a Palavra do Senhor, não diriam: "Não posso ver a questão do dízimo. Não posso entender que nas minhas circunstâncias eu deva dar o dízimo." "Roubará o homem a Deus?" A conseqüência de assim fazer é francamente declarada, e eu não me arriscaria a sofrê-la. Todos os que assumirem a posição sincera e decidida de obedecer a Deus; que não tomarem os fundos de reserva do Senhor — Seu dinheiro — para liqüidar os débitos; que derem ao Senhor a parte que Ele reclama como

Sua, receberão as bênçãos de Deus prometidas a todos os que Lhe obedecem. — Special Testimonies, Serie B, 9, 10, Agosto de 1896. [60]

A verdadeira razão de reterem — Vi que alguns se têm escusado de ajudar à causa de Deus por terem dívidas. Tivessem eles examinado cuidadosamente seu próprio coração, e teriam descoberto que a verdadeira razão de não levarem a Deus oferta voluntária era o egoísmo. Alguns sempre continuarão devendo. Devido à sua cobiça, a mão prosperadora do Senhor não estará com eles, para lhes abençoar os empreendimentos. Amam mais a este mundo do que à verdade. Não estão sendo habilitados e preparados para o reino de Deus. — Testimonies for the Church 1:225.

Retiveram os dízimos devido à falta de confiança — O dízimo é sagrado, reservado por Deus para Si mesmo. Tem de ser trazido ao Seu tesouro, para ser empregado em manter os obreiros evangélicos em seu labor. Durante longo tempo o Senhor tem sido roubado, porque há pessoas que não compreendem ser o dízimo a porção que Deus Se reserva.

Alguns se têm sentido mal-satisfeitos, e dito: "Não devolverei mais o dízimo; pois não confio na maneira por que as coisas são administradas na sede da Obra." Roubareis, porém, a Deus, por pensardes que a administração da Obra não é correta? Apresentai vossa queixa franca e abertamente, no devido espírito, e às pessoas competentes. Solicitai em vossas petições que se ajustem as coisas e ponham em ordem; mas não vos retireis da obra de Deus, nem vos demonstreis infiéis porque outros não estejam fazendo o que é correto. — Obreiros Evangélicos, 226.

O primeiro dever é para com Deus — Algumas pessoas se sentem sob sagrado dever para com os filhos. A cada um devem dar seu quinhão, mas se acham incapazes de conseguir meios para auxiliar à causa de Deus. Dão a desculpa de que têm um dever para com os filhos. Pode isso ser certo, mas seu primeiro dever é para com Deus. [...] Não permitais que alguém introduza suas exigências, levando-vos a roubar a Deus. Não permitais que vossos filhos roubem vossas ofertas do altar de Deus, usando-as para seu próprio proveito. — Testimonies for the Church 1:220. [61]

Capítulo 20 — A resposta de uma consciência desperta

Como resultado das reuniões especiais na igreja de _____, tem-se feito decidido progresso na espiritualidade, piedade, caridade e atividade. Fizeram-se preleções sobre o pecado de roubar a Deus nos dízimos e ofertas. [...]

Muitos confessaram não terem devolvido o dízimo durante anos; e nós sabemos que Deus não pode abençoar os que O estão roubando, e que a igreja tem de sofrer em conseqüência dos pecados de seus membros individualmente. Há grande número de membros nos livros de nossa igreja, e se todos se prontificassem a dar dízimo fiel ao Senhor, que é a Sua porção, não haveria falta de recursos no tesouro. [...]

Ao ser apresentado o pecado de roubar a Deus, recebeu o povo mais clara visão de seu dever e privilégio nessa questão. Disse um irmão que, durante dois anos, não devolvera o dízimo e estava em desespero; mas ao confessar seu pecado, começou a criar ânimo. “Que farei?” perguntou ele.

Disse-lhe eu: “Dê um vale ao tesoureiro da igreja; isso resolverá o assunto.”

Ele pensou ser esse um pedido um tanto estranho, mas se assentou e começou a escrever. “Pelo valor recebido, prometo pagar” [...] Olhou para cima, como se quisesse dizer: É essa a devida forma para escrever um vale para o Senhor?

“Sim”, continuou, “pelo valor recebido. Não estou eu recebendo as bênçãos de Deus dia após dia? Não me têm os anjos guardado? Não me tem o Senhor abençoado com todas as bênçãos espirituais e materiais? Pelo valor recebido, prometo dar a importância de 571,50 dólares ao tesoureiro da igreja.” Depois de fazer, de sua parte, tudo o que podia, era novamente um homem feliz. Dentro de poucos dias resgatou o vale e devolveu o dízimo à tesouraria. Deu, também, uma oferta de Natal de 125 dólares.

Outro irmão deu um vale de 1.000 dólares, esperando resgatá-lo dentro de algumas semanas; e outro deu um vale de 300 dólares. — The Review and Herald, 19 de Fevereiro de 1889.

O dízimo atrasado é propriedade de Deus — Algumas pessoas têm por muito tempo negligenciado tratar honestamente com seu Criador. Deixando de separar o dízimo semanalmente, permitiram [62] que este se acumulasse, até alcançar uma grande quantia, e agora relutam muito em endireitar a questão. Conservam esse dízimo atrasado, usando-o como se fosse deles. Mas é a propriedade de Deus, que eles têm recusado pôr no Seu tesouro. — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1890.

Devem os descuidados e indiferentes redimir sua honra — Lembrem-se os que se tornam descuidados e indiferentes e que estão retendo os dízimos e ofertas, que estão bloqueando o caminho, de modo que a verdade não pode ir às regiões distantes. É-me ordenado apelar ao povo de Deus para que redima sua honra dando a Deus dízimo fiel. — Manuscrito 44, 1905.

Pagar com vales — Sexta-feira, de manhã, falei sobre a questão de dizimar. Esse assunto não tem sido apresentado às igrejas como deveria, e a negligência, juntamente com a crise financeira, causou acentuada queda nos dízimos no ano passado. Nessa assembléia, foi o assunto cuidadosamente ventilado, reunião após reunião. [...]

Certo irmão, homem de nobre aparência, delegado da Tasmânia, dirigiu-se a mim, dizendo: "Alegro-me em ouvi-la falar, hoje, sobre dizimar. Eu não sabia que essa questão fosse tão importante. Não mais ousarei negligenciá-la." Está agora calculando em quanto importava seu dízimo durante os últimos vinte anos, e diz que devolverá todo ele o mais depressa possível, pois não quer que o registro de roubo a Deus, no livro dos Céus, o enfrente no juízo.

Uma irmã, que pertencia à igreja de Melbourne, trouxe onze libras esterlinas de dízimo atrasado, que não havia compreendido ser seu dever devolver. Ao receberem a luz, muitos têm confessado sua dívida a Deus, e expressado sua determinação de saldar esse débito. [...] Propus que pusessem na tesouraria um vale, prometendo dar a quantia completa de um dízimo fiel, logo que pudessem obter dinheiro para o fazer. Muitas cabeças se inclinaram em sinal de assentimento, e confio em que, no próximo ano, não teremos, como agora, um tesouro vazio. — Manuscrito 4, 1893.

Empalidecem ao pensarem no dízimo retido — Muitas, muitas pessoas têm perdido o espírito de abnegação e sacrifício. Têm enterrado seu dinheiro nas posses temporais. Homens há a quem Deus tem abençoado e a quem está provando, para ver que resposta darão aos Seus benefícios. Têm retido seus dízimos e ofertas até sua dívida para com o Senhor Deus dos exércitos se ter tornado tão grande que eles empalideceram ao pensar em dar ao Senhor o que Lhe pertence — dízimo justo. Apressai-vos, irmãos, tendes agora a oportunidade de ser honestos para com Deus; não demoreis. — The General Conference Daily Bulletin, 28 de Fevereiro de 1893.

[63]

Enfrentando o novo ano — Que é feito de vossa mordomia? Roubastes a Deus no ano passado, nos dízimos e ofertas? Olhai para vossos celeiros, para vossas despensas repletas de boas coisas que o Senhor vos tem dado, e perguntai a vós mesmos se tendes devolvido ao Doador o que a Ele pertence. Caso tenhais roubado ao Senhor, fazei restituição. Tanto quanto possível, endireitai o passado, e então pedi ao Salvador que vos perdoe. Não devolvereis ao Senhor o que é Seu, antes que este ano, com todo o seu peso de registro tenha passado para a eternidade? — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1902.

Restituição com contrição — Onde quer que tenha havido qualquer negligência de vossa parte em restituir ao Senhor o que Lhe pertence, arrependei-vos, com contrição de alma, e fazei restituição, para que Sua maldição não recaia sobre vós. [...] Quando tiverdes feito o possível, de vossa parte, não retendo nada do que pertence a vosso Criador, podereis pedir-Lhe que proveja os meios para enviar ao mundo a mensagem da verdade. — The Review and Herald, 20 de Janeiro de 1885.

A fidelidade de Jacó — Jacó fez seu voto enquanto se achava refrigerado pelos orvalhos da graça, e revigorado pela presença e afirmação da promessa de Deus. Após haver-se dissipado a glória divina, teve tentações, como os homens de nossos tempos; foi no entanto fiel ao voto que fizera, e não abrigou pensamentos quanto à possibilidade de ser libertado do que prometera. Poderia haver raciocinado em grande parte como o fazem hoje os homens, que aquela revelação fora apenas um sonho, que ele estava indevidamente emocionado quando fizera o voto, e que portanto não era necessário cumpri-lo; mas assim não fez.

Longos foram os anos transcorridos até que Jacó ousasse volver a seu país; ao fazê-lo, porém, desempenhou-se fielmente de sua dívida para com o Senhor. Tornara-se rico, e grande soma de seus bens passou ao tesouro de Deus.

Muitos falham hoje no ponto em que Jacó teve êxito. Aqueles a quem Deus tem dado mais, têm mais forte inclinação de reter o que possuem, visto deverem dar importância proporcional a seus bens. Jacó deu o dízimo de tudo quanto possuía, e depois calculou o dízimo que usara, e deu ao Senhor o lucro daquilo que estivera usando para o próprio proveito durante o tempo em que estivera em terra pagã, e não pudera pagar seu voto. Isto representava uma grande soma; no entanto ele não hesitou; o que votara ao Senhor, não considerava como seu, mas do Senhor.

Segundo a importância concedida, será a soma requerida. Quanto maior o capital confiado, tanto maior a dádiva que Deus requer Lhe seja devolvida. Caso um cristão possua dez ou vinte mil dólares, os direitos de Deus sobre ele são imperativos no sentido de dar, não somente a proporção relativa ao sistema dizimal, mas de apresentar-Lhe as ofertas pelo pecado e as ofertas de gratidão. — Testemunhos Seletos 1:545, 546. [64]

A oração não substitui o dízimo — A oração não tem o fim de operar qualquer mudança em Deus; ela nos põe em harmonia com Ele. Não ocupa o lugar do dever. Por mais freqüentes e fervorosas que sejam as orações feitas, jamais serão aceitas por Deus em lugar de nosso dízimo. A oração não paga nossas dívidas para com o Senhor. — Mensagens aos Jovens, 248.

Antes que seja tarde demais — Não tardará muito a terminar o tempo da graça. Se não servirdes agora fielmente ao Senhor, como enfrentareis o registro de vosso trato infiel? Não demorará muito e se fará a chamada para o ajuste de contas, e vos será perguntado: "Quanto deves a meu Senhor?" Se tiverdes recusado lidar honestamente com Deus, eu vos suplico que penseis em vossa deficiência, e, sendo possível, façais a restituição. Caso não seja possível fazê-lo, com humilde arrependimento orai para que Deus vos perdoe, por amor de Cristo, a grande dívida. Começai agora a agir como cristãos. Não vos desculpeis por deixardes de dar ao Senhor o que Lhe pertence. Agora, enquanto ainda se ouve a doce voz da graça, enquanto ainda não é tarde demais para endireitar os erros, enquanto se chama

hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais o vosso coração. — The [65] Review and Herald, 1 de Dezembro de 1896.

Capítulo 21 — O emprego do dízimo

Deus deu orientação especial quanto ao emprego do dízimo. Ele não quer que Sua obra seja entravada por falta de meios. Para que não haja uma obra acidental, nem engano, Ele tornou bem claro o nosso dever sobre esses pontos. A porção que Deus reservou para Si, não deve ser desviada para nenhum outro desígnio que não aquele por Ele especificado. Ninguém se sinta na liberdade de reter o dízimo, para empregá-lo segundo seu próprio juízo. Não devem servir-se dele numa emergência, nem usá-lo segundo lhes pareça justo, mesmo no que possam considerar como obra do Senhor.

O pastor deve, por preceito e exemplo, ensinar o povo a considerar o dízimo como sagrado. Não deve pensar que o pode reter e aplicar conforme o seu próprio juízo, por ser pastor. Não lhes pertence. Ele não tem a liberdade de separar para si o que pense pertencer-lhe. Não deve apoiar qualquer plano para desviar de seu legítimo emprego os dízimos e ofertas dedicados a Deus. Eles devem ser postos em Seu tesouro, e mantidos sagrados para o serviço dEle, de acordo com o que designou.

Deus deseja que todos os Seus mordomos sejam exatos no seguir os planos divinos. Eles não devem alterar os mesmos para praticar alguns atos de caridade, ou dar algum donativo ou oferta quando e como eles, os agentes humanos, acharem oportuno. É um lamentável método da parte dos homens, procurarem melhorar os planos de Deus, inventando expedientes, tirando uma média de seus bons impulsos, contrapondo-os às reivindicações divinas. Deus requer de todos que ponham sua influência do lado de Seu próprio plano. Ele o tornou conhecido; e todos quantos quiserem cooperar com Ele, têm de levar avante este plano, em vez de ousar tentar melhorá-lo.

O Senhor instruiu a Moisés quanto a Israel: “Tu pois ordenarás aos filhos de Israel que te tragam azeite puro de oliveiras, batido para o candeeiro, para fazer arder as lâmpadas continuamente”. Êxodo 27:20. Isso devia ser uma oferta contínua, para que a casa de Deus fosse devidamente provida do que era necessário para Seu serviço.

Seu povo de hoje precisa lembrar que a casa de culto é propriedade do Senhor, e que deve ser escrupulosamente cuidada. Mas o fundo para essa obra não deve provir do dízimo.

Uma mensagem muito clara, definida, me foi dada para nosso povo. É-me ordenado dizer-lhes que estão cometendo um erro em [66] aplicar os dízimos a vários fins, os quais, embora bons em si mesmos, não são aquilo em que o Senhor disse que o dízimo deve ser aplicado. Os que assim o empregam, estão-se afastando do plano de Deus. Ele os julgará por essas coisas.

Outros ramos devem ser mantidos, mas não com os dízimos — Um raciocina que o dízimo pode ser aplicado para fins escolares. Outros argumentam ainda que os colportores devem ser sustentados com o dízimo. Comete-se grande erro quando se retira o dízimo do fim em que deve ser empregado — o sustento dos pastores. [...]

O dízimo pertence ao Senhor, e todos aqueles que tocam nele serão punidos com a perda de seu tesouro celestial, a menos que se arrependam. Que a obra não continue mais a ser impedida porque o dízimo foi desviado para vários fins diversos daquele para que o Senhor disse que ele devia ir. Devem-se estabelecer provisões para esses outros ramos da obra. Eles devem ser mantidos, mas não do dízimo. Deus não mudou; o dízimo tem de ser ainda empregado para a manutenção do ministério. — Obreiros Evangélicos, 224-227.

Inclui os professores de Bíblia — Nossas Associações olham para as escolas em busca de obreiros educados e bem preparados, e deviam dar-lhes, a essas escolas, um apoio mais caloroso e inteligente. Tem sido comunicada positiva luz para que os que ministram em nossas escolas ensinando a Palavra de Deus, explicando as Escrituras, educando os alunos nas coisas divinas, sejam sustentados com o dinheiro do dízimo. Estas instruções foram dadas há muito tempo, e mais recentemente têm sido aqui e ali repetidas. — Testemunhos Seletos 2:473.

Não é um fundo para os pobres — O dízimo é separado para um uso especial. Não deve ser considerado fundo para os pobres. Deve ser dedicado especialmente ao sustento dos que estão levando a mensagem de Deus ao mundo; e não deve ser desviado desse propósito. — The Review and Herald, 1 de Dezembro de 1896.

Não é para as despesas da igreja — Foi-me mostrado que é um erro usar o dízimo para atender a despesas ocasionais da igreja.

Neste ponto, tem havido um desvio dos métodos corretos. Seria muito melhor vestir de maneira menos dispendiosa, reduzir vossos desejos, praticar a abnegação e atender a essas despesas. Assim fazendo, tereis uma consciência limpa. Mas estais roubando a Deus cada vez que pondes a mão no tesouro a fim de tirar fundos para atender às despesas correntes da igreja. — Special Testimonies, Serie B, 6, 7. [67]

Capítulo 22 — Educação pelos pastores e oficiais da igreja

Os que saem como pastores, têm uma solene responsabilidade pesando sobre eles, a qual é estranhamente negligenciada. Alguns gostam de pregar, mas não dedicam trabalho pessoal às igrejas. Há grande necessidade de instruções relativamente a obrigações e deveres para com Deus, especialmente no que respeita à devolução honesta do dízimo. Nossos pastores sentir-se-iam grandemente entristecidos se não fossem prontamente pagos por seu trabalho; mas, consideram eles que deve haver alimento no tesouro de Deus, com que se sustentem os obreiros? Se eles deixam de fazer todo o seu dever em educar o povo a ser fiel no devolver a Deus o que Lhe pertence, haverá falta de meios no tesouro para levar avante a obra do Senhor.

O superintendente do rebanho de Deus, deve-se desempenhar fielmente de seu dever. Se, porque isso lhe é desagradável, ele toma a atitude de deixar que qualquer outro o faça, não é um obreiro fiel. Leia ele as palavras do Senhor em Malaquias, acusando o povo de roubo para com Ele ao reterem os dízimos. O poderoso Deus declara: "Com maldição sois amaldiçoados". Malaquias 3:9. Quando aquele que ministra por palavra e doutrina, vê o povo seguindo um caminho que trará sobre si essa maldição, como pode negligenciar seu dever de dar instruções e advertências? Todo membro de igreja deve ser ensinado a ser fiel em devolver um dízimo honesto. — Obreiros Evangélicos, 228.

Instruindo novos conversos — O obreiro nunca deve deixar parte do trabalho por fazer, porque esta lhe não agrade, pensando que o pastor que vier depois a fará por ele. Quando assim acontece, se vem um segundo pastor, e apresenta as exigências de Deus quanto a Seu povo, alguns voltam atrás, dizendo: "O pastor que nos trouxe a verdade, não mencionou essas coisas." E se escandalizam com a palavra. Alguns recusam aceitar o sistema do dízimo; afastam-se, e não se unem mais com os que crêem na verdade e a amam. Quando

outros pontos lhes são expostos, dizem: “Não nos foi ensinado assim”, e hesitam em avançar. Quanto melhor teria sido se o primeiro mensageiro da verdade houvesse educado fiel e cabalmente esses conversos quanto a todos os assuntos essenciais, mesmo que poucos [68] se houvessem unido à igreja pelo seu trabalho. Deus ficaria mais satisfeito com seis pessoas inteiramente convertidas à verdade, do que com sessenta fazendo profissão de fé, mas não estando de fato convertidas.

É parte da obra do pastor ensinar os que aceitam a verdade mediante seus esforços, a trazerem os dízimos ao tesouro, como testemunho de que reconhecem sua dependência de Deus. Os recém-conversos devem ser plenamente esclarecidos com relação ao seu dever de devolver ao Senhor o que Lhe pertence. O mandamento de devolver o dízimo é tão claro, que não há sombra de desculpa para desatendê-lo. Aquele que negligencia dar instruções a esse respeito, deixa por fazer uma parte importantíssima de sua obra.

Os pastores devem procurar também impressionar o povo com respeito à importância de tomarem outras responsabilidades em relação à obra de Deus. Ninguém é isento da obra de liberalidade. Deve-se ensinar ao povo que cada departamento da causa de Deus lhes deve merecer o apoio e atrair o interesse. O grande campo missionário acha-se aberto diante de nós, e esse assunto deve ser agitado, agitado, uma e outra vez. Deve-se fazer o povo compreender que não serão os ouvintes, mas os praticantes da Palavra, os que hão de alcançar a vida eterna. E é mister que se lhes ensine também que os que se tornam participantes da graça de Cristo, não somente devem partilhar seus recursos para o avançamento da verdade, mas cumpre-lhes entregar-se também, sem reservas, a Deus. — Obreiros Evangélicos, 369-371.

O dever do pastor — Nomeie a igreja pastores ou anciãos que sejam dedicados ao Senhor Jesus, e cuidem esses homens de que se escolham oficiais que se encarreguem fielmente do trabalho de recolher o dízimo. Se os pastores não se demonstrarem aptos para o cargo, se deixarem de apresentar à igreja a importância de devolver ao Senhor o que Lhe pertence, se não cuidarem de que os oficiais que estão sob suas ordens sejam fiéis, e que o dízimo seja trazido, estão em perigo. Estão negligenciando uma questão que envolve uma bênção ou maldição para a igreja. Devem ser afastados de

sua responsabilidade, e outros homens devem ser experimentados e provados.

Devem os mensageiros do Senhor cuidar de que os membros da igreja Lhe cumpram fielmente as ordens. Deus diz que deve haver mantimento em Sua casa, e se se lidar indevidamente com o dinheiro do tesouro, se se considerar direito as pessoas usarem o dízimo como quiserem, o Senhor não poderá abençoar. Ele não pode suster os que pensam poder fazer o que querem com o que Lhe pertence. — The Review and Herald, 1 de Dezembro de 1896.

A responsabilidade dos oficiais da igreja — É o dever dos anciãos e oficiais da igreja instruir o povo nessa importante questão, e pôr as coisas em ordem. Como coobreiros de Deus, devem os [69] oficiais da igreja ser corretos nesse assunto claramente revelado. Devem os próprios pastores ser estritos quanto a executar ao pé da letra os preceitos da Palavra de Deus. Os que ocupam posição de responsabilidade na igreja não devem ser negligentes, devem antes fazer com que os membros sejam fiéis em cumprir esse dever. [...] Sigam os anciãos e oficiais da igreja a orientação da Palavra Sagrada, e insistam com os membros sobre a necessidade de ser fiéis em pagar os votos, dízimos e ofertas. — The Review and Herald, 17 de Dezembro de 1889.

Ensinar os pobres a serem liberais — Freqüentemente os que recebem a verdade se acham entre os pobres do mundo; não devem, porém, fazer disso uma desculpa para negligenciar os deveres que sobre eles recaem em vista da preciosa luz que receberam. Não devem permitir que a pobreza os impeça de depositar um tesouro no Céu. As bênçãos ao alcance do rico, acham-se também ao seu alcance. Se são fiéis no emprego do pouco que possuem, seu tesouro no Céu aumentará segundo sua fidelidade. É o motivo pelo qual trabalham, não a quantidade feita, que torna sua oferta valiosa à [70] vista do Céu. — Obreiros Evangélicos, 222.

Capítulo 23 — Os princípios da mordomia

Estamos nós, como indivíduos, examinando a Palavra de Deus cuidadosamente e com oração, para não nos afastarmos de seus preceitos e exigências? O Senhor não nos contemplará com prazer se retivermos qualquer coisa, seja pequena ou grande, que Lhe deva ser devolvida. Se desejarmos gastar dinheiro para satisfazer nossas próprias inclinações, pensemos no bem que, com esse dinheiro, poderíamos fazer. Separemos, para o Mestre, quantias pequenas e grandes, a fim de que a obra possa ser edificada em outros lugares. Caso gastemos egoistamente o dinheiro tão necessário, o Senhor não nos abençoará com o Seu louvor, nem o poderá fazer.

Como despenseiros da graça de Deus, estamos lidando com o dinheiro do Senhor. Muito, muitíssimo significa para nós sermos fortalecidos, dia a dia, pela Sua abundante graça, sermos capazes de compreender Sua vontade, sermos achados fiéis tanto no pouco como no muito. Quando tal for a nossa experiência, o serviço de Cristo será para nós uma realidade. Deus requer isso de nós, e diante dos anjos e dos homens devemos revelar nossa gratidão pelo que Ele tem feito por nós. A benevolência de Deus para conosco, devemos nós retribuir em louvor e atos de misericórdia. [...]

Reconhecem todos os membros da igreja que tudo o que têm lhes é dado para ser usado e aperfeiçoado para a glória de Deus? Deus tem uma conta fiel com todo ser humano de nosso mundo. E, quando o dia de ajuste de contas chegar, não reclamará o mordomo fiel crédito algum para si. Não dirá: "Meu talento"; mas "Teu talento ganhou" outros talentos. Sabe que sem que lhe fosse confiado o dom, nenhum aumento poderia ter havido. Pensa que no desempenho fiel de sua mordomia nada mais fez que seu dever. O capital era do Senhor, e pelo Seu poder foi habilitado a com ele negociar com êxito. Seu nome apenas deve ser glorificado. Sabe que sem o capital que lhe foi confiado entraria em bancarrota para a eternidade.

A aprovação do Senhor é recebida quase com surpresa, não é portanto esperada. Mas Cristo lhe diz: "Bem está, bom e fiel servo.

Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do [71] teu Senhor”. — The Review and Herald, 12 de Setembro de 1899.

Como Deus prova seus mordomos — Quão inclinado é o homem a pôr as afeições nas coisas terrenas! Absorve-se-lhe a atenção em casas e terras, e o dever para com os semelhantes é negligenciado; sua própria salvação é tratada como se fosse coisa de pouca conseqüência, sendo esquecidas as reivindicações de Deus sobre ele. Os homens apegam-se aos tesouros terrenos com tanta tenacidade como se os pudessem reter para sempre. Parecem pensar que têm o direito de fazer com seus meios o que bem lhes aprouver, não importando o que o Senhor tenha ordenado ou qual seja a necessidade de seus semelhantes.

Esquecem-se de que tudo o que reclamam como seu, simplesmente lhes foi entregue em confiança. São despenseiros da graça de Deus. Deus lhes confiou esse tesouro para prová-los, para que manifestem Sua atitude para com Sua causa, e revelem os pensamentos que tinham no coração para com Ele. Eles não estão apenas negociando para o tempo, mas para a eternidade, com o dinheiro de Seu Senhor, e o uso ou abuso de seu talento determinar-lhes-á a posição e a confiança no mundo vindouro. — The Review and Herald, 14 de Fevereiro de 1888.

Uma questão prática — A idéia de mordomia devia ter influência prática sobre todo o povo de Deus. [...] A beneficência prática dará vida espiritual a milhares de professos nominais da verdade que ora lamentam as próprias trevas. Ela os transformará de egoístas e cobiçosos adoradores de Mamom, em zelosos, fiéis colaboradores de Cristo na salvação dos pecadores. — Testemunhos Seletos 1:365, 366.

No lugar do dono da casa — O mordomo identifica-se com o patrão. Aceita as responsabilidades de um mordomo e deve agir em lugar do dono da casa, fazendo o que este faria se estivesse presidindo. Os interesses do senhor tornam-se seus. A posição do mordomo é uma posição de dignidade, porque o patrão nele confia. Se, de qualquer modo, atuar egoistamente, e reverter as vantagens obtidas pelo negociar com os bens de seu senhor em proveito próprio, trai a confiança nele depositada. — Testimonies for the Church 9:246.

O uso egoísta da riqueza prova infidelidade para com Deus e torna o mordomo inapto para gerir bens celestiais. — Testemunhos Seletos 3:42. [72]

Capítulo 24 — Nossos talentos

A parábola dos talentos devidamente compreendida, excluirá a cobiça, que Deus chama de idolatria. — Testemunhos Seletos 1:365.

Deus tem concedido talentos aos homens — um intelecto para inventar, um coração para ser o lugar de Seu trono, afeições que extravasem em bênçãos para outros, uma consciência para convencer do pecado. Cada um tem recebido algo do Mestre, e devem todos fazer sua parte em suprir as necessidades da obra de Deus.

Deus deseja que Seus obreiros olhem para Ele como o Doador de tudo que possuem, que se lembrem de que tudo o que têm e são vem daquele que é maravilhoso em conselho e grande em obra. O delicado toque da mão do médico, seu poder sobre os nervos e os músculos, seu conhecimento do delicado organismo do corpo, são a sabedoria do poder divino, para ser usada em prol da humanidade sofredora. A habilidade com que o carpinteiro usa o martelo, a força com que o ferreiro faz retinir a bigorna, vêm de Deus. Ele tem confiado talentos aos homens, e deseja que O procurem em busca de conselho. Poderão assim usar-Lhe os dons com infalível aptidão, testificando que são coobreiros de Deus.

A propriedade é um talento. Deus envia a Seu povo a mensagem: "Vende tudo quanto tens e dá esmolas." Tudo que temos é, sem dúvida alguma, do Senhor. Ele nos pede que despertemos, para levar uma parte do fardo de Sua causa, a fim de que Sua obra possa prosperar. Todo cristão deve desempenhar sua parte como mordomo fiel. Os métodos de Deus são judiciosos e certos, e devemos negociar com nossas moedas e notas devolvendo-Lhe nossas ofertas voluntárias, para manter Sua obra, para levar pessoas a Cristo. Grandes e pequenas somas devem fluir para o tesouro do Senhor. [...]

A fala é um talento. De todos os dons concedidos à família humana, nenhum outro deve ser mais apreciado que o dom de falar. Deve ser usado para declarar a sabedoria e o maravilhoso amor de Deus. Assim devem os tesouros da Sua sabedoria e da Sua graça ser comunicados.

Quando o Salvador em nós habita, as palavras O revelam. Mas o Espírito Santo não habita no coração daquele que se impacienta quando os outros não concordam com suas idéias e planos. Dos lábios de tal homem saem palavras fulminantes, que afugentam o Espírito e desenvolvem atributos satânicos, em vez de divinos. O Senhor deseja que os que estão ligados a Sua obra falem, a todo [73] tempo, com a mansidão de Cristo. Se fordes provocados, não vos impacienteis. Manifestai a brandura de que Cristo nos deu o exemplo em Sua vida. [...]

A força é um talento, e deve ser usada para glorificar a Deus. Nosso corpo Lhe pertence. Ele pagou o preço da redenção tanto pelo corpo como pela alma. [...] Melhor podemos servir a Deus no vigor da saúde do que na apatia da doença; portanto, deveríamos cooperar com Deus no cuidado de nosso corpo. O amor de Deus é indispensável à vida e à saúde. A fé em Deus é necessária para que tenhamos saúde. A fim de que tenhamos saúde perfeita, deve nosso coração estar cheio de amor, esperança e alegria no Senhor. [...]

A influência é um talento, e é um poder para o bem quando penetra em nosso trabalho o fogo sagrado aceso por Deus. A influência de uma vida santa tanto é sentida no lar como em toda parte. A beneficência prática, a abnegação e o sacrifício próprio que assinalam a vida de um homem exercem influência para o bem sobre aqueles com quem este se associa. [...]

Segundo a capacidade do recebedor — No plano do Senhor, há diversidade na distribuição dos talentos. A um homem é dado um talento, a outro cinco, a outro dez. Esses talentos não são conferidos caprichosamente, mas segundo a capacidade de quem os recebe.

De acordo com os talentos concedidos serão os juros exigidos. A obrigação maior recai sobre quem se tornou mordomo de maior aptidão. O homem que tem dez dólares é tido como responsável por tudo o que se poderia fazer com dez dólares, caso fossem eles usados corretamente. O que só tem dez centavos apenas é responsável por essa quantia. [...]

É a fidelidade com que se usou o talento que granjeia o louvor do Senhor. Se quisermos ser reconhecidos como servos bons e fiéis, devemos fazer trabalho perfeito e consagrado em prol do Mestre. Ele recompensará o serviço diligente e honesto. Se os homens nEle puserem a sua confiança, se Lhe reconhecerem a compaixão e

benevolência, e humildemente andarem diante dEle, Ele com eles cooperará. Aumentar-lhes-á os talentos.

“Negociai até que eu venha” — Deus nos deixou encarregados dos Seus bens, na Sua ausência. Cada mordomo tem um trabalho especial a fazer para o avanço do reino de Deus. Ninguém é escusado. O Senhor nos ordena a todos: “Negociai até que Eu venha.” Pela sabedoria que Lhe é própria, tem-nos dado orientação quanto ao uso de Seus dons. Os talentos da fala, memória, influência, propriedade, devem ser acumulados para a glória de Deus e o avanço de Seu [74] reino. Ele abençoará o devido uso de Seus dons.

Alegamos ser cristãos, esperarmos a segunda vinda de nosso Senhor nas nuvens do Céu. Que faremos, então, com nosso tempo, compreensão e posses, que não são nossos, mas nos foram confiados para provar nossa fidelidade? Levemo-los a Jesus. Empreguemos nossos tesouros no avanço de Sua causa. Obedecer-Lhe-emos assim a ordem: “Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. — The Review and Herald, 9 de Abril de 1901.

A cada homem a sua obra — Chegou-se a entender que os talentos só são dados a uma certa classe privilegiada, com exclusão de outros que, certamente, não são chamados a partilhar das tarefas ou recompensas. Mas não é isso o que a parábola apresenta. Quando o Senhor da casa chamou os servos, deu a cada homem sua obra. Toda a família de Deus é incluída na responsabilidade de usar os bens de Seu Senhor. [...]

Num grau maior ou menor, a todos são confiados os talentos de seu Senhor. A capacidade espiritual, mental e física, a influência, condição social, posses, afetos, simpatia, são todos preciosos talentos, que devem ser usados na causa do Mestre, para a salvação daqueles por quem Cristo morreu. — The Review and Herald, 26 de Outubro de 1911.

Por que são concedidos talentos — Deve o povo de Deus reconhecer o fato de que Deus não lhes deu talentos para que enriqueçam com bens terrenos, mas a fim de que possam pôr de reserva um bom

fundamento para o tempo futuro, a saber, para a vida eterna. — The Review and Herald, 8 de Janeiro de 1895. [75]

Capítulo 25 — Responsabilidades do homem de um talento

Alguns daqueles a quem foi confiado apenas um talento se escusam por não terem um número tão grande de talentos como os que receberam muitos talentos. Como o mordomo infiel, escondem na terra o talento. Temem dar a Deus o que Ele lhes confiou. Empenham-se em empreendimentos mundanos, mas pouco investem, se é que investem alguma coisa, na causa de Deus. Esperam que os que têm grandes talentos suportem o peso do trabalho, enquanto eles acham não serem responsáveis pelo seu êxito e progresso. [...]

Muitos dos que professam amar à verdade estão fazendo essa mesma obra. Enganam a si próprios, pois Satanás lhes cegou os olhos. Ao roubarem a Deus, estão roubando mais a si mesmos. Devido a sua cobiça e ao seu coração mau e incrédulo, têm-se privado do tesouro celestial.

Por terem apenas um talento, temem confiá-lo a Deus, e o escondem na terra. Sentem-se isentos de responsabilidade. Gostam de ver o progresso da verdade, mas não pensam que são convidados a praticar a abnegação, e a ajudar o trabalho pelos seus próprios esforços individuais e com os seus meios, ainda que não tenham quantia muito grande. [...]

A todos foram confiados talentos — A todos, tanto aos importantes como humildes, ricos e pobres, tem o Mestre conferido talentos; a alguns mais, a outros menos, segundo sua variada capacidade. A bênção de Deus repousará sobre os obreiros sinceros, amáveis e diligentes. Seu investimento terá êxito, e ganhará muitos para o reino de Deus, e eles mesmos um tesouro imortal. São todos agentes morais e lhes são confiados os bens do Céu. O valor dos talentos concedidos será de acordo com a capacidade de cada um.

Deus dá a todo homem a sua obra, e espera retribuição correspondente, segundo seu variado depósito. Não exige do homem a quem deu apenas um talento, juros de dez talentos. Não espera que o pobre dê esmolas como o rico. Não espera do fraco e sofredor, a

atividade e força que um homem sadio tem. Um único talento, usado da melhor maneira, será aceito por Deus "conforme o que o homem tem, e não segundo o que ele não tem". [76]

Deus nos chama de servos, o que indica sermos por Ele empregados para fazer certo trabalho, e assumir responsabilidades. Tem-nos emprestado capital para que o empreguemos. Não é nossa propriedade, e desagradamos a Deus se o acumulamos, ou se gastamos como nos apraz os bens de nosso Senhor. Somos responsáveis pelo uso ou abuso daquilo que Deus assim nos tem emprestado. Se esse capital que o Senhor colocou em nossas mãos ficar parado, ou se o enterrarmos no solo, ainda que seja apenas um talento, seremos chamados às contas pelo Mestre. Ele exige, não o que é nosso, mas o que é Seu, com os juros.

Cada talento devolvido ao Mestre será minuciosamente pesquisado. A conduta dos filhos de Deus e a confiança neles depositada não serão consideradas uma questão sem importância. Lidar-se-á pessoalmente com cada pessoa e dela se exigirá que dê contas dos talentos que lhe foram confiados, quer os tenha desenvolvido quer deles tenha feito mau uso. A recompensa dada será na proporção dos talentos aperfeiçoados. O castigo será infligido de acordo com o mau uso que deles se fez. — The Review and Herald, 23 de Fevereiro de 1886.

Os talentos confiados devem ser usados — Ninguém se deveria queixar de não ter maiores talentos. Quando usarem para a glória de Deus os talentos que ele lhes tem confiado, prosperarão. Não é tempo agora, de lamentar nossa situação na vida, e desculpar nossa negligência de desenvolver nossa capacidade porque não temos a capacidade e posição de outros, dizendo: Oh, se eu tivesse o seu dom e a sua capacidade, poderia investir grande capital pelo meu Mestre! Se tais pessoas usarem sabiamente e bem o único talento que têm, isso é tudo o que o Senhor deles exige. [...]

Confio em que, em cada igreja, se envidem esforços para despertar os que nada estão fazendo. Que Deus faça essas pessoas reconhecerem que delas exigirá o único talento com os juros; e que, se negligenciarem granjear outros talentos além daquele, sofrerão a perda desse talento e da própria salvação também. Esperamos ver uma transformação em nossas igrejas. O Chefe de família está Se preparando para voltar e pedir contas a Seus servos dos talentos que

lhes confiou. Deus Se apiade então dos que nada fazem! Os que ouvirem as palavras de aprovação: "Bem está, servo bom e fiel", terão feito bem no aperfeiçoamento de sua capacidade e meios, para a glória de Deus. — The Review and Herald, 14 de Março de 1878.

Talentos não desenvolvidos — Alguns estão prontos a dar segundo o que têm, e acham que Deus não tem mais a exigir deles, porquanto não possuem muitos recursos. Não têm rendas que possam poupar das necessidades da família. Muitos desses, porém, poder-se-iam perguntar: Estou eu dando segundo poderia ter possuído? O desígnio de Deus era que suas faculdades físicas e mentais fossem empregadas. Alguns não têm aproveitado da melhor maneira [77] as aptidões que Deus lhes concedeu. O homem foi contemplado com o labor. Este foi ligado à maldição, pois que o pecado o tornou necessário. O bem-estar físico, mental e moral do homem torna necessária uma vida de útil labor. "Não sejais vagarosos no cuidado", é a recomendação do inspirado apóstolo Paulo.

Pessoa alguma, seja rica, seja pobre, pode glorificar a Deus por uma vida de indolência. Todo o capital possuído pelos pobres, é o tempo e as forças físicas; e muitas vezes isto é gasto no amor da comodidade e em descuidosa indolência, de modo que nada têm para levar a seu Senhor em dízimos e ofertas. Se a homens cristãos falta sabedoria para trabalhar da maneira mais proveitosa, e fazer judicioso emprego de suas faculdades físicas e mentais, deveriam ter humildade e mansidão de espírito para receber conselhos de seus irmãos, de modo que o melhor discernimento deles lhes possa suprir as deficiências. Muitos pobres agora satisfeitos com não fazer coisa alguma em benefício de seus semelhantes e para o progresso da causa de Deus, muito poderiam fazer, caso o quisessem. São tão responsáveis diante de Deus por seu capital de forças físicas, como é o rico pelo capital em dinheiro. — Testemunhos Seletos 1:379, 380.

Responsabilizados pela força física — Vi que os que não têm propriedade mas possuem força física, são perante Deus responsáveis por ela. Devem ser diligentes no trabalho e de espírito fervoroso; não devem deixar que os que têm posses façam todo o sacrifício. Vi que eles podem sacrificar, e que é seu dever fazê-lo, da mesma maneira que os que possuem propriedades. Muitas vezes, porém, os que não possuem bens não compreendem que se podem negar a si mesmos de muitas maneiras, podem gastar menos consigo mesmos

e satisfazer menos seus gostos e apetites, e encontrar muito em que poupar para a causa, ajuntando assim tesouros no Céu. — Testemunhos Seletos 1:31.

Devem os que têm força física usá-la no serviço de Deus. Devem trabalhar com as mãos, e ganhar recursos para empregar na causa de Deus. Os que podem obter trabalho, devem trabalhar fielmente, e aproveitar as oportunidades que se lhes apresentarem para ajudar os que não conseguem obter trabalho. — The Review and Herald, 21 de Agosto de 1894.

Não encorajar a indolência — Ensina-nos a Palavra de Deus que se um homem não quer trabalhar, também não deve comer. O Senhor não exige que o homem que trabalha arduamente sustente os que não são diligentes. Há um desperdício de tempo, uma falta de esforço, que leva à pobreza e necessidade. Caso essas faltas não sejam vistas e corrigidas pelos que com elas condescendem, tudo o que se poderia fazer em seu favor seria como pôr um tesouro num cesto furado. Mas há uma pobreza inevitável; e devemos manifestar ternura e compaixão para com os desafortunados. — The Review and Herald, 3 de Janeiro de 1899. [78]

Capítulo 26 — Roubando a Deus o justo serviço

Homens há, nas fileiras dos observadores do sábado, que se estão agarrando firmemente aos seus tesouros terrestres. Estes são o seu deus, seu ídolo; e eles amam seu dinheiro, fazendas, gado, e sua mercadoria mais do que a seu Salvador, que por amor de vós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêsseis. Exaltam seus tesouros terrenos, considerando-os de maior valor que a salvação dos homens. Dir-se-á a tais pessoas: "Bem está"? Não; nunca. A irrevogável sentença, "Apartai-vos", ferir-lhes-á os assustados sentidos. Cristo não Se pode deles servir. Têm sido servos indolentes, acumulando os meios que Deus lhes deu, enquanto seus semelhantes perecem na escuridão e no erro.

Nessa questão, meu coração sente até as profundezas. Dormirão os homens de posses até que seja tarde demais? até que Deus rejeite a eles e aos seus tesouros, dizendo: "Eia pois agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós." Que revelação se fará no dia de Deus, quando os tesouros acumulados e os salários diminuídos por fraude clamarem contra seus possuidores, que professavam ser bons cristãos e se jactavam de estar guardando a lei de Deus, quando amavam mais o ganho que o que fora comprado pelo sangue de Cristo, a salvação das pessoas.

Agora é o tempo de todos trabalharem. [...] Que muitos responderão no dia de Deus, quando Ele perguntar: Que fizestes por Mim, que dei Minhas riquezas, Meu sangue, Minha honra, Meu mandamento e Minha vida para vos salvar da ruína? Os que nada fazem emudecerão nesse dia. Verão o pecado de sua negligência. Privaram a Deus do serviço de toda uma vida. A ninguém influenciaram para o bem. Não levaram uma pessoa a Jesus. Sentiam-se contentes em nada fazer pelo Mestre; e não têm nenhuma recompensa senão a per-

dição eterna. Perecem com os ímpios, embora professassem seguir a Cristo. — The Review and Herald, 14 de Março de 1878.

O grande pecado de cristãos professos — Todo homem, seja qual for seu negócio ou profissão, deve tornar a causa de Deus seu primeiro interesse; não somente deve empregar seus talentos para [79] o avanço da obra do Senhor, mas também, para esse fim, cultivar suas aptidões. Muito homem dedica meses e anos à aquisição de um ofício ou profissão para que se possa tornar trabalhador de êxito no mundo; e, no entanto, nenhum esforço especial faz no sentido de cultivar os talentos que o tornariam obreiro de êxito na vinha do Senhor. Perverteu suas faculdades, malbaratou os talentos. Mostrou desrespeito para com o Mestre celestial. Esse é o grande pecado do professo povo de Deus. Servem a si mesmos e servem ao mundo. Podem ter o nome de financistas sagazes e de êxito; mas negligenciam aumentar, pelo uso, os talentos que Deus lhes deu para o Seu serviço. O tato mundano está se desenvolvendo pelo exercício; o espiritual se está enfraquecendo devido à inatividade. — The Review and Herald, 1 de Janeiro de 1884.

O pecado da negligência — Se aqueles cujos talentos se estão enferrujando pela inércia buscassem o auxílio do Espírito Santo, e fossem trabalhar, ver-se-ia muito mais realizado. Urgentes apelos de auxílio despertariam os corações; e a resposta seria: "Faremos o que pudermos, na nossa fraqueza e ignorância, buscando o auxílio do grande Mestre para obter sabedoria." Será que em meio a todas essas portas abertas para serem úteis, a esses patéticos pedidos de auxílio, homens e mulheres ainda se assentarão de braços cruzados ou empregarão apenas esses braços no trabalho egoísta para a obtenção das coisas terrenas?

"Vós sois a luz do mundo", disse Jesus aos discípulos. Quão poucos, porém, estão cônscios de seu próprio poder e influência; quão poucos reconhecem o que poderiam fazer para ajudar aos outros e ser-lhes uma bênção. Envolvem seu talento num lenço e o sepultam na terra, e se jactam de possuir a mais recomendável humildade. Mas os livros do Céu testificam contra esses indolentes como sendo servos ociosos e ímpios que estão pecando gravemente contra Deus, ao negligenciarem o trabalho que Ele lhes deu. Não terão desculpas para dar, quando os registros celestes se abrirem, revelando-lhes a evidente negligência.

Seja qual for o talento que nos tenha sido confiado, de nós se exige que o usemos no serviço de Deus, e não a serviço de Mamom. [...]

Os que estão escondendo seus talentos na Terra, lançam fora sua oportunidade de obter uma coroa adornada de estrelas. Até que se faça a grande revelação do juízo final, nunca se saberá quantos homens e mulheres têm feito tal coisa, nem quantas vidas se extinguiram nas trevas porque os talentos dados por Deus têm sido enterrados nos negócios, em vez de serem usados no serviço do Doador. [...]

Homens [...] podem interessar-se em minas que proporcionem grandes lucros em prata e ouro. Podem dedicar a vida inteira à aquisição de tesouros terrestres, mas morrem e deixam tudo para trás. [80] Não podem levar um dólar consigo, para os enriquecer no grande além. São sábios esses homens? Não serão loucos em deixarem passar as preciosas horas da graça sem fazer o devido preparo para a vida futura? Os sábios guardarão “um tesouro nos Céus que nunca acabe” — “um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna”. Se quisermos alcançar riquezas permanentes, comecemos agora a transferir nosso tesouro para o outro lado, e nosso coração estará onde o nosso tesouro estiver. — The Review and Herald, 7 de Outubro de 1884. [81]

Capítulo 27 — Enfrentando o dia do juízo

Deus a ninguém compele a amá-Lo e obedecer à Sua lei. Manifestou inexprimível amor ao homem no plano da redenção. Derramou os tesouros da Sua sabedoria e deu o mais precioso dom do Céu, para que fôssemos constrangidos a amá-Lo e a nos pôr em harmonia com Sua vontade. Se rejeitarmos tal amor, e não quisermos que governe sobre nós, estaremos forjando nossa própria ruína, e sofreremos perda eterna, afinal.

Deus deseja o serviço voluntário de nosso coração. Ele nos dotou da faculdade do raciocínio, dos talentos de capacidade, e de meios e influência para que sejam usados para o bem da humanidade, a fim de que possamos manifestar ao mundo o Seu espírito. Preciosas oportunidades e privilégios são colocados ao nosso alcance, e, se os negligenciarmos, roubamos aos outros, defraudamos a nós mesmos e desonramos ao nosso Criador. No dia do juízo, não desejaremos enfrentar essas oportunidades desprezadas, esses privilégios negligenciados. Nosso interesse eterno para o futuro depende do diligente desempenho presente do dever em desenvolver os talentos que Deus nos tem confiado, para a salvação de pessoas. [...]

A posição e a influência, por mais elevadas que sejam, nunca se devem tornar uma desculpa para a apropriação indébita dos bens do Senhor. Devem os favores especiais de Deus estimular-nos a Lhe prestar serviço dedicado e cordial; mas muitos dos que assim são abençoados se esquecem do Doador, e se tornam indiferentes, provocantes e dissolutos. Desonram ao Deus do Céu, e exercem uma influência que é uma maldição para aqueles com quem se associam e que os destrói. Não procuram amenizar os sofrimentos do necessitado. Não edificam a obra de Deus. Não se esforçam por reparar os males causados aos inocentes, pleitear a causa das viúvas e dos órfãos, ou revelar uma norma elevada de caráter diante de grandes e pequenos, mostrando um espírito de beneficência e virtude; mas, pelo contrário, oprimem o assalariado; diminuem fraudulosamente a justa recompensa do trabalho, enganam os inocentes, roubam as

viúvas e amontoam tesouros corroídos pelo sangue dos sofredores. Terão de prestar contas ante o tribunal divino. Essa classe não está fazendo a vontade do Pai que está no Céu, e ouvirá a dura sentença: “Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniqüidade”. — The Review and Herald, 14 de Fevereiro de 1888. [82]

Revelações estarrecedoras — Que revelações se farão no dia do juízo! Verificar-se-á que muitos dos que se dizem cristãos não têm sido servos de Deus mas servos de si mesmos. Seu centro tem sido o eu; servir a si mesmos tem sido a função de sua vida. Vivendo para agradar a si mesmos e ganhar para si tudo o que podem, têm deformado e amesquinhado as capacidades e forças que por Deus lhes foram confiadas. Não têm tratado honestamente com Deus. Sua vida tem sido um longo sistema de roubo. Queixam-se eles agora de Deus e dos semelhantes, porque não são reconhecidos e favorecidos como pensam que deveriam ser. Mas a sua infidelidade se revelará naquele dia em que o Senhor julgar o caso de todos. Ele voltará, e “então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que O não serve”.

Naquele dia, os que pensam que Deus aceitará magras ofertas e serviço contra a vontade serão desapontados. Deus não subscreverá a obra de qualquer homem, grande ou pequeno, rico ou pobre, que não seja feita de coração, com fidelidade e visando à Sua glória. Mas os que pertencem à família de Deus, aqui embaixo, que se têm esforçado por Lhe honrar o nome, têm alcançado uma experiência que os tornará reis e sacerdotes para Deus; e serão aceitos como servos fiéis. Ser-lhes-ão pronunciadas as palavras: “Bem está, bom e fiel servo [...] entra no gozo do teu Senhor”. — The Review and Herald, 5 de Janeiro de 1897.

Realizar, não apenas professar — Quando todos os casos forem passados em revista diante de Deus, jamais se perguntará: O que professavam? mas: O que fizeram? Foram praticantes da Palavra? Viveram para si? ou se exercitaram nas obras de beneficência, nos atos de bondade, no amor, preferindo os outros a si mesmos, e a si mesmos negando para serem uma bênção para os outros?

Se o registro revelar que essa tem sido sua vida, que o caráter deles tem-se assinalado pela ternura, abnegação e benevolência, receberão a bendita certeza e bênção de Cristo: “Bem está”, “Vinde

benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.”

Cristo tem sido ofendido e ferido pelo nosso acentuado amor egoísta e indiferença para com os ais e necessidades alheios. — The Review and Herald, 13 de Julho de 1886.

Promessa ao mordomo fiel — Significa muito semear sobre todas as águas. Significa uma comunicação contínua de dons e ofertas. Deus proporcionará recursos de maneira que o fiel mordomo de seus meios seja suprido com suficiência em todas as coisas, e seja capacitado para abundar em toda boa obra. “Conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre. Ora, Aquele que dá a semente ao que semeia, e pão para comer, também multiplicará a vossa sementeira, e aumentará os frutos da vossa justiça”. 2 Coríntios 9:9, 10. A semente semeada pródiga e liberalmente, o Senhor a toma a Seu cargo. Aquele que dá a semente ao semeador, dá ao Seu obreiro aquilo que o capacita para cooperar com o Doador da semente. — Testemunhos Seletos 3:350. [83]

Capítulo 28 — A riqueza é um talento confiado

Não devem os seguidores de Cristo desprezar a riqueza; devem considerá-la como talento confiado pelo Senhor. Pelo uso sábio de Seus dons, podem eles ser eternamente beneficiados, mas devemos ter sempre em mente o fato de que Deus não nos deu riquezas para usá-las justamente como imaginamos, para satisfazer o impulso, para as conferirmos ou retermos de acordo com a nossa vontade. Não devemos usar as riquezas de maneira egoísta, empregando-as simplesmente para nossa própria satisfação. Tal atitude não seria correta nem para com Deus nem para com nossos semelhantes, trazendo apenas, por fim, perplexidade e dificuldades. [...]

O mundo favorece os ricos e os considera de maior valor que os pobres honestos; mas os ricos desenvolvem seu caráter pela maneira em que usam os dons que lhes foram confiados. Estão revelando se será ou não seguro confiar-lhes riquezas eternas. Tanto os pobres como os ricos estão decidindo o seu próprio destino eterno e provando se são súditos aptos para a herança dos santos na luz. Os que fazem de sua riqueza uso egoísta neste mundo revelam atributos de caráter que mostram o que fariam se tivessem maiores vantagens e possuíssem os tesouros imperecíveis do reino de Deus. Os princípios egoístas exercidos na Terra não são os princípios que prevalecerão no Céu. Todos os homens estão em pé de igualdade no Céu. [...]

Por que é que as riquezas são chamadas riquezas da injustiça? — E porque Satanás usa os tesouros mundanos para armar laços, enganar e iludir pessoas, para conseguir a sua ruína. Deus tem dado instruções quanto à maneira em que devem usar Seus bens aliviando as necessidades da humanidade sofredora, fazendo avançar Sua causa, edificando Seu reino neste mundo, enviando missionários para as regiões distantes, disseminando o conhecimento de Cristo em todas as partes do mundo. Se os meios confiados por Deus não são assim aplicados, não julgará certamente Deus por essas coisas? Pessoas são deixadas a perecer em seus pecados, enquanto membros da igreja que pretendem ser cristãos estão usando o sagrado

depósito de meios de Deus na satisfação de apetites não santificados, condescendendo com o eu. [84]

Como os recursos são malbaratados — Que grande quantidade do capital confiado por Deus é gasta na compra de fumo, cerveja e bebidas alcoólicas! Deus proíbe todas essas condescendências porque elas destroem a estrutura humana. Devido a sua condescendência a saúde é sacrificada, e a própria vida é oferecida no altar de Satanás. O apetite pervertido faz com que o cérebro enfraqueça, de modo que os homens não possam pensar com argúcia e clareza, nem idear planos que levem ao êxito nas coisas temporais; e muito menos poderão pôr um intelecto culto em suas transações religiosas. São incapazes de distinguir as coisas sagradas e eternas das que são comuns e temporais.

Satanás tem inventado muitas maneiras de malbaratar os meios que Deus tem dado. O jogo de cartas, as apostas, o jogo de azar, as corridas de cavalo e as representações teatrais, são todos de sua invenção, e ele tem induzido os homens a levarem avante esses divertimentos com tanto zelo como se estivessem adquirindo para si mesmos a preciosa dádiva da vida eterna. Despendem os homens somas imensas em busca desses prazeres proibidos; e o resultado é que, as faculdades que Deus lhes deu, que foram compradas pelo precioso sangue do Filho de Deus, são degradadas e corrompidas. As faculdades físicas, morais e mentais que por Deus são dadas aos homens, e que pertencem a Cristo, são zelosamente usadas em servir a Satanás, e para desviar os homens da justiça e da santidade.

Inventa-se tudo o que possa desviar a mente do que é nobre e puro, e quase se atinge a linha divisória em que os habitantes da Terra serão tão corruptos como os habitantes do mundo antes do dilúvio. [...]

Como nos dias de Noé — Se olharmos ao quadro dos dias antediluvianos, e então volvermos a atenção para os hábitos e práticas da sociedade hodierna, verificaremos que a Terra está rapidamente ficando madura para as pragas dos últimos dias. Os homens têm corrompido a Terra com o seu pecaminoso procedimento. Satanás está fazendo o jogo da vida com os seres humanos. Verificarão os praticantes das palavras de Cristo que terão de vigiar e orar continuamente para não serem levados a cair em tentação.

Muitos parecem não apreciar o fato de que o dinheiro que desnecessariamente gastam em divertimentos que somente perturbam a mente e lançam o fundamento para a corrupção de seus costumes, é dinheiro que pertence ao Senhor. Os que usam o dinheiro para satisfazer o eu estão alegrando e glorificando ao inimigo de toda justiça. Se voltassem o coração para Deus, usariam seu dinheiro para abençoar e elevar aos seus semelhantes, para aliviar a pobreza e o sofrimento. Há em nosso mundo fome, nudez, doença e morte; contudo quão poucos reduzem as suas pecaminosas extravagâncias! Satanás está ideando tudo o que possa inventar para conservar o homem completamente ocupado, a fim de que não tenha tempo para considerar a pergunta: "Como vai minha vida espiritual?" [85]

Interesse de Cristo pela família humana — O dono de todos os nossos tesouros terrestres veio ao nosso mundo na forma humana. O Verbo Se fez carne e habitou entre nós. Não podemos avaliar que profundo interesse Ele tem pela família humana. Ele conhece o valor de cada pessoa. Que tristeza O oprimia ao ver a herança que Ele comprou encantada com as invenções de Satanás!

A única satisfação de Satanás ao fazer o jogo da vida com os seres humanos é a satisfação que tem em ferir o coração de Cristo. Embora fosse rico, Cristo por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos. Contudo, mesmo diante desse grande fato, permite a maioria do mundo que as posses terrenas eclipsem as atrações celestiais. Põem suas afeições nas coisas terrestres, e se desviam de Deus. Que grave pecado é os homens não caírem em si e compreenderem quão insensato é permitir que o apego desordenado às coisas terrenas expulse do coração o amor de Deus. Quando o amor de Deus é expulso, imediatamente penetra o amor do mundo, para preencher o vácuo. Só o Senhor pode purificar o templo da alma da corrupção moral.

Jesus deu Sua vida pela vida do mundo, e dá ao homem valor infinito. Deseja que o homem dê valor a si mesmo, e considere seu bem-estar futuro. Se nosso olho for bom, todo o corpo será luminoso. Se a visão espiritual for clara, as realidades invisíveis serão consideradas no seu valor real, e a contemplação do mundo eterno acrescentará alegria a este mundo.

Na medida em que for mordomo fiel dos bens de seu Senhor, o cristão transbordará de júbilo. Cristo almeja salvar todo filho e filha

de Adão. Eleva a voz em advertência, a fim de quebrar o encanto que tem conservado a pessoa presa no cativeiro do pecado. Roga aos homens que deixem sua enfatuação. Ele lhes põe o mundo mais nobre diante dos olhos, e diz: "Não ajunteis para vós tesouros na Terra."

Sutis tentações — Cristo vê o perigo; conhece as sutis tentações e o poder do inimigo; pois experimentou as tentações de Satanás. Deu Sua vida para proporcionar um período de graça para os filhos e filhas de Adão. Tendo diante de si o resultado da desobediência e transgressão de Adão, e com maior luz brilhando sobre eles, são convidados a ir a Ele e achar descanso. Mas quanto maior for a luz e mais claro o sinal de perigo, tanto maior será a condenação dos que se voltam da luz para as trevas. A importância das palavras de Cristo é séria demais para que elas sejam desrespeitadas.

Os homens parecem movidos por um desejo insano de buscar posses terrenas. Toda sorte de desonestidade é praticada para acumular riquezas. Dedicam-se os homens a suas transações comerciais com intenso zelo, como se o êxito nesse ramo fosse garantia de alcançar o Céu. Empregam o capital confiado pelo Senhor em bens terrenos, e não há meios para fazer o reino de Deus avançar no [86] mundo aliviando o sofrimento físico e mental de seus habitantes. Muitos dos que professam ser cristãos deixam de atender às ordens de Cristo, quando diz: "Ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração."

O Senhor não compele os homens a agirem com justiça, e a amarem a misericórdia, e a andarem humildemente com o seu Deus; Ele põe diante do agente humano o bem e o mal, e torna bem claro qual será o resultado certo de seguirem um rumo ou o outro. Cristo nos convida, dizendo: "Segue-Me." Mas nunca somos forçados a andar nas Suas pisadas. Se nas Suas pisadas andarmos, será em resultado de uma escolha deliberada. Ao vermos a vida e o caráter de Cristo, desperta-se um forte desejo de sermos como Ele no caráter; e prosseguimos em conhecer ao Senhor e saber que as Suas saídas são preparadas como a manhã. Então começamos a reconhecer que "a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e

mais até ser dia perfeito". — The Review and Herald, 31 de Março de 1896.

Adquirir riqueza não é pecado — A Bíblia não condena o rico porque é rico; não declara que a aquisição de riqueza é pecado, tampouco diz que o dinheiro é a raiz de todos os males. Pelo contrário, declaram as Escrituras que é Deus quem dá poder para adquirir riqueza. E essa capacidade é um precioso talento, uma vez que seja consagrada a Deus e empregada no avanço de Sua causa. A Bíblia não condena o gênio ou a arte, pois eles procedem da sabedoria que Deus dá. Não podemos tornar o coração mais puro ou mais santo cobrindo o corpo de cilício, ou privando o lar de tudo o que proporcione conforto, gosto ou conveniência.

Ensinam as Escrituras que a riqueza só é uma posse perigosa quando posta em competição com os tesouros imortais. É quando o que é terreno e temporal absorve os pensamentos, as afeições, a devoção que Deus requer, que se torna uma cilada. Os que estão trocando o peso eterno de glória por um pouco do brilho e dos ouropéis da Terra, as eternas habitações por um lar que na melhor das hipóteses poderá ser seu apenas por alguns anos, fazem insensata escolha. Essa foi a troca feita por Esaú, quando vendeu seu direito de primogenitura por um prato de guisado; por Balaão, quando trocou o direito ao favor de Deus pelas recompensas do rei de Midiã; por Judas, quando traiu o Senhor da glória por trinta moedas de prata.

É o amor do dinheiro que a Palavra de Deus denuncia como sendo a raiz de todos os males. O dinheiro, em si, é o dom de Deus aos homens, para ser usado com fidelidade em Seu serviço. Deus abençoou a Abraão, e o tornou rico em gado, prata e ouro. E a Bíblia declara, como evidência do favor divino, que Deus deu a Davi, Salomão, Josafá e Ezequias, muita riqueza e honras. [87]

Como os outros dons de Deus, a posse de riqueza traz o seu quinhão de responsabilidade, e suas peculiares tentações. Quantos que, na adversidade, permaneceram fiéis a Deus, têm caído ante as cintilantes seduções da prosperidade. Na posse de riquezas, revela-se a paixão dominante de uma natureza egoísta. O mundo é hoje amaldiçoado pela ávida avareza e pelos vícios de condescendência própria dos adoradores de Mamom. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882.

Há necessidade de talentos financeiros — Os que pertencem às classes mais elevadas da sociedade devem ser procurados em todas as partes com terna atenção e com fraternal consideração. Essa classe tem sido muitíssimo negligenciada. É a vontade do Senhor que os homens a quem Ele confiou muitos talentos ouçam a verdade de maneira diferente daquela em que a ouviram no passado. Os homens de negócio, que estão em posição de confiança, homens de grande capacidade inventiva, e profundo conhecimento científico, homens talentosos, devem ser dos primeiros a ouvir o chamado do evangelho.

Há homens do mundo que têm o poder de organização dado por Deus, que são necessários para levar avante a obra para estes últimos dias. Nem todos são pregadores, mas há necessidade de homens que possam assumir a administração de instituições em que se faça trabalho industrial, homens que possam atuar, nas nossas associações, como líderes e educadores. Deus necessita de homens que possam olhar para a frente e ver o que precisa ser feito, homens que permaneçam tão firmes como as rochas aos princípios, tanto na crise atual como em perigos futuros que possam surgir. — The Review and Herald, 8 de Maio de 1900. [88]

Capítulo 29 — Métodos de adquirir riquezas

Mesmo entre os adventistas do sétimo dia, há aqueles que estão sob a reprovação da Palavra de Deus, devido à maneira em que adquiriram sua propriedade e a usam, agindo como se fossem seus donos e a houvessem criado, sem olhar à glória de Deus, e sem uma oração fervorosa para dirigi-los em sua aquisição ou uso. Estão pegando numa serpente, que os picará como uma víbora.

Do povo de Deus, diz Ele: "E será consagrado ao Senhor o seu comércio e a sua ganância de prostituta; não se entesourará, nem se fechará." Mas muitos que professam crer na verdade, não querem ter mais a Deus em seus pensamentos do que o quiseram os antediluvianos ou sodomitas. Um sensato pensamento de Deus, despertado pelo Espírito Santo, estragaria todos os seus planos. O eu, o eu, o eu, tem sido o seu deus, seu alfa e seu ômega.

Os cristãos só estão seguros ao adquirir dinheiro sob a orientação de Deus, e usá-lo em canais que Deus possa abençoar. Deus nos permite usar Seus bens somente para Sua glória, para nos abençoar, a fim de que possamos abençoar aos outros. Os que têm adotado a máxima do mundo, e banido do espírito as especificações de Deus, que pegam tudo que podem obter de salários ou bens, são pobres, verdadeiramente pobres, porque sobre eles recai o desagrado de Deus. Andam em caminhos que eles mesmos escolheram e desonram a Deus, a verdade, Sua bondade, a Sua misericórdia e Seu caráter.

Agora no tempo de graça, estamos todos sob provas e tribulações. Satanás está operando com seus enganadores encantamentos e subornos, e alguns pensarão que devido a seus planos têm feito maravilhosa especulação. Mas eis que, ao pensarem que se estavam levantando com segurança, e se estarem conduzindo altivamente no egoísmo, descobriram que Deus pode espalhar mais depressa do que eles podem ajuntar. — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 335, 336.

Integridade nos negócios — Assim como nós lidamos com os nossos semelhantes em pequenas desonestidades, ou em fraude mais

ousada, também lidaremos com Deus. Os homens que persistem na senda da desonestidade, manterão seus princípios até enganarem a si mesmos e perderem o Céu e a vida eterna. Sacrificarão a honra e a [89] religião em troca de pequena vantagem mundana. Mesmo em nossas fileiras, há homens assim, e eles terão de experimentar o que é nascer de novo, ou não poderão ver o reino de Deus. A honestidade deve caracterizar cada ato de nossa vida. Os anjos celestiais examinam a obra que nos é posta nas mãos; e onde houve afastamento dos princípios da verdade, nos registros se escreve "em falta".

Diz Jesus: "Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam." Tesouros são as coisas que dominam a mente e absorvem a atenção, excluindo a Deus e a verdade.

O amor do dinheiro, que impele à aquisição de tesouro terreno, era a paixão dominante na época dos judeus. Considerações elevadas e eternas eram subordinadas às da obtenção de riqueza terrena e influência. O mundanismo usurpou o lugar de Deus na religião e na vida. Uma avarenta avidez de riquezas exercia uma influência tão fascinante e enfeitiçante sobre a pessoa, que acabou pervertendo a nobreza, e corrompendo o sentimento humano do homem, a ponto de mergulharem na perdição. Nosso Salvador deu decidida advertência contra acumular os tesouros da Terra.

Todos os ramos de negócios, todos os modos de emprego, estão sob as vistas de Deus; e a todo cristão se tem dado a capacidade de fazer algo na causa do Mestre. Quer estejam empenhados em trabalho no campo, no comércio, ou no escritório, serão os homens considerados responsáveis diante de Deus pelo emprego sábio e honesto de seus talentos. São justamente tão responsáveis diante de Deus por seu trabalho como o ministro que labuta na Palavra e na doutrina o é pelo dele. Se um homem adquire propriedade de um modo que não seja aprovado pela Palavra de Deus, obtêm-na com sacrifício dos princípios da honestidade. O desejo desordenado de ganho levará até mesmo professos seguidores de Cristo a imitarem os costumes do mundo. Serão influenciados a desonrar a sua religião, por usarem de astúcia nos negócios, oprimirem as viúvas e os órfãos, e privarem o estrangeiro de seus direitos. — The Review and Herald, 18 de Setembro de 1888.

Inteligência e pureza em cada transação — A grande característica da vida do Redentor na Terra era santidade ao Senhor, e é Seu desejo que isso identifique a vida de Seus seguidores. Devem Seus obreiros trabalhar com abnegação e fidelidade, relativamente à utilidade e influência de qualquer outro obreiro. A inteligência e a pureza lhes devem assinalar todo o trabalho e todas as transações comerciais. Ele é a luz do mundo. Em Seu trabalho não deve haver recantos escuros em que se realizem atos desonestos. A injustiça é em alto grau, desagradável a Deus. — The Review and Herald, 24 [90] de Junho de 1902.

Resistir à tentação — Deus é muito preciso quanto a que todos o que professam servi-Lo manifestem a superioridade de retos princípios. O verdadeiro seguidor de Cristo considerará toda transação comercial como parte de sua religião, justamente assim como a oração lhe é uma parte da religião. [...]

Satanás está oferecendo a cada pessoa os reinos deste mundo, em troca da execução de sua vontade. Foi essa a grande sedução que ele apresentou a Cristo no deserto da tentação. E assim diz ele a muitos dos seguidores de Cristo: Se seguirdes meus métodos de negócio, eu vos recompensarei com riquezas. Todo cristão é em alguma ocasião, levado à prova que revelará seus pontos fracos de caráter. Se resiste à tentação, preciosas vitórias são ganhas. Deve ele escolher entre servir a Cristo ou tornar-se adepto do enganador, e seu adorador. — The Signs of the Times, 24 de Fevereiro de 1909.

O registro no livro do Céu — Os costumes do mundo não são norma para o cristão. Ele não deve imitar suas práticas sutis, suas astúcias, suas extorsões. Todo ato injusto para com o próximo é uma violação da regra áurea. Cada erro praticado em relação aos filhos de Deus, é feito ao próprio Cristo na pessoa de Seus santos. Toda tentativa de tirar vantagem da ignorância, fraqueza ou infortúnio de outrem, é registrada como fraude no livro-razão do Céu. Aquele que sinceramente teme a Deus, preferiria antes labutar dia e noite e comer o pão da pobreza, a condescender com a paixão do ganho que oprima a viúva e o órfão, ou prive o estrangeiro do seu direito.

O mais leve afastamento da retidão derriba as barreiras, e prepara o coração para injustiça maior. É precisamente quando um homem chega ao ponto de tirar vantagem para si da desvantagem de outrem, que seu coração se tornará insensível à influência do Espírito de

Deus. O ganho obtido a tal preço é uma terrível perda. — Profetas e Reis, 652.

Sacrifício de princípios — Freqüentemente vemos homens que estão em elevada posição de confiança, como seguidores de Cristo, mas naufragaram na fé. Vem-lhes uma tentação e eles sacrificam princípios e suas vantagens religiosas para conseguirem cobiçado tesouro terreno. A isca de Satanás é pegada. Cristo venceu, tornando, assim, possível ao homem vencer também; mas os homens se colocam sob a liderança do deus deste mundo, e abandonam a bandeira de Jesus Cristo indo para as fileiras do inimigo. Todas as suas forças são dedicadas ao ganho, e adoram outros deuses, em vez de ao Senhor.

O homem do mundo não se contenta com a presente suficiência, ou mesmo com a abundância. Está sempre projetando possuir maiores reservas, e volve cada pensamento, todas as faculdades, nessa direção. — The Review and Herald, 1 de Março de 1887. [91]

Trato avaro e egoísta — Apelo aos meus irmãos na fé, e com eles insisto, para que cultivem a ternura de coração. Seja qual for a vossa vocação ou posição, se acariciardes o egoísmo e a cobiça, sobre vós recairá o desagrado do Senhor. Não façais da obra e da causa de Deus uma desculpa para tratar de maneira avara e egoísta com qualquer pessoa, mesmo que estejais fazendo um negócio que se relacione com Sua obra. Deus não aceita coisa alguma no sentido de ganho que seja levado para o Seu tesouro por meio de transações egoístas. Todo ato relacionado com Sua obra deve passar pelo exame divino. Toda transação desonesta, toda tentativa de tirar vantagem de um homem que está sendo premido pelas circunstâncias, todo plano para lhe comprar a terra ou a propriedade por uma importância abaixo do valor, não será aceita por Deus, muito embora o dinheiro ganho seja doado a Sua causa. O preço do sangue do Filho unigênito de Deus foi pago por todo homem, e para seguir os princípios da lei de Deus, é preciso lidar honestamente, tratar com eqüidade com cada homem. [...]

Caso um irmão, que trabalhou abnegadamente pela causa de Deus, enfraqueça fisicamente e se torne incapaz de realizar seu trabalho, não seja ele demitido e obrigado a se haver da melhor maneira possível. Dai-lhe salário suficiente para a sua manutenção; pois vos deveis lembrar de que ele pertence à família de Deus, e

de que todos vós sois irmãos. — The Review and Herald, 18 de [92] Dezembro de 1894.

Capítulo 30 — Perigo na prosperidade

Através dos séculos, tem-se servido à riqueza e à honra, com muito perigo para a humildade e a espiritualidade. É quando o homem prospera, quando todos os seus semelhantes falam bem dele, que ele corre especial perigo. O homem é humano. A prosperidade espiritual continua apenas enquanto o homem confia inteiramente em Deus quanto a obter sabedoria e perfeição de caráter. E os que mais sentem a sua necessidade de pôr em Deus a sua confiança são, geralmente, os que têm a mínima soma de tesouros terrenos e honras humanas em que confiar.

O elogio do homem — Há perigo na concessão de ricas dádivas ou de palavras de elogio aos agentes humanos. Os que são agraciados pelo Senhor precisam estar constantemente em guarda para que o orgulho não brote e obtenha a supremacia. Aquele que tem uma popularidade fora do comum, que tem recebido muitas palavras de elogio dos mensageiros do Senhor, necessita de orações especiais dos fiéis vigias de Deus, a fim de que seja protegido do perigo de nutrir pensamentos de estima própria e orgulho espiritual.

Nunca deve tal homem manifestar altivez, ou tentar agir como ditador ou governador. Vigie e ore, visando simplesmente à glória de Deus. Ao se apegar sua imaginação às coisas invisíveis e ele contemplar o gozo de uma esperança posta diante de si — a saber, o precioso dom da vida eterna — o louvor do homem não lhe encherá a mente de pensamentos de orgulho. E, às vezes, quando o inimigo faz esforços especiais para o arruinar pela lisonja e honras mundanas, devem seus irmãos adverti-lo fielmente dos perigos; pois se entregue a si mesmo, será propenso a cometer muitos erros, e revelará as fraquezas humanas. [...]

No vale da humilhação — Não é a taça vazia que nos é difícil carregar; é a taça cheia até à borda que deve ser cuidadosamente equilibrada. A aflição e a adversidade podem causar muitos inconvenientes e podem trazer grande crise; mas a prosperidade é que é perigosa para a vida espiritual. A menos que o súdito humano

esteja em constante submissão à vontade de Deus, a não ser que seja santificado pela verdade, e tenha a fé que opera por amor e purifica a alma, a prosperidade certamente despertará a inclinação natural [93] para a presunção.

Nossas orações precisam ser feitas principalmente em favor dos homens que ocupam posição elevada. Necessitam das orações de toda a igreja porque lhes são confiadas prosperidade e influência.

No vale da humilhação, onde os homens dependem de que Deus os ensine e lhes guie cada passo, há comparativa segurança. Cada um, porém, dos que estão em viva ligação com Deus, ore pelos homens que estão em posição de responsabilidade — pelos que estão em elevado pináculo, e que, devido a sua exaltada posição, supõe-se que tenham muita sabedoria. A não ser que tais homens sintam sua necessidade de um Braço mais forte que o braço de carne em que se apoiar, a menos que em Deus ponham a sua confiança, sua visão das coisas ficará desfigurada, e eles cairão. — The Review and Herald, 14 de Dezembro de 1905.

Perversão de uma faculdade original — O desejo de acumular riquezas é um sentimento inato de nossa natureza, nela implantado pelo nosso Pai celestial, para fins nobres. Se perguntásseis ao capitalista que tem dirigido todas as suas energias num único sentido, o de alcançar riquezas, e que é perseverante e ativo quanto a aumentar suas propriedades, com que propósito assim trabalha, ele não vos poderia dar uma razão para isso, um propósito definido para o qual está ganhando tesouros terrenos e acumulando riquezas. Não pode definir nenhum grande alvo ou propósito que tenha em vista, ou qualquer nova fonte de felicidade que espere atingir. Continua acumulando porque dirigiu toda a sua capacidade e todas as suas faculdades nessa direção.

Há no homem mundano um ardente desejo de alguma coisa que ele não tem. Por força do hábito, dirige ele cada pensamento, cada propósito, no sentido de fazer provisão para o futuro, e, conforme vai ficando mais velho, torna-se cada vez mais ávido de conseguir tudo o que se possa ganhar. É natural que o cobiçoso se torne cada vez mais cobiçoso ao se aproximar do tempo em que perde o domínio sobre todas as coisas terrenas.

Toda essa energia, essa perseverança, essa determinação, toda essa atividade em busca do poder terreno, é o resultado da perversão

de suas faculdades para um fim errado. Cada faculdade poderia pelo exercício ter sido cultivada ao mais elevado grau possível, para a vida celeste, imortal, e para o mais excelente e eterno peso de glória. Os costumes e práticas do homem mundano em sua perseverança e suas energias, e de se prevalecer de toda oportunidade para aumentar seus depósitos, deve ser uma lição àqueles que se dizem filhos de Deus e buscam glória, honra e imortalidade. Os filhos do mundo são mais sábios, em sua geração, que os filhos da luz, e nisso se vê sua sabedoria. Seu alvo é o ganho terreno, e nesse sentido dirigem todas as suas energias. Oxalá esse zelo caracterizasse o que peleja pelas riquezas eternas! — The Review and Herald, 1 de Março de 1887. [94]

O obstáculo das riquezas — Muito poucas pessoas reconhecem a força de seu amor ao dinheiro, até que lhes sobrevenha a prova. Muitos dos que professam ser seguidores de Cristo, mostram, então, não estarem preparados para o Céu. Suas obras revelam que amam mais à riqueza que aos vizinhos ou a seu Deus. Como o jovem rico, indagam qual seja o caminho da vida; mas quando este lhes é apresentado e avaliado o custo, e vêem que se exige o sacrifício das riquezas terrenas, concluem que o Céu é caro demais. Quanto maiores os tesouros acumulados na Terra, tanto mais difícil será a seu possuidor reconhecer que eles não lhe pertencem, mas lhe foram emprestados a fim de serem usados para a glória de Deus.

Jesus aproveita, aqui, a oportunidade de dar aos discípulos uma lição impressiva: "Disse então Jesus aos Seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos Céus." "É mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus."

Pobres ricos e ricos pobres — Aqui se vê o poder da riqueza. A influência do amor ao dinheiro sobre o espírito humano é quase paralisador. As riquezas transtornam e levam muitos dos que as possuem a agirem como se tivessem perdido a razão. Quanto mais possuem bens deste mundo, tanto mais desejam. Seu medo de passarem necessidade aumenta com a riqueza que possuem. Têm a tendência de acumular bens para o futuro. São avaros e egoístas, temendo que Deus não lhes proveja o necessário. Essa classe é realmente pobre para com Deus. Ao se acumularem suas riquezas, nelas puseram a sua confiança e perderam a fé em Deus e nas Suas promessas.

Pelo uso judicioso do pouco que tem em abençoar aos outros com seus meios, o homem pobre, fiel e confiante, torna-se rico para com Deus. Sente que seu próximo tem necessidades que ele não pode desatender e ainda obedecer à ordem de Deus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Considera a salvação de seus semelhantes de maior importância que todo o ouro e prata que o mundo contém.

Cristo mostra a maneira em que os que possuem riquezas, e ainda não são ricos para com Deus, poderão alcançar as verdadeiras riquezas. Diz: "Vendei tudo o que tendes, e dai esmolas"; e ajuntai um tesouro no Céu. O remédio que Ele propõe é a transferência das afeições para a herança eterna. Empregando seus recursos na causa de Deus, para ajudar na obra da salvação e aliviando os necessitados, tornam-se ricos em boas obras, e estão entesourando "para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". Isso se demonstrará um bom investimento.

Muitos, porém, mostram pelas suas obras que não ousam confiar no banco do Céu. Preferem depositar seus recursos na Terra, a enviá-los, antes deles, para o Céu. Têm eles um grande trabalho a fazer para vencer a cobiça e o amor do mundo. Ricos pobres, que [95] professam servir a Deus, são alvo de compaixão. Embora professem conhecer a Deus, pelas suas obras O negam. Quão grandes são as trevas de tais pessoas! Professam crer na verdade, mas suas obras não correspondem à profissão que fazem. O amor às riquezas torna os homens egoístas, exigentes e altivos. — The Review and Herald, 15 de Janeiro de 1880.

Uma questão de seguir a Jesus — Jesus dele [do rico e jovem príncipe] exigiu apenas que fosse onde Ele mostrasse o caminho. Torna-se a trilha espinhosa do dever mais fácil de seguir quando andamos nas divinas pisadas que Ele deixou à nossa frente, quebrando os espinhos. Cristo teria aceito esse talentoso e nobre príncipe, se este houvesse cedido a Suas condições, com a mesma prontidão com que Ele aceitou ao pobre pecador a quem convidara que O seguisse.

A capacidade do jovem de adquirir propriedade não conspirava contra ele, contanto que amasse ao próximo como a si mesmo, e a ninguém tivesse prejudicado na aquisição de suas riquezas. Houvesse essa mesma capacidade sido empregada no serviço de Deus, em procurar salvar pessoas da ruína, e teria sido aceitável ao

Divino Mestre, e se poderia ele ter tornado obreiro diligente e de êxito para Cristo. Mas recusou o elevado privilégio de cooperar com Cristo na obra da salvação; afastou-se do glorioso tesouro que lhe foi prometido no reino de Deus, e se apegou aos tesouros transitórios da Terra. [...]

Representa o jovem príncipe uma grande classe de pessoas que seriam excelentes cristãos se para elas não houvesse uma cruz a erguer, um fardo humilhante a carregar, nenhumas vantagens terrenas a renunciar, e nenhum sacrifício de propriedade ou sentimentos a fazer. Cristo lhes confiou um capital de talentos e recursos, e espera obter juros correspondentes. O que possuímos não é nosso, e deve ser empregado em servir Àquele de quem recebemos tudo o que temos. — The Review and Herald, 21 de Março de 1878.

A fé: incomum entre os ricos — Rara é entre os ricos uma fé coerente. A fé genuína, apoiada pelas obras, é incomum. Mas todos os que possuem essa fé serão homens a quem não faltará influência. Imitarão a Cristo naquela desinteressada beneficência e interesse na obra de salvar. Devem os seguidores de Cristo dar às pessoas o valor que Ele lhes deu. Devem simpatizar com a obra de Seu querido Redentor, e trabalhar para salvar o que Ele comprou com o Seu sangue, custe o sacrifício que custar. Que é o dinheiro, que são casas e terras comparados com uma única alma? — The Review and Herald, 23 de Fevereiro de 1886.

Riquezas não são resgate para transgressor — Toda a riqueza, até mesmo a do mais abastado, não basta para ocultar de Deus o menor dos pecados. Nem as riquezas, nem o intelecto serão aceitos como resgate do transgressor. Só o arrependimento, a verdadeira humildade, um coração quebrantado, e um espírito contrito serão aceitáveis a Deus. [96]

Muitos há, em nossas igrejas, que devem trazer grandes ofertas e não se devem contentar com apresentar uma ninharia Àquele que por eles tanto fez. Bênçãos incomensuráveis estão caindo sobre eles, mas quão pouco devolvem ao Doador! Enviem agora, os que verdadeiramente são peregrinos e estrangeiros na Terra, seus tesouros, na sua frente, para a Pátria celestial, em dádivas, muito necessárias, ao tesouro do Senhor. — The Review and Herald, 18 de Dezembro de 1888.

O maior perigo — Foi-me mostrado que não há falta de recursos entre os adventistas observadores do sábado. Seu maior perigo, atualmente, é o acúmulo de propriedades. Alguns, constantemente, estão amontoando seus cuidados e labores; estão sobrecarregados. E o resultado é que Deus e as necessidades de Sua causa quase são por eles esquecidos; estão espiritualmente mortos. Dele se requer que façam um sacrifício a Deus, uma oferta. O sacrifício não aumenta, mas diminui e consome. [...] Muitos dos meios, entre nosso povo, estão se demonstrando somente um mal para aqueles que a eles se apegam. — Testimonies for the Church 1:492. [97]

Capítulo 31 — Ciladas de Satanás

Ao se aproximar o povo de Deus dos perigos dos últimos dias, faz Satanás ardorosa consulta com seus anjos quanto ao plano de maior êxito no sentido de lhes transtornar a fé. Vê que as igrejas populares já estão sendo embaladas para dormir, pelo seu poder enganador. Por meio de agradáveis sofismas e mentirosas maravilhas, pode ele continuar a conservá-los sob o seu domínio. Dirige portanto seus anjos para que lancem suas ciladas especialmente para os que aguardam o segundo advento de Cristo e se estão esforçando por observar todos os mandamentos de Deus.

Diz o grande enganador: "Devemos vigiar aqueles que estão chamando a atenção do povo para o sábado de Jeová; eles levarão muitos a ver as exigências da lei de Deus; e a mesma luz que revela o verdadeiro sábado, revela também o ministério de Cristo no santuário celestial, e revela que a última obra para a salvação do homem está agora indo avante. Conservai nas trevas a mente do povo até que esta obra termine, e teremos conseguido o mundo e a igreja também. [...]

"Ide, fazei com que os donos de terras e de dinheiro se embriaguem com os cuidados desta vida. Apresentai o mundo diante deles em sua mais atraente luz, que acumulem o seu tesouro aqui, e fixem sua atenção sobre as coisas terrenas. Devemos fazer o máximo para evitar que os que trabalham na causa de Deus obtenham meios para usar contra nós. Conservai o dinheiro em nossas próprias fileiras. Quanto mais dinheiro obtiverem, tanto mais prejudicarão nosso reino tirando de nós os nossos súditos. Fazei com que se preocupem mais com o dinheiro do que com a edificação do reino de Cristo e a disseminação das verdades que odiamos, e não precisamos temer-lhes a influência, pois sabemos que toda a pessoa egoísta e cobiçosa cairá em nosso poder, e finalmente se separará do povo de Deus". — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 473, 474.

Pior do que as perdas terrenas — Satanás é o arquienganador. Os resultados, para nós, de aceitar suas tentações são piores que

qualquer perda terrena que possa ocorrer, até mesmo piores que a própria morte. Os que alcançam êxito ao terrível preço da submissão à vontade e aos planos de Satanás, descobrirão que fizeram dura barganha. Tudo, no negócio de Satanás, se consegue a alto preço. As [98] vantagens que apresenta são uma miragem. As grandes esperanças que oferece são alcançadas com perda das coisas boas, santas e puras. Confunda-se sempre Satanás com as palavras: "Está escrito." "Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos Seus caminhos. Pois comerás do trabalho das tuas mãos: feliz serás, e te irá bem." [...]

O caminho traçado para os remidos do Senhor está muito além de todos os esquemas e práticas mundanos. Os que por ele andam, devem revelar por suas obras a pureza de seus princípios. — The Signs of the Times, 24 de Fevereiro de 1909.

Experiência religiosa mesquinha — São os ricos tentados a empregar seus recursos na condescendência consigo mesmos, na satisfação do apetite, no adorno pessoal, ou no embelezamento do lar. Para esse fim, não hesitam professos cristãos em gastar livremente e até de maneira extravagante. Mas quando solicitados a dar ao tesouro do Senhor, a edificar-Lhe a causa, e a levar avante Sua obra na Terra, muitos vacilam. O semblante que estava iluminado de interesse em planos para a satisfação própria, não se enche de alegria quando a causa de Deus lhe apela para a liberalidade. Talvez, sentindo que não podem agir bem de outra maneira, doam limitada quantia, muito menor do que a que eles prodigamente despendem em desnecessária condescendência. Não manifestam, porém, verdadeiro amor a Cristo, nenhum fervoroso interesse na salvação de seres preciosos. Não admira que a vida cristã dessa classe nada mais seja que uma existência ressequida e doentia! A não ser que tais pessoas mudem de atitude, sua luz se extinguirá nas trevas. — The Review [99] and Herald, 16 de Maio de 1882.

Capítulo 32 — Riqueza mal-empregada

A riqueza acumulada não é simplesmente inútil: é uma maldição. Nesta vida, é uma cilada para a espiritualidade, desviando as afeições do tesouro celestial. No grande dia de Deus, seu testemunho quanto aos talentos não usados e às oportunidades negligenciadas condenará seu possuidor.

Muitos há que, em seu coração, acusam a Deus de ser duro patrão, porque Ele reclama suas posses e seu serviço. Mas nada podemos levar a Deus que já não seja dEle. "Todas as coisas vêm de Ti", disse o rei Davi, "e das Tuas mãos To damos." Todas as coisas são de Deus, não somente pela criação, mas também pela redenção. Todas as bênçãos desta vida e da vida vindoura nos são concedidas, seladas com a cruz do Calvário. — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1902.

Transformados pelo amor — A verdade, inculcada no coração pelo Espírito de Deus, expulsará o amor das riquezas. O amor de Jesus e o amor ao dinheiro não podem habitar no mesmo coração. De tal maneira o amor de Deus ultrapassa o amor ao dinheiro que seu possuidor se desvencilha das riquezas e para Deus transfere as afeições. Pelo amor é então levado a atender às necessidades dos necessitados e a ajudar à causa de Deus. É para ele o maior prazer dispor corretamente dos bens de seu Senhor. Não considera seu tudo o que tem, e fielmente desempenha seu dever como despenseiro de Deus. Então pode guardar os dois grandes mandamentos da lei: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento." "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

Dessa maneira é possível aos ricos entrar no reino de Deus. "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do Meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." Eis a recompensa dos que se sacrificam por Deus. Receberão cem vezes tanto nesta

vida, e herdarão a vida eterna. — The Review and Herald, 16 de Setembro de 1884.

Se os mordomos de Deus cumprirem seu dever, não haverá perigo de que as riquezas aumentem tão depressa que se demonstrem uma cilada, pois serão usadas com prática sabedoria e liberalidade [100] cristã. — The Review and Herald, 16 de Maio de 1882.

Deve a prosperidade ser apreciada, mas não acumulada — Aquele que busca as riquezas eternas deve esforçar-se por alcançar os tesouros celestes com maior fervor e perseverança, e com intensidade proporcional ao valor do objeto em cuja perseguição está. O homem mundano trabalha pelas coisas terrenas, temporais. Está ajuntando seu tesouro na Terra, fazendo justamente o que Jesus lhe disse que não fizesse.

O cristão sincero aprecia a advertência dada por Jesus, e é praticante de Sua Palavra, ajuntando, assim, seu tesouro no Céu, justamente como o Redentor do mundo lhe dissera que devia fazer. Vislumbra uma eternidade de bênção, que merece uma vida de perseverante e incansável esforço. Não dirige mal os seus esforços. Dedica seu afeto às coisas de cima, onde Cristo está assentado à mão direita de Deus. Transformado pela graça, sua vida está escondida com Cristo em Deus.

De maneira alguma perdeu ele o poder de acumular; mas emprega suas ativas energias na busca de aquisições espirituais; então todos os talentos que lhe foram confiados serão considerados como dons de Deus a serem empregados para a Sua glória. A propriedade será por ele apreciada, mas não acumulada, estimada apenas enquanto possa ser usada para levar avante a verdade, para trabalhar como Cristo trabalhou quando esteve na Terra, para abençoar a humanidade. Para esse fim é que usará suas faculdades, não para agradar ou glorificar o eu, mas para fortalecer cada dom confiado a fim de que possa prestar o mais elevado serviço a Deus. Dele se pode dizer: "Não [...] vagarosos no cuidado; [...] fervorosos no espírito, servindo ao Senhor."

Deus não condena a prudência e a previsão no uso das coisas desta vida, mas o cuidado febril, a ansiedade indébita, com relação às coisas do mundo não estão de acordo com a Sua vontade. — The [101] Review and Herald, 1 de Março de 1887.

Capítulo 33 — Compadecer-se dos pobres

Em vista do que o Céu está fazendo para salvar os perdidos, como podem os que participam das riquezas da graça de Cristo desviar seu interesse e compaixão de seus semelhantes? Como podem condescender com o orgulho de posição e desprezar os desventurados e os pobres?

Contudo, ainda é muito verdade que o orgulho de posição, e a opressão dos pobres que prevalecem no mundo, também existem entre os professos seguidores de Cristo. Para muitos, a compaixão que deveria ser exercida em grande medida para com a humanidade, parece estar congelada. Os homens apossam-se dos dons que lhes foram confiados para serem uma bênção para os outros. Os ricos fazem encovar-se a face dos pobres, e usam os meios assim obtidos para satisfazer seu orgulho e amor à ostentação, mesmo na casa de Deus. Aos pobres se faz sentir ser para eles uma coisa demasiadamente dispendiosa assistir ao culto de Deus. Muitos têm a idéia de que somente os ricos se podem empenhar em culto público a Deus, de um modo que possa dar boa impressão ao mundo. Não fosse o fato de haver o Senhor revelado Seu amor para com os pobres e humildes, que são contritos de coração, e este mundo seria um triste lugar para o homem pobre. [...]

O Redentor do mundo era filho de pais pobres, e quando, na infância, foi apresentado no templo, Sua mãe só podia levar a oferta designada para os pobres — um casal de rolas ou dois pombinhos. Foi Ele a maior dádiva do Céu ao nosso mundo, dádiva acima de toda avaliação, no entanto só pôde ser acusada com a menor das ofertas. Durante Sua peregrinação na Terra, participou nosso Salvador da sorte dos pobres e dos humildes. A abnegação e o sacrifício caracterizavam-Lhe a vida.

Todos os favores e bênçãos que desfrutamos, advêm somente dEle; somos despenseiros da Sua graça e de Seus dons temporais; o menor talento e o mais humilde serviço podem ser oferecidos a Jesus como dádiva consagrada, e com a fragrância de Seus pró-

prios méritos apresentá-los-á Ele ao Pai. Se o melhor que temos for apresentado a Deus com coração sincero e em amor, com o ardente desejo de servir a Jesus, o dom será inteiramente aceitável. Cada um poderá ajuntar um tesouro nos Céus. Podem todos seguir: "Enriqueçam em boas obras, repartam de boamente, e sejam comunicáveis; [102] que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". 1 Timóteo 6:18, 19.

Ligados por Laços de Simpatia — É o propósito de Deus que ricos e pobres sejam intimamente ligados pelos laços da simpatia e da prestatividade. Ele tem um plano para nós, individualmente. A todos os que O servirem designou Ele um trabalho. Ordena que nos interessemos em cada caso de sofrimento ou necessidade que nos venha ao conhecimento.

Nosso Senhor Jesus Cristo era rico, mas por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos. Ordena Ele a todos aqueles a quem confiou bênçãos temporais que Lhe sigam o exemplo. Jesus diz: "Sempre tendes os pobres convosco, e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes." A necessidade e a miséria no mundo constantemente apelam para a nossa compaixão e simpatia, e o Salvador declara que servir aos doentes e sofredores é o serviço que mais Lhe agrada. "Não é", diz Ele, "que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?" Devemos atender aos doentes, alimentar os famintos, vestir os nus, e instruir os ignorantes.

Muitos há que se queixam de Deus porque o mundo está tão cheio de necessidade e de sofrimento. Mas o Senhor é um Deus de beneficência, e, pelos Seus representantes, a quem confiou os Seus bens, quer que todas as necessidades de Suas criaturas sejam supridas. Ele fez abundante provisão para as necessidades de todos, e se os homens não abusassem das Suas dádivas, desviando-as egoistamente dos seus semelhantes, ninguém precisaria passar necessidade. — The Review and Herald, 20 de Junho de 1893.

Para Deus não há casta — Nunca devemos ser frios e incompassivos, especialmente quando lidamos com os pobres. A todos se deve mostrar cortesia, simpatia e compaixão. A parcialidade para com os ricos desagrada a Deus. Jesus é desprezado quando Seus filhos necessitados são desprezados. Não são ricos dos bens deste mundo, mas são queridos ao Seu coração de amor. Deus não reco-

nhece nenhuma distinção de classe. Para Ele não há casta. Aos Seus olhos, os homens são simplesmente homens, bons ou maus. No dia do juízo final, a posição, a classe, ou a riqueza não alterarão por um fio de cabelo, sequer, o caso de ninguém. Pelo Deus que tudo vê, serão os homens julgados segundo o que são na pureza, nobreza e amor a Cristo. [...]

Declara Cristo que o evangelho deve ser pregado aos pobres. Jamais assume a verdade de Deus aspecto de maior beleza do que quando é levada aos necessitados e pobres. É então que a luz do evangelho brilha com sua mais radiante clareza, iluminando a choça do camponês e a rude cabana do trabalhador. Os anjos de Deus ali estão, e sua presença faz de um simples pedaço de pão e copo [103] d'água um banquete. Os que têm sido negligenciados e abandonados pelo mundo são elevados à posição de filhos e filhas do Altíssimo. Erguidos acima de qualquer posição que a Terra possa dar, assentam-se nos lugares celestiais, em Cristo Jesus. Pode ser que não tenham tesouro terreno, mas acharam a pérola de grande preço. — The Review and Herald, 21 de Julho de 1910.

As necessidades das viúvas e dos órfãos — Não é sábio dar indiscriminadamente a todo aquele que solicite nosso auxílio; porque podemos assim encorajar a ociosidade, a intemperança e a extravagância. Mas se alguém chegar à vossa porta dizendo que está com fome, não o despeçais vazio. Dai-lhe algo a comer, do que tendes. Não sabeis em que circunstâncias está, e pode ser que sua pobreza resulte de infortúnio.

Mas entre aqueles cujas necessidades reclamam nosso interesse, são as viúvas e os órfãos que mais apelam para a nossa terna simpatia e cuidado. "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo."

O pai que morreu na fé, confiando na promessa eterna de Deus, deixou os queridos na plena certeza de que o Senhor cuidaria deles. E como provê o Senhor, para esses desolados? Não opera um milagre, enviando maná do Céu, não manda corvos levar-lhes alimento, mas opera um milagre no coração humano, expulsando do coração o egoísmo, descerra as fontes da benevolência. Ele prova o amor de Seus professos seguidores confiando à terna misericórdia deles os sofredores e desolados, os pobres e os órfãos. São estes, em

sentido especial, os pequeninos de quem Cristo cuida, a quem é, para Ele, uma ofensa negligenciar. Os que os negligenciam estão negligenciando a Cristo, na pessoa de Seus sofredores.

Todo ato de bondade a eles feito em nome e Jesus, é por Ele aceito como sendo feito a Ele mesmo, pois identifica Seus interesses com os da humanidade sofredora e confia a Sua igreja a grandiosa tarefa de servir a Jesus ajudando e abençoando os necessitados e os sofredores. Sobre todos os que, com coração voluntário, a eles ministrarem, repousarão as bênçãos do Senhor.

Enquanto a morte não for tragada na vitória, haverá órfãos a serem cuidados, e que sofrerão em mais de uma maneira se os membros da igreja não exercerem, em seu favor, terna compaixão e amorável bondade. O Senhor nos ordena: Que “recolhas em casa os pobres desterrados”. Deve o cristianismo prover pais e mães para essas pessoas sem lar. A compaixão pelas viúvas e órfãos demonstrada em orações e atos subirá em memória diante de Deus, para ser finalmente recompensada. [...]

Misericórdia, a evidência de nossa união com Deus — Deus nos concede Suas bênçãos para que possamos dar aos outros. E, [104] em todo o tempo em que nos submetermos como condutos pelos quais seu amor possa fluir, conservá-los-á Ele supridos. Quando pedis a Deus o pão de cada dia, Ele vos esquadrinha o coração, para ver se o partilhareis também com os outros, mais necessitados do que vós. Quando orais: “Tem misericórdia de mim, pecador”, Ele observa, para ver se tereis compaixão daqueles com quem vos associais. É essa a evidência de nossa ligação com Deus — sermos misericordiosos, como nosso Pai que está nos Céus. Se somos dEle, faremos, com coração alegre, justamente o que Ele nos ordena fazer, por mais inconveniente, por mais contrário que seja aos nossos sentimentos. [...]

É fazendo as obras de Cristo, atendendo como Ele aos sofredores e aflitos, que nós devemos aperfeiçoar o caráter cristão. É para o nosso bem que Deus nos convida a praticar a abnegação por amor de Cristo, a levar a cruz, a trabalhar e nos sacrificarmos procurando salvar o que está perdido. Este é o processo que o Senhor usa para purificar, escoimando o material inferior, para que os preciosos traços de caráter de Jesus Cristo apareçam no crente. Toda a escória deve ser arrojada da mente, pela santificação da verdade. [...]

Pela graça de Cristo, nossos esforços para abençoar os outros, não são apenas o meio de nosso crescimento na graça, mas também aumentam nossa felicidade futura e eterna. Aos que têm sido coobreiros de Cristo, dir-se-á: "Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor". — The Review and Herald, 27 de Junho de 1893.

Não deve ser sustentado na ociosidade — O costume de sustentar homens e mulheres ociosos por meio de dádivas particulares ou dinheiro da igreja encoraja-os a manter hábitos maus. Tal atitude deve ser conscienciosamente evitada. Todo homem, mulher e criança devem ser educados a fazer trabalho prático e útil. Devem todos aprender algum ofício. Pode ser a fabricação de tendas, pode ser qualquer outra ocupação, mas todos devem estar preparados para usar suas faculdades para algum fim. E Deus está pronto a aumentar as capacidades de todos os que se educarem em hábitos de diligência. Não devemos ser "vagarosos no cuidado: sede fervorosos no espírito; servindo ao senhor". Deus abençoará a todos os que forem cuidadosos quanto a sua influência nesse sentido. — The Review and Herald, 13 de Março de 1900.

Desviando meios do tesouro da missão — Em muitos casos, os meios que deviam ser dedicados ao trabalho missionário são desviados para outros canais, com idéias errôneas de beneficência. Podemos errar ao dar aos pobres esmolas que não são uma bênção para eles, que os levam a julgar que não precisam esforçar-se por fazer economia, pois outros não lhes permitirão sofrer. Não devemos apoiar a indolência, ou encorajar hábitos de satisfação própria, provendo meios para a condescendência consigo mesmos. Muito [105] embora os pobres dignos não devam ser negligenciados, tanto quanto possível, devem todos eles ser ensinados a ajudar a si mesmos.

A essência de nosso trabalho é a salvação de pessoas. Foi por isso que Cristo fez o grande sacrifício, e é isso especialmente que exige beneficência de nossa parte. — Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh Day Adventist, 293.

Abnegação — sacrifício próprio — Na necessidade e no infortúnio, os filhos de Deus clamam por Ele. Muitos estão perecendo por falta das coisas necessárias à vida. Seus clamores penetram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Estritas contas pedirá Ele dos que têm negligenciado os Seus necessitados. Que farão esses ricos

egoístas quando o Senhor lhes perguntar: “Que fizestes com o dinheiro que vos dei para usar para Mim?” “Irão estes para o tormento eterno.” O Senhor lhes dirá: “Apartai-vos de Mim, malditos, porque tive fome, e não Me destes de comer, tive sede, e não Me destes de beber; sendo estrangeiro, não Me recolhestes; estando nu não Me vestistes; ou enfermo, e na prisão, não Me visitastes.”

Por todo o nosso redor se ouve o ruidoso pranto de um mundo cheio de tristezas. O pecado lança suas sombras sobre nós. Preparemo-nos para cooperar com o Senhor. Os prazeres e o poder deste mundo passarão. Ninguém poderá levar os tesouros terrenos para o mundo eterno. Mas a vida gasta em fazer a vontade de Deus permanecerá para sempre. O resultado do que é dado para fazer a obra de Deus avançar, ver-se-á no reino de Deus. — The Review and Herald, 31 de Janeiro de 1907.

[106]

Capítulo 34 — É recomendada a liberalidade

O apóstolo Paulo, em seu ministério entre as igrejas, foi incansável em seus esforços para inspirar no coração dos novos conversos o desejo de fazer grandes coisas pela causa de Deus. Muitas vezes ele os exortava à liberalidade. Falando aos anciãos de Éfeso sobre suas anteriores atividades entre eles, disse: “Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”. Atos dos Apóstolos 20:35.

“E digo isto”, escreveu ele aos coríntios, “que o que semeia pouco, pouco também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria”. 2 Coríntios 9:6, 7.

Quase todos os crentes da Macedônia, eram pobres em bens deste mundo, mas seu coração estava transbordando com o amor a Deus e Sua verdade, e alegremente deram para o sustento do evangelho. Quando as coletas gerais foram tiradas entre as igrejas gentílicas para socorro aos crentes judeus, a liberalidade dos conversos da Macedônia foi exaltada como um exemplo para as outras igrejas. Escrevendo aos crentes coríntios, o apóstolo chamou-lhes a atenção para “a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia; como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder [...] e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos”. 2 Coríntios 8:1-4.

A voluntariedade em sacrificar da parte dos crentes macedônios era conseqüência de sua inteira consagração. Movidos pelo Espírito de Deus, “se deram primeiramente ao Senhor” (2 Coríntios 8:5), daí estarem dispostos a dar voluntariamente de seus meios para o sustento do evangelho. Não era necessário constrangê-los para que dessem; antes se rejubilavam pelo privilégio de negarem a si mesmos até coisas necessárias a fim de suprir as necessidades de

outros. Quando o apóstolo quis restringi-los, insistiram com ele para [107] que aceitasse suas ofertas. Em sua simplicidade e integridade, e em seu amor pelos irmãos, renunciaram alegremente, e assim abundaram no fruto da beneficência.

Quando Paulo enviou Tito a Corinto para fortalecer os crentes ali, instruiu-o a desenvolver a igreja na graça de dar; e em carta pessoal aos crentes ele acrescentou também seu próprio apelo. "Assim como em tudo abundais em fé", apelou ele, "e em palavra, e em ciência, e em toda a diligência, e em a vossa caridade para conosco, assim também abundeis nesta graça." "Agora, porém, completai também o já começado, para que, assim como houve prontidão de vontade, haja também o cumprimento, segundo o que tendes. Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem." "E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra; [...] para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência a qual faz que por nós se dêem graças a Deus". 2 Coríntios 8:7, 11, 12; 9:8-11.

Abnegada liberalidade levou a primeira igreja a uma explosão de alegria; pois os crentes sabiam que seus esforços estavam ajudando a levar o evangelho aos que jaziam em trevas. Sua beneficência testificava que não haviam recebido a graça de Deus em vão. Que teria produzido tal liberalidade senão a santificação do Espírito? Aos olhos de crentes e incrédulos foi um milagre da graça. — Atos dos Apóstolos, 342-344.

Liberalidade recompensada — "Então ele [Elias] se levantou, e se foi a Sarepta. E, chegando à porta da cidade, eis que estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; e ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, num vaso um pouco d'água que beba. E, indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me agora também um bocado de pão na tua mão."

Nesse lar perseguido pela pobreza, a fome apertava excessivamente; e o alimento lastimosamente escasso parecia estar por acabar-se. À chegada de Elias mesmo no dia em que a viúva temia ter que abandonar a luta pelo sustento, provou ao máximo sua fé no poder do Deus vivo para suprir suas necessidades. Mas mesmo em sua penúria extrema deu ela testemunho de sua fé, atendendo ao

pedido do estrangeiro que lhe suplicava repartir com ele o último bocado.

Em resposta ao pedido de Elias por alimento e água, a viúva disse: "Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos e morramos." Elias lhe disse: "Não temas; vai, faze conforme à tua palavra. Porém faze disso primeiro para mim um bolo pequeno, e traze-mo para fora; depois farás para ti e para teu filho. Porque assim diz o Senhor Deus de Israel: a farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra." [108]

Nenhuma prova de fé maior que essa poderia ter sido requerida. A viúva tinha até então tratado todos os estrangeiros com bondade e liberalidade. Agora, indiferente aos sofrimentos que poderiam resultar a ela e seu filho, e confiando no Deus de Israel para suprir cada uma de suas necessidades, ela enfrentou esta suprema prova de hospitalidade, fazendo "conforme à palavra de Elias".

Maravilhosa foi a hospitalidade mostrada ao profeta de Deus por esta mulher fenícia, e maravilhosamente foram sua fé e generosidade recompensadas. "E assim comeu ela, e ele, e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme à palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias." [...]

A viúva de Sarepta repartiu seu bocado com Elias; e em retribuição, sua vida e a de seu filho foram preservadas. E a todos os que, em tempo de prova e carência, dão simpatia e assistência a outros mais necessitados, Deus prometeu grande bênção. Ele não mudou. Seu poder não é menor agora do que no tempo de Elias. — Profetas e Reis, 129-132.

As duas moedinhas da viúva — Jesus estava no pátio onde se achava a arca do tesouro, e observava os que ali iam depositar as ofertas. Muitos dos ricos levavam largas somas, que apresentavam com grande ostentação. Jesus os contemplava tristemente, mas não fez comentário algum acerca de suas liberais ofertas. Num momento, Sua fisionomia iluminou-se ao ver uma pobre viúva aproximar-se hesitante, como receosa de ser observada. Enquanto os ricos e altivos se apressavam para depor suas dádivas, ela se retraía, como se

mal ousasse adiantar-se. Todavia, anelava fazer qualquer coisa, por pequenina que fosse, pela causa que amava. Contemplou a dádiva que tinha na mão. Era demasiado pequena em comparação com as ofertas dos que a rodeavam: ali estava, no entanto, tudo quanto possuía. Espreitando o ensejo, deitou apressadamente suas duas moedinhas, e virou-se para se afastar, ligeira. Ao fazê-lo, porém, encontrou o olhar de Jesus, cravado nela.

O Salvador chamou a Si os discípulos, e convidou-os a notar a pobreza da viúva. Então soaram aos ouvidos dela Suas palavras de louvor: "Em verdade vos digo que lançou mais do que todos, esta pobre viúva." Lágrimas de alegria lhe encheram os olhos, ao ver que seu ato era compreendido e apreciado. Muitos tê-la-iam aconselhado a guardar seu escasso recurso para o próprio uso; dado às mãos dos bem nutridos sacerdotes, perder-se-ia de vista entre os muitos custosos dons levados ao tesouro. Mas Jesus entendeu-lhe o motivo. Ela cria que o serviço do templo era indicado por Deus, e estava ansiosa por fazer tudo que lhe era possível para sua manutenção. Fez o que pôde e sua ação serviria de monumento a sua memória, através dos tempos, e alegria na eternidade. O coração acompanhou-lhe a [109] dádiva; seu valor foi estimado, não pela importância da moeda, mas pelo amor para com Deus e o interesse para com Sua obra, que a motivaram.

Jesus disse da viúva pobre: Ela "lançou mais do que todos". Os ricos deram de sua abundância, muitos deles para serem vistos e honrados pelos homens. Seus grandes donativos não os privaram de nenhum conforto, nem mesmo do luxo; não tinham exigido nenhum sacrifício que pudesse ser comparado, em valor, com as moedas da viúva.

O motivo vale mais que a importância — É o motivo que imprime cunho às nossas ações, assinalando-as com ignomínia ou elevado valor moral. Não são as grandes coisas que todos os olhos vêem e toda língua louva, que Deus reputa mais preciosas. Os pequenos deveres cumpridos com contentamento, as pequeninas dádivas que não fazem vista, e podem parecer destituídas de valor aos olhos humanos, ocupam muitas vezes diante de Deus o mais alto lugar. Um coração de fé e amor é mais precioso para Deus que os mais custosos dons.

A viúva pobre deu sua subsistência para fazer o pouco que fez. Privou-se de alimento para oferecer aquelas duas moedinhas à causa que amava. E fê-lo com fé, sabendo que seu Pai celestial não passaria por alto sua grande necessidade. Foi esse espírito abnegado e essa infantil fé que atraiu o louvor do Senhor.

Existem entre os pobres muitos que anelam manifestar gratidão para com Deus por Sua graça e verdade. Desejam ardentemente tomar parte, com seus irmãos mais prósperos, na manutenção de Seu serviço. Essas pessoas não devem ser repelidas. Permita-se-lhes pôr suas moedas no banco do Céu. Dadas com o coração cheio de amor para com Deus, essas ninharias aparentes tornam-se dádivas consagradas, inapreciáveis ofertas que Deus aprova e abençoa. — O Desejado de Todas as Nações, 614-616.

A oferta aceitável de Maria — É o serviço feito de coração que torna a dádiva valiosa. Quando a Majestade do Céu Se tornou um bebê, e foi confiado a Maria, não tinha ela muito que oferecer pelo precioso dom. Levou ao altar apenas duas rolas, oferta designada para os pobres; mas foram um sacrifício aceitável ao Senhor. Não podia apresentar tesouros raros como os sábios do Oriente, que foram a Belém para os depor diante do Filho de Deus; contudo a mãe de Jesus não foi rejeitada devido à insignificância de sua dádiva. Foi a voluntariedade de seu coração que o Senhor tomou em consideração, e seu amor tornou suave a oferta. Assim aceitará Deus a nossa dádiva embora seja ela pequena, se for o melhor que temos, e for oferecida por amor a Ele. — The Review and Herald, 9 de Dezembro de 1890. [110]

Capítulo 35 — Preciosos à vista de Deus

Entre os professos filhos de Deus, há homens e mulheres que amam o mundo e as coisas que no mundo há, e essas pessoas estão sendo corrompidas pelas influências mundanas. O divino está sendo afastado de sua natureza. Como instrumento da injustiça, estão eles realizando o propósito do inimigo.

Em contraste com essa classe, encontram-se os pobres honestos e operosos, que estão prontos a ajudar os que precisam de auxílio, e dispostos a sofrer injustiça de preferência a manifestar o espírito avaro, ganancioso dos ricos. Esses homens dão mais valor a uma consciência limpa e a princípios retos que ao ouro. Estão prontos a fazer todo o bem que lhes for possível. Se qualquer empreendimento beneficente deles requer dinheiro ou trabalho, são os primeiros a responder, e freqüentemente vão muito além de sua capacidade real, privando-se de algum bem necessário para levar a cabo seu propósito beneficente.

Podem esses homens gabar-se que muito pouco do tesouro terreno possuem; podem ser considerados deficientes no juízo e na sabedoria; sua influência pode não ser considerada de especial valor; mas, à vista de Deus, eles são preciosos. Podem ser julgados de pouca percepção, mas manifestam uma sabedoria que está tão acima da mente calculadora e ávida de ganho como está o divino acima do humano; pois não estão eles ajuntando para si mesmos nos Céus um tesouro incorruptível, puro, e que não esmaece? — The Review and Herald, 19 de Dezembro de 1899.

Como fragrante incenso — Mostra a experiência que, entre os de recursos limitados, com maior freqüência se encontram o espírito de beneficência do que entre os abastados. Muitos do que avidamente desejam riquezas arruinar-se-iam com a sua posse. Geralmente quando tais pessoas são agraciadas com o talento de meios acumulam ou desperdiçam o dinheiro do Senhor, até que o Mestre lhes diga individualmente: "Não mais serás mordomo." Desonesta-

mente usam o que é dos outros como se fosse deles mesmos. Deus não lhes concederá as riquezas eternas. [...]

A dádiva do homem pobre, fruto da abnegação, para difundir a preciosa luz da verdade é como um fragrante incenso diante de Deus. Todo ato de sacrifício próprio para o bem dos outros fortalecerá o espírito de beneficência no coração do doador, ligando-o cada vez mais ao Redentor do mundo, que é rico mas, por amor de nós Se fez [111] pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos.

A menor quantia, dada alegremente como resultado da abnegação, tem mais valor à vista de Deus do que as ofertas dos que podem dar milhares sem, contudo, sentirem falta. A viúva pobre que deitou duas moedinhas no tesouro do Senhor, demonstrou amor, fé e bondade. [...] A bênção de Deus sobre aquela sincera oferta tornou-a fonte de grandes resultados.

A moeda da viúva tem sido como que uma pequenina corrente que flui através dos séculos, e que se alarga e aprofunda, em seu curso, contribuindo, em mil direções, para a expansão da verdade e o socorro dos necessitados. A influência dessa pequenina dádiva tem agido e reagido, em todas as épocas e em cada país, sobre milhares de corações. Em resultado, dos pobres liberais e abnegados, inumeráveis dádivas têm fluído para o tesouro do Senhor. E, além disso, seu exemplo tem estimulado milhares de pessoas amantes das comodidades, egoístas e cheias de dúvidas, a praticar boas obras, e as dádivas delas também lhe têm ido aumentar o valor da oferta. — The Signs of the Times, 15 de Novembro de 1910.

Os doadores são recompensados, embora as dádivas sejam mal-empregadas — Famílias pobres, que experimentaram a influência santificadora da verdade, e que, portanto, a apreciam e por ela se sentem gratas a Deus, têm pensado poderem e deverem privar-se até mesmo das coisas necessárias à vida, para levarem suas ofertas ao tesouro do Senhor. Alguns se têm privado de peças do vestuário de que realmente precisavam para seu conforto. Outros venderam a única vaca que possuíam, dedicando a Deus os meios assim obtidos. Na sua sinceridade, com muitas lágrimas de gratidão por terem o privilégio de fazer isso pela causa de Deus, têm-se prostrado perante o Senhor com a oferta, e sobre ela invocado Suas bênçãos, ao enviá-la, orando para que seja o meio de levar o conhecimento da verdade às pessoas que estão em trevas.

Nem sempre os recursos assim dedicados têm sido empregados conforme os abnegados doadores haviam determinado. Homens cobiçosos e egoístas, destituídos do espírito de abnegação e de sacrifício próprio, têm manuseado com infidelidade os recursos assim trazidos para a tesouraria, e têm roubado o tesouro de Deus, recebendo meios que não ganharam justamente. Sua administração não consagrada e negligente tem malbaratado e dispersado recursos que haviam sido consagrados a Deus com orações e lágrimas. [...]

Embora os recursos assim consagrados sejam mal-empregados, de modo que não atinjam o alvo que o doador tinha em vista — a glória de Deus e a salvação de pessoas — os que se sacrificaram de modo sincero, visando apenas a glória de Deus, não perderão sua recompensa. — Testimonies for the Church 2:518, 519. [112]

Como são avaliadas nas balanças celestiais — Nas balanças do santuário, as dádivas dos pobres, impulsionadas pelo amor a Cristo, não são avaliadas segundo a importância doada, mas de acordo com o amor que inspira o sacrifício. As promessas de Jesus serão verificadas pelo pobre liberal, que pouco tem para dar mas oferece esse pouco de boa vontade, tão certamente como o serão pelo rico que dá de sua abundância. O pobre faz de seu pouco um sacrifício, que lhe custa realmente. Renuncia a algumas coisas de que na verdade necessita para o próprio conforto, ao passo que o abastado oferece de sua abundância, e não sente falta, não renuncia a nada de que realmente necessite. Há, portanto, na oferta do pobre, uma santidade que não se encontra na do rico; pois este dá de sua fartura. A providência de Deus delineou todo o plano da doação sistemática para bem do homem. Sua providência não cessa nunca. Caso os servos de Deus a sigam nos caminhos que abre, serão todos obreiros ativos. — Testemunhos Seletos 1:378, 379; Testimonies for the Church 3:398, 399. [113]

Capítulo 36 — Favores recebidos e comunicados

Enquanto estivermos neste mundo, e o Espírito de Deus Se estiver esforçando com o mundo, tanto devemos receber como prestar favores. Devemos dar ao mundo a luz da verdade segundo é apresentada nas Escrituras Sagradas, e do mundo devemos receber aquilo que Deus os move a fazer a favor de Sua causa. O Senhor ainda toca no coração dos reis e governadores em favor de Seu povo, e compete aos que estão tão profundamente interessados na questão da liberdade religiosa não dispensar quaisquer favores ou eximir-se do auxílio que Deus tem movido os homens a dar para o avanço de Sua causa.

Encontramos exemplos na Palavra de Deus quanto a esse mesmo assunto. Ciro, rei da Pérsia, fez uma proclamação por todo o seu reino, e mandou escrever dizendo: "Assim diz Ciro, rei da Pérsia: o Senhor Deus dos Céus me deu todos os reinos da Terra; e Ele me encarregou de Lhe edificar uma casa em Jerusalém, que é em Judá. Quem há entre vós, de todo o Seu povo, seja seu Deus com ele, e suba a Jerusalém, que é em Judá, e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel." Segunda ordem foi dada por Dario para a edificação da casa do Senhor, e está registrada no sexto capítulo de Esdras.

O Senhor Deus de Israel tem colocado os Seus bens nas mãos de incrédulos, mas eles devem ser usados para favorecer a realização das obras que devem ser feitas em prol de um mundo caído. Os instrumentos por meio dos quais vêm essas dádivas, podem abrir avenidas em que a verdade possa prosseguir. Podem não ter simpatia para com a obra, e nenhuma fé em Cristo, nem praticar Suas palavras; mas suas dádivas não devem ser recusadas por esse motivo. [...]

Repetidamente tenho mostrado que poderíamos receber muito mais auxílio do que temos recebido em muitos modos, se nos aproximássemos dos homens com sabedoria, familiarizando-os com a nossa obra, e dando-lhes uma oportunidade de fazer aquilo que é nosso privilégio levá-los a fazer para o avançamento da obra de

Deus. — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 202, 203.

O exemplo de Neemias — Neemias não se deixou ficar na dependência da incerteza. Os meios que lhe faltavam ele os solicitou [114] dos que lho podiam fornecer. E o Senhor está ainda desejando mover o coração dos que têm a posse dos Seus bens, em favor da causa da verdade. Os que trabalham para Ele, devem servir-se do auxílio que Ele move os homens a dar. Esses dons podem abrir caminhos pelos quais a luz da verdade irá a muitas terras entenebrecidas. Os doadores podem não ter fé em Cristo, nem familiaridade com Sua Palavra; mas os seus dons não estão neste mesmo caso para serem recusados. — Profetas e Reis, 634.

A obra de Deus deve, agora, avançar rapidamente, e se Seu povo Lhe atender ao apelo, fará Ele com que os que possuem propriedades estejam prontos a dar de seus meios, e, assim, possibilitem a consumação de Sua obra na Terra. "A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". Hebreus 11:1. A fé na Palavra de Deus fará com que Seu povo possua propriedades que os capacitarão a trabalhar nas grandes cidades que estão esperando a mensagem da verdade. — Testimonies for the Church 9:272, 273.

Receber dádivas de fora — Perguntais a respeito da conveniência de receber dádivas dos gentios ou dos pagãos. A pergunta não é estranha; mas eu vos perguntaria: Quem é que possui nosso mundo? Quem são os verdadeiros donos das casas e terras? Não é Deus? Ele tem em nosso mundo uma abundância que colocou nas mãos dos homens, pela qual os famintos pudessem ser supridos de alimento, o nus de roupa, de casa, os que não têm lar. O Senhor moverá homens do mundo, mesmo idólatras, a dar de sua abundância para o sustento da obra, se deles nos aproximarmos com sabedoria, e lhes dermos oportunidade de fazer as coisas que é seu privilégio realizar. O que nos quiserem dar devemos considerar um privilégio receber.

Devemos familiarizar-nos com homens que estão em elevadas posições, e, exercendo a sabedoria da serpente, e a inocência da pomba, podemos obter deles vantagens, pois Deus quer mover-lhes o espírito para fazer muitas coisas em favor do Seu povo. Se as pessoas devidas expusessem aos que têm meios e influência, as necessidades da obra de Deus no devido aspecto, esses fariam muito

para expandir a causa de Deus no mundo. Temos afastado de nós privilégios e vantagens cujo benefício poderíamos ter desfrutado, porque escolhemos permanecer independentes do mundo. Mas não precisamos sacrificar um princípio de verdade enquanto tiramos vantagem de cada oportunidade para fazer a causa de Deus avançar. — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 197, 198. [115]

Capítulo 37 — Deus está preparando o caminho

Fossem as necessidades da causa do Senhor apresentadas devidamente aos que têm meios e influência, e esses homens muito poderiam fazer para levar avante a causa da verdade presente. O povo de Deus tem perdido muitos privilégios que poderia ter aproveitado, se não houvesse escolhido ficar independente do mundo.

Na providência de Deus, diariamente somos postos em contato com os inconversos. Com Sua própria mão direita, Deus está preparando o caminho adiante de nós, para que Sua obra progrida rapidamente. Como colaboradores Seus, temos uma sagrada obra a fazer. Devemos ter angústia pelos que estão em posição elevada; devemos levar-lhes o gracioso convite para assistir ao banquete de bodas.

Embora agora quase que inteiramente em poder de homens ímpios, todo mundo, com as suas riquezas e tesouros, pertence a Deus. "Do Senhor é a Terra, e a Sua plenitude. [...]" Oh, se os cristãos reconhecessem, cada vez mais, ser-lhes privilégio e dever, enquanto alimentam princípios corretos, aproveitar cada oportunidade dada pelo Céu para fazer o reino de Deus progredir neste mundo! — Counsels on Stewardship, 14, 15.

Impressionados pelo espírito de dar — Médicos missionários que trabalham em ramos evangélicos, estão fazendo uma obra de tão alta espécie, como seus coobreiros do ministério. Os esforços desenvolvidos por esses obreiros não se devem limitar às classes mais pobres. As classes mais altas têm sido estranhamente negligenciadas. Nas esferas mais elevadas da sociedade encontram-se muitos que hão de corresponder à verdade, porque ela é coerente, porque apresenta o selo do elevado caráter do evangelho. Não poucos de entre os homens de capacidade assim conquistados para a verdade, hão de entrar com energia para a obra do Senhor.

O Senhor pede aos que se acham em posições de confiança, aqueles a quem Ele tem confiado Seus preciosos dons, que empreguem os talentos de inteligência e de meios em Seu serviço. Nossos obreiros

devem apresentar a esses homens uma clara exposição de nosso plano de trabalho, dizendo-lhes o que necessitamos para auxiliar o pobre e o necessitado, e para estabelecer esta obra sobre uma base firme. Alguns desses serão impressionados pelo Espírito Santo para [116] empregar os recursos do Senhor de maneira a fazer progredir Sua causa. Eles cumprirão Seus desígnios ajudando a criar centros de influência nas grandes cidades. — Obreiros Evangélicos, 361.

Apelo aos ricos — Há um mundo a ser advertido, e temos sido muito tímidos quanto a pedir aos ricos, quer membros da igreja quer não, que nos auxiliem no trabalho. Quiséramos que todos os cristãos professos ficassem conosco. Gostaríamos que seu coração se extravasasse em liberalidade, ajudando-nos a edificar o reino de Deus em nosso mundo. Devemos pedir a grandes e bons homens que nos ajudem no nosso trabalho de esforço cristão. Deveriam ser convidados a nos apoiar os esforços, ao procurarmos salvar ao que está perdido. — The Origin and Development of the Thanksgiving Plan, 5, 28 de Fevereiro de 1900.

Deus abrirá o caminho — Os tempos estão se tornando difíceis e há dificuldades em obter-se dinheiro, mas Deus abrirá o caminho para nós, por meio de fontes fora do nosso próprio povo. Não posso ver como alguém pode recusar o recebimento de dádivas dos que não pertencem a nossa fé. Só podem fazer isso assumindo pontos de vista extremados e criando controvérsias que não estão autorizados a criar. Este é o mundo de Deus, e se Deus pode mover agentes humanos de tal modo que a Terra que estava nas mãos do inimigo possa ser trazida para as nossas mãos, a fim de que a mensagem possa ser proclamada em regiões distantes, bloquearão os homens o caminho com suas noções acanhadas? Uma consciência assim não pode ser considerada sã. O Espírito Santo não leva homens nessa direção. — Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos, 210.

Um meio de conversão — Por que não pedir o auxílio dos gentios? Tenho sido instruída de que há, no mundo, homens e mulheres de coração bondoso e que serão tomados de compaixão ao lhes serem apresentadas as necessidades da humanidade sofredora. [...]

Há homens no mundo que darão de seus recursos para escolas e para hospitais. O assunto me tem sido apresentado nesse aspecto. Nosso trabalho deve ser de ofensiva. O dinheiro é do Senhor, e se

nos aproximarmos dos ricos na devida maneira, o Senhor lhes tocará o coração, e os impressionará a dar dos seus recursos. O dinheiro de Deus está nas mãos desses homens, e alguns deles atenderão ao pedido de auxílio.

Estudai o assunto, e fazei o que estiver nas vossas forças para conseguir donativos. Não devemos julgar que coisa que não se deve fazer é pedir recursos aos homens do mundo, porque é isso justamente o que se deve fazer. Esse plano me foi apresentado como uma das maneiras de entrar em contato com os homens abastados do mundo. Por esse meio, não poucos ficarão interessados e poderão ouvir a verdade para este tempo, e nela crer. — Counsels on Stewardship, 15, 16. [117]

Capítulo 38 — O trabalho da recolta de donativos

Seguindo qualquer plano que se possa pôr em execução para levar aos outros o conhecimento da verdade presente e das maravilhosas providências ligadas à causa que avança, em primeiro lugar consagremo-nos completamente Àquele cujo nome desejamos exaltar. Oremos, também, fervorosamente em favor dos que esperamos visitar, levando-os, um a um, com fé viva, à presença de Deus.

O Senhor conhece os pensamentos e propósitos do homem, e com que facilidade nos pode enternecer! Como pode o seu Espírito, como um fogo, dominar o coração empedernido! Como pode Ele encher a vida de amor e ternura! Como nos pode dar as graças de Seu Santo Espírito, e preparar-nos para entrar e sair, ao trabalhar em prol de pessoas! Dever-se-ia sentir em toda a igreja, hoje, o poder da graça vencedora, e ele pode ser sentido, se dermos ouvidos aos conselhos de Cristo aos Seus seguidores. Ao aprendermos a praticar a doutrina de Cristo, nosso Salvador, certamente veremos a salvação de Deus.

A todos os que estão prestes a empreender trabalho missionário especial com o folheto preparado para ser usado na campanha da Recolta de Donativos, eu diria: Sede diligentes em vossos esforços; vivei sob a direção do Espírito Santo. Aumentai, diariamente vossa experiência cristã. Os que têm especial aptidão, trabalhem pelos descrentes, e tanto nas camadas mais elevadas como nas mais humildes da sociedade. Buscai diligentemente as pessoas que perecem. Oh, pensai no ardente desejo que Cristo tem de levar novamente para o Seu aprisco os que se extraviaram!

Vigiai pelas pessoas como quem tem de dar contas. Em vosso trabalho missionário na igreja e na vizinhança, fazei vossa luz brilhar com raios tão claros e constantes que nenhum homem se possa levantar no juízo e dizer: “Por que não me falastes dessa verdade? Por que não cuidastes de minha salvação?”

Sejamos, então diligentes na distribuição de impressos cuidadosamente preparados para ser usados entre os que não são da nossa

fé. Aproveitemos ao máximo cada oportunidade de captar a atenção dos descrentes. Ponhamos impressos em cada mão que os queira receber. Consagremo-nos à proclamação da mensagem: "Preparai [118] o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus!" Instrumentos divinos e humanos devem unir-se para a realização de um grande objetivo. Hoje é o dia de nossa responsabilidade. "O Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida". — Manuscrito 2, 1914.

Fruto desse duplo esforço — Na providência de Deus, os que levam a responsabilidade de Sua obra têm-se esforçado por dar nova vida aos velhos métodos de trabalho, e também delinear novos planos e novos métodos de despertar o interesse dos membros da igreja num esforço unido para alcançar o mundo. Um dos novos planos para alcançar os descrentes é a campanha da Recolta de Donativos para as missões. Em muitos lugares, durante os poucos anos passados, isso se tem demonstrado um grande êxito, trazendo bênçãos para muitos e aumentando o afluxo de meios para a tesouraria das missões. Ao se fazer com que os que não são da nossa fé se familiarizem com o progresso da mensagem do terceiro anjo, em terras pagãs, sua simpatia tem sido despertada, e alguns têm procurado saber mais acerca da verdade que tanto poder tem para transformar corações e vidas. Homens e mulheres de todas as classes têm sido alcançados e o nome de Deus, glorificado.

Em anos passados, falei em favor do plano de apresentar aos nossos amigos e vizinhos o trabalho de nossa missão e seu progresso, e me referi ao exemplo de Neemias. E agora desejo insistir com nossos irmãos e irmãs para que estudem de novo a experiência desse homem de oração e fé, e são juízo, que ousou tomar a liberdade de pedir auxílio a seu amigo, o Rei Artaxerxes, para levar avante os interesses da causa de Deus. Compreendam todos que, ao apresentar as necessidades de nossa obra, só podem os crentes refletir a luz para os outros, quando, como o Neemias da antiguidade, se aproximam de Deus e vivem em íntima ligação com o Doador de toda luz. Se quisermos ganhar outros do erro para a verdade, nós mesmos devemos estar firmemente arraigados no conhecimento da verdade. Precisamos, agora, examinar, diligentemente, as Escrituras, para que, ao travarmos conhecimento com descrentes, possamos elevar, perante

eles, a Cristo como o ungido, o crucificado, o Salvador ressurreto, testificado pelos profetas, testemunhado pelos crentes, e em cujo nome recebemos o perdão de nossos pecados. — Manuscrito 2, 1914. [119]

Capítulo 39 — O verdadeiro motivo de todo serviço

Nos dias de Cristo os fariseus procuravam continuamente conseguir o favor do Céu a fim de obter honra e prosperidade mundanas, as quais consideravam como sendo a recompensa da virtude. Ostentavam ao mesmo tempo seus atos de caridade diante do povo com o intuito de atrair-lhes a atenção, e adquirir reputação de santidade.

Jesus lhes censurou a ostentação, dizendo que Deus não reconhece um serviço como esse, e que a lisonja e a admiração do povo, as quais tão ansiosamente buscavam, seriam a única recompensa que haviam de ter.

"Quando tu deres esmola", disse Ele, "não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola seja dada ocultamente: e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente."

Com essas palavras Jesus não ensinou que os atos de bondade devem ser sempre conservados em segredo. Paulo, o apóstolo, escrevendo inspirado pelo Espírito Santo, não oculta o generoso sacrifício dos cristãos macedônios, mas fala da graça por Cristo neles operada, de maneira que outros foram possuídos do mesmo espírito. Ele também escreveu à igreja de Corinto, dizendo: "Vosso zelo tem estimulado a muitos."

As próprias palavras de Cristo esclarecem Sua intenção — que nos atos de caridade o objetivo não deve ser atrair louvor e honra dos homens. A verdadeira piedade nunca promove um esforço para ostentação. Os que desejam palavras de elogio e lisonja, delas se nutrindo como de um bocado delicioso, são cristãos apenas de nome.

Por meio de suas boas obras devem os seguidores de Cristo trazer glória, não para si mesmos, mas para Aquele mediante cuja graça e poder eles operaram. É por meio do Espírito Santo que toda boa obra é efetuada, e o Espírito é dado para glorificar, não o recebedor, mas o Doador. Quando a luz de Cristo brilha no coração, os lábios se encherão de louvor e ação de graças a Deus. Vossas orações, o cumprimento de vossos deveres, vossa beneficência, vossa

abnegação, não serão o tema de vossos pensamentos ou conversação. Jesus será engrandecido, o eu oculto, e Cristo aparecerá como tudo em todos.

Cumpre-nos dar em sinceridade, não para fazer ostentação de nossas boas ações, mas por piedade e amor para com os sofredores. A sinceridade de desígnio, a verdadeira bondade de coração, eis o motivo a que o Céu dá valor. A pessoa sincera em seu amor, que põe todo o coração em sua devoção, Deus considera mais preciosa que as barras de ouro de Ofir. [...] Não devemos pensar na recompensa, mas no serviço. — Beneficência Social, 79-81. [120]

O motivo de dar é registrado — Foi-me mostrado que o anjo relator faz um registro fiel de toda oferta feita a Deus, e posta no tesouro, bem como dos resultados finais dos meios assim doados. Os olhos do Senhor tomam conhecimento de todo níquel consagrado à Sua causa, e da boa vontade ou relutância do doador. O motivo por que se dá também é registrado. Os abnegados, consagrados que devolvem a Deus o que Lhe pertence, como Ele requer, serão recompensados segundo as suas obras. — Steps to Christ, 221; Testimonies for the Church 2:518, 519.

Motivos mais elevados que a simpatia — A treva moral de um mundo arruinado pleiteia com os cristãos, homens e mulheres, para exercerem esforços pessoais, darem de seus meios e de sua influência, de modo a serem assemelhados à imagem dAquele que, embora possuísse infinitas riquezas, tornou-Se todavia pobre por amor de nós. O Espírito de Deus não pode permanecer com aqueles a quem Ele mandou a mensagem de Sua verdade, mas que precisam ser insistentemente solicitados para poderem ter qualquer senso do dever que lhes cabe de tornarem-se coobreiros de Cristo. O apóstolo acentua o dever de dar impulsionados por motivos mais elevados, que a simples simpatia humana, devida à comoção. Insiste no princípio de que devemos trabalhar desinteressadamente, visando unicamente a glória de Deus. — Testemunhos Seletos 1:370; Testimonies for the Church 3:391.

Amor, o princípio da ação — O amor precisa ser o móvel de ação. O amor é o princípio básico do governo de Deus no Céu e na Terra, e deve ser o fundamento do caráter cristão. Isto unicamente pode torná-lo e guardá-lo inabalável; habilitá-lo a resistir às provas e tentações.

E o amor será revelado no sacrifício. O plano de salvação foi estabelecido através de sacrifício — um sacrifício tão profundo, amplo e alto, que é incomensurável. Cristo entregou tudo por nós; e os que aceitam a Cristo estarão prontos para sacrificar tudo pela causa de seu Redentor. O pensamento de Sua honra e glória terá precedência sobre todas as outras coisas.

Se amamos a Jesus, gostaremos de para Ele viver, de apresentar-Lhe nossa oferta de gratidão, de trabalhar para Ele. O próprio labor será fácil. Anelaremos sofrimento, labuta e sacrifício por Sua causa. Simpatizaremos com o Seu anseio pela salvação dos homens. Sentiremos pelos homens a mesma terna paixão que Ele sentiu.

Esta é a religião de Cristo. Qualquer coisa menos que isso é um engano. Nenhuma simples teoria da verdade ou profissão de [121] discipulado salvará pessoa alguma. Não pertencemos a Cristo, se não somos inteiramente Seus. É pela indiferença na vida cristã que os homens se tornam de propósitos fracos e desejos mutáveis. O esforço de servir tanto ao eu como a Cristo, faz do homem ouvinte de pedregais, e não resistirá quando lhe sobrevier a provação. — [122] Parábolas de Jesus, 49, 50.

Capítulo 40 — Ofertas voluntárias

Tudo que fazemos deve ser feito de boa vontade. Devemos levar nossas ofertas com alegria e gratidão, dizendo ao apresentá-las: Das Tuas mãos voluntariamente Te damos. O mais custoso serviço que possamos prestar não passa de ninharia comparado ao dom de Deus ao nosso mundo. Cristo é uma dádiva cada dia. Deus O deu ao mundo, e Ele graciosamente recebe os dons confiados aos Seus agentes humanos para a promoção de Sua obra no mundo. Desse modo mostramos que reconhecemos e confessamos que tudo pertence absoluta e inteiramente a Deus. — Manuscrito 124, 1898.

Deus Se deleita em honrar a oferta de um coração que ama, dando-lhe a mais alta eficiência em Seu serviço. Se dermos o coração a Jesus, trar-Lhe-emos também as nossas dádivas. Nosso ouro e prata, nossas mais preciosas posses terrestres, nossos mais elevados dotes mentais e espirituais ser-Lhe-ão inteiramente consagrados, a Ele que nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós. — O Desejado de Todas as Nações, 65.

Ofertas de Gratidão e Pelo Pecado — Ide ao Senhor com coração transbordante de graças pelas misericórdias passadas e presentes, e manifestai vossa apreciação da liberalidade de Deus levando-Lhe vossas ofertas de gratidão, ofertas voluntárias e ofertas pelo pecado. — The Review and Herald, 4 de Janeiro de 1881.

A oferta chorada é um escárnio a Deus — Deus fez dos homens Seus despenseiros, sócios Seus na grande tarefa de levar-Lhe avante o reino na Terra, mas eles podem seguir o mesmo procedimento do servo infiel, e ao assim fazer perdem os mais preciosos privilégios já conferidos ao homem. Durante milhares de anos, Deus tem operado por meio dos agentes humanos, mas Se quiser poderá retirar os egoístas, os amantes do dinheiro e os cobiçosos. Ele não depende de nossos recursos e não será restringido pelos agentes humanos. Poderá levar a cabo Seu próprio trabalho, embora nele não tomemos parte. Quem, porém, dentre nós se alegraria de que o Senhor fizesse isso?

Seria melhor não dar absolutamente nada do que dar de má vontade; pois se dermos de nossos meios quando não temos o espírito de dar liberalmente, zombamos de Deus. Tenhamos sempre em mente que estamos lidando com Alguém de quem dependemos em cada bênção. Alguém que lê toda intenção do coração, cada propósito da mente. — The Review and Herald, 15 de Maio de [123] 1900.

O que dá com alegria é aceito — "E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria." Se agirmos no espírito desse conselho, poderemos convidar o Ser Divino para revisar as contas de nossos assuntos temporais. Podemos julgar estar apenas dando ofertas daquilo que é um dom confiado por nosso Senhor.

Devem todas as nossas ofertas ser dadas com alegria, pois vêm do fundo que o Senhor achou por bem colocar em nossas mãos visando a levar avante Sua obra no mundo, a fim de que a bandeira da verdade possa ser desfraldada nos caminhos e atalhos da Terra. Se todos os que professam a verdade dessem ao Senhor o que Lhe pertence em dízimos, e dádivas e ofertas, haveria mantimento na casa do Senhor. Não dependeria a causa da beneficência da incerteza de dádivas resultantes de impulso, e que variam segundo os mutáveis sentimentos do homem. As exigências de Deus seriam bem acolhidas e Sua causa seria igualmente considerada com direito a uma porção dos fundos confiados às nossas mãos.

Quanto mais ansioso deveria estar cada fiel mordomo quanto a aumentar a proporção das dádivas a serem colocadas no tesouro do Senhor, do que de diminuir suas ofertas um jota ou um til que seja. A quem está ele servindo? Para quem está preparando uma oferta? Para Aquele de quem depende em cada coisa boa que desfruta. Então nenhum de nós que esteja recebendo a graça de Cristo dê ocasião aos anjos de se envergonharem de nós, e de Jesus Se envergonhar de nos chamar irmãos.

Quereis que a ingratidão seja cultivada e se manifeste pela nossa atitude mesquinha de dar à causa de Deus? — Não, não! Entreguemo-nos num sacrifício vivo, dando a Jesus tudo o que temos. É Seu; somos-Lhe possessão adquirida. Os que recebem Sua

graça, que contemplam a cruz do Calvário, não questionarão sobre a proporção em que dar, mas sentirão que a mais rica oferta é demasiado mesquinha, completamente desproporcionada, ante a grande dádiva do Filho unigênito do infinito Deus. Pela abnegação, até mesmo o mais pobre achará meios de obter algo que devolver a Deus. — The Review and Herald, 14 de Julho de 1896. [124]

Capítulo 41 — Métodos populares de apelo

Vemos as igrejas dos nossos dias incentivando festejos, glutonaria e dissipação por meio de ceias, quermesses, danças e festivais realizados com o fim de ajuntar meios para a tesouraria da igreja. Eis um método inventado por mentes carnais para conseguir recursos sem sacrifício. [...]

Tal exemplo faz certa impressão na mente da juventude. Notam que os bingos, quermesses e jogos são aceitos pela igreja, e pensam haver algo fascinante nessa maneira de obter recursos. O jovem está rodeado de tentações. Entra na pista de boliche, no salão de jogo, para ver o esporte. Vê que o dinheiro é embolsado pelo que ganha. Isso parece tentador. Parece um modo mais fácil de obter dinheiro que pelo trabalho árduo, que requer perseverante energia e economia estrita. Imagina não haver nisso nenhum mal, pois se tem recorrido a jogos semelhantes visando a obter recursos em benefício da igreja. Então, por que não deveria ele ajudar a si mesmo dessa maneira?

Dispõe de uns poucos meios que aventura investir, pensando que eles podem trazer uma boa quantia. Quer ganhe ou perca, está na estrada descendente que conduz à ruína. Mas foi o exemplo da igreja que o levou ao caminho falso.

Ofertas defeituosas e doentias — Fiquemos livres de todas essas corrupções, dissipações e festivais de igreja que exercem uma influência desmoralizante sobre jovens e velhos. Não temos o direito de lançar sobre eles o manto da santidade porque os recursos devem ser empregados nos planos da igreja. Tais ofertas são defeituosas e doentias, e têm a maldição de Deus. São o preço de vidas. Pode o púlpito defender festivais, dança, tômbolas, quermesses e luxuosos banquetes para obter recursos para os planos da igreja; mas não participemos de nenhuma dessas coisas, pois, se o fizermos, incorreremos no desagrado de Deus. Não nos propomos apelar para a concupiscência do apetite ou recorrer a diversões carnais como meio de induzir professos seguidores de Cristo a dar dos bens que

Deus lhes tem confiado. Se não derem voluntariamente, por amor de Cristo, de maneira alguma será a oferta aceitável a Deus. [125]

Caracteres arruinados — Trajando vestes do Céu, a morte espreita no caminho dos jovens. O pecado é coberto de ouro pela santidade da igreja. Essas várias formas de divertimento nas igrejas modernas têm arruinado milhares que, não fosse isso, poderiam ter permanecido corretos e se tornado seguidores de Cristo. Caracteres têm sido arruinados por esses festivais da igreja e apresentações teatrais da moda, e mais alguns milhares serão destruídos; contudo o povo não se aperceberá do perigo, nem da temível influência exercida. Muitos moços e moças têm perdido sua salvação devido a essas influências corruptoras. — The Review and Herald, 21 de Novembro de 1878.

Motivos egoístas — Nos professos ajuntamentos cristãos, Satanás lança uma capa de religiosidade sobre os prazeres enganosos e os folguedos não santificados, para lhes dar a aparência de santidade, e a consciência de muitos é acalmada por angariarem meios para custear as despesas da igreja. Os homens recusam dar por amor a Deus, mas, por amor ao prazer, e a condescendência com ambições egoístas, contribuirão com seu dinheiro.

Será por não haver poder nas lições de Cristo quanto à beneficência, no Seu exemplo, e na graça de Deus no coração para levar os homens a glorificar a Deus com sua fazenda, que se deve recorrer a esse método, a fim de sustentar a igreja? Não é pequeno o prejuízo ocasionado à saúde física, mental e moral nessas cenas de divertimentos e glutonaria. E o dia do final ajuste de contas revelará pessoas perdidas pela influência dessas cenas de frivolidade e loucura.

É um fato deplorável que motivos sagrados e eternos não tenham aquele poder de abrir o coração dos professos seguidores de Cristo para dar ofertas voluntárias para o sustento do evangelho, que têm os tentadores subornos dos banquetes e divertimentos em geral. É uma triste realidade que esses incentivos prevalecem quando as coisas sagradas e eternas não têm força para influenciar o coração a se empenhar em obras de beneficência.

Moisés não instituiu loterias — O plano de Moisés no deserto para alcançar meios teve grande êxito. Não houve necessidade de compulsão. Moisés não fez um grande banquete. Não convidou o

povo para cenas de alegria, dança, e divertimentos em geral. Tampouco instituiu ele loterias ou qualquer outra coisa profana dessa espécie a fim de obter recursos para construir o tabernáculo de Deus no deserto. Deus ordenou a Moisés que convidasse os filhos de Israel a trazerem ofertas. Devia Moisés aceitar dádivas de todo homem que voluntariamente desse, de coração. Essas ofertas voluntárias vieram em tão grande abundância que Moisés proclamou já ser suficiente. Deviam parar de dar presentes, pois já haviam dado com abundância, muito mais do que podia ser usado.

Têm as tentações de Satanás êxito sobre os professos seguidores de Cristo quanto à satisfação do prazer e do apetite. Vestido como [126] anjos de luz, citará ele as Escrituras para justificar as tentações que põe diante dos homens para que condescendam com o apetite, e os prazeres mundanos que agradam ao coração carnal. São os professos seguidores de Cristo fracos na força moral, e são fascinados pelos subornos que Satanás tem posto diante deles, e ele alcança a vitória.

Como considera Deus as igrejas que são mantidas por esse meio? Cristo não pode aceitar essas ofertas, porque elas não foram dadas por amor e devoção a Ele, mas por sua idolatria ao eu. Mas o que muitos não fariam por amor a Cristo, fá-lo-ão por amor de finas iguarias, para satisfazer o apetite, e por amor aos divertimentos mundanos, para agradar ao coração carnal. — The Review and Herald, 13 de Outubro de 1874.

Repetindo o pecado de Nadabe e Abiú — Cristãos professos rejeitam o plano do Senhor para angariar meios para Sua obra; e a que recorrem para suprir a falta? Deus vê a impiedade dos métodos que adotam. Os lugares de culto são contaminados por toda sorte de dissipação idólatra, a fim de que se possa ganhar um pouco de dinheiro dos amantes dos prazeres para pagar dívidas da igreja ou manter-lhe o trabalho. Muitas dessas pessoas, não pagariam, por iniciativa própria, um único centavo para fins religiosos. Na orientação de Deus para o sustento de Sua obra, onde é que encontramos qualquer menção de bazares, concertos, quermesses e entretenimentos similares? Deve a causa do Senhor depender das próprias coisas que Ele proibiu em Sua Palavra — das coisas que desviam a mente, de Deus, da sobriedade, da piedade e santidade?

E que impressão se faz na mente dos incrédulos? A santa norma da Palavra de Deus é rebaixada até o pó. Deus e o nome de cristão

são menosprezados. Por esse meio não escriturístico de levantar recursos, fortalecem-se os mais corruptos princípios. E assim é que Satanás quer que seja. Os homens estão repetindo o pecado de Nadabe e Abiú. Usam no serviço de Deus fogo comum, em vez de fogo sagrado. O Senhor não aceita tais ofertas.

Todos esses métodos de trazer dinheiro para Seu tesouro são para Ele uma abominação. É uma devoção espúria que leva a tal invenção. Oh, que cegueira, que paixão louca há em muitos dos que pretendem ser cristãos! Membros da igreja estão fazendo o mesmo que fizeram os habitantes do mundo nos dias de Noé, quando a imaginação de seu coração era só má, continuamente. Todos os que temem a Deus aborrecerão tais práticas por serem uma falsa representação da religião de Jesus Cristo. — The Review and Herald, 8 de Dezembro de 1896.

Liberalidade sem profundeza de princípio — Pode o pastor ser o amigo íntimo de algum homem abastado, e pode este ser muito liberal para com ele; isso agrada ao pastor, que por seu turno não economiza louvores à beneficência de seu doador. Seu nome pode [127] ser exaltado ao aparecer na imprensa, no entanto pode esse liberal doador ser completamente indigno do crédito que lhe é dado.

Sua liberalidade não proveio de um profundo e vivo princípio de fazer o bem com seus recursos, para fazer a causa de Deus avançar porque a apreciava, mas por algum motivo egoísta, o desejo de ser julgado liberal. Pode ter dado por impulso, e sua liberalidade não ter princípios profundos. Pode ser que tenha sido movido ao ouvir comovente mensagem, que, no momento, lhe afrouxou os cordéis da bolsa; mas, apesar de tudo, sua liberalidade não tem motivo mais profundo. Dá por espasmos; sua bolsa se abre espasmodicamente e com a mesma certeza espasmodicamente se fecha. Não merece elogio, pois é, em todo o sentido da palavra, um homem mesquinho; e, a não ser que se converta completamente, bolsa e tudo, ouvirá a fulminante denúncia: "Eia pois agora vós ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos da traça."

Esses acordarão, finalmente, de um horrível engano próprio. Os que lhes louvavam a espasmódica liberalidade, ajudaram Satanás a enganá-los, fazendo-os pensar que eram muito liberais, que se sacrificavam muito, quando nem conheciam os fundamentais princí-

pios da liberalidade ou do sacrifício próprio. — Testimonies for the [128] Church 1:475, 476.

Capítulo 42 — O perigo da cobiça

Muitos, do povo de Deus são entorpecidos pelo espírito do mundo, e estão negando sua fé pelas suas obras. Cultivam o amor ao dinheiro, às casas e terras, a ponto de isto lhes absorver as faculdades da mente e do ser e excluir o amor ao Criador e às pessoas por quem Cristo morreu. O deus deste mundo lhes cegou os olhos; seus interesses eternos se tornam secundários; e o cérebro, os ossos e os músculos são sobrecarregados ao máximo para lhes aumentar as posses terrenas. E todo esse acúmulo de cuidados e aflições é suportado em direta violação da exortação de Cristo: "Não ajunteis tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam."

Esquecem-se de que Ele disse também: "Ajuntai para vós tesouros no Céu"; que assim fazendo estarão trabalhando em seu próprio interesse. O tesouro acumulado no Céu está seguro; ladrão algum pode aproximar-se nem a traça corroê-lo. Mas seu tesouro está na Terra, e têm suas afeições em seu tesouro.

A vitória de Cristo — Defrontou-Se Cristo, no deserto, com as maiores e principais tentações que assediaram ao homem. Ali, sozinho, encontrou-Se com o inimigo astuto e sutil, e o venceu. A primeira e grande tentação foi sobre o apetite; a segunda, a presunção; a terceira, o amor do mundo. A Cristo foram oferecidos os tronos e reinos do mundo e a glória deles. Satanás chegou com honras mundanas, riquezas e os prazeres da vida, e os apresentou na mais atraente luz, para seduzir e enganar. "Tudo isto", disse ele a Cristo, "Te darei se, prostrado, me adorares." Contudo Cristo repeliu o astuto inimigo, e saiu vitorioso.

Jamais será o homem provado com tentações tão fortes como as que assediaram a Cristo; no entanto, Satanás tem mais êxito em se aproximar do homem. "Todo este dinheiro, este ganho, esta terra, este poder, estas honras e riquezas, te darei" — pelo quê? Raramente é a condição pronunciada com tanta clareza como o foi a Cristo: "Se, prostrado, me adorares." Ele se contenta em exigir que a

integridade seja subjugada, a consciência, embotada. Pela dedicação aos interesses mundanos, recebe toda a homenagem que pede. Fica aberta a porta para ele entrar como quer, com o seu mau séquito de impaciência, amor-próprio, orgulho, avareza e desonestidade. O homem é atraído e traiçoeiramente seduzido para a ruína. [129]

Diante de nós temos o exemplo de Cristo. Ele venceu a Satanás, mostrando-nos como também podemos vencer. Cristo resistiu a Satanás com as Escrituras. Poderia ter recorrido ao Seu próprio poder divino, e usado Suas próprias palavras; mas disse: "Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus." Fossem as Sagradas Escrituras estudadas e seguidas, e o cristão seria fortalecido para enfrentar o astuto inimigo; mas a Palavra de Deus é negligenciada, seguindo-se o desastre e a derrota.

O jovem rico — Um jovem foi a Cristo e disse: "Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?" Jesus lhe ordenou que guardasse os mandamentos. Respondeu ele: "Tudo isso tenho guardado desde a minha mocidade: que me falta ainda?" Jesus olhou com amor para o jovem e fielmente lhe mostrou sua deficiência na observância da lei divina. Não amava ao próximo como a si mesmo. Seu amor egoísta às riquezas era um defeito, que, se não fosse reparado, o excluiria do Céu. "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro no Céu; e vem, e segue-Me."

Cristo queria que o jovem compreendesse que nada mais exigia dele senão que seguisse o exemplo que Ele mesmo, o Senhor do Céu, deixara. Abandonara Suas riquezas na glória, e Se tornara pobre, para que, pela Sua pobreza, o homem enriquecesse; e por amor dessas riquezas, pede ao homem que abandone as riquezas terrenas, a honra e o prazer. Ele sabe que enquanto as afeições estiverem voltadas para o mundo, serão desviados de Deus; portanto, disse ao jovem: "Vai, vende tudo o que tens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro no Céu; e vem, e segue-Me." Como recebeu ele as palavras de Cristo? Regozijou-se por poder alcançar o tesouro celeste? Oh, não! "Retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades." Para ele as riquezas significavam honra e poder; e o grande vulto do seu tesouro faz com que tal venda pareça quase impossível.

Esse homem amante do mundo desejava o Céu, mas queria reter sua riqueza, e renunciou a vida imortal pelo amor ao dinheiro e ao

poder. Oh, que infeliz troca! No entanto, muitos dos que professam estar guardando todos os mandamentos de Deus estão fazendo a mesma coisa.

Aqui está o perigo das riquezas para o avarento: quanto mais ganha tanto mais difícil lhe é ser generoso. Diminuir-lhe a riqueza é como separá-lo da vida; e ele se volta dos atrativos da recompensa imortal para reter e aumentar suas posses terrenas. Tivesse ele observado os mandamentos, e suas posses terrenas não teriam sido tão grandes. Enquanto delineava planos e se esforçava em favor de si mesmo, como poderia ele amar a Deus de todo o seu coração e de todas as suas forças, e ao próximo como a si mesmo? Tivesse ele distribuído para atender às necessidades dos pobres, conforme elas exigiam, e teria sido muito mais feliz e teria tido maior tesouro no Céu, e menos na Terra em que colocar as afeições. [...] [130]

Responsáveis para com Deus — Disse Paulo: "Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes." Deus havia revelado Sua verdade a Paulo e, ao fazê-lo, tornara-o devedor àqueles que estavam nas trevas, quanto à iluminá-los. Mas muitos não reconhecem que têm de dar contas a Deus. Estão lidando com os talentos do Senhor; têm faculdades mentais, que, empregadas no rumo certo, torná-los-iam coobreiros de Cristo e dos anjos. Muitas pessoas poderiam ser salvas pelos seus esforços, para brilharem como estrelas na sua coroa de vitória. Mas eles a tudo isso são indiferentes. Pelas atrações deste mundo, Satanás tem procurado acorrentá-los e lhes paralisar as energias morais, e tem tido muito bom êxito.

Está em jogo o destino futuro — Como podem as casas e terras comparar-se, em valor, às preciosas pessoas por quem Cristo morreu? Por vosso intermédio, prezados irmãos e irmãs, podem essas pessoas ser salvas convosco no reino da glória; mas vós não podeis levar junto, a mínima parte de vosso tesouro terrestre. Adquiri o que puderdes, preservai-o com todo o cuidado que possais exercer, e ainda assim poderá sair ordem do Senhor e, em poucas horas, um fogo que perícia alguma pode apagar poderá destruir o que acumulastes em toda a vossa vida, e torná-lo um montão de ruínas fumegantes. Podereis dedicar todo o vosso talento e energia a ajuntar tesouros na Terra; mas de que vos servirão eles quando vossa vida terminar ou Jesus aparecer? Na mesma medida em que aqui tiverdes

sido exaltados pelas honras e riquezas mundanos, com negligência da vida espiritual, nessa mesma medida caireis no valor moral diante do tribunal do grande Juiz. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?"

A ira de Deus cairá sobre os que serviram a Mamom em vez de ao Criador. Mas os que vivem para Deus e para o Céu, mostrando aos outros o caminho da vida, verificarão que a vereda do justo é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. E eles, afinal, ouvirão o bem-vindo convite: "Bem está, servo bom e fiel [...] entra no gozo do teu Senhor." A alegria de Cristo era ver os salvos no Seu glorioso reino; e por esse gozo "suportou a cruz, desprezando a afronta". Mas logo "o trabalho da Sua alma Ele verá, e ficará satisfeito". Quão felizes serão aqueles a quem tendo partilhado de Sua obra, for permitido partilhar-Lhe o gozo! — The Review and Herald, 23 de Junho de 1885.

O poder enfeitiçante de Satanás — É propósito de Satanás tornar o mundo muito atraente. Ele tem um poder enfeitiçante que [131] exerce para atrair as afeições até mesmo de professos seguidores de Cristo. Muitos professos cristãos há que farão qualquer sacrifício para obter riquezas, e quanto mais êxito tiverem em alcançar o objetivo de seus desejos, tanto menos se importarão com a preciosa verdade e seu progresso no mundo. Perdem o amor a Deus, e agem como homens dementes. Quanto mais prosperam na riqueza material, tanto menos investem na causa de Deus.

As obras dos que têm um amor louco às riquezas tornam evidente ser impossível servir a dois senhores, a Deus e a Mamom. Mostram ao mundo que seu deus é o dinheiro. Prestam homenagem a seu poder, e em todos os intentos e propósitos servem ao mundo. O amor ao dinheiro torna-se uma força dominante, e por sua causa violam a lei de Deus. Podem professar ter a religião de Cristo, mas não amam aos seus princípios nem lhes atendem as admoestações. Dão suas melhores energias ao serviço do mundo, e se prostram diante de Mamom.

É alarmante serem tantas pessoas enganadas por Satanás. Ele desperta a imaginação com brilhantes perspectivas de ganho mundano, e os homens ficam cheios de si, e pensam haver diante deles uma perspectiva de perfeita felicidade. São engodados pela esperança de obter honra, riqueza e posição. Satanás diz eles: "Tudo isto

te darei, todo este poder e riqueza com os quais podereis fazer o bem aos vossos semelhantes”; mas quando o objetivo que buscam é alcançado, eles não se encontram em ligação com o abnegado Redentor; não são participantes da natureza divina. Apegam-se aos tesouros terrenos, e desprezam os requisitos da abnegação, sacrifício próprio e humilhação por amor à verdade. Nenhum desejo têm de se desfazerem dos acariciados tesouros terrenos nos quais seu coração está colocado. Têm trocado de amo, e aceitaram o serviço de Mamom em vez de o serviço de Cristo. Satanás tem assegurado para si o culto dessas pessoas enganadas, pelo amor dos tesouros terrestres.

Freqüentemente se verifica que a mudança da piedade para o mundanismo se efetuou de maneira tão imperceptível pelas astutas insinuações do maligno, que a pessoa enganada não percebe que abandonou a companhia de Cristo, e é Sua serva apenas no nome. — The Review and Herald, 23 de Setembro de 1890.

Abandono do espírito de sacrifício próprio dos pioneiros — Houve tempo em que apenas poucos havia que deram ouvidos à verdade e a abraçaram, e eles não tinham muito dos bens deste mundo. Então foi necessário alguns venderem suas casas e terras e obterem outras mais baratas, ao passo que seus recursos eram livremente emprestados ao Senhor, para publicar a verdade, e de outras maneiras ajudar a levar avante a causa de Deus. Essas pessoas abnegadas suportaram privações, mas se as suportarem até o fim, grande ser-lhes-á a recompensa.

Deus está tocando muitos corações. A verdade pela qual alguns tanto sacrificaram tem triunfado, e multidões a ela se têm apegado. Na providência de Deus, os que dispõem de meios têm sido trazidos para a verdade para que, conforme a obra for crescendo, as necessidades de Sua causa possam ser atendidas. Deus não pede agora as casas em que o povo de Deus precisa morar; mas se os que têm em abundância não Lhe ouvirem a voz, não se separarem do mundo e sacrificarem para Deus, Ele os dispensará e chamará os que estão desejosos de fazer qualquer coisa por Jesus, até mesmo vender suas casas para atender às necessidades da causa. Deus quer ofertas voluntárias. Os que dão devem considerar um privilégio fazê-lo. — The Review and Herald, 16 de Setembro de 1884. [132]

O povo de Deus está sendo julgado pelo universo celeste; mas a escassez de suas dádivas e ofertas, e a debilidade de seus esforços

no serviço de Deus, assinalam-nos como infiéis. Se o pouco que agora fazem fosse o melhor que podiam fazer, não estariam sob condenação; mas com os recursos que têm poderiam fazer muito mais. Eles sabem e o mundo também, que perderam, em grande escala, o espírito de abnegação e de levar a cruz. — Testimonies for the Church 6:445, 446.

Cada um é provado — A Mateus em sua abastança, como a André e Pedro em sua pobreza, a mesma prova foi apresentada; a mesma consagração foi feita por cada um. No momento do êxito, quando as redes estavam cheias de peixe, e mais fortes eram os impulsos do viver anterior, Jesus pediu aos discípulos junto ao mar que abandonassem tudo pela obra do evangelho. Assim toda pessoa é provada quanto a seu mais forte desejo — se bens temporais, se a companhia de Cristo.

O princípio é sempre de caráter exigente. Homem algum pode ser bem-sucedido no serviço de Deus, a menos que nele ponha inteiro o coração e repute todas as coisas por perda pela excelência do conhecimento de Cristo. Ninguém que faça qualquer reserva pode ser discípulo de Cristo, e muito menos Seu colaborador. Quando os homens apreciam a grande salvação, o espírito de sacrifício observado na vida de Cristo ver-se-á na sua. Por onde quer que Ele os guie, acompanhá-Lo-ão contentes. — O Desejado de Todas as [133] Nações, 273.

Capítulo 43 — Procurando servir a Deus e a Mamom

Há o perigo de tudo perder, na perseguição do ganho deste mundo, pois na ânsia febril de alcançar os tesouros terrenos, são esquecidos interesses mais elevados. O cuidado e a perplexidade envolvidos em ajuntar tesouros na Terra, não deixam tempo para aquilatar o valor das riquezas eternas nem o desejo de fazê-lo. [...] "Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." Vossos pensamentos, vossos planos, vossos motivos terão uma feição terrena, e vossa vida será contaminada com a cobiça e o egoísmo. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?" [...]

Pode o coração do homem ser a habitação do Espírito Santo. A paz de Cristo, que excede todo entendimento, pode circundar-vos, e o transformador poder de Sua graça trabalhar em vossa vida, e habilitar-vos para os lugares da glória. Mas se o cérebro, nervos e músculos forem empregados a serviço do eu, não estais tornando Deus e o Céu a primeira consideração de vossa vida. É impossível entretecerdes as graças de Cristo em vosso caráter, enquanto pondes todas as vossas energias ao lado do mundo. Podereis ter êxito em acumular tesouros na Terra, para a glória do eu, mas "onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração". A reflexão sobre o que é eterno se tornará de importância secundária. Podereis participar das formas exteriores de culto, mas vosso serviço será uma abominação ao Deus do Céu. Não podeis servir a Deus e a Mamom. Ou pondes o coração e a vontade do lado de Deus, ou empregais vossas energias no serviço do mundo. Deus não aceitará serviço dividido. — The Review and Herald, 1 de Setembro de 1910.

A substância que permanece ou a sombra que passa — Cristo apela aos membros de Sua igreja para que alimentem a verdadeira e genuína esperança do evangelho. Aponta-lhes para cima, afirmando-lhes nitidamente estarem as riquezas que perduram em cima, e não embaixo. A esperança deles está no Céu, não na

Terra. “Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua Justiça”, diz Ele, e “todas essas coisas” — tudo o que é essencial ao nosso bem — “vos serão acrescentadas”.

Para muitos, as coisas deste mundo empanam a visão gloriosa do eterno peso de glória que aguarda os santos do Altíssimo. Não [134] podem distinguir a substância verdadeira, real e duradoura, da sombra falsa, enganosa e passageira. Cristo com eles insiste para que removam de diante dos olhos o que lhes está ofuscando a visão das realidades eternas. Insiste na remoção do que está fazendo com que confundam sombras com realidades e realidades com sombras. Deus suplica a seu povo que empregue as energias do corpo, espírito e alma no serviço que Ele espera que realize. Apela para que sejam capazes de dizer por si mesmos que os ganhos e vantagens desta vida não merecem ser comparados com as riquezas reservadas aos que de maneira diligente e judiciosa buscam a vida eterna. — The Review and Herald, 23 de Junho de 1904.

Absorvido na aquisição de riquezas — O inimigo está justamente trabalhando agora com a mesma perseverança com que trabalhava antes do dilúvio. Pelo uso de vários empreendimentos e invenções, diligentemente está ele trabalhando para conservar a mente dos homens obcecada com as coisas deste mundo. Está empregando todo o seu engenho para levar os homens a agirem insensatamente, a fim de os conservar absorvidos nos empreendimentos comerciais, pondo, assim, em perigo sua esperança de vida eterna. Ele projeta todas as invenções que põem em perigo a vida do homem. Sob sua direção, levam os homens a cabo o que ele inventa. Tão empenhados estão na aquisição de riquezas e poder mundanos que não atentam para o “Assim diz o Senhor”.

Satanás exulta ao ver que tem êxito em afastar as mentes das questões solenes e importantes ligadas à vida eterna. Procura expulsar da mente os pensamentos de Deus e colocar em seu lugar o mundanismo e o comercialismo. Deseja conservar o mundo em trevas. É seu propósito estudado levar os homens a se esquecerem de Deus e do Céu, a fim de colocar todas as pessoas que possa sob sua jurisdição. E para esse fim apresenta empreendimentos e invenções que de tal maneira ocupem a mente dos homens, que eles não tenham tempo para pensar nas coisas celestiais.

Deve o povo de Deus, agora, despertar e fazer o trabalho que negligenciaram. Ao delinear planos para essa obra, devemos empenhar todas as energias da mente. Não devemos regatear esforços para apresentar a verdade como esta é em Jesus, de maneira tão simples e ainda assim tão convincente que as mentes fiquem fortemente impressionadas. Devemos planejar trabalhar de tal maneira que consuma a menor quantidade de meios possível; pois a obra deve avançar até às regiões distantes. — The Review and Herald, 15 de Dezembro de 1910.

Uma lição de Judas — Judas tinha qualidades de valor, mas havia, em seu caráter, alguns traços que precisavam ser podados antes de ele poder salvar-se. Devia nascer de novo, não da semente corruptível, mas da incorruptível. Sua grande tendência hereditária e cultivada para o mal era a cobiça. E, pela prática, tornou-se ela um hábito que ele introduziu em todos os seus negócios. Seus hábitos econômicos desenvolveram o espírito avarento, e se tornaram fatal [135] cilada. O ganho era-lhe a medida de uma experiência religiosa correta, e toda a verdadeira justiça se subordinava a isso. Princípios piedosos de retidão e justiça não tinham guarida nos atos de sua vida.

Sabendo que ele estava se corrompendo pela cobiça, deu-lhe Cristo o privilégio de ouvir muitas e preciosas lições. Ouviu Cristo estabelecer os princípios que todos os que quiserem entrar em Seu reino devem possuir. Foi-lhe dada toda a oportunidade de receber a Cristo como seu Salvador pessoal, mas recusou essa dádiva. Não quis entregar seus caminhos e vontade a Cristo. Não pôs em prática o que lhe contrariava as inclinações, portanto, seu forte espírito de avareza não foi corrigido. Ainda que continuasse como discípulo nas formas exteriores, embora estivesse na própria presença de Cristo, apropriava-se dos meios que pertenciam ao tesouro do Senhor. [...]

Judas poderia ter sido beneficiado por essas lições, tivesse ele sido dominado pelo anseio de ser reto de coração; mas o desejo de adquirir o venceu, e o amor do dinheiro se tornou uma força dominante. Pela condescendência, permitiu que esse traço de seu caráter crescesse e criasse raízes tão profundas que excluíram a boa semente da verdade semeada em seu coração. — The Review and Herald, 5 de Outubro de 1897.

Cegados pelo amor ao mundo — Deve a causa de Deus conservar o primeiro lugar em nossos planos e afeições. Há necessidade de dar uma mensagem direta quanto à condescendência com o eu enquanto a causa de Deus está necessitando de recursos. Alguns estão tão frios e desviados que não reconhecem estarem colocando as afeições nos tesouros terrenos, que estão prestes a ser para sempre arrebatados. O amor do mundo os está envolvendo como grossas vestes; e a menos que mudem de atitude, não saberão quão precioso é praticar a abnegação por amor de Cristo. Todos os nossos ídolos, nosso amor ao mundo, devem ser expulsos do coração.

Pastores e amigos fiéis há que vêem o perigo de que estão cercadas essas pessoas presas pelo eu, e que fielmente lhes mostram o erro em que estão incorrendo, mas em vez de receberem as admoestações no espírito em que são dadas, delas tirando proveito, essas pessoas reprovadas se levantam contra aqueles que os tratam com fidelidade.

Oh, se eles despertassem de sua letargia espiritual e se familiarizassem agora com Deus! O mundo lhes está fechando os olhos para não ver Aquele que é invisível. São incapazes de discernir as coisas mais preciosas e que são de interesse eterno, mas vêem a verdade de Deus numa luz tão fraca que ela, para eles, parece de pouco valor. O mais simples átomo concernente aos seus interesses temporais assume grandiosas proporções, ao passo que as coisas que dizem respeito à eternidade são excluídas de sua consideração. — The Review and Herald, 31 de Outubro de 1893. [136]

Destruída a verdadeira generosidade — Os relativamente pobres, são os que comumente fazem o máximo para sustentar a causa de Deus. São generosos com o pouco que têm. Fortaleceram os impulsos generosos com as contínuas liberalidades. Quando seus gastos pesavam fortemente nas rendas, não lhes deixavam margem ao arraigamento da paixão das riquezas terrestres, nem davam lugar às mesmas.

Muitos, porém, ao começarem a ajuntar riquezas terrenas, põem-se a calcular quando estarão de posse de determinada quantia. Na ansiedade de acumular fortunas para si, deixam de enriquecer-se para com Deus. A Sua beneficência não se mantém a par com o que acumulam. À medida que lhes cresce a paixão pelas riquezas, as afeições se vão após o seu tesouro. O aumento dos bens lhes robustece o ansioso desejo de mais, até que alguns consideram

exigente e injusta a contribuição de um décimo para o Senhor. Diz a Inspiração: “Se as vossas riquezas aumentam, não ponhais nelas o coração”. Salmos 62:10. Muitos têm dito: “Se eu fosse tão rico como Fulano, multiplicaria minhas ofertas ao tesouro de Deus. Não faria com minha riqueza senão promover a causa do Senhor.” Deus tem provado alguns destes dando-lhes riquezas; com elas, porém, a tentação se tornou mais forte, e a beneficência tornou-se-lhes incomparavelmente menor que nos dias de sua pobreza. A mente e o coração foram tomados do empolgante desejo de possuir maiores fortunas, e fizeram-se idólatras. — Testemunhos Seletos 1:383.

Quando pobres, alguns são generosos com o pouco que possuem; ao adquirirem propriedades, porém, tornam-se mesquinhos. O motivo de terem tão pouca fé é não se manterem avançando à medida que prosperam, e darem à causa de Deus ainda que seja com sacrifício. — Testemunhos Seletos 1:465. [137]

Capítulo 44 — Os que professam em vão

Falam as Escrituras de uma grande classe de professos que não são praticantes. Muitos dos que dizem crer em Deus negam-nO por suas obras. Seu culto ao dinheiro, casas e terras assinala-os como idólatras e apóstatas. Todo egoísmo é cobiça, sendo, portanto, idolatria. Muitos dos que têm o nome no rol da igreja, como crentes em Deus e na Bíblia, estão adorando os bens que o Senhor lhes tem confiado para que sejam Seus despenseiros. Pode ser que não se curvem literalmente diante de seus tesouros terrestres, não obstante este é o seu deus. São adoradores de Mamom. Prestam às coisas deste mundo a homenagem que pertence ao Criador. Aquele que vê e sabe todas as coisas registra a falsidade de sua profissão.

Deus é excluído do templo do coração do cristão mundano, para dar amplo lugar a normas mundanas. Seu deus é o dinheiro. Ele pertence a Jeová, mas aquele a quem é confiado recusa deixá-lo extravasar em atos de beneficência. Houvesse ele se apropriado dele de acordo com o desígnio de Deus, e o incenso de suas boas obras teria ascendido ao Céu, e de milhares de pessoas convertidas se ouviriam cânticos de louvor e ações de graças.

Para levar avante o reino de Deus, para despertar os que estão mortos em ofensas e pecados, para falar aos pecadores do bálsamo curativo do amor do Salvador — para isso é que nosso dinheiro deve ser usado. Mas, freqüentemente, é usado para a glorificação do eu. Em vez de ser o meio de levar pessoas ao conhecimento de Deus e de Cristo, trazendo assim louvor e gratidão ao Doador de todo bem, têm sido as posses terrenas o meio de eclipsar a glória de Deus e ofuscar a visão do Céu. Pelo mau uso do dinheiro tem-se o mundo enchido de más práticas. A porta da mente tem se fechado contra o Redentor.

Deus declara: "Minha é a prata, e Meu é o ouro." Ele mantém estrita conta de todo filho e filha de Adão, para saber que destino estão dando a Seus bens. Podem os homens e mulheres mundanos dizer: "Mas eu não sou cristão. Não professo servir a Deus." Mas

será que isso os torna menos culpados ao enterrarem Seus meios, Seus recursos, em empreendimentos mundanos, para levar avante os seus interesses egoístas?

Falo a vós que não conheceis a Deus, que venhais a ler estas linhas; pois, em Sua providência, poderão elas ser levadas ao vosso conhecimento. Que estais fazendo com os bens de vosso Senhor? Que fazeis das faculdades físicas e mentais que Ele vos deu? Sois capazes, por vós mesmos, de conservar o maquinismo humano em [138] ação? Falasse Deus apenas uma palavra dizendo que devíeis morrer, e imediatamente silenciaríeis na morte. Dia a dia, uma hora após outra, minuto após minuto, opera Deus, pelo Seu infinito poder, para vos conservar a vida. É Ele quem dá o fôlego que vos conserva o corpo com vida. Negligenciasse Deus ao homem como o homem negligencia a Deus, o que seria da raça humana?

O grande Missionário Médico Se interessa pelas obras das Suas mãos. Apresenta aos homens o perigo de fechar a porta do coração ao Salvador, dizendo: “Convertei-vos, convertei-vos [...]; pois por que razão morrereis?”. — The Review and Herald, 23 de Maio de 1907.

Um título para as posses celestiais — Aproxima-se o dia em que “o homem lançará às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata, e os seus ídolos de ouro, que fizeram das rochas, e pelas cavernas para ante eles se prostrarem, e meter-se-á pelas fendas das penhas, por causa da presença espantosa do Senhor, e por causa da glória da Sua majestade.” As riquezas do mundo nada valerão no dia da ira, mas a fé e a obediência trarão a vitória.

Devemos pôr em ação toda a fé que temos. Devemos educar-nos a falar de fé e preparar-nos para a vida futura. Que incansáveis esforços fazem os homens para obterem um título legal de sua terra. Devem ter escrituras que suportem a prova da lei. Nunca fica o possuidor satisfeito enquanto não tiver a certeza de que não há falhas em seu documento. Oh, se os homens fossem tão ávidos de obter o título de suas posses celestiais que suportasse a prova da lei! O apóstolo exorta o seguidor de Cristo a ser diligente em tornar segura a sua vocação e eleição. Não deve haver erro, defeito, em vossa reivindicação de imortalidade. Diz o Salvador: “Bem-aventurados os que guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à

árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas”. — The Review and Herald, 30 de Abril de 1889.

As riquezas eternas são desprezadas — O Senhor olha com compaixão para os que se permitem andar sobrecarregados com os cuidados caseiros e com as perplexidades nos negócios. Estão embaraçados com o muito servir, e negligenciam o essencial. “Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça”, diz o Salvador, “e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” Isto é: Desviai o olhar deste mundo, para o eterno. Esforçai-vos por alcançar as coisas a que Deus dá valor, e para cuja obtenção, Cristo deu Sua preciosa vida. Seu sacrifício vos tem aberto, de par em par, os portais do comércio celestial. Guardai vosso tesouro junto ao trono de Deus, fazendo, com o capital que Ele confiou, o trabalho que deseja que se faça em levar as pessoas ao conhecimento da verdade. Isso vos garantirá riquezas eternas. [...] [139]

Quando pensamos na grande dádiva do Céu para a redenção de um mundo pecador e então consideramos as ofertas que podemos dar, tememos fazer comparação. As exigências que se pudessem fazer a todo o Universo não se poderiam comparar com essa única dádiva. Incomensurável amor foi demonstrado quando Alguém igual ao Pai veio pagar o preço pelo ser humano, e trazer-lhe a vida eterna. Não verão os que professam o nome de Cristo nenhuma atração no Redentor do mundo, serão eles indiferentes à posse da verdade e da justiça, e se voltarão do tesouro celeste para o terreno?

“E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.”

Esta mensagem do evangelho é uma das mais preciosas passagens do Novo Testamento. Uma vez recebida, produz na vida de quem a recebe bons atos, cujo valor transcende o de diamantes e do ouro. Tem poder para trazer alegria e consolo à vida terrestre, e ao crente comunicar a vida eterna. Oh, se tivéssemos o entendimento tão iluminado pela graça que lhe pudéssemos absorver a plena significação! O Pai nos está dizendo: Eu vos concederei um tesouro mais precioso que qualquer posse terrena, um tesouro que vos tornará

ricos e bem-aventurados para sempre. — The Review and Herald, 5 de Março de 1908.

Quão incoerente! quão inútil! — Cristo declara: "Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me." Os que estão trajando vestes de bodas, as vestes da justiça de Cristo, não perguntarão se devem levantar a cruz e seguir nas pisadas do Salvador. Voluntária e alegremente Lhe obedecerão as ordens. Muitos estão perecendo fora de Cristo. Quão incoerente, então, é todo esforço para alcançar posição e riquezas. Quão débeis são os motivos que Satanás pode apresentar, que o egoísmo e a ambição podem prover, comparados com as lições que Cristo deu em Sua Palavra! Quão inútil a recompensa que o mundo oferece, ao lado da que é oferecida pelo nosso Pai celestial! — The Review and Herald, 19 de Setembro de 1899.

Deus proverá — Embora devam os homens cuidar de que nenhuma concessão da providência seja gasta desnecessariamente, o espírito de avareza, de adquirir, terá de ser vencido. Essa disposição levará à ganância e ao trato injusto, que Deus abomina. Não devem os cristãos permitir serem perturbados por ansioso cuidado quanto às necessidades da vida. Se os homens amarem e obedecerem a Deus e fizerem sua parte, Ele proverá tudo aquilo de que necessitam. Embora vossa subsistência tenha de ser alcançada no suor de vosso [140] rosto, não deveis descrer de Deus, pois no grande plano de Sua providência, suprir-vos-á, dia a dia, as necessidades. Essa lição de Cristo é uma censura aos pensamentos de ansiedade, às perplexidades e dúvidas do coração incrédulo. Homem algum pode acrescentar um côvado sequer à sua estatura, por mais ansioso que esteja de fazê-lo. Não é menos irrazoável estar preocupados quanto ao amanhã e às suas necessidades. Cumpri com vosso dever, e confiai em Deus, pois Ele sabe o de que necessitais. — The Review and Herald, 18 de Setembro de 1888. [141]

Capítulo 45 — O apego às riquezas

Não deve o povo de Deus, que tem sido abençoado com grande luz quanto à verdade para este tempo, esquecer-se de que deve estar aguardando a vinda de seu Senhor nas nuvens do Céu, e por ela vigiando. Não se esqueçam de que se devem despojar das obras das trevas e envergar a armadura da luz. Nenhum homem exalte seus ídolos de ouro, prata ou terras e dedique o serviço de seu coração a este mundo e a seus interesses. Há uma mania de especular em terras, que domina tanto as cidades como os campos. Os velhos caminhos seguros e salutares para a abastança estão perdendo a popularidade. A idéia de acumular recursos materiais pelo ganho moderado do trabalho e da economia, é uma idéia que por muitos é desprezada, como não sendo mais adaptável a esta época de progresso.

O desejo de se empenhar em especulação, em comprar lotes na cidade e no campo, ou qualquer coisa que prometa ganhos repentinos e exorbitantes, tem atingido febril calor; e a mente, o pensamento, e o trabalho são todos dirigidos no sentido de alcançar tudo o que podem dos tesouros da Terra no menor espaço de tempo possível. Alguns de nossos jovens prometem precipitar-se na ruína, devido a esse febril apego às riquezas. Esse desejo de ganho abre a porta do coração às tentações do inimigo. E as tentações que vêem são de natureza tão sedutora que muitos não podem a ela resistir. [...]

O espírito de ganho — O espírito de ganhar, de apressar-se em enriquecer, dessa mundanidade todo absorvente, contradiz dolorosamente nossa fé e doutrinas. Devesse o altíssimo Senhor ser obsequiado para conceder Seu Santo Espírito, e procurar reavivar Sua obra, quantos estariam com fome do maná celestial, e com sede da água da vida? [...]

Vejo haver o perigo de alguns de nossos irmãos dizerem, como o rico insensato: "Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe, e folga." Muitos se estão esquecendo de que são servos de Deus e dizem: "O dia de amanhã será como este, e ainda maior e mais famoso." Deus está observando todas as vossas

transações comerciais. Ponde-vos de guarda. É tempo de pensar profunda e sinceramente em ajuntar um tesouro no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem corrompem, e onde os ladrões não minam nem roubam. — Special Testimonies, Serie B, 17:4, 5. [142]

A obsessão de novos empreendimentos — Se pelo país passa uma nova patente, homens que professam crer na verdade acham um meio de conseguir recursos para investir no empreendimento. Deus está familiarizado com cada coração. Todo motivo egoísta Lhe é conhecido, e Ele permite que se levantem circunstâncias para provar o coração do Seu povo professo, para os experimentar e desenvolver o caráter. Em alguns casos, o Senhor permitirá que os homens prossigam, e sofram completo fracasso. Sua mão está contra eles, para lhes desfazer as esperanças e espalhar o que possuem.

Os que realmente se interessam pela causa de Deus, e estão dispostos a aventurar algo para o seu avanço, verificarão ser isso um investimento garantido e seguro. Alguns terão cem vezes tanto nesta vida, e no mundo vindouro, a vida eterna. Mas nem todos receberão cem vezes mais nesta vida, porque não o podem suportar. Se lhes fosse confiado muito, tornar-se-iam mordomos insensatos. O Senhor o retém para o bem deles; mas o seu tesouro no Céu estará seguro. Quanto melhor é um investimento como esse!

Embriagados com ganhos antecipados — O desejo que alguns de nossos irmãos têm de ganhar recursos depressa, leva-os a se empenhar em um novo empreendimento e a investir meios, mas, freqüentemente, sua esperança de fazer dinheiro não se realiza. Enterram aquilo que poderiam ter empregado na causa de Deus. Há uma obsessão nesses novos empreendimentos. E, não obstante terem essas coisas sido executadas tantas vezes e terem diante de si o exemplo de outros que fizeram investimentos e se defrontaram com completo fracasso, ainda assim muitos são tardos em aprender. Satanás engoda-os e os embriaga com lucros antecipados.

Quando suas esperanças se desfazem, sofrem muito desânimo em conseqüência de suas insensatas aventuras. Se se perde dinheiro, a pessoa considera isso um infortúnio para si — como se fosse perda sua. Mas deve ela lembrar-se que é com os meios alheios que está lidando, que é apenas mordomo, e que Deus Se desagrada do uso insensato dos meios que poderiam ter sido usados para levar avante a causa da verdade presente. No dia do juízo, deve o mordomo infiel

dar contas de sua mordomia. — Testimonies for the Church 1:225, 226.

Mais atraente do que o trabalho perseverante — O inimigo está muito ansioso por impedir o término do trabalho especial para este tempo, apresentando alguma transação errônea. Apresentá-la-á sob o manto de grande liberalidade; e se os que seguem esse curso têm aparente êxito por algum tempo, outros o seguirão. E as claras verdades para este tempo, que estão provando nosso povo, e que, caso fossem nitidamente entendidas, impediriam tal atitude, perdem sua força. [143]

Alguns se lançarão em lisonjeiros esquemas especulativos de fazer dinheiro, e outros imediatamente pegarão o espírito de especulação. É isso justamente o que eles querem, e se empenharão em ramos de especulação que afastam a mente do sagrado preparo essencial para estarem aptos para enfrentar as provas que hão de vir nestes últimos dias.

O inimigo tem seus planos cuidadosamente elaborados e tentará, de todos os modos possíveis, fazer com que tenham êxito. Alguma coisa dessa espécie,* um plano que prometia ser tão benévolo e de tanto êxito quanto este, já foi iniciado muitas vezes entre nosso povo. Mas ao chegar o tempo em que esperavam grande êxito, demonstrou-se um completo fracasso. Isso confundiu a mente do povo. Haviam entrado em especulação, e gostavam mais desse plano do que do trabalho árduo e de continuarem, como geralmente vimos fazendo, trabalhando com perseverança e confiando no Senhor. [...]

Afastando as mentes da verdade — Todo movimento dessa espécie que aparece para estimular o desejo de obter riqueza, rapidamente, pela especulação, desvia a mente do povo das mais solenes verdades até aqui dadas aos mortais. Por algum tempo, pode haver perspectivas encorajadoras, mas o fim disso é o fracasso. O Senhor não abona tais movimentos. Fosse essa obra promovida, seriam atraídas por esses sistemas especulativos muitas pessoas que de nenhuma outra maneira poderiam ser desviadas da obra de apresentar as solenes verdades que devem ser dadas ao povo, neste tempo. — Special Testimonies, Serie B, 17:15-19.

Uma cilada de Satanás — Muitas vezes, quando o Senhor abre o caminho para os irmãos usarem seu dinheiro para o avanço de Sua causa, têm os agentes de Satanás apresentado algum empreendi-

mento pelo qual, foram categóricos, os irmãos poderiam dobrar seus recursos. Eles pegam a isca; seu dinheiro é empregado, e a causa, e freqüentemente eles mesmos, nunca recebem um dólar.

Irmãos, lembrai-vos da causa, e, quando tiverdes recursos à vossa disposição, ponde para vós mesmos um bom fundamento para o tempo vindouro, para que possais lançar mão da vida eterna. Jesus, por amor de vós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêsseis nos tesouros celestes. Que dareis por Jesus, que tudo deu por vós? — Testimonies for the Church 5:154, 155. [144]

Capítulo 46 — A tentação de especular

Satanás tem destruído muitas pessoas ao levá-las a se colocarem no caminho da tentação. Delas se aproxima como se aproximou de Cristo, tentando-as a amar o mundo. Diz-lhes que podem investir com lucro neste ou naquele empreendimento, e, na boa fé, lhe seguem os ditames.

Logo são tentados a se desviar da sua integridade, para fazerem para si mesmos as melhores barganhas possíveis. Pode sua atitude ser perfeitamente legal, segundo a norma mundana do que é correto, e ainda assim não suportar a prova da lei de Deus. Seus motivos são postos em dúvida pelos irmãos, e há suspeitas de se estarem exorbitando para servirem a si mesmos, sendo assim sacrificada aquela preciosa influência que devia ter sido guardada sagradamente para benefício da causa de Deus. O negócio que poderia ser um êxito financeiro nas mãos de um trapaceiro que vende sua integridade pelo ganho mundano, seria inteiramente impróprio para um seguidor de Cristo.

Todas essas especulações são seguidas de provas e dificuldades invisíveis, e são um temível teste para os que nelas se empenham. Freqüentemente há circunstâncias que naturalmente fazem com que se teçam considerações sobre os motivos desses irmãos; mas ainda que algumas coisas possam parecer decididamente erradas, nem sempre devem elas ser consideradas verdadeira prova de caráter. Contudo, freqüentemente provam ser o ponto decisivo na experiência e destino de alguém. O caráter é transformado pela força das circunstâncias sob as quais o indivíduo se coloca.

Perigosa experiência — Foi-me mostrado ser perigosa experiência para nosso povo empenhar-se em especulação. Desse modo, colocam-se no terreno do inimigo, tornando-se sujeitos a grandes tentações, desapontamentos, provas e perdas. Então vem uma febril inquietação, o veemente desejo de obter recursos com maior rapidez do que as circunstâncias atuais permitiriam. Mudam, portanto, o seu ambiente, na esperança de fazer mais dinheiro. Mas, freqüentemente,

suas expectativas não se realizam e eles desanimam e vão para trás, em vez de para a frente. É esse o caso de alguns em _____. Estão se extraviando de Deus.

Fizesse o Senhor prosperar alguns de nossos queridos irmãos em suas especulações, ter-se-ia isso demonstrado sua eterna ruína. Deus ama Seu povo, e ama aos desafortunados. Se aprenderem as lições que Ele lhes pretende ensinar, sua derrota se demonstrará, afinal uma preciosa vitória. O amor do mundo tem afastado o amor de Cristo. Sempre que o entulho é retirado da porta do coração, e esse se abre de par em par, em resposta ao convite de Cristo, Ele entra e toma posse do templo da alma. — Testimonies for the Church 4:616-618. [145]

Encantos e subornos enganadores — Agora, no tempo da prova, todos nós estamos em experiência e sob prova. Satanás está operando com seus enganadores encantos e subornos, e alguns pensarão que, por meio de seus projetos, têm feito maravilhosa especulação. Mas eis que, enquanto pensam estarem enriquecendo com segurança, e colocando-se, em seu egoísmo, numa alta esfera, aprendem que Deus pode espalhar mais depressa do que eles podem ajuntar. — Special Testimonies, Serie B, 17:6.

Ilusórias perspectivas — Muitos têm, conscienciosamente, emprestado seu dinheiro a nossas instituições, a fim de que este seja usado para fazer uma boa obra para o Mestre. Mas Satanás põe em operação projetos que despertarão na mente de nossos irmãos o grande desejo de tentar a sorte, como na loteria. Muitos se entusiasmam com a grande propaganda de lucros financeiros, se tão-somente fizerem investimentos de seu dinheiro em terras; retiram então seus meios de nossas instituições, e os sepultam na terra, onde a causa do Senhor nenhum benefício pode obter.

Então, se alguém tem bom êxito, tão entusiasmado fica com o fato de haver ganho algumas centenas de dólares, que decide continuar ganhando dinheiro enquanto puder. Continua a investir em propriedades ou em minas. A armadilha de Satanás logra êxito; em vez de mais fundos fluírem para o tesouro, há uma retirada de meios de nossas instituições, para que os donos possam tentar a sorte em negócios de mineração ou negociando com terras. O espírito de avareza é incentivado, e o homem que é, por natureza, mesquinho, chora cada dólar que se pede para usar no avanço da causa de Deus na Terra. — Special Testimonies, Serie B, 17:8.

Especulação pelos pastores — Aproximamo-nos do fim do tempo. Necessitamos não somente de ensinar a verdade presente do púlpito, mas de vivê-la fora dele. Examinai detidamente o fundamento de vossa esperança de salvação. Não podeis, enquanto vos achais na posição de um arauto da verdade, de um vigia nos muros de Sião, ter os vossos interesses entrelaçados com negócios de minas ou de imóveis, e fazer ao mesmo tempo eficazmente a sagrada obra confiada a vossas mãos. Onde se acham em jogo vidas humanas, onde se encontram envolvidas coisas eternas, o interesse não pode, sem perigo, dividir-se.

Esse é especialmente o vosso caso. Embora empenhado nesse negócio, não vindes cultivando sincera piedade. Tendes tido febril [146] desejo de obter bens. A muitos tendes falado acerca das vantagens financeiras a serem alcançadas nos investimentos de terras em _____. Repetidas vezes vos tendes empenhado em focalizar as vantagens desses empreendimentos; e isso quando éreis pastor ordenado de Cristo, compromissado a dar vossa vida à obra de salvação. Ao mesmo tempo, estáveis recebendo dinheiro do tesouro para sustentardes a vós e a vossa família. Vossa palestra visava desviar a atenção e o dinheiro de nosso povo de nossas instituições e do mister de promover o reino do Redentor na Terra. A tendência era criar neles o desejo de empregar seus recursos onde vós lhes assegurastes que duplicariam dentro de curto espaço de tempo, e engodar com a perspectiva de, assim fazendo, poderem ajudar a causa muito mais. [...]

Evitar embaraços mundanos — Especialmente deve o pastor evitar todo o embaraço mundano e unir-se à Fonte de todo o poder, para poder demonstrar corretamente o que significa ser cristão. Deve libertar-se de tudo que, de qualquer modo, lhe desviaria a mente de Deus e da grande obra para este tempo. Cristo espera que, como servo por Ele empregado, Lhe seja semelhante na mente, no pensamento, na palavra e na ação. Espera que todo homem que abre as Escrituras aos outros trabalhe cuidadosa e inteligentemente, não usando suas faculdades de maneira insensata, de modo a prejudicá-las ou sobrecarregá-las, para poder estar habilitado a desempenhar boa obra para o Senhor. — Testimonies for the Church 5:530, 531.

Especulando em terras próximas às nossas instituições — Fui instruída a dar um testemunho aos nossos irmãos, dizendo-lhes

que se deveriam guardar da especulação desleal quanto à compra e venda de terras, perto da propriedade da escola. Toda transação de compra e venda deve caracterizar-se pela mais estrita integridade. Não se deve condescender com o egoísmo. Os princípios defendidos por nossa escola e que devem ser ensinados aos alunos, como parte de sua educação, devem ser cultivados por aqueles que estão mais intimamente ligados aos interesses da escola e neles revelados. Não devem eles, pelos esforços para obter ganho pessoal, contradizer os princípios de educação cristã para os quais deve a escola ser estabelecida.

Estamos, dia a dia, fazendo o nosso registro para o tempo e para a eternidade. Na venda como na compra, seja cada ação justa e reta. Não permitais que coisa alguma de caráter enganoso seja introduzida, pois isso desanimaria nossos irmãos e desagradaria a Deus. Grandes sacrifícios foram feitos pelo povo de nossas igrejas, a fim de que se pudesse conseguir esta propriedade para nossa escola. Não se aproveitem, os que procuram vantagens para si, de seus irmãos, que necessitem localizar-se perto da escola. Alguns que têm o espírito de especulação deveriam ser desencorajados de vir para _____, porque não seriam uma bênção para a escola, mas um empecilho. [147]

Lembremo-nos de que estamos sendo passados em revista por Deus, e que cada ação desleal para servir ao eu é registrada contra nós nos livros do Céu. Oh, suplico aos nossos irmãos que ponham de lado o espírito de comercialismo. Oro para que nenhum daqueles cujo principal propósito é tirar vantagem para si mesmo se ajunte ao redor da escola. Procurem todos exceder-se em coisas espirituais, para que o espírito ambicioso se transforme num espírito desinteressado. Deve essa mudança operar-se em nós, se quisermos ser aprovados por Deus. — Carta 72, 1909.

A tentação das rifas — Há, então, ligado com isso, um negócio de rifa, e um jovem que ali vai, obtém um relógio de ouro. E daí? Pode o relógio ser de ouro genuíno, e não ser uma fraude, mas ah, atrás disso há uma fraude, e essa é a cilada. Uma vez que o tenha ganhado, desejará experimentar novamente. Oh, se fosse um filho meu, eu preferiria vê-lo no caixão que ostentando esse relógio de ouro. Então aqui há outros rapazes. Mostra-lhes seu relógio, e aí lhes vem o desejo veemente de experimentar a sorte da mesma maneira,

e assim tentarão eles mesmos a questão. Então outro tentará, e mais outro; e assim a influência passará de um para outro; e o diabo sabe [148] justamente como fazer esse jogo. — Manuscrito 1, 1890.

Capítulo 47 — Investimentos insensatos

Poucas semanas atrás, enquanto assistia a uma reunião campal em São José [1905], alguns de nossos irmãos me apresentaram o que consideravam maravilhosas oportunidades para investir meios em ações de mineração e estrada de ferro, que dariam grandes dividendos. Pareciam confiantes no êxito, e falaram no bem que fariam com os lucros que esperavam receber.

Havia outras pessoas presentes, e pareciam interessadas em ver como eu lhes receberia a proposta. Disse-lhes que tais investimentos eram muito incertos. Nenhuma certeza podiam eles ter de que esses empreendimentos teriam êxito. Falei-lhes da eterna recompensa assegurada aos que põem o seu tesouro no Céu; mas quanto a essas incertas aventuras, roguei-lhes, por amor de Cristo, que parassem justamente onde estavam.

À noite, fui instruída a dizer ao povo de Deus que não é de acordo com Sua vontade que os que crêem na Sua breve volta empreguem seus meios em ações de minas. Isso seria sepultar na terra os talentos de nosso Senhor. Lerei uma cópia de uma carta que escrevi a um dos irmãos que mencionei:

São José, Califórnia
2 de Julho de 1905

“Prezado Irmão:

“Mostrastes-me uma proposta para fazer investimento em ações de mineração. Estais confiante em que tal investimento se demonstraria um sucesso, e pensais que, dessa maneira, sereis capaz de ajudar grandemente a causa de Deus.

“Instruiu-me o Senhor de que, em reuniões a que eu assistiria, encontraria homens incentivando nossos irmãos a empregarem seu dinheiro para operar minas. Foi-me ordenado que dissesse ser isso uma cilada do inimigo para consumir ou reter meios grandemente necessários ao avanço da obra de Deus. É uma cilada dos últimos dias, para envolver o povo de Deus na perda do capital do Senhor que lhe foi confiado, e que deveria ser sabiamente usado na obra

de ganhar pessoas para Cristo. Visto tanto dinheiro ser empregado nesses empreendimentos tão incertos, a obra de Deus é tristemente invalidada por falta de talento que ganhe pessoas para Cristo. [...]

"Numa visão, a noite passada, levantava eu minha voz advertindo contra as especulações mundanas. Eu disse: Convido-os a adquirir [149] ações da maior mina que já foi posta em operação.

"'O reino do Céu é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo.' [...]

"Se fizerdes investimento nas ações da mina de Deus, o lucro será certo. Diz Ele: 'Ouvi-Me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura.' [...]

"'Outrossim o reino dos Céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a.'

"Meu irmão, fareis vós um investimento para garantir a posse da pérola celestial de grande preço? [...] É essa uma ação de mineração, na qual podeis fazer investimento sem correr o risco de ficar desapontados. Mas, meu prezado amigo, nós não temos um dólar sequer do dinheiro do Senhor para empregar em empresas de mineração, neste mundo."

Estou muitíssimo triste por alguns de nosso povo terem cometido o erro de enterrar o capital que Deus lhes deu em ações de minas, pensando, por esse modo, em aumentar suas rendas. Pode a perspectiva parecer alvissareira, mas muitos ficarão tristemente desapontados.

Recordo o caso de um irmão que, uma vez, esteve interessado na obra e na causa de Deus. Faz alguns anos, quando eu estava na Austrália, esse irmão me escreveu dizendo que comprara uma mina, da qual esperava grandes lucros. Disse-me que me daria uma parte do que iria receber. Ocasionalmente me escrevia, dizendo: "Agora as perspectivas são boas. Logo receberemos os lucros." Mas os lucros não se materializaram; e, depois de enterrar muitos milhares de dólares, sua aventura se demonstrou um completo fracasso.

Este é um dos muitos casos semelhantes que me têm chamado a atenção. Muitos me têm demonstrado sua tristeza por já haverem incentivado alguém a empregar seus recursos em ações de minas. Caso haja, aqui, alguém que recebeu dinheiro de um irmão ou irmã

para um tal investimento, é seu dever devolvê-lo, se quem o deu assim o desejar.

Aconselho-vos a serdes cuidadosos quanto ao que fazeis com os bens de vosso Senhor. Colocando-os no tesouro de Deus, podereis assegurar para vós mesmos rendimentos dos inesgotáveis tesouros de Seu reino.

Muito facilmente o povo de Deus se satisfaz com meras verdades superficiais. Diligentemente devemos procurar as verdades profundas, eternas e de grande alcance da Palavra de Deus. Havendo-as achado, alegremente devemos vender tudo, para podermos comprar o campo. — Special Testimonies, Serie B, 17:8-13. [150]

Capítulo 48 — Vivendo dentro das receitas

Muitos, muitíssimos, não se educaram de modo a poderem conservar seus gastos dentro do limite de suas entradas. Não aprendem a se adaptar às circunstâncias, e vez após vez tomam emprestado, tomam emprestado, ficando sobrecarregados de dívidas, e conseqüentemente desanimados.

Muitos não se lembram da causa de Deus, e descuidadamente gastam dinheiro em divertimentos dos feriados, em roupas e tolices, e quando se faz um apelo para o avanço da obra tanto nas missões nacionais como nas estrangeiras, nada têm para dar, ou até mesmo já estouraram sua conta. Roubam, assim, a Deus nos dízimos e ofertas, e, pela sua egoísta condescendência expõem-se a cruéis tentações, e caem nas ciladas de Satanás.

Devemos estar sempre em guarda, e não nos permitir gastar dinheiro com o que não é necessário, simplesmente por ostentação. Não nos devemos permitir condescender com gostos que nos levam a seguir os costumes do mundo, e roubar o tesouro do Senhor. — The Review and Herald, 19 de Dezembro de 1893.

Operosidade e economia na família — Foi-me mostrado que vós, meu irmão e irmã, tendes muito a aprender. Não tendes vivido dentro de vossos recursos. Não aprendestes a economizar. Se ganhais salários elevados, não sabeis como fazê-los desaparecerem o mais depressa possível. Consultais o gosto ou o apetite, em vez de a prudência. Às vezes gastais dinheiro com uma qualidade de alimento que vossos irmãos não podem pensar em saborear. Os dólares escorregam com muita facilidade de vosso bolso. [...]

Tanto é errado deixardes de usar vossas forças, tirando delas maior proveito, como o é para o rico cobiçosamente reter suas riquezas, porque lhe é agradável fazê-lo. Não fazeis o esforço que deveríeis fazer para sustentar a família. Podeis trabalhar, e trabalhais, se o trabalho está convenientemente preparado à mão; mas não vos esforçais para pôr-vos a trabalho, sentindo ser um dever usar vosso tempo e forças com maior proveito, e no temor de Deus.

Tendes estado num negócio que vos daria, às vezes, grandes lucros de uma vez. Depois de terdes ganho os meios, não estudastes como economizar para o tempo em que os recursos não podem ser ganhos com tanta facilidade, antes muito tendes gasto com necessidades imaginárias. Tivésseis vós e vossa esposa compreendido ser um dever que Deus vos impôs negar vosso gosto e vossos desejos [151] e fazer provisão para o futuro, em vez de viver meramente para o presente, poderíeis ter agora abastança, e vossa família teria os confortos da vida. Tendes uma lição a aprender que não deveríeis demorar a aprender. É a de fazer com que o pouco renda muito. [...]

Jesus operou um milagre e alimentou a cinco mil, ensinando então uma lição de economia: "Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca." Deveres, importantes deveres repousam sobre vós. "A ninguém devais coisa alguma." Se estivésseis enfermos, incapacitados de trabalhar, então estariam vossos irmãos no precípuo dever de vos ajudar. Mas na situação atual, tudo o que necessitáveis de vossos irmãos, ao mudardes de lugar, era um impulso. Se fôsseis tão ambiciosos como devíeis, e vós e vossa esposa concordásseis em viver dentro dos recursos que tendes, poderíeis estar livres de embaraço. Tereis de trabalhar tanto por pequenos como por grandes salários. A operosidade e a economia ter-vos-iam colocado a família em vez disso, numa condição muito mais favorável. — Testimonies for the Church 2:431-436.

Economia por princípio — Aqueles cujas mãos se abrem para atender aos apelos de meios para manter a causa de Deus e aliviar ao sofredor e ao necessitado, não são os que são fracos e frouxos e lentos na administração de seus negócios. Têm sempre o cuidado de conservar suas despesas de acordo com as receitas. São econômicos por princípio; sentem ser seu dever economizar, a fim de que possam ter algo para dar. — Testimonies for the Church 4:573.

A primeira lição: abnegação — Tenho visto famílias pobres lutando com dívidas, e assim mesmo não serem os filhos ensinados a negarem a si mesmos, a fim de ajudar aos pais. Numa família que visitei, manifestaram as filhas o desejo de possuir caríssimo piano. Alegremente teriam os pais satisfeito esse desejo, mas estavam embaraçados com dívidas. As filhas sabiam disso, e, se tivessem sido ensinadas a praticar a abnegação, não teriam dado aos pais a dor de lhes negar o que desejavam; mas ainda que lhes fosse dito

ser impossível satisfazer-lhes os desejos, a questão não terminou aí. Freqüentemente era o desejo manifestado, aumentando, assim, o pesado fardo dos pais.

Noutra visita, vi na casa o cobiçado instrumento musical, e soube que algumas centenas de dólares haviam sido acrescentadas ao fardo do débito. Quase não sei a quem mais censurar, se aos pais condescendentes ou aos filhos egoístas. Ambos são culpados diante de Deus. Este caso ilustrará muitos outros. Embora professem ser cristãs, essas pessoas jovens nunca tomaram a cruz de Cristo; pois a primeiríssima lição a aprender de Cristo é a lição da abnegação. Disse nosso Salvador: "Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me." De maneira alguma poderemos tornar-nos discípulos de Cristo, a menos que concordemos com essa condição. — The Signs of the Times, 31 de [152] Março de 1887.

Capítulo 49 — Trazendo descrédito à causa de Deus

A religião que professais, torna tanto vosso dever empregar o tempo durante os seis dias de trabalho, como ir à igreja no sábado. Não sois diligentes no serviço. Deixais passar horas, dias e mesmo semanas sem nada realizar. O melhor sermão que vos seria possível pregar ao mundo, seria mostrar decidida reforma em vossa vida, e prover às necessidades de vossa família. Diz o apóstolo: "Mas se alguém não tem cuidado dos seus, principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel."

Trazeis descrédito sobre a causa estabelecendo residência em um lugar, onde cedeis por algum tempo à indolência, e depois sois obrigados a incorrer em débito para prover à família. Esses vossos débitos honestos, nem sempre sois exatos em pagar, mas em vez disto, mudai-vos para outro lugar. Isto é defraudar o próximo. O mundo tem direito de esperar estrita integridade dos que professam ser cristãos bíblicos. Pela indiferença de um homem quanto a pagar suas justas dívidas, todo o nosso povo está em risco de ser considerado indigno de confiança.

"Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." Isto se refere tanto aos que trabalham com suas mãos, como aos que têm dádivas a conceder. Deus vos deu forças e habilidade, mas não as tendes usado. Vossa energia é suficiente para sustentar abundantemente a família. Levantai-vos pela manhã, mesmo enquanto as estrelas ainda brilham, se necessário for. Planejai alguma coisa, e então realizai. Cumpri cada compromisso, a menos que sejais prostrados pela enfermidade. Privai-vos da comida e do sono de preferência a ser culpado de reter de outros aquilo que lhes é devido. — Testemunhos Seletos 2:46, 47; Testimonies for the Church 5:179, 180.

O que o oitavo mandamento requer — O oitavo mandamento condena o furto de homens e tráfico de escravos, e proíbe a guerra de conquista. Condena o furto e o roubo. Exige estrita integridade nos mínimos detalhes dos negócios da vida. Veda o engano no

comércio, e requer o pagamento de débitos e salários justos. Declara que toda tentativa de obter-se vantagem pela ignorância, fraqueza ou infelicidade de outrem, é registrada como fraude nos livros do [153] Céu. — Patriarcas e Profetas, 309.

Uma das armadilhas de Satanás — Todos devem praticar economia. Nenhum obreiro deve manejar seus negócios de modo a incorrer em dívidas. [...] Envolvendo-se voluntariamente em dívidas, ele se está emaranhando numa das redes preparadas por Satanás. — O Colportor Evangelista, 67.

Enfraquece a fé, leva ao desânimo — Prezado Irmão:

Sinto que estejais na situação em que estais, sob a pressão da dívida. Sei de um bom número que, como vós, estão perturbados e angustiados devido a sua condição financeira. [...]

O Senhor não Se agrada de vossa angústia. Quer conceder-vos a consolação de Seu Santo Espírito, para que sejais um homem livre, que permanece em Sua luz e em Seu amor. Tem Ele lições que deveis aprender, e quer que sejais ligeiro em aprendê-las. Não vos deveis permitir ficar embaraçado financeiramente, pois o fato de estardes com dívida enfraquece a vossa fé e vos leva ao desânimo, e até mesmo pensar nela vos deixa quase desatinado. Deveis reduzir vossas despesas e esforçar-vos por vencer essa deficiência de vosso caráter. Podeis e deveis fazer determinados esforços para pôr sob controle a disposição que tendes de gastar dinheiro além de vossa receita. — Carta 48, 1888.

Uma prática desmoralizadora — A prática de tomar dinheiro emprestado para atender a uma premente necessidade, e não tomar nenhuma providência para saldar a dívida, embora comum, é desmoralizadora. O Senhor quer que todos os que crêem na verdade se convertam dessas práticas de engano próprio. Devem eles antes escolher passar necessidade a cometer um ato desonesto. Ninguém pode recorrer à prevaricação ou desonestidade ao lidar com os bens do Senhor, e ficar sem culpa diante de Deus. Todos os que o fazem negam a Cristo nas ações, enquanto professam guardar e ensinar os mandamentos de Deus. Não mantêm os princípios de lei de Deus. Se os que vêem a verdade não mudarem o caráter, correspondendo à santificadora influência da verdade, serão um cheiro de morte para a morte. Eles deturparão a verdade, trar-lhe-ão descrédito e desonrarão [154] a Cristo, que é a verdade. — Manuscrito 168, 1898.

Capítulo 50 — Apelo à oração ou mudança de ocupação

Prezados Irmão e Irmã:

Sinto por vós terna simpatia, e estou orando para que vejais as coisas na devida luz. Deveis cuidar para que ninguém dirija seus negócios de tal maneira que incorra em dívida. [...]

Quando um homem verifica que não tem êxito, por que não recorre à oração, ou muda de trabalho? Tempos tempestuosos estão à nossa frente, e o Senhor aceitará a todo aquele que com Ele pode cooperar. Ponde em prática a abnegação e o sacrifício próprio. Considerai cada movimento cuidadosamente e com oração. Andai mansamente perante o Senhor. Devemos manter dedicação a Deus, e fazer caminhos retos para os nossos pés, para que o coxo não se desvie do caminho. — Carta 63, 1897.

Conselho a um colportor — Em vossa carta, vós vos queixais do jugo da dívida. Mas não há escusa para terdes dívida. [...] Vossa liberdade em tomar emprestado, sem nenhuma razão para supor que estareis em condições de restituir, está fazendo a outros grande injustiça, roubando-lhes o pouco que possuem, e trazendo descrédito à causa de Deus. Se, no tempo em que estáveis praticando a ação, reconhecêsseis o que estáveis fazendo, pararíeis. Veríeis a pecaminosidade de roubar homens, sejam eles crentes ou descrentes, e pô-los em situação difícil para vos aliviar as necessidades atuais.

Esse vosso caso, irmão ______, não é uma questão de pouca monta. Seguindo o rumo que tendes seguido, deixareis na vereda de outros colportores uma influência deletéria, que dificilmente podereis desfazer. Tereis fechado a porta a outras pessoas que querem colportar e fazer o trabalho honradamente, mas não serão consideradas dignas de confiança. Devido à atitude errada adotada por alguns colportores, não ousam aventurar com aqueles que realmente necessitam de certa condescendência e de favores no sentido da confiança. E com a experiência que eles têm tido, na perda, para o tesouro, de milhares de dólares, por que não deveriam eles ter medo

de depositar confiança em homens que agem de tal maneira que tiram do tesouro, deixando-o sem os meios de que tanto necessitam para manter a obra de Deus para este tempo? — Carta 36, 1897. [155]

Liberdade pela abnegação — Decidi nunca incorrer em outro débito. Negai-vos mil e uma coisas antes de entrar em outra dívida. Essa tem sido a maldição de vossa vida: entrar em dívida. Evitai-a, como evitaríeis a varíola.

Fazei, com Deus, o solene concerto de, com a Sua bênção, pagar vossas dívidas e a ninguém dever coisa alguma, ainda que tenhais de viver a pão e água. É tão fácil, ao preparar a mesa, tirar do bolso uma moeda para extraordinários. Cuidai dos centavos e os dólares cuidarão de si mesmos. É uma moedinha aqui, uma moedinha ali, gasta para isto, aquilo, e aquele outro, que logo somam dólares. Negai o eu ao menos quando estais rodeados de dívidas. [...] Não vacileis, não desanimeis nem desistais. Negai vosso gosto, negai a condescendência com o apetite, economizai vosso dinheiro e pagai vossas dívidas. Esforçai-vos para pagá-las o mais depressa possível. Quando vos puderdes apresentar novamente como um homem livre, não devendo nada a ninguém, tereis alcançado uma grande vitória. — Carta 4, 1877.

Dívida pessoal não deve impedir a liberalidade — Alguns não se têm erguido e unido no plano da doação sistemática, desculpando-se de não estarem livres de dívidas. Alegam que primeiro a ninguém devem ficar devendo coisa alguma. Romanos 13:8. Mas o fato de terem dívidas não os escusa. Vi que devem dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Alguns são conscienciosos quanto a não dever coisa alguma a ninguém, e pensam que Deus nada pode exigir deles enquanto todas as suas dívidas não estiverem pagas. Aí é que eles se enganam. Deixam de dar a Deus o que Lhe pertence. Devem todos levar ao Senhor uma oferta agradável. Os que têm dívidas devem retirar a quantia que devem do que possuem, e dar uma parte proporcional do restante. — Testimonies for the Church 1:220. [156]

Capítulo 51 — Pagar as dívidas dos prédios de igreja

Alegro-me convosco na perspectiva de livrar de dívidas os prédios de igrejas. Quanto se poderia ter economizado se todos os anos se fizessem esforços extras nesse sentido. Não há necessidade de nossas casas de culto continuarem ano após ano com dívidas. Se todo membro da igreja cumprir o seu dever, pondo em prática a abnegação e o sacrifício próprio, pelo Senhor Jesus, de quem é possessão adquirida, a fim de que Sua igreja possa estar livre de dívidas, estará honrando a Deus.

Os grandes centros do Senhor, os Seus próprios instrumentos, devem estar livres de toda dívida. Todos os anos, muitos dólares estão sendo tragados pelos juros de dívidas. Se todo esse dinheiro fosse usado para liqüidar o principal, não estaria a dívida roendo, roendo, sempre roendo. É uma atitude muito deficiente e infeliz a de entrar em dívidas. Se o dinheiro necessário para a construção pudesse primeiro ser acumulado, por tenazes esforços, e a igreja dedicada livre de dívidas, quanto melhor seria. Oh, não tornaremos nós uma regra, ao construirmos uma casa para o Senhor, fazer sinceros e fervorosos esforços para que esta Lhe seja dedicada livre de dívidas? [...]

O Senhor me mostrou que não há necessidade de deixar dívidas sobre nossas casas de culto, na Austrália ou na Nova Zelândia. Uma dívida, em cada caso, significa negligência das coisas especiais e sagradas de Deus; pois o egoísmo, as coisas comuns, são postos em primeiro lugar e se tornam todo-absorventes. [...] Ao tabernáculo de Deus deve-se demonstrar a mais elevada honra. Qualquer outra consideração deve ocupar o segundo lugar. Devem as nossas idéias ser elevadas, enobrecidas e santificadas. Por causa dos filhos, dos parentes e amigos, têm os pais condescendido com a mundanidade e a cobiça. Tem-se usado dinheiro quando e onde não podia honrar a Deus, onde tem causado positivo dano. Liberalmente têm-se dado presentes aos filhos, parentes e amigos, enquanto que as dádivas

feitas àquilo que o Senhor honra, têm sido diminuídas e limitadas tanto no valor como na freqüência. [...]

A abnegação e a hipoteca de igrejas — A pergunta-padrão que todo cristão deve fazer a si mesmo é: Tenho eu, no íntimo de meu coração, amor a Jesus? Amo a Seu tabernáculo? [...] É meu [157] amor a Deus e ao meu Redentor tão forte que me leve a negar ao eu? Quando vem a tentação de condescender com a satisfação e o prazer egoísta não devo eu dizer: Não gastarei um centavo para a minha satisfação própria enquanto a casa de Deus está sob hipoteca, ou sob a pressão da dívida?

Não deve Cristo ter a nossa primeira e mais elevada consideração? Não deve Ele exigir esse sinal de nosso respeito e lealdade? Essas mesmas coisas constituem a base da vida de nosso coração tanto no círculo familiar, como na vida da igreja. Se o coração, as forças, a vida, forem inteiramente submissos a Deus, se o afeto for dedicado completamente a Ele, tornareis a Deus supremo em todo o vosso serviço. O resultado será terdes um senso do que significa participar com Jesus da sagrada firma. O edifício erigido para o culto a Deus não será deixado aleijado por débito. Quase parecerá uma negação de vossa fé permitir tal coisa. — Carta 52, 1897.

Igrejas endividadas são uma desonra a Deus — É uma desonra a Deus estarem nossas igrejas sobrecarregadas de dívidas. Tal estado de coisa não precisa existir. Do começo até o fim revela administração errada, e é uma desonra ao Deus do Céu. Lede e estudai com oração o quarto capítulo de Zacarias. Então lede o primeiro capítulo de Ageu, e vede se tal representação não se aplica a vós. Enquanto muito tendes pensado em vós mesmos e nos vossos próprios interesses, ou tendes negligenciado levantar-vos e construir, ou tendes construído com dinheiro emprestado, não fizestes donativos para libertar de dívidas os edifícios de igreja. Considerareis o que é vosso dever fazer? Ano após ano se vai, e muito pouco sacrifício se faz para diminuir a dívida. Os juros tragam os meios que deveriam ser usados para pagar o capital.

Por que permanecem as dívidas — Servos negligentes, é a acusação que Deus faz aos que estão nas igrejas. Não se faz Sua vontade quando se deixa que as coisas sagradas permaneçam numa condição de abandono e negligência. O sacrifício próprio, a abnegação em cada igreja mudaria a ordem das coisas. "Minha é a prata,

e Meu é o ouro, disse o Senhor dos Exércitos.” Quando esse ouro e prata são usados para fins egoístas, para satisfazer a ambição, o orgulho, ou a condescendência egoísta, como se tem feito, Deus é desonrado.

Poderão os que são homens representativos estar tão profundamente adormecidos que não compreendam que o estado de coisas existente resulta de negligência de sua parte? Quando o povo escolhido por Deus embeleza suas próprias casas, e emprega o dinheiro de Deus em [...] várias coisas, para a satisfação do eu, sabendo que esses mesmos meios assim usados deveriam ser empregados para conservar a casa de Deus nas melhores condições, a fim de que nenhum fundo seja tirado do tesouro para custear as despesas, não pode ser abençoado. [158]

Tenho uma mensagem do Senhor. Devem as igrejas despertar de seu torpor e pensar nessas coisas. “Minha é a prata, e Meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.” Estamos nós, como famílias, apropriando-nos da prata e do ouro do Senhor para fins egoístas, nada fazendo para aliviar a dívida de Sua casa? As igrejas estão sobrecarregadas de dívidas não porque delas lhes seja impossível libertar-se, mas devido à condescendência egoísta da parte dos membros. Deus é desonrado com essa negligência, e se Ele vos restringir os recursos, não sejais cegos quanto à causa. Quando puserdes o Senhor em primeiro lugar, e reconhecerdes que a casa do Senhor é desonrada pela dívida, Deus vos abençoará. — Manuscrito 116, 1897.

Necessidade de conselho e cooperação — Prezado Irmão: Em todos os atos que praticardes, precisais saber que estais agindo de tal maneira que não seguireis ao vosso próprio juízo, mas ao conselho unido de vossos irmãos. Fracassastes nesta obra, trabalhando independentemente demais. [...] Podeis tomar dinheiro emprestado. Mas tendes levado vossos irmãos constantemente convosco em vossos planos de construção? Tende-vos posto lado a lado com eles, e eles convosco? [...] Não se deve permitir que a mente e o juízo de um homem se tornem regra em todos os casos em que se trata da construção de uma igreja. Abrange todo membro da igreja que possa levar responsabilidades, e o pastor não é o único homem que deve fazer essa obra. [...] Essa é a lição que deveis aprender: buscar

o parecer e o julgamento de vossos irmãos e não avançar sem sua opinião, conselho e cooperação. — Carta 49, 1900.

Uma inescusável frouxidão — Foi-me apresentada a frouxidão com que muitas igrejas têm incorrido em dívidas e continuado em dívida. Em alguns casos, recai sobre a igreja um débito constante, devendo ser pagos juros contínuos. Tais coisas não devem nem precisam acontecer. Se houver aquela sabedoria, tato e zelo manifestos pelo Mestre, que Deus requer de cada um de Seus servos, haverá uma mudança nessas coisas. A dívida será saldada. A abnegação e o sacrifício próprio operarão maravilhas no sentido de promover a espiritualidade da igreja. Cada membro da igreja faça alguma coisa. Impressionem-se os adoradores, de maneira incisiva, quanto à necessidade de cada um desempenhar a sua parte.

O colégio e a igreja de _____ não precisam estar sobrecarregados de dívidas como estão. Revela isso insensata mordomia. Deus exige abnegação. Ele pede ofertas dos que podem dar, e até mesmo os membros mais pobres podem fazer sua pequenina parte. E quando houver vontade de fazê-lo Deus abrirá o caminho. Mas o Senhor não Se agrada da administração. Não é Seu desígnio que Sua causa seja entravada pela dívida.

A abnegação habilitará os que nada fizeram no passado a fazer algo tangível, a demonstrar que crêem nos ensinos da Palavra, que crêem na verdade para este tempo. Velhos e jovens, pais e filhos, [159] devem todos demonstrar sua fé pelas obras. A fé se aperfeiçoa pelas obras. Estamos nas próprias cenas finais da história da Terra, no entanto poucos há que o reconhecem, porque o mundo se interpôs entre Deus e a pessoa. — Carta 81, 1897.

Construindo a igreja e escola em Avondale — Tempos há em que muito se ganha pelo esforço unido, rápido e persistente. Fora designado o tempo para a abertura de nossa escola; mas nossos irmãos, nas colônias, estavam esperando adiamento. Por muito tempo haviam esperado que se abrisse a escola, e estavam desanimados. Ainda havia muito trabalho a fazer nos edifícios, e nossos recursos estavam esgotados. Disseram, pois, os construtores que não se podia fazer a obra no tempo determinado. Mas nós dissemos que não devia haver mais delongas. A escola deveria abrir-se no tempo determinado, de modo que expusemos a questão à igreja e pedimos voluntários. Trinta homens e mulheres se ofereceram para o trabalho,

e embora lhes fosse difícil dispor de tempo, um grande grupo continuou no trabalho dia após dia, até os edifícios serem terminados, limpados e mobiliados, estarem prontos para serem usados no dia estabelecido para o início das aulas.

Ao chegar o tempo de construir a casa de culto, houve nova prova de fé e lealdade. Tivemos uma reunião para considerar o que se devia fazer. O caminho parecia cercado de dificuldades. Alguns disseram: "Concluí um pequeno edifício, e quando entrar dinheiro, aumentai-o; pois é possível que não possamos completar neste tempo uma casa como a que desejamos." Outros disseram: "Esperai até que tenhamos dinheiro para construir uma casa cômoda." Era isso que nós pensávamos fazer; mas me veio a palavra do Senhor, no período noturno: "Levanta-te, e edifica sem demora."

Decidimos então lançar mão da obra e andar pela fé para fazer um começo. Logo na noite seguinte, chegou da África do Sul uma ordem de pagamento de duzentas libras. Era isso uma dádiva do irmão e da irmã Lindsay, da Cidade do Cabo, para nos ajudar a construir a casa de culto. Nossa fé fora provada, nós havíamos decidido começar a obra, e o Senhor, agora, punha em nossas mãos essa grande dádiva, com a qual poderíamos começar.

Com esse encorajamento, a obra foi começada com afinco. A junta escolar deu o terreno e cem libras. Duzentas libras foram recebidas da união, e os membros da igreja deram o que podiam. Amigos que não pertenciam à igreja ajudaram, e os edificadores deram uma parte do tempo, o que equivalia a dinheiro.

Assim foi a obra completada, e nós temos esta bela casa, capaz de acomodar quatrocentas pessoas assentadas. Damos graças ao Senhor por esta casa na qual O podemos adorar. Ele conhece todas as aperturas por que passamos. Ao se levantarem dificuldades, o Pastor Haskell, que superintendia o trabalho, reunia os obreiros, e fervorosamente oravam pedindo a bênção de Deus sobre eles e sobre o trabalho. O Senhor ouviu as orações, e a casa foi terminada dentro de sete semanas. — The Review and Herald, 1 de Novembro de 1898. [160]

Capítulo 52 — Evitando dívidas institucionais

Deus não quer que Sua obra esteja continuamente embaraçada com dívidas. Quando parece desejável aumentar os edifícios ou outras facilidades de uma instituição, cuidai para não irdes além dos recursos que tendes. É melhor adiardes os melhoramentos, até que a providência abra o caminho para que estes sejam feitos sem que tenhais de contrair pesadas dívidas e pagar juros.

Nosso povo tem feito das casas publicadoras um lugar de depósito, e tem sido, assim, habilitado a fornecer recursos para sustentar ramos da obra em diferentes campos, e ajudado a levar avante outros empreendimentos. Isso é bom. Não é demais o que se tem feito nesse sentido. O Senhor vê tudo isso. Mas, pela luz que Ele me deu, todo esforço deve ser feito para ficarmos livres de dívidas.

Na casa publicadora — A obra de publicação foi fundada com abnegação, e deve ser realizada sob princípios de estrita economia. A questão financeira poderá ser manobrada se, quando houver carência de meios, consentirem os obreiros na redução de seu salário. É esse o princípio que o Senhor me revelou dever ser levado às nossas instituições. Quando há escassez de meios, devemos estar dispostos a restringir nossas necessidades.

Dê-se o devido valor às publicações, e então estudem todos os que estão em nossas casas publicadoras como economizar de toda maneira possível, mesmo que haja, assim, consideráveis inconvenientes. Cuidai dos pequenos gastos. Estancai todo vazamento. São as pequenas perdas que se fazem sentir pesadamente, afinal. Reuni os fragmentos; nada se perca. Não desperdiceis os minutos em conversas; os minutos perdidos estragam as horas. Perseverante diligência, trabalhar com fé, sempre serão coroados de êxito. Pensam alguns rebaixar-lhe a dignidade cuidar de coisas pequenas.

Pensam ser isso indício de uma mente estreita, de espírito tacanho. Mas os pequenos vazamentos têm afundado muito navio. Coisa alguma que serviria para atender a necessidade de alguém deve-se permitir que se perca. A falta de economia certamente trará dívida às

nossas instituições. Embora se receba muito dinheiro, ele se perderá nos pequenos desperdícios de cada ramo da obra. A economia não é avareza. [161]

Todo homem ou mulher empregado na casa publicadora deve ser fiel sentinela, cuidando de que nada se perca. Devem todos precaver-se contra supostas necessidades que exigem dispêndio de meios. Alguns homens vivem melhor com quatrocentos dólares por ano, do que outros com oitocentos. O mesmo se dá com as nossas instituições; algumas pessoas podem dirigir com muito menos capital do que outras. Deus quer que todos os obreiros pratiquem a economia, e especialmente que sejam fiéis contabilistas. — Testimonies for the Church 7:206, 207.

Evitar despesas por meio de cuidadosa administração do sanatório — Precisam os que estão ligados às nossas instituições estudar como evitar despesas, para que as nossas instituições não se envolvam em dívidas. Deve-se mostrar sabedoria no que tange a compras. Deve-se fazer com que o dinheiro vá o mais longe possível. Com uma cuidadosa administração pode-se economizar muito dinheiro.

Não se devem fazer gastos a menos que possam estes ser garantidos pelos meios disponíveis. Há os que estão ligados às nossas instituições e que incorrem em dívidas que poderiam ser evitadas. Talvez se realize desnecessária despesa para embelezar o edifício. Freqüentemente é o dinheiro usado para satisfazer o gosto e a inclinação.

Todo obreiro deve ser um produtor — Esforce-se cada qual agora com ânimo e atividade por economizar em vez de gastar. Dizei aos que desejam consumir sem produzir: é meu dever economizar em todos os sentidos. Não posso incentivar a extravagância. Não posso deixar que os meios me escapem das mãos para comprar o que não é necessário.

Desde o maior até o menor, devem os obreiros de Deus aprender a economizar. Diga cada um a si mesmo: Devo refrear qualquer inclinação que em mim haja para gastar os recursos desnecessariamente. Sejam todos os que trabalham no serviço de Deus tanto produtores como consumidores. Vede a grandeza da obra, e restringi a inclinação anticristã de gastar dinheiro para a satisfação própria. Avaliai o custo daquilo que desejais comprar.

É esta uma excelente oportunidade de cada um ficar com seu quinhão e em seu lugar. Devem todos esforçar-se por produzir alguma coisa. Os que estão na obra de Deus devem sentir-se desejosos de ajudar onde quer que haja necessidade de auxílio. Devem tornar seus gastos os menores que for possível, pois aparecerão necessidades em que se precisará de cada dólar para levar avante a obra do Senhor.

O emprego de auxiliares, para o trabalho interno e o externo, é um assunto que exige cuidadosa consideração. Os dirigentes de nossas instituições precisam ser cuidadosos e prudentes. Não devem empregar grande número de funcionários, a menos que haja positiva necessidade. Nessa questão, freqüentemente se cometem erros. [162]

Os empregados fazem parte da firma — Devem os funcionários de nossas instituições agir como se fossem parte da firma. Não devem pensar que apenas precisam trabalhar durante certo número de horas, cada dia. Em casos de emergência, em que há necessidade de auxílio extra, devem atender voluntária e alegremente. Devem ter profundo interesse pelo êxito da instituição em que trabalham. Assim, outros são incentivados a trabalhar interessada e conscienciosamente.

Cristo disse: "Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca." Devem todos os que desempenham uma parte qualquer em nossas instituições dar ouvidos a essa instrução. Cuide de que não haja desperdício das bênçãos espirituais e temporais que o Senhor provê. Devem os educadores aprender a fazer economia e ensiná-la aos auxiliares. E por preceito e pelo exemplo, devem os pais ensinar aos filhos a ciência de fazer com que uma quantia dure o máximo possível. Muitas famílias são pobres porque gastam o dinheiro logo que o recebem.

Deve quem ocupa a posição de cozinheiro num sanatório ser ensinado a manter o hábito da economia. Precisa reconhecer que nenhum alimento deve ser desperdiçado.

"Não sejais vagarosos no cuidado" — Diz-nos a palavra da inspiração: "Não sejais vagarosos no cuidado: sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor." Todos os que estão ligados aos nossos sanatórios lancem-se ao trabalho com interesse e fervor. Se os auxiliares ainda não aprenderam a ciência de serem ligeiros, comecem imediatamente a se exercitar nesse sentido, ou consintam em que seu salário seja proporcional à quantidade de trabalho feito. Devem as

enfermeiras e funcionários tornar-se cada dia mais eficientes, mais versados em todos os pormenores da sua profissão e mais serviçais. Podem ajudar-se individualmente a atingir uma norma cada vez mais elevada como a mão ajudadora do Senhor. Aqueles que são por natureza vagarosos exercitem-se dia a dia para poderem fazer seu trabalho com maior rapidez, e, ao mesmo tempo com todo cuidado. [...]

Os que recebem salário por seu trabalho devem empregar bem o tempo. Devem ser produtores tanto quanto consumidores. Ao obterem educação nesse sentido, tornar-se-ão cada vez mais habilitados a realizar com perfeição a obra que lhes foi designada. Estarão prontos para executar o trabalho em qualquer lugar. — Carta 87, 1901.

Economia na administração da escola — Devemos praticar a economia em todos os sentidos para conservar-nos flutuando, e não nos submergirmos nas dívidas; mas deve haver um aumento na taxa escolar. Isso me foi apresentado enquanto estava na Europa e desde então tem sido apresentado a vós e a nossas escolas. E o problema, "como se conservarem nossas escolas livres de dívidas?" sempre será um problema até que haja cálculos mais sábios. Cobrai um preço [163] mais elevado pelas vantagens educacionais dos alunos e ponde na administração da cozinha pessoas que saibam poupar e economizar. Consiga-se o melhor talento, mesmo que se tenha de pagar bom e razoável salário. É essencial o total aproveitamento. Atendidas essas precauções, as dívidas não estarão sempre aumentando em vossas escolas. [...]

Os alunos devem cooperar — Alguns dirão: "Teremos menos alunos." Pode ser; mas os que tiverdes valorizarão o tempo, e verão a necessidade de trabalho diligente para se qualificarem para os cargos que devem preencher. Se o Senhor for sempre colocado diante dos alunos como Aquele a quem devem procurar em busca de conselho, como fez Daniel, dEle receberão conhecimento e sabedoria. Tornar-se-ão todos, então, condutos de luz. Ponde a questão diante dos próprios estudantes. Perguntai quais deles porão em prática a abnegação e se sacrificarão para cancelar as dívidas já contraídas. Para alguns estudantes apenas há necessidade de um espírito voluntário.

Que Deus ajude os administradores de nossas escolas a nunca permitirem que as saídas excedam as entradas, mesmo que a escola tenha de ser fechada. Não tem havido aquele talento de que se ne-

cessita na administração financeira de nossas escolas. Essas coisas Deus requererá dos dirigentes. Todo hábito inútil e dispendioso deve ser posto de lado, toda condescendência desnecessária deve ser suprimida. Quando os princípios tão manifestamente indicados pela Palavra de Deus a todas as escolas, forem seguidos tão fervorosamente como deviam ser, não haverá acúmulo de dívidas. — Carta 137, 1898.

Protegendo as finanças da escola — O diretor de uma escola deve cuidar especialmente das finanças da instituição. Deve compreender os princípios básicos de contabilidade. Deve relatar cuidadosamente o emprego de todo o dinheiro que passe pelas suas mãos para o uso da escola. Não devem os fundos da escola ser retirados, mas se deve fazer todo esforço para aumentar a utilidade da escola. Aqueles a quem foi confiada a administração das finanças de nossas instituições educacionais não devem permitir nenhum descuido no dispêndio dos meios. Tudo o que se relacione com as finanças de nossas escolas deve ser perfeitamente correto. Os métodos de Deus devem ser estritamente seguidos, embora isso não esteja em harmonia com os métodos dos homens. [...]

Se fordes tentados a empregar o dinheiro que entra em nossas escolas de maneira que nenhum benefício especial lhes traga, vossa norma de princípios precisa ser cuidadosamente criticada, para que não chegue o tempo em que tenhais de ser criticado e achado em falta. Quem é o vosso guarda-livro? Quem é o vosso tesoureiro? [164] Quem é o vosso gerente financeiro? São cuidadosos e competentes? Vede isto. É possível ser o dinheiro mal-empregado, sem que alguém entenda claramente como isso veio a acontecer; e é possível uma escola estar continuamente perdendo, devido a gastos nada sensatos. Podem as pessoas encarregadas sentir agudamente essa perda e ainda supor que fizeram o melhor que podiam. Mas por que permitem que as dívidas se acumulem? Verifiquem cada mês os responsáveis por uma escola a sua verdadeira situação financeira. — Manuscrito 65, 1906.

Evitar a dívida como quem evita a lepra — Deve-se exercer economia em tudo o que se relacione com a escola. Geralmente os que vêm para a escola saem de lares modestos, onde se acostumaram a comer alimento simples, sem muitas variedades de pratos. Estão acostumados a tomar ao meio-dia alimento simples e abundante. À

noite, porém, seria melhor tomar apenas uma refeição simples. Deve-se ter em estrita consideração a economia, senão se incorrerá em pesadas dívidas. Conservai-vos dentro dos limites. Evitai contrair dívidas assim como evitaríeis a lepra. — Carta 60, 1896. [165]

Capítulo 53 — Deixando de avaliar o custo

Há homens que não agem com sabedoria. Estão ansiosos por ter grande aparência. Pensam que a exibição lhes dará influência. Em seu trabalho, não se assentam primeiro para avaliar o custo, para ver se são capazes de terminar o que começaram. Mostram assim sua fraqueza. Mostram que muito têm a aprender quanto à necessidade de agirem cuidadosa e cautelosamente. Em sua confiança própria, cometem muitos erros. Assim alguns têm tido um prejuízo do qual jamais se recuperarão.

Isso se tem dado com várias pessoas que se julgam competentes para fundar e dirigir sanatórios. Sobrevém-lhes o fracasso, e quando se vêem envolvidas em dívidas, pedem à Associação Médico-Missionária que receba a instituição e assuma suas responsabilidades. [...] Prejudica à Associação Médico-Missionária encampar tantos sanatórios falidos. Comecem os que têm dirigido esses sanatórios e que têm andado por falsos caminhos, a pensar sensatamente. Que nenhum fracasso se escreva a seu respeito. Isso estraga o ânimo dos homens bons.

Homens que poderiam ter feito bem se tivessem se consagrado a Deus, se estivessem dispostos a trabalhar de maneira humilde, aumentando gradualmente seus negócios, e recusando entrar em dívidas, fracassam porque não têm trabalhado de maneira correta. E depois de terem caído em dificuldades ficam desmoralizados, tornando-se incompetentes para administrar. Desejavam libertar-se da pressão financeira e não pararam para pensar nos resultados posteriores.

Os que os ajudam a sair da dificuldade são tentados a ligá-los com peias tão fortes na forma de compromissos, que daí por diante sentem que estão escravizados. Raras vezes conseguem ressarcir-se da reputação de má administração e fracasso.

Aos que assim se acham envolvidos em dívidas, fui instruída a dizer: não desanimeis se estiverdes agindo na direção certa. Trabalhai com todas as forças para aliviar vós mesmos a situação. Não

lanceis uma instituição cheia de embaraços sobre uma associação que já está pesadamente sobrecarregada de dívidas. É melhor cada sanatório assumir sua própria responsabilidade. Os que estão encarregados de cuidar de nossos sanatórios devem agir com cautela. Tempos há em que pouco aumento verão. Procedam eles com sabedoria, tato e adaptação. Estudem e ponham em prática a instrução que Cristo deu quanto à construção de uma torre. Vale mais prevenir do que remediar — quando se vê claramente que a negligência de um cálculo sensato e de uma gestão cuidadosa resulta em fracasso. Os dirigentes que são negligentes, que não sabem gerir, devem ser afastados da obra. Obtende o serviço de homens e mulheres que sabem ater-se ao orçamento, para que a obra não se desfaça. [166]

Todos os que estão ligados às nossas instituições, humilhem-se diante de Deus. Peçam-Lhe que os ajude a planejar com tanta sabedoria, de maneira tão econômica, que as instituições se arraiguem firmemente e dêem fruto para a glória de Deus. Não confieis em homens. Olhai a Jesus. Continuai perseverantemente em oração e vigiai em oração com ações de graças. Certificai-vos de que estais em íntima ligação com Cristo. — Carta 199, 1901.

Débito devido a construir demais — Irmão _____, não é muito sábio meter-se em dívidas. Sois um homem sensato e não necessitais desta advertência. A dívida é um jugo — um jugo que prende e mortifica. Não seria sensato comprar outro lugar perto de _____. Tendes sido oprimido quase além da medida no esforço de construir e equipar o Sanatório de _____. Teria sido mais sensato fazer a construção menor. Sempre tenho pensado que teria sido melhor diminuir os planos de construção ainda mais do que o foram, e então, ao entrarem os meios, e se for necessário mais lugar, poderá o edifício ser aumentado. Custaria muito menos mobiliar um edifício menor. — Carta 158, 1902.

Em problemas devido a erro de cálculo — Se andarmos segundo o conselho do Senhor, teremos a oportunidade de comprar para sanatório, a preço razoável, propriedades em que já haja edifícios que possam ser utilizados, e em que o terreno já esteja embelezado com árvores ornamentais. Muitos desses lugares têm-me sido apresentados. Tenho sido instruída de que as ofertas liberais feitas nesses lugares devem ser cuidadosamente consideradas. [...]

Contudo, pode às vezes ser necessário escolher um local em que ainda não se fez melhoramentos e onde não se construiu nenhum edifício. Em tal caso, devemos ter o cuidado de não escolher um lugar que necessariamente exija grande dispêndio de meios para fazer os melhoramentos. Devido à falta de experiência e a erro de cálculo, podemos cair na armadilha de incorrer em grandes débitos, por custarem os edifícios e melhoramentos duas ou três vezes mais do que foi calculado. — Manuscrito 114, 1902.

Contar com dinheiro apenas em perspectiva — Devem o diretor e o gerente financeiro trabalhar unidos. Deve o gerente financeiro cuidar de que os gastos não excedam as entradas. Deve ele saber se há algo de que possa depender, para que a obra aqui não seja sobrecarregada de dívidas como em Battle Creek. As condições que ali existem jamais precisavam ter existido. É o resultado de homens não estarem sob a direção de Deus. Quando os homens obedecem às ordens de Deus, o trabalho se processa harmoniosamente, mas quando homens de temperamento forte, que não são controlados por Deus, são colocados em posições de responsabilidade na obra, a causa corre perigo; pois o seu temperamento forte os leva a usar dinheiro que está apenas em perspectiva. — Manuscrito 106, 1899.

[167]

Empreendimentos prematuros sem sábio conselho — Requer-se talento especial para iniciar um sanatório e colocá-lo em condições de funcionar, mesmo que o empreendimento seja particular. Antes de iniciar tal empreendimento, devem nossos irmãos pedir conselho de sábios conselheiros — deve ser planejado; mas deve ser planejado de maneira correta. Se fossem iniciados empreendimentos que se demonstrariam um fracasso, falhassem os homens que tomam sobre si a responsabilidade do trabalho, e seria muito difícil desfazer a impressão que assim se faz contra a verdade.

Todo aquele que tenha em vista iniciar um sanatório, deve consultar aos seus irmãos, que têm a responsabilidade da obra nos campos de perto e de longe. Não devemos permitir que nossa obra médica nas cidades exerça qualquer impressão que não seja a de que Deus é o nosso líder e a nossa defesa. [...]

Aos nossos irmãos de todas as partes fui instruída a dizer: sejam os empreendimentos já iniciados em campos necessitados considerados antes de se iniciarem novos empreendimentos, para que um grande fardo de dívidas não pese sobre nosso povo. — Carta 5, 1905.

[168]

Capítulo 54 — Avançando com fé

Nem sempre deve ser considerado mais sábio o plano de não empreender coisa alguma que exija gastos elevados, sem ter à disposição o dinheiro necessário para terminar o empreendimento. Na edificação de Sua obra, nem sempre esclarece o Senhor todas as coisas para os Seus servos. Fazendo-os avançar pela fé, Ele algumas vezes prova a confiança de Seu povo. Freqüentemente põe-no em situações difíceis e críticas e o manda avançar quando já os seus pés parece tocarem as águas do Mar Vermelho. Em ocasiões tais, quando os Seus servos elevam orações a Ele com ardente fé, é que Ele lhes depara uma solução e os leva a lugares espaçosos.

O Senhor quer que neste tempo o Seu povo creia que por eles Ele fará grandes coisas, como fez pelos filhos de Israel na jornada do Egito para Canaã. Devemos manifestar fé consciente, que não vacile em seguir as instruções do Senhor nos momentos mais difíceis. "Avançai" é a ordem que Deus dá ao Seu povo.

A execução dos planos de Deus exige fé e alegre obediência. Quando Ele indica a necessidade de estabelecer a obra em lugares onde ela poderá exercer influência, deve o povo seguir e trabalhar pela fé. Por seu procedimento piedoso, humildade, orações e esforços fervorosos, deve lutar para induzir os homens a apreciarem a boa obra que o Senhor estabeleceu em seu meio. Deus pretendia que o sanatório de Loma Linda viesse a ser de propriedade de nosso povo; e executou-o num momento em que as torrentes de dificuldades eram impetuosas e transbordavam de seu leito.

A defesa de interesses particulares para alcançar finalidades pessoais é uma coisa. Nisso podem os homens seguir sua própria orientação. Mas o levar avante a obra do Senhor na Terra é assunto totalmente diverso. Ao indicar Ele que a compra de determinada propriedade é necessária para o avançamento de Sua causa e para a edificação de Sua obra, quer se trate de sanatórios, escola, ou outra instituição qualquer, Ele tornará possível a realização desse empreendimento se os que têm experiência mostrarem fé e confiança

em Seus planos e agirem com presteza para aproveitar as vantagens que Deus lhes aponta. Embora não devamos buscar arrebatar a propriedade de ninguém, devemos, porém, quando são oferecidas vantagens, estar bem despertos para apreciá-las a fim de podermos fazer planos para a edificação da obra. E ao havermos feito isso, [169] devemos empregar todas as nossas energias para obter do povo de Deus as ofertas voluntárias para a manutenção das novas instituições. — Testemunhos Seletos 3:419, 420.

O perigo do extremismo — É direito tomar dinheiro emprestado para levar avante uma obra que sabemos que Deus deseja ver realizada. Não devemos esperar demais, e tornar o trabalho muito mais árduo, porque não queremos tomar dinheiro emprestado. Têm-se cometido erros ao incorrer em dívida para fazer o que poderia ter esperado até um tempo qualquer no futuro. Mas há perigo em ir ao outro extremo. Não nos devemos colocar numa posição que ponha em perigo a saúde, e torne nosso trabalho fatigante. Devemos agir sensatamente. Devemos fazer o trabalho que precisa ser feito, mesmo que tenhamos de tomar dinheiro emprestado e de pagar juros. — Carta 111, 1903.

Evitar erros de ambos os lados — A questão que agora está diante de nós é: Deveríamos nós procurar conseguir os lugares que parecem desejáveis, tanto no preço como na localização, quando não podemos dizer de onde virá o dinheiro? Os irmãos _____, _______, e outros se opõem ao aumento de dívidas. Mas eu não estou preparada para dizer que não devemos, de modo algum, comprar uma terra para a qual o Senhor parece ter dirigido nossa mente, quando nenhum outro empecilho há senão a questão de dinheiro em mão, e cuja propriedade, na providência de Deus, logo poderíamos pagar. Devemos precaver-nos contra erros de ambos os lados. — Carta 167, 1902.

Um breque nas rodas do progresso — A idéia de que não se deve estabelecer um sanatório a menos que este possa ser iniciado livre de dívidas, tem sido um breque nas rodas do progresso. Ao construirmos casas de culto, temos tido de tomar dinheiro emprestado, para que algo possa ser feito imediatamente. Temos sido obrigados a fazê-lo, a fim de cumprir a orientação de Deus. Pessoas profundamente interessadas no progresso da obra têm tomado dinheiro emprestado e pago os juros dele, para ajudar a estabelecer

escolas e sanatórios e para construir casas de culto. As instituições assim estabelecidas e as igrejas assim edificadas, têm sido o meio de ganhar muitos para a verdade. Dessa maneira tem aumentado o dízimo, e obreiros têm sido acrescentados à causa do Senhor. — Carta 211, 1904.

Perda devido à falta de fé—Deus quer que o estandarte seja levantado cada vez mais alto. Não pode a igreja resumir sua tarefa sem negar seu Mestre. Devem-se construir casas de culto em muitos lugares. Será economia deixar de prover, em nossas cidades, lugares de adoração em que o Redentor Se possa encontrar com Seu povo? Não demos a impressão de que achamos ser uma despesa grande demais tomar as devidas providências para a recepção do Hóspede celestial. [170]

Ao delinear planos para a construção, necessitamos da sabedoria de Deus. Não devemos incorrer, desnecessariamente, em dívidas, mas eu diria não ser necessário que, em todos os casos, o dinheiro de que se precisa para completar uma construção esteja nas mãos, antes de começar o trabalho. Freqüentemente, devemos avançar pela fé, trabalhando o mais diligentemente possível. É devido à falta de fé que deixamos de receber o cumprimento das promessas de Deus. Devemos trabalhar, orar e crer. Devemos avançar firme e diligentemente, confiando no Senhor, e dizendo: “Não fracassaremos nem nos desanimaremos”. — The Review and Herald, 7 de Setembro de 1905. [171]

Capítulo 55 — Palavras de um conselheiro divino

Faz algum tempo, numa visão noturna, encontrei-me em reuniões de concílio. Nessas reuniões, foram pronunciadas palavras que mais tinham de humanas que de divinas. Considerava-se a obra médica em _____. Propunham-se planos que, a não ser que fossem modificados, entravariam a obra e em nada aliviariam a situação. Pediu-se à Associação Geral que se comprometesse a levantar uma quantia nada inferior a vinte mil dólares, ou que se tornasse responsável por essa quantia, para estabelecer um sanatório em _____. Por se haver o Pastor _____ recusado a conseguir colocar essa obrigação adicional sobre a Associação Geral, foi ele severamente censurado por alguns. Mas, nas condições existentes, achou ser-lhe proibido pelo Senhor lançar esse fardo sobre a Associação. Honro o critério do Pastor _____ quanto a essa questão. [...]

Mas, voltando à reunião do concílio: Mais uma vez Aquele que há muito vem sendo o nosso Conselheiro, estava presente para nos dar a palavra do Senhor. Disse Ele: "O Senhor não seria glorificado ao colocardes um jugo de dívidas sobre a Associação Geral. De maneira especial tem Ele operado para tirar da cerviz de Seu povo os cerceadores jugos do débito que por tanto tempo têm usado. Não deve a Associação Geral trilhar outra vez a mesma vereda por eles palmilhada." [...]

Alguns ainda não aprenderam a lição que Cristo ensinou quanto à construção de uma torre. "Qual de vós", inquiriu Ele, "querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar." Esse conselho tem sido desatendido.

Quando os homens que estão em posição de responsabilidade têm tanta pressa em estabelecer alguma nova instituição inoportuna, a exibição feita não somente é contra os interesses da causa do Se-

nhor, mas contra o interesse dos homens que, na sabedoria humana, têm procurado avançar depressa demais. Deus não é glorificado pelos que tentam ir mais depressa do que Ele dirige. O resultado é perplexidade, embaraço e tristeza. Não quer o Senhor que Seus [172] representantes repitam esses erros; pois o registro passado de tais movimentos não O glorifica. — Manuscrito 144, 1902.

Não permitir que os erros do passado se repitam — Tem-se apoderado da mente de alguns, uma espécie de frenesi, que os leva a fazer o que absorveria os recursos sem qualquer perspectiva de posterior produção de meios. Houvesse esse dinheiro sido usado na maneira que o Senhor desejava que fosse, obreiros ter-se-iam levantado e se preparado para fazer a obra que deve ser feita antes da vinda do Senhor. A malversação de meios revela a necessidade da advertência do Senhor, de que Sua obra não deve ser cerceada por projetos humanos, de que ela deve ser feita de maneira que fortaleça Sua causa.

Trabalhando com planos errados, homens têm colocado dívida sobre a causa. Não permitais que isso se repita. Cautelosamente ajam os que estão à testa do trabalho, recusando enterrar a causa de Deus em dívida. Ninguém se mova negligente e descuidadamente, pensando, sem conhecimento de causa, que tudo irá bem. — Testimonies for the Church 7:283, 284.

Resgatar as dívidas — Deus determina que aprendamos lições dos fracassos do passado. Não Lhe agrada que Suas instituições sejam sobrecarregadas com dívidas. Chegamos ao tempo em que devemos caracterizar a obra pela recusa de construir grandes e dispendiosos edifícios.

Não devemos copiar os erros do passado, envolvendo-nos cada vez mais em dívidas. Devemos antes esforçar-nos por acabar com as dívidas que ainda restam em nossas instituições. Nossas igrejas podem ajudar nessa questão, se o desejarem. Aqueles membros a quem o Senhor tem dado recursos, podem investir seu dinheiro na causa, sem juros, ou a uma baixa taxa, e podem com suas ofertas voluntárias ajudar a sustentar o trabalho. O Senhor vos pede que Lhe devolvais alegremente uma parte dos bens que Ele vos emprestou, tornando-vos, assim, os Seus distribuidores de benefícios. — The Review and Herald, 13 de Agosto de 1908.

Em tempo de reforma, virão os meios — Sempre que se busca ao Senhor e há confissão dos pecados, sempre que se verifica uma reforma necessária, revelar-se-á unido zelo e fervor na restituição do que foi retido. Manifestará o Senhor o Seu amor perdoador, e virão recursos para cancelar os débitos de nossas instituições. — [173] Testimonies for the Church 8:89.

Capítulo 56 — Confiado à honra dos homens

O único plano que o evangelho tem indicado para a manutenção da obra de Deus é o que deixa o sustento de Sua causa à honra de homens. Tendo em vista somente a glória de Deus, devem os homens dar-Lhe na proporção que Ele requer. Contemplando a cruz do Calvário, olhando para o Redentor do mundo, que por amor de nós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêssemos, concluiremos não dever amontoar para nós mesmos tesouros na Terra, mas acrescentar tesouros no Céu, que nunca suspende o pagamento ou falha. O Senhor deu Jesus ao nosso mundo, e vem a pergunta: Que poderemos devolver a Deus, em dádivas e ofertas, para demonstrar nossa apreciação por Seu amor? "De graça recebestes, de graça dai."

Quão mais ansioso estará cada mordomo fiel de aumentar a proporção das dádivas a serem colocadas na casa do tesouro do Senhor, do que de diminuir suas ofertas um jota ou um til. A quem está ele servindo? Para quem está preparando uma oferta? — Para Aquele de quem depende para alcançar cada boa coisa que desfruta. Que nenhum de nós, que está recebendo a graça de Cristo, dê ocasião aos anjos de se envergonharem de nós, e de que Jesus Se envergonhe de nos chamar irmãos.

Cultivar-se-á a ingratidão e se manifestará pela nossa prática mesquinha ao dar à causa de Deus? — Não, não! Entreguemo-nos em sacrifício vivo, e entreguemo-nos inteiramente a Jesus. Somos Seus; somos Sua possessão adquirida. Todos aqueles que são recipientes de Sua graça, que contemplam a cruz do Calvário, não porão dúvida quanto à proporção em que devem dar, antes sentirão que a mais rica oferta é pobre demais, completamente desproporcional à grande dádiva do Filho unigênito do infinito Deus. Pela abnegação, até o mais pobre encontrará meios de obter algo para devolver a Deus.

Mordomia do tempo — Tempo é dinheiro, e muitos estão desperdiçando o precioso tempo que poderia ser usado em trabalho útil, fazendo com suas mãos aquilo que é bom. O Senhor nunca dirá:

"Bem está, servo bom e fiel", ao homem que não sujeitar ao máximo esforço as forças físicas que por Deus lhe têm sido emprestadas [174] como preciosos talentos com os quais podem ganhar recursos, pelos quais os necessitados podem ser supridos e se podem fazer ofertas a Deus.

Não devem os ricos julgar que se podem contentar em dar meramente seu dinheiro. Têm talentos de capacidade, e devem estudar para se apresentarem a Deus aprovados, para serem ativos agentes espirituais na educação e preparo de seus filhos para ramos de utilidade. Não devem os pais e os filhos considerar-se deles mesmos, e julgar que podem dispor de seu tempo e propriedade como lhes apraz. São a possessão adquirida de Deus, e o Senhor exige o proveito de suas forças físicas, que devem ser empregadas para trazer proventos para o tesouro do Senhor.

A abnegação e a cruz — Fossem extirpados os mil canais de egoísmo que agora existem, e os meios dirigidos para o canal certo, e grandes rendas fluiriam para a tesouraria. Muitos compram ídolos com o dinheiro que deve ir para a casa de Deus. Ninguém pode pôr em prática a verdadeira beneficência sem praticar a genuína abnegação. A abnegação e a cruz jazem diretamente na vereda de todo o cristão que verdadeiramente segue a Cristo. Jesus diz: "Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-Me." Considerará cada um o fato de que o discipulado cristão inclui a abnegação, o sacrifício próprio, até o ponto de depor a própria vida, se necessário for, por amor dAquele que deu Sua vida pela vida do mundo?

Os cristãos que vêem a Cristo na cruz, estão na obrigação para com Deus, devido ao infinito amor de Seu Filho, de nada reter do que possuem, por mais caro que isso lhes seja. Caso possuam algo que possa ser empregado para atrair alguém ao Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, não importando quão rica ou quão pobre ela seja, devem eles usá-lo livremente para esse fim. O Senhor emprega agentes humanos para serem colaboradores Seus na salvação de pecadores.

Todo o Céu está ativamente empenhado em proporcionar recursos por meio dos quais possa o conhecimento da verdade ser levado a todos os povos, nações e línguas. Se os que professam ser

verdadeiramente convertidos, não deixarem sua luz brilhar para os outros, estarão negligenciando a execução das palavras de Cristo.

Não precisamos nos preocupar com repetir quanto se tem dado à causa de Deus, mas antes consideremos quanto tem sido sonegado ao Seu tesouro para ser dedicado à condescendência com o eu na busca de prazeres e satisfação própria. Não precisamos calcular quantos agentes têm sido enviados mas, ao contrário relembrar quantos têm fechado os olhos do seu entendimento, para não verem seu dever e ministrarem aos outros segundo as suas várias capacidades.

Quantos poderiam, agora, ser empregados, se houvesse meios no tesouro para mantê-los na obra! Quantos recursos poderiam ser usados para levar avante a obra de Deus, conforme a Sua providência [175] abre o caminho! Centenas poderiam ser empregados no campo para fazer o bem, em vários ramos, mas ali não estão. Por quê? — O egoísmo conserva-os em casa; amam a comodidade e por isso permanecem afastados da vinha do Senhor. Muitos gostariam de ir a regiões distantes, mas não há meios para levá-los, pois outros deixaram de fazer o que deviam ter feito. São estas as razões de alguns obreiros terem de avançar sobrecarregados como um carro sob os molhos, enquanto outros não levam carga nenhuma. — The Review and Herald, 14 de Julho de 1896.

O dinheiro que poderia salvar uma pessoa — O Senhor fez provisão para que todos possam ser alcançados pela mensagem da verdade, mas os meios colocados nas mãos de Seus mordomos justamente para esse fim, egoistamente têm sido dedicados a satisfazer a si mesmos.

Quanto tem sido impensadamente desperdiçado pelos nossos jovens, gasto em condescendência própria e na ostentação, com coisas sem as quais teriam sido igualmente tão felizes. Cada centavo que possuímos é do Senhor. Em vez de gastar os meios com coisas desnecessárias, devemos empregá-los em atender aos apelos do trabalho missionário.

Ao se abrirem novos campos, constantemente aumentam os pedidos de recursos. Se já houve um tempo em que necessitávamos exercer a economia, esse tempo é agora. Todos os que trabalham na causa, devem reconhecer a importância de seguir de perto o exemplo de abnegação e economia de Cristo. Devem ver nos meios com que estão lidando, um depósito que Deus lhes confiou, e se devem

sentir na obrigação de exercer tato e habilidade financeira no uso do dinheiro de seu Senhor. Cada centavo deve ser cuidadosamente entesourado. Um centavo parece uma ninharia, mas cem centavos formam um dólar. E devidamente gastos podem ser o meio de levar a salvação a alguém. Se todos os meios que têm sido gastos por nosso povo na satisfação do eu, tivessem sido dedicados à causa de Deus, não haveria tesouros vazios, e se poderiam estabelecer missões em todas as partes do mundo.

Dispam-se agora os membros da igreja de seu orgulho e ponham de lado os seus ornamentos. Cada um deveria conservar à mão uma caixa missionária, e nela depositar cada centavo que é tentado a desperdiçar na condescendência própria. Mas se deve fazer algo mais que meramente dispensar as superfluidades. Deve-se pôr em prática a abnegação. Algumas das coisas confortáveis e desejáveis devem ser sacrificadas. Os pregadores devem aguçar sua mensagem, não somente atacando a condescendência e o orgulho no vestuário, mas apresentando Jesus, Sua vida de abnegação e sacrifício. Sejam o amor, a piedade e a fé alimentados no coração, e os preciosos frutos aparecerão na vida. — Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh Day Adventist, 293. [176]

Capítulo 57 — Palavras aos jovens

Muito se poderia dizer aos jovens quanto a seu privilégio de ajudar à causa de Deus aprendendo lições de economia e abnegação. Muitos pensam poder condescender com este e aquele prazer, e, para fazê-lo, acostumam-se a viver no máximo de suas receitas. Deus deseja que procedamos melhor a esse respeito. Pecamos contra nós mesmos quando nos satisfazemos com o suficiente para comer, beber e vestir. Deus tem algo mais elevado do que isso diante de nós. Quando estamos desejosos de pôr de lado os nossos desejos egoístas, e damos às faculdades do coração e da mente o trabalho da causa de Deus, agentes celestiais cooperam conosco, tornando-nos uma bênção para a humanidade.

Mesmo que seja pobre, pode o jovem operoso e econômico economizar um pouco para a causa de Deus. Quando eu tinha apenas doze anos de idade, já sabia o que era economizar. Com minha irmã aprendi uma arte, e ainda que ganhássemos apenas vinte e cinco centavos de dólar por dia, dessa quantia podíamos economizar um pouco para dar às missões. Pouco a pouco fomos economizando, até termos trinta dólares. Então, ao nos chegar a mensagem da breve volta do Senhor, com um pedido de homens e meios, achamos ser um privilégio entregar os trinta dólares a papai, pedindo-lhe que os empregasse em folhetos e panfletos, para enviar a mensagem aos que jaziam nas trevas.

É dever de todo aquele que está em contato com a obra de Deus aprender a economia no uso de tempo e do dinheiro. Os que condescendem com a ociosidade revelam que pouca importância dão às gloriosas verdades a eles confiadas. Precisam ser educados no hábito da operosidade, e aprender a trabalhar tendo em vista somente a glória de Deus.

Negar o eu e aumentar o talento — Os que não têm bom juízo no uso do tempo e do dinheiro, devem aconselhar-se com os que têm tido experiência. Com o dinheiro que ganhamos com nosso ofício, minha irmã e eu nos provemos de roupas. Costumávamos

entregar nosso dinheiro a mamãe, dizendo: "Compre de tal maneira que depois de havermos pago nossas roupas, sobre alguma coisa para dar para o trabalho missionário." E ela assim fazia, encorajando-nos, desse modo, a manter um espírito missionário.

O dar que é fruto do espírito de abnegação, é um maravilhoso auxílio para o doador. Proporciona uma educação que nos habilita [177] a compreender mais completamente a obra dAquele que andou fazendo o bem, aliviando o sofredor e suprindo as necessidades dos desamparados. O Salvador não viveu para agradar a Si mesmo. Não havia em Sua vida traço algum de egoísmo. — The Youth's Instructor, 10 de Setembro de 1907.

Crianças podem aprender a ser abnegadas — Enquanto os pais se estão sacrificando por amor ao avanço da causa de Deus, devem eles também ensinar aos filhos a participarem dessa obra. Podem as crianças aprender a demonstrar seu amor a Cristo negando a si mesmas desnecessárias bagatelas, com a compra das quais muito dinheiro lhes escapa por entre os dedos. Esse trabalho deve ser feito em cada família. Requer tato e método, mas será a melhor educação que as crianças possam receber. E se todas as criancinhas apresentassem suas ofertas ao Senhor, suas dádivas seriam quais pequenos regatos que, uma vez unidos e deixados a correr, aumentariam a ponto de se tornarem um rio.

O Senhor contempla com prazer as criancinhas que se privam para Lhe poderem dar uma oferta. Ele Se agradou da viúva que colocou duas moedinhas na arca do tesouro, porque ela deu com coração voluntário. O Senhor considerou seu sacrifício, ao dar tudo quanto possuía, de maior valor que as grandes dádivas dos ricos, que nenhum sacrifício haviam feito para poderem dar. Ele Se alegra quando os pequeninos estão desejosos de negar-se a si mesmos para se poderem tornar colaboradores dAquele que os amou, tomando-os em Seus braços e abençoando-os. — The Review and Herald, 25 de Dezembro de 1900.

Conservar o registro das entradas e saídas — No estudo dos números deve o trabalho ser prático. Que se ensine cada jovem e criança não simplesmente a resolver problemas imaginários, mas fazer com precisão as contas de seus próprios ganhos e gastos. Que aprendam o devido uso do dinheiro, usando-o. Quer seja suprido por seus pais, quer seja ganho por eles mesmos, aprendam os moços

e as moças a escolher e comprar sua própria roupa, seus livros e outras coisas necessárias; e fazendo um registro de suas despesas aprenderão, como não o fariam de qualquer outra maneira, o valor e o uso do dinheiro.

Este ensino auxiliá-los-á a distinguir a verdadeira economia da mesquinhez, de um lado, e do outro, da prodigalidade. Devidamente orientado, incentivará hábitos de liberalidade. Auxiliará o jovem a aprender a dar, não por um mero impulso do momento, ao serem suscitados os seus sentimentos, mas a dar regular e sistematicamente. — Educação, 238, 239.

Seguindo as sugestões de Satanás — Como tem o inimigo conseguido colocar as coisas temporais acima das espirituais! Muitas famílias que pouco têm para dispensar à causa de Deus, ainda assim gastam dinheiro livremente para comprar ricas mobílias ou roupas da moda. Quanto é [178]

gasto na mesa, e, freqüentemente, naquilo que é, apenas, prejudicial condescendência; quanto em presentes que a ninguém beneficiam!

Muitos gastam somas consideráveis com fotografias para darem aos amigos. O tirar fotografias é levado a extremos extravagantes, e incentiva uma espécie de idolatria. Quanto mais agradável a Deus seria se todos esses meios fossem empregados em publicações que conduzissem pessoas a Cristo e às preciosas verdades para este tempo! O dinheiro gasto em coisas desnecessárias supriria muita mesa com material de leitura sobre a verdade presente e que se demonstraria um cheiro de vida para a vida.

As sugestões de Satanás são executadas em muitas, muitas coisas. Nossos aniversários natalícios e festas de Natal e de Ações de Graça freqüentemente são devotados à satisfação do eu, quando a mente devia ser dirigida para a misericórdia e a amorável benignidade de Deus. Deus Se desagrada de que Sua bondade, Seu constante cuidado, Seu incessante amor não sejam trazidos à lembrança nessas ocasiões de aniversário.

Se todo o dinheiro usado extravagantemente, para coisas desnecessárias, fosse colocado no tesouro de Deus, veríamos homens, mulheres e jovens entregarem-se a Jesus e fazerem sua parte para cooperar com Cristo e os anjos. As mais ricas bênçãos de Deus advi-

riam às nossas igrejas, e muitas pessoas se converteriam à verdade. — The Review and Herald, 23 de Dezembro de 1890.

Aniversários e feriados — Devem os pais criar, educar, e treinar os filhos no hábito do domínio próprio e da abnegação. Devem conservar sempre diante deles sua obrigação de obedecer à Palavra de Deus e viver com o propósito de servir a Jesus. Devem ensinar aos filhos que há necessidade de viver de acordo com hábitos simples, em sua vida diária, e que devem evitar vestuário dispendioso, regime alimentar muito caro, casas e mobílias dispendiosas. As condições sob as quais a vida eterna será nossa, são expressadas nestas palavras: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, [...] e ao teu próximo como a ti mesmo."

Não têm os pais ensinado aos filhos os preceitos da lei, como Deus lhes ordenou. Têm-nos educado em hábitos egoístas. Têm-lhes ensinado a considerar seus aniversários e feriados como ocasiões em que esperam receber presentes, e a seguir os hábitos e costumes do mundo. Essas ocasiões, que deveriam servir para aumentar o conhecimento de Deus e despertar no coração a gratidão pela Sua misericórdia e amor em lhes preservar a vida durante outro ano são transformadas em ocasiões para agradar a si mesmos, para a satisfação e glorificação dos filhos. Têm eles sido guardados pelo poder de Deus em cada momento de sua vida. E ainda assim os pais não ensinam aos filhos a pensar nisso, e a dar ações de graças pela Sua misericórdia para com eles.

Houvessem as crianças e os jovens sido devidamente instruídos nesta época do mundo, que honra, que louvor e ações de graças fluir-[179] lhes-iam dos lábios para Deus! Que fluxo de pequeninas dádivas seria trazido das mãos dos pequeninos para ser posto em Seu tesouro como ofertas de gratidão! Deus seria lembrado, em vez de esquecido.

Não somente nos aniversários devem pais e filhos lembrar-se das misericórdias do Senhor de uma maneira especial, mas também devem o Natal e o Ano Novo ser ocasiões em que toda a casa se deve lembrar do seu Criador e Redentor. Em vez de dedicar dádivas e ofertas com tanta abundância a objetos humanos, reverência, honra e gratidão devem ser prestadas a Deus, fazendo-se com que dádivas e ofertas fluam para o conduto divino. Não Se agradaria o Senhor de que dEle nos lembrássemos assim? Oh, como Deus tem sido esquecido nessas ocasiões! [...]

Quando tiverdes um feriado, tornai-o um dia agradável e feliz para vossos filhos, e também um dia agradável para os pobres e os aflitos. Não deixeis que o dia passe sem trazerdes ofertas de ações de graças e gratidão a Jesus. Envidem agora pais e filhos sincero esforço para remir o tempo, e corrigir a negligência passada. Sigam eles um procedimento diferente daquele que o mundo segue.

Há muitas coisas que podem ser ideadas com gosto e custam muito menos que os presentes desnecessários tão freqüentemente dados aos nossos filhos e parentes, demonstrando assim cortesia, e trazendo felicidade ao lar. Podeis ensinar a vossos filhos uma lição, enquanto lhes explicais a razão de terdes feito uma mudança no valor de seus presentes, dizendo-lhes que estais convencidos de que até aí havíeis tomado mais em consideração o prazer deles do que a glória de Deus. Dizei-lhes que tendes pensado mais em vosso próprio prazer e na satisfação deles, e em vos conservardes em harmonia com os costumes e tradições do mundo, em dar presentes aos que deles não necessitam, do que em levar avante a causa de Deus.

Como os magos da antiguidade, podeis oferecer a Deus as vossas melhores dádivas, e demonstrar pelas ofertas que Lhe dais que apreciais a Sua Dádiva a um mundo pecador. Dirigi os pensamentos de vossos filhos para um novo e desinteressado canal, incentivando-os a dar a Deus ofertas pela dádiva do Seu Filho unigênito. — The Review and Herald, 13 de Novembro de 1894. [180]

Capítulo 58 — Apelo à economia

Não deve haver extravagância na construção de belos lares, na compra de caras mobílias, na condescendência com vestuário mundano, ou na aquisição de alimentos extravagantes; antes, em tudo pensemos nas pessoas por quem Cristo morreu. Morram o egoísmo e o orgulho. Ninguém continue a despender dinheiro em multiplicar fotografias para mandar aos amigos. Economizemos cada centavo que possa ser poupado, a fim de que os incomparáveis encantos de Cristo sejam apresentados aos que perecem.

Satanás sugerirá muitas maneiras nas quais podeis gastar dinheiro. Mas se este for gasto para satisfazer o eu — em coisas desnecessárias, por mais insignificante que for seu custo — não é gasto para a glória de Deus. Consideremos bem essa questão, e vejamos se nos estamos negando como devíamos. Estamos nós fazendo sacrifício para podermos enviar a luz da verdade aos perdidos? [...]

Só deve haver um interesse na igreja, um desejo apenas deve dominar tudo, e esse é o desejo de nos transformarmos à imagem de Cristo. Deve cada um esforçar-se por fazer por Jesus tudo o que lhe for possível, seja no esforço pessoal, seja em dádivas ou em sacrifícios. Deve haver mantimento na casa do Senhor, e isso significa um tesouro repleto, a fim de que se possa atender aos clamores macedônicos que chegam de cada terra. Quão lamentável é sermos obrigados a dizer aos que clamam por auxílio: "Não vos podemos enviar nem homens nem dinheiro. Estamos com o tesouro vazio."

Sejam todos os centavos e notas perdidos para a causa devido ao amor egoísta, ao prazer, ao desejo de seguir as normas do mundo, ao amor à comodidade, dirigidos para o conduto que leva ao tesouro de Deus. São os regatos que, unindo-se finalmente formam o rio. Sejamos cristãos conscienciosos, sejamos cooperadores de Deus. [...]

Devem-se abrir novos campos de trabalho, pessoas devem ser acrescidas à fé, novos nomes aparecerão nos registros da igreja

— nomes que aparecerão nos registros imortais dos Céus. Oh, se pudéssemos reconhecer o que se poderia fazer com o dinheiro gasto em satisfazer ao eu! — The Review and Herald, 27 de Janeiro de 1891.

Sócio de Deus — A causa de Deus sempre tem exigências. Exige-se portanto, atividade da parte de todos, sejam eles da classe alta ou humilde, ricos ou pobres, para que a Deus possam ser dados os devidos juros, a fim de que haja "mantimento" em Sua casa e [181] possam ser mantidos os servos que Ele chamou para fazerem a obra de comunicar a verdade a um mundo que perece.

Não somente requer Deus o dízimo, mas também que tudo o que temos seja usado para Sua glória. Não deve haver hábitos de desperdício; estamos lidando com a propriedade de Deus. Nenhuma centavo nos pertence. O desperdício de dinheiro em luxo priva o pobre dos recursos necessários para lhes suprir o alimento e o vestuário. O que é gasto em incensar o orgulho no vestuário, construções, mobílias e decorações aliviaria a miséria de muitas famílias infelizes e sofredoras. Devem os despenseiros servir aos necessitados. Esse é o fruto da religião pura e incontaminada. O Senhor condena os homens pela sua egoísta condescendência enquanto os seus semelhantes estão sofrendo, devido à falta de alimento e de vestuário. [...]

O Senhor apela a cada um de Seus filhos para que deixe a luz dos Céus — a luz de Seu desinteressado amor — brilhar em meio às trevas deste século degenerado. Se Ele vir que O reconheceis como o possuidor de vós mesmos e de todas as vossas posses, se vos vir usar os bens que vos foram confiados como fiéis despenseiros, registrará vosso nome nos livros do Céu como colaboradores Seus, sócios de Sua grande empresa, para trabalhardes em prol de vossos semelhantes. E tereis alegria no dia final, ao se ver que os meios sabiamente usados para ajudar a outrem, têm por vosso intermédio trazido ações de graças a Deus. — The Review and Herald, 8 de Dezembro de 1896.

O cuidado com as moedinhas — Gostaria de poder impressionar cada mente quanto à terrível pecaminosidade de desperdiçar o dinheiro do Senhor com necessidades imaginárias. O dispêndio de quantias aparentemente pequenas, pode iniciar uma série de circunstâncias que atingirá a eternidade. Ao se assentar o juízo e se

abrirem os livros, ser-vos-á apresentado o lado da perda — o bem que poderíeis ter feito com as acumuladas moedinhas e as grandes somas de dinheiro que foram usadas com propósitos totalmente egoístas. [...]

Jesus não requer do homem nenhum sacrifício real; pois seja o que for que se nos peça abandonar, é apenas aquilo sem o que estaríamos melhor. Estamos apenas abrindo mão do menor, do mais inútil, em troca do maior, do mais valioso. Toda a consideração terrena e temporal deve subordinar-se ao que é mais elevado. — The Review and Herald, 11 de Agosto de 1891.

Então a mensagem irá com poder — Deve o povo de Deus praticar estrita economia no dispêndio de meios, para que possa ter alguma coisa para Lhe trazer, dizendo: “Das Tuas mãos To damos.” Assim, devem eles dar a Deus ações de graças pelas bênçãos dEle recebidas. Assim, também, devem ajuntar para si um tesouro junto [182] ao trono de Deus.

Os mundanos gastam com o vestuário grandes somas de dinheiro que deviam ser empregadas em alimentar e vestir os que sofrem fome e frio. Muitos daqueles por quem Cristo deu a vida muito mal têm suficiente vestuário do mais barato e mais comum, enquanto outros gastam milhares de dólares no esforço de satisfazer às infindáveis exigências da moda.

O Senhor ordenou a Seu povo que saísse do mundo e fosse um povo separado. Vestes vistosas ou dispendiosas não assentam nos que crêem, que vivemos nos últimos dias da graça. “Quero pois”, escreveu o apóstolo Paulo, “que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda. Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.”

Mesmo entre os que professam ser filhos de Deus, há os que gastam mais do que é necessário com o vestuário. Devemos vestir-nos decentemente e com gosto, mas, minhas irmãs, quando estais comprando ou fazendo a vossa própria roupa ou a de vossos filhos, pensai no trabalho da vinha do Senhor que ainda está esperando para ser feito. É correto comprar bom material e confeccionar o vestuário com cuidado. Isso é economia. Mas não há necessidade de ricos

enfeites, e nisso condescender é gastar para a satisfação própria o dinheiro que devia ser colocado na causa de Deus.

Não é a vossa roupa que vos torna valiosos aos olhos do Senhor. É o adorno interior, são as graças do espírito, a palavra bondosa, a atenciosa consideração para com os outros, que Deus aprecia. Passai sem os enfeites que não forem necessários, e ponde de lado, para o avanço da causa de Deus, os meios assim economizados. Aprendei a lição da abnegação, e ensinai-a a vossos filhos. Tudo o que puder ser economizado pela abnegação é necessário, agora, na obra a ser realizada. O sofredor deve ser aliviado; o nu, vestido; o faminto, alimentado; deve a verdade para este tempo ser contada aos que não a conhecem. Privando-nos do que não é necessário, podemos ter uma parte na grande obra de Deus.

Somos testemunhas de Cristo, e não devemos permitir que os interesses mundanos de tal maneira nos absorvam o tempo e a atenção que não demos ouvidos às coisas que Deus disse que deviam vir primeiro. Estão em jogo interesses mais elevados. "Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça." Cristo deu tudo à obra que viera fazer, e Sua ordem a nós é: "Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me." "E assim sereis Meus discípulos."

Voluntária e alegremente entregou-Se Cristo à execução da vontade de Deus. Foi obediente até à morte, e morte de cruz. Deveríamos nós considerar penoso negar a nós mesmos? Deveríamos recusar ser participantes dos Seus sofrimentos? Sua morte deve fazer vibrar cada fibra do ser, tornando-nos desejosos de consagrar à Sua obra [183] tudo o que temos e somos. Ao pensarmos no que Ele tem feito por nós, deve nosso coração encher-se de amor.

Quando os que conhecem a verdade praticarem a abnegação ordenada pela Palavra de Deus, a mensagem irá com poder. O Senhor nos ouvirá as orações pela conversão de pessoas. O povo de Deus fará sua luz brilhar, e, vendo suas boas obras, os descrentes glorificarão ao nosso Pai celestial. Relacionemo-nos com Deus na obediência do sacrifício próprio. — The Review and Herald, 1 de Dezembro de 1910.

Progresso apesar da pobreza — A princípio, muito poucos de nós havia para levar avante a obra, e era muito necessário sermos unânimes para podermos fazer a obra avançar com ordem e unifor-

midade. Ao vermos a importância de estar na unidade da fé, nossas orações foram atendidas, e foram respondidas as orações de Cristo de que fôssemos um assim como Ele e o Pai eram Um. Éramos tão destituídos de recursos como vós sois aqui nestes reinos, e freqüentemente andávamos com fome e sofríamos devido à falta de roupa apropriada. Mas víamos que a verdade devia avançar e nós devíamos ter os recursos para levá-la avante. Buscamos então ao Senhor com muito fervor, a fim de que abrisse o caminho para podermos alcançar o povo das diferentes cidades e vilas, e meu esposo e eu tínhamos de trabalhar com nossas mãos para obter recursos suficientes para nos locomovermos de um para outro lugar, a fim de apresentar os tesouros da fé a outros. Podíamos ver que o Senhor do Céu ia adiante de nós preparando o caminho para o trabalho.

Meu esposo tinha de trabalhar lidando com pedras até gastar a pele dos dedos, e o sangue brotar das feridas, a fim de obter os meios para se deslocar de um lugar para o outro, para apresentar ao povo as palavras da verdade. Essa era a maneira em que a obra ia no começo, e nossas petições devem agora ascender ao Deus do Céu, como a deles naquele tempo, a fim de que abra o caminho, e a verdade tenha acesso aos corações. O ouro e a prata são do Senhor. Seu é o gado sobre milhares de montanhas; mas Ele quer que avanceis com fé tão longe e tão depressa quanto vos for possível. A bênção do Senhor repousará sobre os que fazem o máximo que sua capacidade lhes permite.

Ao serem abertas as Escrituras nos vales do Piemonte, a verdade foi levada pelos que eram muito pobres dos bens deste mundo. Não se permitia aos que tinham as verdades bíblicas apresentá-las ao povo; não podiam levar Bíblias às famílias; de modo que andavam como negociantes vendendo mercadorias, e levavam consigo partes da Bíblia, e sempre que fosse conveniente liam partes das Escrituras; dessa maneira podiam os que estavam famintos da verdade obter a luz. Pés descalços e a sangrar, viajavam esses homens sobre as [184] duras rochas das montanhas a fim de poderem alcançar pessoas e abrir-lhes as palavras de vida. Almejo que o mesmo espírito que os animava esteja no coração de cada um daqueles que atualmente professam a verdade.

Cada um de nós pode fazer alguma coisa, se tão-somente assumir a posição que Deus quer que assumamos. Tudo o que fizerdes para

iluminar os outros vos leva mais perto do Deus do Céu e vos põe em harmonia com Ele. Se vos assentardes e olhardes para vós mesmos dizendo: "eu mal posso sustentar a minha família", jamais podereis fazer alguma coisa; mas se disserdes: "farei algo em favor da verdade, vê-la-ei avançar, farei o que puder", Deus abrirá o caminho para que possais fazer alguma coisa. Deveis fazer investimentos na causa da verdade de tal modo que sintais que sois dela uma parte.

Deus não requer do homem a quem deu um talento os juros de dez. Lembrai-vos de que foi o homem que tinha um talento que o embrulhou num lenço e o escondeu na terra. Deveis usar o talento, a influência e os meios que Deus vos tem concedido para poderdes desempenhar uma parte nessa obra. — The Review and Herald, 8 de Julho de 1890. [185]

Capítulo 59 — Promessas que ligam a Deus

Deus opera por meio de instrumentos humanos; e quem quer que desperte a consciência dos homens, induzindo-os às boas obras e ao real interesse no avançamento da causa da verdade, não o faz por si mesmo, mas pelo Espírito de Deus a operar nele. As promessas feitas em tais circunstâncias são de um caráter sagrado, sendo o fruto da operação do Espírito do Senhor. Ao serem esses compromissos satisfeitos, o Céu aceita a oferta, e esses obreiros liberais são creditados pela importância investida no banco celeste. Os que assim procedem estão pondo um bom fundamento contra o tempo por vir, de modo a lançarem mão da vida eterna. — Testemunhos Seletos 1:552, 553.

Falta de integridade — Um dos maiores pecados no mundo cristão de hoje, é a dissimulação e cobiça no trato com Deus. Há da parte de muitos um crescente descuido em relação ao satisfazer os compromissos com as várias instituições e empreendimentos religiosos. Muitos consideram o ato de assumir um compromisso como se não impusesse nenhuma obrigação de pagar. Se pensam que seu dinheiro lhes há de trazer lucro sendo investido em ações bancárias ou em mercadorias, ou se há pessoas ligadas à instituição a quem prometeram ajudar e para quem fazem exceções, sentem-se perfeitamente à vontade para usar seus meios segundo lhes apraz. Esta falta de integridade prevalece em considerável proporção entre os que professam guardar os mandamentos de Deus e aguardar o breve aparecimento do seu Senhor e Salvador. — Testimonies for the Church 4:475.

Responsabilidade da igreja — A Igreja é responsável pelos compromissos de seus membros individuais. Uma vez que vejam que um irmão está negligenciando cumprir seus votos, devem trabalhar bondosa e claramente com ele. Caso o irmão não esteja em condições de pagar seu voto, e seja um membro digno e de coração voluntário, ajude-o então a igreja compassivamente. Assim poderão transpor a dificuldade, e receber eles próprios uma bênção.

Deus quer que os membros de Sua igreja considerem seus compromissos para com Ele tão obrigatórios como as dívidas que tenham no comércio. Que todos passem em revista sua vida passada, e vejam se não há quaisquer compromissos por pagar e redimir, os quais foram negligenciados, fazendo então especiais esforços para pagar até "ao último ceitil"; pois havemos todos de enfrentar e suportar a decisão final de um tribunal a cuja prova só poderão resistir a integridade e a veracidade. — Testemunhos Seletos 1:553. [186]

Razão para a adversidade — Alguns de vós tendes estado a tropeçar em vossas promessas. O Espírito do Senhor Se apoderou da reunião de _____ em resposta à oração, e enquanto vosso coração era enternecido pela Sua influência, fizestes o voto. Enquanto as correntes da salvação fluíam para vosso coração, sentistes que devíeis seguir o exemplo dAquele que andou fazendo o bem e que alegremente deu Sua vida para resgatar o homem do pecado e da degradação. Sob a inspiradora influência celestial, vistes que o egoísmo e a mundanidade não condiziam com o caráter cristão, e que não podíeis viver para vós mesmos e ser cristão. Mas, quando a influência de Seu abundante amor e misericórdia deixou de ser sentida de maneira tão acentuada em vosso coração, retivestes vossas ofertas, e Deus retirou de vós a Sua bênção.

Veio a adversidade sobre alguns. Houve fracasso em suas colheitas, de maneira que não puderam resgatar suas promessas, e alguns até foram levados a circunstâncias probantes. Então, decerto, não se podia esperar que pagassem. Mas se eles não tivessem murmurado, e afastado seu coração dos votos que fizeram, Deus teria operado em seu favor, e teria aberto caminhos pelos quais todos poderiam ter pago o que prometeram. Eles não esperaram com fé, confiando em que Deus abrisse o caminho para que pudessem cumprir suas promessas.

Alguns tinham meios à disposição; e tivessem eles possuído o mesmo espírito voluntário que tinham quando prometeram, e houvessem de coração entregue a Deus em dízimos e ofertas o que Ele lhes emprestou para esse fim, teriam sido grandemente abençoados. Mas Satanás penetrou com suas tentações, e levou alguns a porem em dúvida os motivos e o espírito que levaram os servos de Deus a apresentar o pedido de meios. Alguns achavam ter sido enganados e defraudados. Em espírito, repudiaram os seus

votos, e tudo o que depois disso fizeram foi com relutância, e por isso não receberam nenhuma bênção. — Testimonies for the Church [187] 5:281, 282.

Capítulo 60 — O pecado de Ananias

O coração de Ananias e o da esposa, foram movidos pelo Espírito Santo a dedicar suas posses a Deus, como seus irmãos o tinham feito. Mas depois de terem feito o voto, recuaram, e determinaram não cumpri-lo. Embora professassem dar tudo, retiveram parte do preço. Haviam praticado fraude para com Deus, haviam mentido ao Espírito Santo, e seu pecado foi visitado, com juízo rápido e terrível. Não somente perderam a vida presente, mas também a vida eterna.

O Senhor viu que essa assinalada manifestação de sua justiça era necessária para impedir que outros incorressem na mesma falta. Testifica isso que os homens não podem enganar a Deus, que Ele descobre o pecado encoberto do coração, e que dEle não se pode escarnecer. Servia isso de advertência à jovem igreja, para levá-la a examinar seus motivos, acautelar-se para não condescender com o egoísmo e a vanglória, acautelar-se para não roubar a Deus.

No caso de Ananias, o pecado de fraude contra Deus foi rapidamente percebido e punido. Esse exemplo do juízo de Deus, visava ser um sinal de perigo a todas as gerações futuras. O mesmo pecado foi freqüentemente repetido na história posterior da igreja, e é cometido por muitos do nosso tempo; mas ainda que não seja visitado com a visível manifestação do desagrado de Deus, não é ele menos nefando agora, à Sua vista, do que no tempo dos apóstolos. Já foi dada a advertência, Deus claramente manifestou Sua aversão a esse pecado, e todos os que seguem idêntico procedimento podem estar certos de que estão destruindo sua própria vida. [...]

Somente quando os motivos cristãos são plenamente reconhecidos e a consciência é despertada para o dever, quando a luz divina faz impressão sobre o coração e o caráter, que o egoísmo é vencido, e o espírito de Cristo é exemplificado. O Espírito Santo, trabalhando no coração e no caráter do homem, expulsará toda a tendência para cobiça, para o procedimento enganoso. [...]

Em algumas ocasiões o Senhor tem decididamente impressionado homens mundanos e egoístas. Sua mente foi iluminada pelo

Espírito Santo, seu coração sentiu Sua influência enternecedora e subjugadora. Sob o senso da abundante misericórdia e graça de Deus, sentiram ser seu dever promover Sua causa, desenvolver Seu reino. [...] Sentiram o desejo de ter uma parte no reino de Deus [188] e se comprometeram a dar de seus meios para algum dos vários empreendimentos da causa do Senhor. Tal promessa não foi feita a um homem, mas a Deus, na presença de Seus anjos, que estavam impressionando o coração desses homens egoístas, amantes do dinheiro.

Ao fazerem o voto, foram grandemente abençoados; mas quão depressa mudam os sentimentos quando ficam no terreno comum. Ao esmaecer a impressão imediata do Espírito Santo, ao se tornarem a mente e o coração novamente absorvidos com os negócios mundanos, é para eles mais difícil manter sua consagração e a de sua propriedade ao Senhor. Satanás os assalta com sua tentação: "Fostes insensatos em prometer esse dinheiro, precisais dele para o empregar em vosso negócio, e se pagardes o voto, tereis prejuízo."

Então eles recuam, murmuram, queixam-se da mensagem do Senhor e de Seus mensageiros. Dizem coisas que não são verdadeiras, pretendendo terem prometido sob emoção, não terem compreendido completamente o assunto, que o caso foi exagerado, que seus sentimentos foram despertados e que isto os levou a fazer o voto. Falam como se as preciosas bênçãos que receberam fossem o resultado de um engano praticado contra eles pelo pastor para conseguir dinheiro. Mudam de idéia e não se sentem na obrigação de pagar seus votos a Deus. Há o mais temível roubo a Deus, sendo feitas fúteis escusas para resistirem e negarem ao Espírito Santo. Alguns alegam haver inconvenientes; dizem precisar de seu dinheiro — para fazer o quê? Para enterrá-lo em casas e terras, em algum plano de fazer dinheiro. Visto o voto ter sido feito com um fim religioso, julgam não poder ser ele exigido por lei, e o amor do dinheiro é tão forte neles que enganam a si mesmos e se atrevem a roubar a Deus. A muitas pessoas se poderia dizer: "Vós não tratais tão mal a nenhum outro amigo."

Está aumentando o número dos que cometem o pecado de Ananias e de Safira. Os homens não mentem ao homem, mas a Deus, ao desrespeitarem as promessas que o Seu Espírito os moveu a fazer. Porque a sentença contra a obra má não é executada imediatamente como no caso de Ananias e Safira, o coração dos filhos dos homens

se inclina completamente a fazer o mal, a lutar contra o Espírito de Deus. Como subsistirão esses homens no juízo? Ousais suportar o resultado final dessa questão? Como subsistireis nas cenas descritas no Apocalipse? “E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cujo rosto fugiu a Terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus; [...] e foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”. — The Review and Herald, 23 de Maio de 1893. [189]

Capítulo 61 — Um contrato com Deus

Quando um compromisso verbal ou escrito foi tomado em presença de nossos irmãos, de dar determinada importância, eles são as testemunhas visíveis de um contrato feito entre nós e Deus. A promessa não foi feita ao homem, mas a Deus, e é como uma nota escrita dada a um próximo. Nenhuma letra legal é mais obrigatória para um cristão quanto ao pagamento do dinheiro, do que uma promessa feita ao Senhor.

As pessoas que assim se comprometem com seus semelhantes, não pensam em geral em pedir libertação dos compromissos. Um voto feito a Deus, doador de todas as dádivas, é ainda de maior importância; então, por que havemos nós de buscar ser dispensados de nossos votos a Deus? Considerará o homem seu voto menos obrigatório pelo fato de ser feito ao Senhor? Porque esse voto não será levado a juízo nos tribunais de justiça, é ele menos válido? Há de um homem que professa estar salvo pelo sangue do infinito sacrifício de Jesus Cristo, "roubar a Deus"? Não são seus votos e suas ações pesados nas balanças da justiça nas cortes celestes?

Cada um de nós tem um caso pendente no tribunal do Céu. Há de a direção de nossa vida contrabalançar as provas que nos são contrárias? O caso de Ananias e Safira foi do mais agravante caráter. Guardando parte do preço, mentiram ao Espírito Santo. Da mesma maneira, pesam culpas sobre todo indivíduo, proporcionalmente às ofensas dessa natureza.

Quando o coração dos homens é abrandado pela presença do Espírito de Deus, eles são mais susceptíveis às impressões do Espírito Santo, e tomam resoluções no sentido de negar ao próprio eu e sacrificar-se pela causa de Deus. É quando a luz divina ilumina os escaninhos do espírito com clareza e poder incomuns, que os sentimentos do homem natural são vencidos, que o egoísmo perde sua força sobre o coração, e despertam-se desejos de imitar o Modelo, Jesus Cristo, no exercer beneficência e abnegação. A disposição do homem naturalmente egoísta, torna-se assim bondosa e compassiva

para com os pecadores perdidos, e ele faz um voto solene a Deus, como fizeram Abraão e Jacó. Nessas ocasiões acham-se presentes anjos celestes. O amor para com Deus e as pessoas triunfa sobre o egoísmo e sobre o amor do mundo. Isto, especialmente, quando o orador, no Espírito e poder de Deus, apresenta o plano da redenção, estabelecido pela majestade do Céu no sacrifício da cruz. Podemos [190] ver, pelos textos seguintes, como o Senhor considera a questão dos votos:

"E falou Moisés aos cabeças das tribos dos filhos de Israel, dizendo: Esta é a palavra que o Senhor tem ordenado: Quando um homem fizer voto ao Senhor, ou fizer juramento, ligando-se com uma obrigação, não violará a sua palavra: segundo tudo o que saiu da sua boca, fará". Números 30:1, 2.

"Não consintas que a tua boca faça pecar a tua carne, nem digas diante do anjo que foi erro; por que razão Se iraria Deus contra a tua voz, de sorte que destruísse a obra das tuas mãos?" Eclesiastes 5:6.

"Entrarei em Tua casa com holocaustos; pagar-Te-ei os meus votos, que haviam pronunciado os meus lábios, e dissera a minha boca, quando eu estava na angústia". Salmos 66:13, 14.

"Laço é para o homem dizer precipitadamente: É santo; e, feitos os votos, então inquirir". Provérbios 20:25. "Quando votares algum voto ao Senhor teu Deus, não tardarás em pagá-lo; porque o Senhor teu Deus certamente o requererá de ti, e em ti haverá pecado. Porém, abstendo-te de votar, não haverá pecado em ti. O que saiu da tua boca guardarás, e o farás; mesmo a oferta voluntária, assim como votaste ao Senhor teu Deus, e o declaraste pela tua boca". Deuteronômio 23:21-23.

"Fazei votos, e pagai ao Senhor, vosso Deus; tragam presentes, os que estão em redor dEle, Àquele que é tremendo". Salmos 76:11.

"Mas vós O profanais, quando dizeis: A mesa do Senhor é impura, e o seu produto, a sua comida, é desprezível. E dizeis: Eis aqui, que canseira! e o lançastes ao desprezo, diz o Senhor dos Exércitos; vós ofereceis o roubado, e o coxo e o enfermo; assim fazeis a oferta. Ser-Me-á aceito isto de vossa mão? diz o Senhor. Pois maldito seja o enganador que, tendo animal no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor uma coisa vil; porque Eu sou grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, o Meu nome será tremendo entre as nações". Malaquias 1:12-14.

"Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não Se agrada de tolos. O que votares, paga-o. Melhor é que não votes do que votes e não pagues". Eclesiastes 5:4, 5. — Testemunhos Seletos 1, 549-551.

Condições para receber as promessas de Deus — Têm havido ocasiões, em grandes ajuntamentos, em que se fizeram apelos aos professos seguidores de Cristo, em favor da causa de Deus, e corações têm sido despertados, fazendo muitos a promessa de manterem a obra. Mas muitos dos que prometeram não têm agido de maneira honrosa para com Deus. Têm sido negligentes e têm deixado de resgatar suas promessas ao seu Criador. Mas se o homem é tão indiferente no que tange as suas promessas a Deus, poderá ele esperar que o Senhor cumpra uma promessa feita sob condições que nunca foram cumpridas? É melhor tratar honestamente com os vossos semelhantes e com Deus. — The Review and Herald, 17 de [191] Dezembro de 1889.

Protesto de Satanás — Dos bens confiados aos homens, Deus reclama certa porção — o dízimo. A todos deixa Ele liberdade para decidirem se desejam ou não dar mais do que isto. Mas quando o coração é tocado pela influência do Espírito Santo, e é feito um voto de dar certa importância, aquele que fez o voto não tem mais nenhum direito sobre a porção consagrada. Promessas desta espécie feitas aos homens são olhadas como obrigatórias; seriam menos obrigatórias as feitas a Deus? São as promessas julgadas no tribunal da consciência menos obrigatórias que as escritas nos contratos humanos?

Quando a luz divina brilha no coração com clareza e poder inusitados, o habitual egoísmo relaxa as garras e há disposição para dar para a causa de Deus. Mas ninguém deverá pensar que lhe será permitido cumprir as promessas feitas, sem protesto da parte de Satanás. Ele não tem prazer em ver o reino do Redentor estabelecido na Terra. Sugere que a promessa feita foi excessiva, que isto poderá prejudicar a aquisição de propriedades ou a satisfação dos desejos da família. — Atos dos Apóstolos, 74.

Necessidade de uma consciência desperta — Importa que haja entre nós, como um povo, um despertamento nessa questão. Poucos são os homens que sentem doer a consciência se negligenciarem

o dever quanto à beneficência. Poucos, apenas, são possuídos de remorso por roubarem diariamente a Deus.

Caso um cristão deliberada ou acidentalmente pague menos do que é devido a seu próximo, ou se recuse a liqüidar uma dívida honesta, sua consciência, a menos que se ache cauterizada, há de perturbá-lo; ele não pode sossegar, ainda que ninguém seja sabedor do fato senão ele próprio. Há muitos votos negligenciados e promessas por pagar, e no entanto quão poucos sentem a consciência turbada por causa disso! Quão poucos experimentam o sentimento de culpa por essa violação do dever!

Precisamos sentir novas e mais profundas convicções a esse respeito. A consciência precisa ser despertada, e examinar-se o assunto com diligente atenção; pois no último dia ter-se-á de prestar contas a Deus, e Seus direitos serão apurados. — Testemunhos Seletos 1:547. [192]

Capítulo 62 — Preparo para a morte

Há pessoas de idade entre nós que estão tocando já o termo de sua carreira, mas por falta de homens inteligentes que saibam assegurar as propriedades destas pessoas para a obra de Deus, estas passam para as mãos dos que servem a Satanás. Esses meios lhes foram emprestados por Deus e devem ser-Lhe restituídos, mas em nove casos de dez esses irmãos dispõem dos seus bens de maneira que Deus não é glorificado, porque, ao falecer, coisa alguma da propriedade de Deus a eles confiada reverte para os Seus tesouros. Nalguns casos esses irmãos foram assistidos por conselheiros não consagrados, que raciocinavam do seu ponto de vista humano e não de acordo com o parecer de Deus.

Muitas vezes uma fortuna legada a filhos ou netos redunda somente em mal para seus herdeiros. Não tendo amor a Deus nem a Sua verdade, esses meios, que de direito pertencem a Deus, passam ao poder de Satanás. Satanás é muito mais vigilante, perspicaz e hábil para conseguir meios para si do que são os nossos irmãos para assegurar a propriedade de Deus para Sua obra.

Muitos testamentos foram feitos de modo tão superficial que não tiveram validade perante a lei, e deste modo grandes somas se perderam para a causa. Nossos irmãos devem reconhecer que sobre eles, como fiéis servos do Senhor, pesa a responsabilidade de agir prudentemente nesses casos, a fim de assegurar-Lhe o que Lhe pertence.

Muitos se revelam a este respeito de uma delicadeza descabida. Procedem como se estivessem trilhando veredas proibidas quando falam a pessoas de idade avançada ou inválidos a propósito de seus bens, a fim de saber como pretendem dispor deles. Entretanto é este um dever tão sagrado como pregar o Evangelho para a salvação de pessoas. Aqui está um homem que de Deus possui dinheiro e propriedades, e está a ponto de transferir sua mordomia. Deve colocar os meios, que de Deus recebeu emprestados para serem usados em Sua obra, nas mãos de ímpios, simplesmente por serem

estes seus parentes? Não devem antes homens cristãos tomar o devido interesse e experimentar ansiedade, tanto pelo bem-estar futuro dessa pessoa como pelos interesses da causa de Deus, a fim de que disponha retamente dos bens de seu Senhor — os talentos que lhe foram confiados para sábio uso? Quererão seus irmãos que o assistem, vê-lo deixar esta vida, ao mesmo tempo privando de meios a tesouraria de Deus? Isto significaria uma perda tremenda para ele e para a causa; porque, abandonando seus talentos nas mãos de indivíduos que não têm nenhuma consideração pela verdade divina, de caso pensado coloca os talentos em um lenço e os esconde na terra. [193]

Caminho melhor — Deus deseja que Seus seguidores disponham pessoalmente de seus bens, enquanto isto lhes seja possível. Dirá alguém: "Temos porventura de renunciar a tudo que consideramos nossa propriedade?" Pode isto não nos ser exigido ainda, mas devemos estar prontos a fazê-lo por amor de Cristo. Devemos reconhecer que nossas propriedades são totalmente Suas, e usá-las liberalmente quando o progresso da obra o exigir. Muitos fecham os ouvidos aos pedidos de dinheiro para enviar missionários ao estrangeiro, e para a difusão da verdade por meio de impressos que devem ser espalhados por todo o mundo como folhas de outono.

Essas pessoas justificam sua avareza, alegando que tomaram disposições que deverão revelar sua caridade na ocasião da morte. Na disposição de sua última vontade, contemplaram a obra de Deus. Por isso conduzem uma vida de avareza, roubam-nO nos dízimos e ofertas, e pelo seu testamento Lhe restituem apenas pequena parte do que lhes confiou, enquanto a parte maior reverte para os parentes, que não tomam nenhum interesse pela verdade. Constitui esta uma das piores formas de roubo. Roubam a Deus aquilo que Lhe devem, e isto não só durante a vida, mas também na morte.

Terrível risco — É rematada loucura deixar até quase à hora da morte a preparação para a vida futura. É também um erro grave protelar a resposta aos apelos de liberalidade para a obra de Deus, até o tempo de transferir a outros sua mordomia. Aqueles a quem confiardes os talentos que de Deus recebestes podem ou não administrá-los assim como vós o tendes feito. Como poderão pessoas abastadas arriscar-se a tanto? Os que esperam até à hora da morte para dispor sobre seus bens, parece que o fazem mais por causa da morte

do que por amor a Deus. Assim procedendo, muitos estão agindo em oposição direta ao plano que Deus estabeleceu em Sua Palavra. Se quiserem fazer bem, devem aproveitar os preciosos momentos do presente, com todos os esforços, como que temendo perder a oportunidade favorável.

Os que negligenciam deveres de que estão perfeitamente inteirados, deixando de corresponder às reivindicações que Deus lhes faz nesta vida, e procurando acalmar a consciência com o propósito de na sua morte estabelecer um legado, não terão da parte do Mestre nem louvor nem recompensa. Estes não praticam nenhuma renúncia, mas retêm seus meios enquanto podem, renunciando-os só porque o exige a morte. [194]

Se fossem cristãos verdadeiros, praticariam em vida, estando ainda sãos e fortes, o que transferem até à morte. Devotariam a Deus a si mesmos e o que lhes pertence, ao passo que, agindo como mordomos conscienciosos, cumpririam seu dever. Como executores de seus próprios testamentos poderiam por si mesmos satisfazer às reivindicações divinas, em vez de deixar a responsabilidade disto a outros.

Devemos considerar-nos despenseiros da propriedade do Senhor, e a Deus como Proprietário absoluto, a quem devemos entregar o que é Seu, quando Ele o requer. Quando vier para receber com juros o que lhes confiou, os cobiçosos se persuadirão de que, em vez de ter multiplicado seus talentos, acarretaram sobre si mesmos a condenação pronunciada contra o servo mau e infiel.

Beneficência em vida ou legado de morte — O Senhor deseja que a morte de Seus servos seja sentida como uma perda por causa da boa influência que exerceram e das muitas ofertas voluntárias com que concorreram para abastecer o tesouro de Deus. Legados deixados na morte são uma miserável compensação da beneficência que se deveria praticar em vida. Os servos de Deus devem dispor de seus bens todos os dias, em boas obras e ofertas liberais ao Senhor. Não devem contentar-se com dar a Deus uma porção desproporcionadamente pequena, em comparação ao que gastam para si mesmos. Dispondo de seus bens cada dia, contemplarão nele os objetos e amigos que maior direito têm à sua afeição.

Seu melhor amigo é Cristo. Ele não lhes negou a própria vida, e por amor deles Se fez pobre para que por Ele enriquecessem.

Merece, portanto, todo o nosso coração, tudo quanto temos e somos. Mas muitos supostos cristãos declinam em vida as reivindicações de Jesus e O insultam na morte, legando-Lhe uma parte mesquinha de seus bens.

Lembrem-se todos que estiverem neste caso de que esta maneira de roubar a Deus não representa um ato impensado, mas um plano premeditado, pois que todo legado é instituído com a declaração expressa de estar o testador "em pleno uso de suas faculdades". Depois de haverem defraudado a obra de Deus em vida, perpetuam essa fraude na morte e com plena anuência de suas faculdades mentais. Tal testamento muitos consideram um suave travesseiro em que reclinar a cabeça na hora extrema. Representa uma espécie de preparação para a morte, e é arranjado de modo a não perturbar a tranqüilidade de seu espírito, ao exalarem o último alento. Poderão essas pessoas descansar tranqüilamente a respeito das contas que lhes hão de ser pedidas de sua mordomia?

Devemos ser todos ricos em boas obras, se queremos garantir-nos a vida futura e eterna. Quando o juízo se instituir e os livros forem abertos, cada qual será julgado e recompensado segundo as suas obras. Muitos nomes estão registrados nos livros da igreja, que no livro principal do Céu estão arrolados com a nota de "defraudadores". E a menos que essas pessoas se arrependam, e trabalhem para o Mestre com desinteressada benevolência, hão de compartilhar a sorte do mordomo infiel. [195]

Perdas devido à falta de testamento — Sucede muitas vezes um ativo homem de negócios ser arrebatado pela morte sem prévia advertência, e acharem-se seus negócios em condição embaraçosa justamente quando têm de ser liqüidados. No empenho de pô-los em ordem, uma grande parte dos bens do falecido, senão tudo, é consumida em honorários aos advogados, ficando a família e a causa de Cristo defraudadas daquilo que lhes seria devido. Os que são mordomos fiéis do Senhor saberão a todo tempo estar preparados para qualquer emergência. Se porventura seu tempo de graça terminar inesperadamente, não acarretarão tão grandes perplexidades aos que forem incumbidos de liqüidar seus compromissos.

Muitos não estão informados acerca da questão de fazer o testamento quando se acham ainda, aparentemente, com saúde. Essa precaução deveria, entretanto, ser tomada por nossos irmãos. Devem

saber qual sua situação financeira, e não permitir que seus negócios se embaracem. Devem arranjar sua propriedade de tal maneira que a possam deixar a qualquer tempo.

Os testamentos devem ser feitos de acordo com as prescrições legais. Depois de feitos, podem ser conservados durante anos sem prejuízo, ao passo que se continua a contribuir para a obra à medida de suas necessidades. A morte, meus irmãos, não se antecipará um dia sequer por terdes feito o vosso testamento. Ao dispor de vossos bens por testamento a favor de vossos parentes não vos esqueçais da obra de Deus. Sois Seus instrumentos, incumbidos de zelar por Sua propriedade; e Suas reivindicações devem merecer-vos a preferência, e ser tomadas em consideração antes de quaisquer outras. Vossas mulheres e filhos não devem naturalmente ficar ao abandono, cumprindo prover também a suas necessidades. Não deveis, porém, simplesmente por ser assim costume, contemplar em vossas disposições uma longa lista de parentes, que não estão em necessidade.

Apelo à reforma — Deveis lembrar-vos sempre de que o atual sistema egoísta de dispor dos bens não é conforme o plano de Deus, mas simplesmente invenção humana. Os cristãos devem ser reformadores e romper com esse sistema, dando uma feição inteiramente nova à maneira de fazer testamentos. Tende sempre presente que é da propriedade de Deus que ides dispor. A vontade divina deve ser lei neste particular.

Suponde que alguém vos houvesse instituído executor de seu testamento, acaso não faríeis diligência em inteirar-vos da vontade do testador, a fim de que a menor quantia tivesse sua aplicação justa? Vosso Amigo celestial vos confiou propriedades, manifestando-vos [196] Sua vontade quanto ao modo por que devem ser usadas. Se essa Sua vontade for devidamente acatada, aquilo que pertence a Deus terá a aplicação que lhe compete dar. A causa do Senhor tem sido vergonhosamente negligenciada, ao passo que Ele deu aos homens meios suficientes com que fazer face a todas as emergências, se apenas fossem dotados de coração grato e obediente.

Os que fazem seu testamento, não devem imaginar que acabam aqui suas obrigações, mas sim desenvolver constante atividade, usando seus talentos para o engrandecimento da causa de Deus. Deus delineou planos segundo os quais todos podem cooperar diligente-

mente na distribuição de seus meios. Deus não Se propõe sustentar Sua obra por meio de milagres. Ele tem alguns poucos mordomos fiéis, que estão economizando e usando seus meios para promover Sua obra. A renúncia própria e a beneficência, longe de constituírem a exceção, deviam ser a regra. As crescentes necessidades da obra de Deus reclamam meios. Chegam-nos constantemente pedidos do país e do estrangeiro, solicitando missionários que lhes ensinem a luz da verdade. Isto significa aumento de obreiros e acréscimo de despesas para sua manutenção. — Testemunhos Seletos 1, 556-561.

Como tornar segura a propriedade — Quereis tornar segura a vossa propriedade? Colocai-a na mão que traz os sinais de cravos da crucifixão. Retende-a em vosso poder, e ela servirá para vossa perda eterna. Dai-a a Deus, e deste momento em diante ela terá Sua inscrição. Está selada com a Sua imutabilidade. Quereis desfrutar vossos bens? Usai-os, então, de modo que sejam uma bênção para o sofredor. — Testimonies for the Church 9:51. [197]

Capítulo 63 — A mordomia é uma responsabilidade pessoal

Devem os pais exercer o direito que Deus lhes concedeu. Confiou-lhes os talentos que quer que usem para Sua glória. Não devem os filhos tornar-se responsáveis pelos talentos dos pais. Enquanto tiverem mente sã e bom juízo, devem os pais, com piedosa consideração, e com o auxílio dos devidos conselheiros, que tenham experiência na verdade e conhecimento da vontade divina, dispor de suas propriedades.

Se tiverem filhos que estejam sendo afligidos ou lutando com a pobreza, e que farão judicioso uso dos meios, devem eles ser tomados em consideração. Mas se têm filhos descrentes que têm abundância dos bens deste mundo e que estejam servindo ao mundo, cometem um pecado contra o Mestre que os tornou Seus mordomos, ao colocarem bens em suas mãos meramente por serem seus filhos. Os reclamos de Deus não devem ser considerados levianamente.

E se deve compreender distintamente que o fato de os pais já terem feito seu testamento não os priva de dar recursos à causa de Deus enquanto vivem. E isso é o que devem fazer. Devem ter, aqui, a satisfação, e, no além, a recompensa de disporem dos meios excedentes enquanto viverem. Devem fazer sua parte no avanço da causa de Deus. Devem usar os bens que lhes foram emprestados pelo Mestre para levar avante a obra que deve ser feita em Sua vinha.

O amor do dinheiro é a raiz de quase todos os crimes cometidos no mundo. Os pais que egoisticamente retêm seus recursos para enriquecer os filhos, e que não vêem as necessidades da causa de Deus e não as aliviam, cometem terrível erro. Os filhos a quem pensam abençoar com seus recursos são com isso amaldiçoados.

As riquezas herdadas são freqüentemente uma armadilha — O dinheiro deixado para os filhos, freqüentemente se torna raiz de amargura. Freqüentemente questionam por causa da propriedade que lhes foi deixada, e, em caso de testamento, raras vezes estão todos satisfeitos com a distribuição feita pelo pai. E em vez de os

bens deixados despertarem a gratidão, a reverência a sua memória, cria a insatisfação, murmuração, inveja e desrespeito. Irmãos e irmãs que estavam em paz uns com os outros, são às vezes postos em desacordo, havendo freqüentemente desavença na família como resultado de bens herdados. As riquezas são apenas desejáveis como um meio de suprir as necessidades presentes, e de fazer bem aos outros. Mas as riquezas herdadas freqüentemente se tornam uma cilada para quem as possui, em vez de uma bênção. Não devem os pais procurar fazer com que os filhos encontrem as tentações a que eles os expõem ao lhes deixarem meios que estes nenhum esforço fizeram para adquirir. [198]

Transferindo propriedades para os filhos — Foi-me mostrado que alguns filhos que professam crer na verdade, influenciam, indiretamente, o pai a guardar seus bens para os filhos em vez de os empregar na causa de Deus enquanto vive. Os que assim têm influenciado o pai a transferir para eles a sua mordomia, mal sabem o que estão fazendo. Estão amontoando sobre si mesmos dupla responsabilidade, a de influenciar a mente do pai de tal modo que ele não cumpra o propósito de Deus na distribuição dos meios que por Ele lhe foram confiados para serem usados para Sua glória, e a responsabilidade adicional de se tornarem despenseiros dos meios que deveriam ter sido dados pelo pai aos banqueiros, para que o Mestre pudesse receber com juros o que Lhe pertencia.

Muitos pais cometem um grande erro ao passarem sua propriedade de suas mãos para as dos filhos, ainda que eles mesmos sejam responsáveis pelo uso ou abuso dos talentos que Deus lhes emprestou. Nem os pais, nem os filhos se tornam mais felizes por essa transferência de propriedade. E se viverem uns poucos anos mais, arrepender-se-ão geralmente os pais dessa ação que praticaram. O amor filial, em seus filhos, não é aumentado por essa atitude. Não sentem os filhos maior gratidão e obrigação para com os pais por sua liberalidade. Parece haver uma maldição na raiz dessa questão, cuja colheita é apenas o egoísmo da parte dos filhos, e a infelicidade e terrível sentimento de estrita dependência da parte dos pais.

Se os pais, enquanto vivem, ajudassem os filhos a ajudar a si mesmos, seria melhor do que deixar-lhes uma grande quantia ao morrerem. Os filhos a quem se deixa confiar principalmente em seus próprios esforços, tornam-se melhores homens e mulheres, e

estão melhor habilitados para a vida prática do que os que dependem dos bens do pai. Os filhos que dependem de seus próprios recursos geralmente prezam sua capacidade, aproveitam seus privilégios e cultivam e dirigem suas faculdades no sentido de alcançar um propósito na vida. Freqüentemente desenvolvem hábitos de operosidade, economia e valor moral, que são o fundamento do êxito na vida cristã. Os filhos por quem os pais mais fazem, freqüentemente são os que menos obrigação sentem para com eles. — Testimonies for [199] the Church 3:121-123.

Capítulo 64 — Transferindo as responsabilidades para outros

Os irmãos observadores do sábado que passam a responsabilidade de sua mordomia para as mãos das esposas, enquanto eles mesmos estão em condições de assumi-la, são insensatos, e ao transferi-la desagradam a Deus. A mordomia do marido não pode ser transferida para a esposa. No entanto se tenta às vezes tal coisa, com grande prejuízo para ambos.

Às vezes o marido crente tem transferido sua propriedade para a companheira descrente, esperando assim satisfazê-la, desarmar-lhe a oposição, e finalmente induzi-la a crer na verdade. Mas isso não é nem mais nem menos uma tentativa de comprar a paz, ou subornar a esposa para crer na verdade. Os meios que Deus emprestou para levar avante Sua causa transfere o marido para alguém que nenhuma simpatia tem para com a verdade; que contas tal mordomo prestará quando o grande Mestre exigir o que é Seu com os juros?

Pais crentes têm, freqüentemente, transferido sua propriedade para filhos descrentes, tirando assim toda a possibilidade de darem a Deus o que Lhe pertence. Ao assim fazerem, alijam-se da responsabilidade que Deus sobre eles colocou e põem nas fileiras do inimigo meios que Deus lhes confiou para Lhe serem devolvidos ao serem empregados em Sua causa quando deles o requerer.

Não é o plano de Deus que os pais que estão em condições de dirigir seus próprios negócios entreguem o controle de sua propriedade, ainda mesmo a filhos que sejam da mesma fé. Raramente possuem eles a dedicação à causa de Deus que deveriam ter, e não têm passado pela escola da adversidade e da aflição, de modo a terem a mais elevada consideração pelo tesouro eterno e menos estima aos tesouros terrenos. Os meios colocados nas mãos de tais pessoas tornam-se o maior dos males. É para eles uma tentação dedicar sua afeição ao que é terreno, confiar na propriedade, e achar que eles pouco mais necessitam além disso. Ao ficarem de posse dos

meios que não adquiriram com seus próprios esforços, dificilmente [200] os usam sabiamente.

O marido que transfere sua propriedade para a esposa, abre para ela uma larga porta de tentação, quer seja ela crente ou descrente. Se é crente, e de natureza mesquinha, inclinada ao egoísmo e a adquirir, a luta será muito maior para ela ao ter de manejar a mordomia do marido e a sua própria. Para se poder salvar, deve vencer todos esses maus traços que lhe são peculiares e imitar o caráter do seu divino Senhor, buscando a oportunidade de fazer bem aos outros e amando os outros como Cristo nos amou. Deve cultivar o precioso dom do amor que nosso Salvador possuía em tão grande escala. Sua vida era caracterizada por nobre e desinteressada benevolência. Toda a Sua vida não teve a mancha de um único ato egoísta.

Sejam quais forem os motivos do marido, pôs ele uma terrível pedra de tropeço no caminho da esposa, a lhe embaraçar a obra de vencer. E se a transferência for feita para os filhos, podem seguir-se os mesmos maus resultados. Deus lê seus motivos. Se ele for egoísta e tiver feito a transferência para encobrir sua cobiça e se escusar de fazer qualquer coisa para o avanço da causa, seguir-se-á certamente a maldição do Céu.

Deus lê os propósitos e intenções do coração, e prova os motivos dos filhos dos homens. Pode ser que Seu assinalado e visível desagrado não se manifeste como no caso de Ananias e Safira, contudo, no fim, o castigo não será de modo algum mais leve do que o que lhes foi infligido. Procurando enganar os homens, estavam mentindo a Deus. “A alma que pecar, essa morrerá.” [...]

Os que se gabam de poderem transferir sua responsabilidade sobre a esposa ou os filhos, estão sendo enganados pelo inimigo. A transferência de propriedade não lhes diminuirá a responsabilidade. Eles são responsáveis pelos meios que os Céus puseram sob os seus cuidados, e de modo algum se podem eximir de sua responsabilidade, enquanto delas não se desobrigarem por haverem devolvido a Deus [201] o que Ele lhes confiou. — Testimonies for the Church 1:528-530.

Capítulo 65 — O lugar da recompensa como motivo no serviço

Repetidamente diz o Salvador: "Porque muitos primeiros serão os últimos, e muitos últimos serão os primeiros." Jesus não quer que todos os que estão empenhados em Seu serviço sejam ansiosos por recompensas, nem achem que devem receber compensação por tudo que fazem. O Senhor quer que nossa mente siga um rumo diferente; pois Ele não vê como vê o homem. Ele não julga pela aparência, mas avalia o homem pela sinceridade de seu coração.

Os que trouxeram para seu serviço o espírito de sacrifício, de reconhecimento de sua insuficiência são os que afinal serão os primeiros. Os trabalhadores que primeiro foram contratados representavam os que têm um espírito invejoso, de justiça própria, e pretendem que por seus serviços lhes deve ser dada a preferência, em vez de a outros. O pai de família disse àquele que punha em dúvida seu direito de dar mais a outros do que a ele: "Amigo, não te faço agravo; não ajustaste tu comigo um dinheiro?" Eu cumpri minha parte do acordo.

Num sentido secundário, devemos todos ter respeito para com a recompensa do galardão. Mas conquanto apreciemos a promessa da bênção, devemos ter perfeita confiança em Jesus Cristo, crendo que Ele fará o que é direito e nos dará a recompensa segundo as nossas obras. O dom de Deus é a vida eterna, mas Jesus não quer que estejamos tão ansiosos quanto à recompensa, como quanto a podermos fazer a vontade de Deus porque isto é correto, sem tomar em consideração todo ganho.

Paulo conservava sempre em vista a coroa da vida que lhe seria dada, e não somente a ele, mas a todos os que amam a Sua vinda. Foi a vitória obtida pela fé em Jesus Cristo que tornou a coroa tão desejável. Ele sempre exaltou a Jesus. Toda a vanglória do talento, de vitória em nós mesmos, está fora de lugar. "Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar glorie-se nisto, em Me

conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na Terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor."

Os que mais abundante recompensa vão receber serão os que unem à sua atividade o zelo, bondosa e terna piedade para com os [202] pobres, os órfãos, os oprimidos e os aflitos. Mas os que passam de largo, que estão ocupados demais para dar atenção ao que foi adquirido com o sangue de Cristo, que estão fartos de fazer grandes coisas, verificarão que são os menores e os últimos.

Os homens agem de acordo com o verdadeiro caráter do coração. Há, ao nosso redor, os que têm um espírito manso e humilde, o espírito de Cristo, que fazem muitas coisas pequenas para ajudar os que os rodeiam, e que não pensam nisso; esses ficarão afinal surpresos, ao verificarem que Cristo percebeu a palavra bondosa dita aos desanimados, e tomou nota das menores dádivas dadas para aliviar os pobres, e que custarão ao doador alguma abnegação. O Senhor pesa o espírito, e em conformidade com ele recompensa, e o puro, humilde, infantil espírito de amor, torna a oferta preciosa a Sua vista. — The Review and Herald, 3 de Julho de 1894.

Como uma dádiva, não como um direito — Pedro disse: "Eis que nós deixamos tudo, e Te seguimos; qual será então o nosso galardão?" Essa pergunta da parte de Pedro mostrou que ele pensava que certa quantidade de trabalho da parte dos apóstolos mereceria certa quantidade de recompensas. Havia entre os discípulos um espírito de condescendência, de exaltação própria, e faziam comparações entre eles mesmos. Se algum deles falhava de maneira assinalada, os outros se sentiam superiores. Jesus viu que se estava formando um espírito que devia ser detido. Podia ler o coração dos homens, e viu sua tendência para o egoísmo, na pergunta: "Qual será então o nosso galardão?" Devemos corrigir esse mal antes que ele assuma proporções gigantescas.

Os discípulos corriam o perigo de perder de vista os verdadeiros princípios do evangelho. Pelo uso dessa parábola [dos lavradores que foram chamados] ensina-lhes Ele que a recompensa não vem das obras, para que nenhum homem se glorie, mas vem toda da graça. O trabalhador chamado para a vinha no começo do dia teve sua recompensa na graça que lhe foi dada. Mas aquele a quem foi feito o último chamado teve a mesma graça que o primeiro tivera. A obra era toda de graça, e ninguém se devia gloriar sobre o outro.

Não devia haver ressentimento de uns contra os outros. Ninguém recebeu maior privilégio do que o outro, nem podia alguém reclamar a recompensa como se esta fosse um direito seu. Pedro expressou os sentimentos de um mercenário. — The Review and Herald, 10 de Julho de 1894. [203]

Capítulo 66 — Tesouro no céu

Cristo roga: "Ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem." Essa obra de transferir vossas posses para o mundo de cima é digna de todas as vossas melhores energias. É da maior importância, e envolve vossos interesses eternos. O que dais à causa de Deus não é perdido. Tudo o que é dado para a salvação de pessoas e para a glória de Deus, é empregado no empreendimento de maior êxito desta vida e da vida futura. Vossos talentos de ouro e prata, se dados aos banqueiros estão aumentando o valor, o que será registrado em vossa conta no reino dos Céus. Deveis ser os recipientes da riqueza eterna que aumentou na mão dos banqueiros. Ao dardes à obra de Deus, estais ajuntando para vós tesouros no Céu. Tudo o que ajuntais lá em cima está livre de desastre e perda e aumenta, tornando-se bens eternos e duradouros.

Lucro para o tempo e para a eternidade — Deveis ter o determinado propósito de pôr cada faculdade de vosso ser ao serviço de Cristo. Ora Seu serviço é proveitoso para a vida atual e para a que há de vir. [...]

"A candeia do corpo são os olhos; de sorte que se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz." Se os olhos forem bons, se se dirigirem para o Céu, a luz do Céu encherá o coração, e as coisas terrenas parecerão insignificantes e nada convidativas. Mudar-se-á o propósito do coração, sendo atendida a admoestação de Jesus. Ajuntareis vosso tesouro no Céu. Vossos pensamentos se fixarão nas grandes recompensas da eternidade. Todos os vossos planos serão feitos tendo em vista a vida futura e imortal. Sereis atraídos para o vosso tesouro. Não buscareis os vossos próprios interesses mundanos, mas em todas as vossas prossecuções se fará a tácita indagação: "Senhor, que queres que eu faça?" A religião da Bíblia estará entretecida em vossa vida diária.

O cristão verdadeiro não permite que qualquer consideração terrena se interponha entre ele e Deus. O mandamento de Deus exerce positiva influência sobre seus afetos e ações. Se todo aquele

que busca o reino de Deus e a Sua justiça estivesse sempre pronto para fazer as obras de Cristo, quanto mais fácil se tornaria a vereda para o Céu. [...]

Se o olho visar a glória de Deus, o tesouro será ajuntado lá em cima, a salvo de toda corrupção ou perda; e "onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração". Jesus será o modelo que procurareis imitar. A lei de Deus será o vosso deleite, e no dia do [204] ajuste final de contas ouvireis as alegres palavras: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor". — The Review and Herald, 24 de Janeiro de 1888.

Fortalecendo os laços de união — O Senhor fez de nós Seus despenseiros.

Põe em nossas mãos as Suas dádivas, para que repartamos com os que estão em necessidade, e é esse dar prático que será para nós seguro remédio para todo o egoísmo. Ao assim expressar amor para com os que necessitam de auxílio, fareis com que o coração do necessitado dê graças a Deus por Ele haver concedido aos irmãos a graça da beneficência, e feito com que aliviassem as necessidades do necessitado.

É pelo exercício desse amor prático que as igrejas se atraem cada vez mais na unidade cristã. Pelo amor aos irmãos é aumentado o amor a Deus, porque Ele não Se esqueceu dos que estavam angustiados, e assim ascendem a Deus ações de graças pelo Seu cuidado. "Porque a administração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também abunda em muitas graças, que se dão a Deus ." A fé dos irmãos, em Deus, aumenta, e eles são levados a entregar-se a Deus como a um fiel Criador. "Visto como, na prova desta administração, glorificam a Deus pela submissão que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles, e para com todos". — The Review and Herald, 21 de Agosto de 1894.

Gravados nas mãos de Cristo — Cristo guardará o nome de todos os que não consideram custoso demais um sacrifício para Lhe ser oferecido sobre o altar da fé e do amor. Tudo Ele sacrificou pela humanidade caída. O nome do obediente, do que se sacrifica e é fiel será gravado nas palmas das Suas mãos; não será vomitado de Sua boca, mas tomado em Seus lábios, e Ele rogará especialmente

em seu favor diante do Pai. Quando o egoísta e o orgulhoso forem esquecidos, eles serão lembrados; seu nome será imortalizado. Para que nós mesmos possamos ser felizes, devemos viver para tornar outros felizes. É bom para nós dar nossas posses, nossos talentos, e nossas afeições em grata devoção a Cristo, e dessa forma encontrar alegria aqui e imortal glória no além. — Testimonies for the Church [205] 3:250, 251.

Capítulo 67 — Bênçãos temporais para os beneficentes

Quando a simpatia humana está misturada com amor e com a beneficência, e santificada pelo Espírito de Jesus, é um elemento que pode produzir grande bem. Os que cultivam a beneficência não estão somente fazendo uma boa obra em favor dos outros, e abençoando os que recebem a boa ação, mas também se estão beneficiando ao abrir o coração ao benigno influxo da verdadeira beneficência.

Cada raio de luz lançado sobre outros refletir-se-á em nosso próprio coração. Toda palavra bondosa e de simpatia dita ao aflito, todo ato para aliviar o oprimido, e toda dádiva feita para suprir as necessidades dos nossos semelhantes, dados ou feitos visando a glória de Deus, resultarão em bênçãos para o doador. Os que assim estão trabalhando, obedecem à lei do Céu, e receberão a aprovação de Deus. O prazer de fazer o bem aos outros comunica ao sentimento um brilho que irradia pelos nervos, apressa a circulação do sangue, e produz saúde mental e física. — Testimonies for the Church 4:56.

Uma bênção curadora — A afinidade que existe entre a mente e o corpo, é muito grande. Se um é afetado, o outro se ressente. O estado da mente tem muito que ver com a saúde física. Se a mente está despreocupada e contente, sob a consciência do dever cumprido e com certo senso de satisfação por proporcionar felicidade a outros, isto criará uma alegria que reagirá sobre todo o organismo, produzindo mais perfeita circulação do sangue, a tonificação de todo o corpo. A bênção de Deus é um médico; e os que são generosos em beneficiar a outros, experimentarão essa maravilhosa bênção no próprio coração e vida. — Testemunhos Seletos 1:179; Testimonies for the Church 1:60, 61.

A obra de beneficência tem dupla bênção — A sabedoria divina determinou, no plano da salvação, a lei da ação e da reação, tornando a obra de beneficência, em todos os seus ramos, duplamente abençoada. Deus poderia ter realizado o Seu objetivo de salvar os pecadores sem o auxílio do homem, mas Ele sabia que o

homem não poderia ser feliz sem ter uma parte na grande obra de redenção. Para que o homem não perdesse os benditos resultados da beneficência, nosso Redentor ideou o plano de alistá-lo como [206] coobreiro Seu. — The Review and Herald, 23 de Março de 1897.

Quebrado o poder da terra — Cristo veio dar ao homem a riqueza da eternidade, e, pela ligação com Ele, devemos receber e partilhar essa riqueza. Não só aos pastores, mas também a todo crente Cristo diz: O mundo está envolto em trevas. Brilhe, portanto, vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem ao vosso Pai que está nos Céus. Todo aquele que verdadeiramente ama a Deus será uma luz no mundo.

Aquele que é cidadão do reino celestial constantemente olhará para as coisas que não se vêem. É quebrado o poder da Terra sobre a mente e o caráter. Ele tem a permanente presença do Hóspede celestial, segundo a promessa: “Eu o amarei, e a ele Me manifestarei.” Como Enoque, anda com Deus em constante comunhão. — The Review and Herald, 10 de Novembro de 1910.

A vida terrena é enriquecida — Não pode ser integral ou completo qualquer projeto ou plano para a vida que apenas compreenda os breves anos da existência presente, e não tome providências para o interminável futuro. Que se ensinem os jovens a tomar em consideração a eternidade. Sejam ensinados a escolher princípios e buscar possessões que sejam duradouros, a acumular para si aquele “tesouro nos Céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói”; a adquirir para si amigos “com as riquezas da injustiça”, para que, quando estas faltarem, aqueles os possam receber “nos tabernáculos eternos”. Lucas 12:33; 16:9.

Todos os que fazem isto estão efetuando a melhor preparação possível para a vida neste mundo. Ninguém poderá acumular tesouro no Céu sem que venha por isso mesmo a ver sua vida na Terra enriquecida e enobrecida.

“A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir”. 1 Timóteo 4:8. — Educação, 145.

O coração do doador se expande — As ofertas do pobre, dadas com abnegação para ajudar a difundir a preciosa luz da verdade salvadora, não somente serão para Deus um cheiro suave e Lhe serão completamente aceitáveis como uma dádiva consagrada, mas o próprio ato de dar expande o coração do doador, e o une cada

vez mais ao Redentor do mundo. — The Review and Herald, 31 de Outubro de 1878.

A permanente promessa de Deus — Sempre que o povo de Deus, em qualquer período do mundo, seguiu voluntária e alegremente o plano dEle quanto à doação sistemática e às dádivas e ofertas, verificaram Sua permanente promessa de que todos os seus labores seriam seguidos de prosperidade proporcional à obediência que dispensavam ao que deles requeria. Quando reconheciam os direitos de Deus, e Lhe satisfaziam às reivindicações, honrando-O com seus recursos, seus celeiros enchiam-se de abundância. — Testemunhos Seletos 1:375. [207]

Capítulo 68 — Participando das alegrias dos remidos

Há uma recompensa para os obreiros sinceros, nada interesseiros que entram neste campo, e também para os que voluntariamente contribuem com seus recursos para a sua manutenção. Todos os que se empenham no trabalho ativo no campo, como os que dão seus meios para sustentar esses obreiros, participarão das alegrias dos fiéis.

Todo mordomo fiel dos bens que lhe foram confiados, entrará no gozo do seu Senhor. Que é esse gozo? — "Digo-vos que assim haverá [...] alegria no Céu sobre um pecador que se arrependa." Haverá um bendito louvor, uma santa bênção aos fiéis ganhadores evangelistas. Unir-se-ão aos que se regozijam no Céu, que aclamam e festejam a colheita.

Quão grande será a alegria quando os remidos do Senhor se encontrarem — reunidos nas mansões para eles preparadas! Oh, que regozijo para todos os que têm sido imparciais e desinteressados cooperadores de Deus em levar avante a Sua obra na Terra! Que satisfação terão todos os ceifeiros quando se ouvir a voz clara e musical de Jesus dizendo: "Vinde benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." "Entra no gozo do teu Senhor."

O Redentor é glorificado por não ter morrido em vão. Com o coração regozijante, vêem os que têm sido colaboradores de Deus o seu trabalho em favor dos pecadores moribundos, a perecer, e estão satisfeitos. As ansiosas horas que passaram, as perturbadoras circunstâncias que tiveram de enfrentar, as tristezas de coração sofridas porque alguns recusaram ver e receber as coisas que lhe dariam a paz, estão esquecidas. A abnegação que praticaram para sustentar a obra, não mais é lembrada. Ao contemplarem os salvos que procuraram ganhar para Jesus, e as verem salvas — eternamente salvas — ecoam pelas arcadas celestes exclamações de louvor e ação de graça. — The Review and Herald, 10 de Outubro de 1907.

Maior a realização do que a expectativa — Cristo aceitou a humildade, e levou na Terra uma vida pura e santificada. Por essa razão, recebeu a designação de juiz. Aquele que ocupa a posição de juiz é Deus manifesto na carne. Que alegria será reconhecer nEle nosso Mestre e Redentor, que ainda traz as marcas da crucifixão, das quais irradiam brilhantes raios de glória, que dão adicional valor [208] às coroas que os remidos Lhe recebem das mãos, as mesmas mãos que se estenderam para abençoar os discípulos, na Sua ascensão. A mesma voz que disse: "Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação do mundo", dá aos Seus resgatados as boas-vindas à Sua presença.

O mesmo que deu Sua preciosa vida por eles, que pela Sua graça lhes moveu o coração levando-os ao arrependimento, que lhes fez ver a necessidade de arrependimento, recebe-os, agora, em Seu júbilo. Oh, como eles O amam! A realização de Sua esperança é infinitamente maior do que a expectativa. Sua alegria é completa, e eles tomam suas cintilantes coroas e as depõem aos pés de seu Redentor. — The Review and Herald, 18 de Junho de 1901.

A segura promessa — Há muito vimos nós esperando a volta de nosso Salvador. Mas nem por isso é a promessa menos segura. Logo estaremos no lar que nos foi prometido. Ali Jesus nos guiará ao longo das vivas correntes de águas que fluem do trono de Deus, e nos explicará as sombrias providências pelas quais nos conduziu para nos aperfeiçoar o caráter. Ali veremos a cada lado as belas árvores do Paraíso e, no meio delas, a árvore da vida. Ali contemplaremos com clara visão as belezas do Éden restaurado. Lançaremos, ali, aos pés de nosso Redentor, as coroas que nos colocou na cabeça, e, tangendo nossas harpas de ouro, daremos louvor e ação de graças Àquele que está assentado no trono. — The Review and Herald, 3 de Setembro de 1903.

Falta pouco tempo — Dentro de pouco tempo Jesus virá para salvar Seus filhos e dar-lhes o toque final da imortalidade. Este corpo corruptível se revestirá da incorruptibilidade, e este corpo mortal se revestirá da imortalidade. As sepulturas se abrirão, e os mortos sairão vitoriosos, clamando: "Onde está, ó morte o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" Os nossos queridos, que dormem em Jesus, sairão revestidos da imortalidade.

E, ao ascenderem os remidos aos Céus, abrir-se-ão os portais da cidade de Deus de par em par, e neles entrarão os que observaram a verdade. Ouvir-se-á uma voz mais bela que qualquer música que já soou aos ouvidos mortais, dizendo: "Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." Então os justos receberão sua recompensa. Sua vida correrá paralela à vida de Jeová. Lançarão suas coroas aos pés do Redentor, tangerão as harpas de ouro e encherão todo o Céu de bela música. — The Signs of the Times, 15 de Abril de 1889.